

Textos

Miguel Augusto Guggiana

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 18/07/2016

Título : A carne é fraca

Categoria: Contos

Descrição: — A carne é fraca! — Amigo Rodrigues, vai dizer isso pra mim? Todos nós, sem exceção – nem mesmo damos livrança ao Padre Antão, que, diga-se de passagem,...

A carne é fraca

— A carne é fraca!

— Amigo Rodrigues, vai dizer isso pra mim? Todos nós, sem exceção – nem mesmo damos livrança ao Padre Antão, que, diga-se de passagem, é um vigário de primeira, parceiro de mesa –, num dia ou numa noite, entregamos as fichas. É quase impossível resistirmos aos apelos da carne. Assim como ninguém consegue desvincular a carne do pecado. Quando esta se mete na frente de nossos desejos, nos quedamos arrastados pelas forças ocultas que se aquadrilham e nos derrotam. Uma espécie de delínquo torna-nos indefesos.

— Há controvérsias! Já ouviram falar sobre livre-arbítrio? Nós sempre seremos os senhores em ceder ou resistir, em optar pelo bem ou pelo mal. Forças ocultas? Conversa pra boi dormir!

— Kardec, teoria é teoria. Na prática é que a porca troce o rabo, aí, bem aí.... Até sublime sobremaneira meu contraponto trazendo à baila diretamente dos anos cinquenta o caso do seu Justino Rosendo, católico de cruz na testa, homem de ilibada conduta, em cujo passado, mesmo que escarafunchando com lupa, não se acha nada que lhe manche a honra. Podemos dizer que sua vida era um livro aberto! Mas quem não tem seus deslizes? Conto? Tá bem. Acomodados? Vamos lá! E por favor, Garçom, baixe uma gelada por conta do Kardec. Mesmo com toda essa aura – que em tese deveria lhe deixar vacinado contra eventuais tropeços –, a partir de um

determinado momento, passou a ver-se, todas as quintas-feiras, confrontado entre o certo e o errado, e aí então as forças ocultas – aquelas a que me referi anteriormente – entraram em campo e deu no que deu... Ainda mais com carne no meio!

Seu Justino Rosendo, daqueles homens que se conhecia só pela passada, tipo inglesa, mansa, porém firme. Se olhássemos a sola de seu pisante, a veríamos gasta de forma parelha, sem desbeice, indicativo de homem de caráter reto, sem volteios. Impossível alguém chamar-lhe “ô, cara!”, “tchê” “ô, meu”, “aí, parceiro”, ou mesmo “Justino”. Parecia que havia entre ele e seu interlocutor uma cerca de arame farpado a determinar fronteira e evitar intimidades. Sir, desembargador, doutor; dirigir-se a ele dessa forma até que estaria nos conformes. Mas a sua figura e acessórios – juba tordilhada resultante de sua coleção de janeiros, baixa estatura, chapéu de coco, bengala de castão de prata e seu sobretudo negro – davam-lhe toda a pinta de barão, o que recomenda que se lhe trate dessa forma. Mas aqui no Bar, tratá-lo como “seu” já tá de bom tamanho!

— Tipo Barão do Rio Branco, redondinho, de bigodinho e tudo?

— Esse é o seu Justino Rosendo, Amantino! O próprio. Não é que com toda essa conduta de soldadinho de passo certo o gordinho dava seus em falso todas as quintas, na boca da noite, em casa noturna? Pois é...

— Mas o homem não era probo de nascença?

— Otacilio, eu falei que podiam cavoucar seu passado, fui bem claro. O presente, bem... E, também, seu Rosendo não praticava pecado da melhor qualidade, daqueles de precisar de injeção de água benta na veia para ser absolvido, e sim um pecadilho discreto, dos meioquemeio, mas que se encorpava tomando importância fantástica principalmente porque envolvia, através de seus atos, sua extremada esposa, Dona Florinda, que se consumia com preocupações para com ele. Assim, mesmo que sem muito brilho, seu pecado não deixava de ser mortal.

E naquela quinta-feira não foi diferente no Casarão: ambiente carregado de promessas, luminosidade ainda indecisa sem saber se noite ou dia, música suave, o conhaque abrindo-lhe o apetite, ele ali mirando aqueles instrumentos de perdição. Podia perceber a carne quente, as coxas levemente douradas, quase turgidas, intumescidas, as duas peras molhadas, carnudas, prato pagão aguardando tão somente a boca sequiosa de seu Justino Rosendo, para, finalmente, o pecado consumir-se. O entorno dando as tintas para que se armasse um temporal, conspirando contra a formação inidônea de seu Justino Rosendo, fragilizando seus princípios... E o Kardec ainda me vem falar que podemos reagir contra isso.... Por favor... Vai te catar, Kardec! Me poupe!

Mas seu Justino Rosendo, como das outras vezes, se postava ali derreado, na frente daquilo tudo, numa indecisão cruel de tomar ou não de assalto o que se lhe oferecia de bandeja. Ocorre que ele sempre ouvia seus acompanhantes, aqueles que não aparecem, mas que se postam empoleirados em seus ombros tais como papagaio de pirata – e nos nossos também –, o diabinho e o anjinho, que se manifestam argumentando, dando pitacos, para o vai não vai. O capetinha, empoleirado no ombro esquerdo, aconselhando: “homem de Deus, não se entregue, finca o garrão na macega, não frouxa, resista, seja fiel a promessas feitas a sua esposa. Não peque”. O anjinho, licenciando-o: “não escute o rabudo de tridente. Vai fundo, não perca tempo, locuplete-se. As coisas boas estão aqui na terra. No céu só se vê assexuados de túnica branca tocando harpa e entoando cânticos, coisa muito sem graça. Marche sobre Roma!”.

Amigos, é claro que o diabo, por inveja, argumentava contra o iminente deslize que atenderia a fome do macho em extrema tensão – justificado, diga-se de passagem. O

anjinho queria o bem de seu protegido, simples.... Concordam? Pois é... Mas não era nenhum dos dois palpites que determinava o que fazer. O fiel da balança era a Rosinha.

— Rosinha?

— Sim, moça em flor, para quem a natureza, com engenho e arte, não economizou ao vesti-la de beleza, ornando-a com acervo corpóreo irritantemente saudável, sem exagerar. Cocotinha, lídima representante da geração danoninho, diria que quase impudica, semblante inocente, que deixava transparecer alguma coisa de não-sei-o-que de femme fatale, que quando passava arrancava benzadeus! Até de padre cego. Até hoje não entendo a razão de ela estar ali naquele ambiente, universitária, educada.... Penso, talvez, que pela necessidade de pagar seus estudos. Merecia, por seus predicados, coisa melhor.

Seu Justino Rosendo queria exclusividade de seus préstimos, não importava o quanto pagasse, exigindo que lhe servisse. Ela conhecia sua natureza, sabia de suas preferências. Rosinha sabia como conduzi-lo.... Hipnotizava-o com seu olhar, ou seria com seus olhos? Deixava-lhe mareado com seu perfume, ou seria com seu cheiro? Ou seria o dengo de sua voz, ou o timbre manhoso quando o empurrava vulcão abaixo, miando: “Posso ajudá-lo?”. Rosinha sabia como conduzi-lo: “Quem sabe...”, e não terminava a frase. Deixava, inteligentemente, que a natureza agisse. Esse consistia no sinal que tacitamente haviam construído para que seu Justino Rosendo, então, entrasse em completo êxtase, instintos aos pinotes – era o apogeu do negaceio, quando afogueava-se, quase à beira de um infarto: frouxava a gravata borboleta, baixava os suspensórios, desabotoava a volta ao mundo até o umbigo, desafivelava o cinto, olhava-a com seus olhos ardentes, e murmurava: “Rosinha?!”. Arroxeava, as veias saltando, imaginem se nesse siricutico se vestisse de preto, que vergonheira para aquele defensor da moral e dos bons costumes, naquela condição, descomposto daquele jeito, na boca da botija? Que diriam seus companheiros de política, ele presidente do Diretório Central da UDN? E seus parceiros de gamão do Clube do Comercio? E sua extremada Florinda? Que situação...

— Mais encardida!

— Isso aí, amigo Otacilio! Sigo... Pedia com voz desfalecida, quase implorando... “Rosinhaaaaa!”, com seus desejos em lavas incandescentes, descontrolados. “O senhor hoje quer variar?”. “Siiiiim, por favooooorrrr! Estou pronto”. E então ela batia o martelo: “Acho que cai bem uma porção de batatinha frita e queijo colonial ralado para acompanhar, pode ser? E, para acompanhar, um jaguari tinto seco, safra de 1930?”.

— O quê?

— Não entendi bulhufas!

— Se quietem e me deixem contar o resto da história. E aí, a partir daquelas palavras mágicas, bem à vontade, sem nada a deixá-lo desconfortável, com seus batimentos normalizados, matava sua fome, traçando aquelas coxas de frango assadas no ponto da luxúria – coisa de qualidade, da SADIA –, e que maravilha com fritas e queijo ralado – sugestão da Rosinha – harmonizado com o líquido rubro abençoado por Baco. E a sobremesa? Dos Deuses, duas peras ao vinho! Coisa de primeira. Também, o que se poderia esperar do Casarão, o melhor restaurante da cidade?!

Parem! Parem! Já explico.

(Leitor, meus comparsas do Bar ficaram indóceis – conheço-os pelo arrastar das de palhinha.... Acho que não esperavam esse desfecho! Confundiram as carnes, só pode! Contar causo para bebum dá nisso!).

Amigos, titulares dessa colenda mesa de bar, ocorre que nosso personagem vivia fazendo regime – o da lua, o da proteína, o vegano, o da sopa com quiabo, o do diabo

a quatro –, fazia promessa pra São Jorge, pedia proteção e força pra pai de santo, entidades de sua inteira confiança, para que não cedesse à tentação da mesa. Fora aquelas que fazia para a dona Florinda, sempre muito preocupada com a sua saúde, jurando seguir as tais dietas à risca. Carne era um veneno para o seu Justino Rosendo. Mas como alertou o Rodrigues no começo da conversa: a carne é fraca. Como resistir?

Mas como sempre digo, um dia é um dia. E esse um dia era toda quinta no Casarão, quando seu Rosendo trilhava o descaminho, atropelando suas juras, seus princípios, ao abraçar a gula, pecado mortal sacramentado pela santa madre igreja. No resto da semana cumpria, na íntegra, seus votos de fome e conduta irretocável. Como veem, pecadinho de quinta categoria esse do seu Rosendo. Pelo menos no nosso conceito de reles mortais.

Na saída do Casarão, saciado, reassumindo seu aspecto grave e frio, virava a cabeça pro lado, colocava a palma de sua mão discretamente sobre sua boca e dava aquele arroteo distinto, quase imperceptível, pufffff! O que se poderia esperar de um Barão? Embicava seu passo verde-amarelo – sua marc(h)a registrada – rumo ao seio de seu lar, a consciência martirizada. Continuava gordo. E aquela noite – prometia a si mesmo – seria especial. Como que reparando seu mal feito, dormiria com sua Florinda em cama de solteiro, provaria que a carne é forte.

— De barriga cheia? Olhaaaa!

— Dionisio, nada que uma colher de leite de magnésia não aliviasse! Um chá de losna! Um sorrisal! Não vão perguntar pela Rosinha?

— Tá bem! E a Rosinha?

— Como já adiantei, moça em flor, quase mulher pronta, ao mesmo tempo em que de rara beleza, educadíssima. Era a garçoniêre da casa já há um bom tempo, tratando todos os clientes com esmero, especialmente seu Justino Rosendo, que identificava como “cheio de nó pelas costas, metódico ao extremo, daqueles que dobravam as cuecas até para...”.

— O quê?

— Mas de quem já conhecia tudo e mais um pouco, era como se fosse um pai, um professor, um prior inocente, nessa linha light, me entendem? Na sua cabecinha criativa, até já havia programado o que ofereceria ao seu cliente na próxima quinta. Já o antevia louco, clamando pela novidade, gostava de variar a carne.

— O quê? Qual?

— Garcia, Rosinha lhe ofereceria coxão de fora! Ao forno! Bem, por hoje é isso. E aí, Kardec, esculhambei com tua teoria? A carne é fraca ou forte? Dependendo do ângulo que se olhe pode ser uma coisa ou outra.

— E que fim levou seu Justino Rosendo?

— Pacifico, pelo que eu sei continuou por um bom tempo pantagruélico incorrigível. Pecando, quebrando promessas, traindo, só às quintas... Tem cada um.... Até que...

— Vai a saideira? Gazapina ou serramalte?

— Garçom, a mais barata. Que que eu estava falando mesmo? Deixa pra lá. Outro dia termino o causo.

Data : 01/01/2013

Título : A cura da amante.

Categoria: Contos

A cura da amante.

Dra. Fernanda, psicóloga bem-sucedida, bem casada, linda, com um corpo escultural, de família rica, debruçou-se a ler a ficha da próxima paciente a que se despusera atender de forma gratuita.

Humm! Interessante, interessante, pensara. Seria de grande valia à pesquisa e tese de seu doutorado na área de antropologia sob o título instigante de “A função social da amante na preservação do casamento monogâmico sem chispa”. Nunca pensara, enfim, num prisma diferente de abordagem.

Manda passar a Sra. Madalena!, solicitou à secretária.

Madalena entrou, cumprimentaram-se formalmente, nada de beijinhos, arroubos desnecessários... Enfim, relação formal psicóloga x paciente.

Madalena logo se debulhou a falar, aflorando imediatamente sua condição depressiva, no fundo do poço, em plena crise existencial, autoestima debilitada, ou seja, numa cacaca federal, em razão de seu fracasso como amante.

Acabara de sustar um relacionamento estável com o Eike, homem rico, generoso, perfumado, que lhe provinha do bom e do melhor.

Escutem só o palavreado da Madalena:

“Dra., não podia continuar com a relação por uma questão de ética profissional. Falhei como amante e, dessa forma, não honrei também a memória de minhas ancestrais... Bisa, vovó, mamãe foram concubinas de primeira, perfeitas, puras... Errei, errei... Botei ele pra rua, viverei só, remediada, mas com a minha consciência limpa”.

Continuou chorosa.

“Invoco Baudelaire que, sabiamente, já naqueles tempos, disse à Marquesa dos Anjos: cada coisa no seu lugar.

Traficante não pode cheirar!

Meretriz não pode ter orgasmos com cliente!

Cachorro que vê poste e não mija?!

Brigadiano tocando na Filarmônica de Berlim...

E aí entro eu: amante não pode lavar as cuecas do explorado! Nunca, nunca, never, never...

Foi um passo para o declínio de minha formação. Quando me dei conta estávamos vendo, eu e Eike, O Domingão do Faustão e fazendo palavras cruzadas, comendo pipoca... Não é possível, não é possível”.

Olhem só o caráter dessa mulher! Eu que invento estou pasmo... Imagino vocês...

Mas escutem:

“Estou usurpando o papel da outra, sua esposa. Não é justo, não é justo! Uma terceira não pode pagar pelas minhas falhas. Não a conheço e nem quero. Deve ser uma próxima de uma coitada”.

Mas sempre tem uma luz no fim de um consultório. De repente, não mais que de repente, Madalena, de soslaio, percebeu que a Dra. Fernanda deixou de ser psicóloga e passou a ser uma pequena corça, virgem, à mercê das garras de uma loba experiente e faminta, a sós, nas savanas desertas da África.

Fernanda tinha tirado aqueles óculos de mulher direita e deixado o caderninho de anotações da consulta de lado, num flagrante desvio de função, um sinal de fraqueza... Para o bem ou para o mal, sei lá a essas alturas! Uma loba que é loba,

mesmo que esgualpada, ressurgue das cinzas e, fazendo jus a sua genética, age, toma as rédeas da consulta, e...

Ahhhhh! Simmmm!!! Curiosos, sem perguntas! Sem perguntas! Sigo.

Nessas alturas do campeonato, a Dra. Fernanda passara a ser a Nanda, e Madalena, a Madelaine, não me perguntem o porquê... Bem, a loba tomou a iniciativa e... olhem só o que aconteceu.

E as duas abraçaram-se e desandaram a chorar, e as lágrimas comungando em cascata, escorrendo entre rostos e pescoços desnudos, colados, naquele clima úmido, num cristalino convite ao amor, peito com peito, arfando, pernas bambas, mãos descontroladas percorrendo périplos inconfessáveis. E como pano de fundo aquela musiquinha de consultório traçando uma sinfonia de Beethoven regida por Amado Batista. Aquele ambiente com todo esse combustível de vetusto assumiu ares de um lupanar acolhedor.

Sim! Por que não? Pensou a amante ressuscitada.

Por que não? Sim! Pensou diabolicamente a pretensa ingênua.

Nesse momento, o telefone toca. Mais ou menos assim: Primmmmm! Primmmmm!

“Dra. Fernanda, o seu esposo na linha, Dr. Eike, pergunta se a senhora pode passar na lavanderia e pegar as roupas” – a pentelha, inoportuna, incompetente da secretária veio atrapalhar.

Jaguara! f.d.p!, pensara a Dra. Fernanda em responder ao consorte. Mas calma, muita calma num momento como este.

“Ok! OK! Diga que sim”. E desligou.

Enfim, recompostas, alguém falou:

“Tomemos uma bebida. Chá? Não! Café? Tampouco! FANTA Uva não é hora! Uma bebida forte, o clima exige! Tequila, por que não?”

E assim começa um colóquio que pode ser o início de uma história entre duas filhas de Maria. Não defino o desfecho, coloco ao arbítrio de cada um o enfoque que queiram dar. Bonito, doloroso, ou indiferente, ou se estender ao infinito... Decidam. O imponderável da vida e o aleatório das coisas - como elas acontecem - assim se revelam. É só começar.

E tem outra. Tenho mais o que fazer. Não querem pensar?! Querem bolinha picando?!

Eu invento o caso e ainda tenho que dar o final?! Péra aí, porra! Tudo eu, tudo eu!

Garçom, a saideira!

Trecho extraído de Começos, poema do livro Fugaz Idade, de Júlio Perez, poeta passo-fundense.

Autoria: Miguel Guggiana

Ilustração: Leandro Doro

Data : 15/01/2019

Título : A dança da morte

Categoria: Contos

- E aí, conta um caso pra nós?

- Amigos, tá na mão do artista, porém, pra começo de conversa, tem duas condicionantes: gazapina, das de garrafa, não pode faltar, e não me interrompam. Me deixa puto da cara ficar dependurado em uma vírgula no meio de uma prosa. Entendidos? Compadre Arquimedes, organize a roda! Garçom, te mexe, traz a primeira! Claro, te espero. Bem, todos na escuta, tudo nos conformes? Vamos lá. Conheci o Pereirinha, de saudosa memória, homem do bem, lidimo representante da maioria branca desassistida, de poucas oportunidades... Sabia, quando muito, a, é, i, ó, u, fazendo carreira como funcionário público meia-boca da Coletoria do Estado. Sujeito tímido que só ele, não fedia nem cheirava, anônimo, quase fantasma, a ponto de na repartição andar de pantufas, arrastando os pés em passos de ladrão no parquet, de modo a não se fazer notar. Muito raramente, de quando em vez, jogava conversa fora escutando as estultices dos colegas na hora do cafezinho. Assim como entrava silencioso, saía calado, dirigindo-se pro seu canto onde desempenhava sua tarefa carimbando e colocando selo - molhando com a língua - na papelada que lhe deixavam à mesa. De gogó proeminente, peito de pomba, nariz de boxeador, pé chato, olho de cerveró, meio careca, bigodinho de Hitler conspurcado de biritá e fumo, juntasse a isso, dono de abdômen marcado - globoso, dizem -, resultante de sua infância sofrida. Muito chorão, talvez insatisfeito com o leite fraco do peito mirrado da mãe, posteriormente, panela pobre - a mãe, para acabar com o berreiro, dizia sempre: "guri, engole já esse choro!". E aí, ele engolia! Pois bem, já viram de onde saiu o barrigão do Pereirinha. Diz a lenda!

A fim de coroar a figura escroncha, vestia-se de antigo, com aquele terno riscado, já amarelado pelo tempo, e com a gravatinha borboleta encardida. Para enterrar de vez sua imagem, dizem que já nasceu com cara de abostado. Pode?! Esse é o nosso herói!!!

Aposentar o Pereirinha foi uma missa... Sua vida de uma hora pra outra de patas pro ar! Não conseguia admitir que ele, o melhor lambedor de selos da comarca, competente no que fazia, fosse jogado, assim, num de repente, na rua da amargura, atirado na sarjeta pelado e de mão no bolso, sem pelo menos "um muito obrigado", um bolinho de despedida, nem um miserável dum tapinha nas costas, uma palavra, mesmo que insincera: "que falta vais fazer, amigo!". Já não servia pra nada. Que situação mais encardida! Como sempre, graças à intervenção da Dona Rosa, sua dileta esposa, que o acolheu de forma segura a fim de que pudesse curtir seu ócio dignamente, o casal conseguiu estabelecer uma rotina caseira, onde o anonimato também se fazia presente, a ponto dos vizinhos os acharem fora da casinha.

Novos hábitos, com o Pereirinha todo dia em casa, foram adotados. Viviam os dois compartilhando a mesma solidão, numa mesmice só: escutavam de mãos dadas a missa das seis da manhã, na voz do padre Antão, pela Rádio Fantasia; tomavam café juntos naquela cozinha grande; ele se aboletava na cadeira de balanço e embalado suavemente, creck, creck, dava umas pescadas com o radinho de estimação ligado; pelas onze da matina tomava uma pra aclarar as ideias e espalhar o sangue; de quando em vez, Dona Rosa, nas horas certas, dizia carinhosamente ao pé do ouvido, com aquela vozinha gasta: "paizinho, tá na hora do remedinho". E assim seguiam o tranco do dia na mesma calma daquele cotidiano manso até chegar a noite, quando o homem, então, se transformava. Era um love só!

Infelizes!? Essa tua visão era a mesma da vizinhança. Não, Justino! Não! Que mania as pessoas têm de quererem que suas predileções e comportamentos sejam os mesmos dos outros? Quem disse que o lado avesso não é o certo? Que o preto não é colorido? Que as gordinhas não são gostosas? E que dizer, então, do anzol que pra

ser bom é torto? Cada um sonha como pode e sabe, e são normais a seu jeito. Que coisa! Puxa vida!

Já, Dona Rosa, sempre ligadona que nem bico de luz. Era quem segurava as pontas do dia a dia da casa: cuidava da horta, fechava as janelas e portas quando se avizinhava tormenta, costurava, lavava os mijados do marido, administrava os pilas miseráveis da aposentadoria do esposo - que se não o carimbava como pé rapado, também não o colocava como alguém nadando na bufunfa - e, sobretudo, pajeava o Pereirinha. Bem, ele era o homem da casa.

Pode-se dizer que eram muito casados. Unha e carne, carne e osso, sempre juntos, dois em um. A seu modo, viviam a vida.

Mas, mesmo para o marasmo daquela vidinha pé no saco, o tempo, implacável, corria solto, e, a essa altura do campeonato, quando se desencadeou o infausto, a folhinha revelava muito mais anos passados do que futuros. Na verdade, é bom que se diga, se conheceram, ele como Pereira, ela como Rosinha. Tempo corre, corre, dizia lá atrás, lembram? Marcando a cacunda dos dois, ele definhando, perdendo estatura, tísico que só, mas mantendo a barrigona, atrasando cada vez mais as ideias - ficando Pereirinha. Ela adquirindo fortidão, crescendo pros lados, a barriga se confundindo com os peitos - daí, Dona Rosa. Ceguetas, carregavam artrose, dor no peito, a tal doença do Parkinson, e, notadamente, ele, naqueles últimos dias, muito mais avoado do que nunca, pela perda de seu bem maior. Entenderam?

- Eu aqui do fundo, posso perguntar?

- Fiz toda essa conversa fiada de modo a pensarem, pensarem! Que o Pereirinha era só um boca aberta. Ledo engano. O homem, também, macho de nascença, cumpria religiosamente seus deveres conjugais, batia o ponto de forma regular, e, algumas vezes, mesmo até fora dos dias certos, arrancando da sua companheira, a cada embate noturno, grunhidos, gritos de ai! aiiii!!! ui! uiiii! secundados de uivos: socorro, Jesus! Benza, Deus! Meu São Jorge! Culminando sempre com suspiro de dois metros, seguido de um ufaaaa! de olho revirado. A noite era uma festa. Feito o serviço, ciente de seu dever cumprido, como todo bom consorte, virava-se pro lado, ainda com cara de quero mais, roncava, babava pelo canto da boca e soltava sonoros bufidos. As manifestações lúbricas, de prazer, sinalizadas pela fiel companheira, incentivavam-no a ser o homem que era. Mas não pensem que se comportava como um predador, não! Posso afirmar, de fonte segura, que era marido ficha limpa, mulherengo de uma mulher só, a ponto de nunca ter riscado fora da caixa, ficando aquele temperamento excessivamente lascivo circunscrito ao seio daquele lar. Portanto, podemos pensar que Dona Rosa, no quesito, podia se considerar uma mulher de sorte. Disso não tenho dúvidas.

Acho, quase com certeza, que o nosso herói, agora que falo - reforço, sinhozinho queimando óleo cinquenta -, talvez instintivamente tentasse compensar sua feiura geral e parafusos a menos em sua cachola com sua aptidão pela luxúria caseira. Sempre fora uma coisa feia por demais. Já Dona Rosa, quando Rosinha, teve seu momento nobre, podemos dizer, ao conhecer o Pereira - flor feita de açúcar união, do refinado, pra confeito de bolo: redondinha, bundinha de aranha com aquela cinturinha de meio palmo de diâmetro, cabelos cor de fogo, crespos encaracolados, descendo naquelas curvas desaforadas, as tetas, então? Tudo de bom, dos deuses, aperfeiçoadas pela mão boba do diabo! Nunca, na minha vida de contador de causo, imaginei iguais! E até hoje, quando me refiro a ela, Rosinha, no seu todo harmônico, a desenho com caligrafia bonita.

Bem, seguindo, Pereirinha definhava a cada noite naquilo que era seu forte, já não era mais o mesmo a ponto das tentativas darem quase certo a cada morte de bispo.

Meu Deus pensava, agora, que fiasco! Aquela rigidez de tão bons feitos, por capricho da natureza, assim sem mais nem menos atirada na lata do lixo, fazendo corpo mole, e ele administrando a massa falida! Que que a Dona Rosa estaria pensando dele? Não, não, não, preferia a morte, mas antes daria a saideira, de modo que a viúva ficasse com essa imagem, e ele, então, partisse para o além de forma honrada.

- Disfunção erétil!

- Que nada, num bom português: BROXA!

- Dr. Sócrates, Professor, conversas paralelas, não. Num daqueles dias, entronado como sempre na de balanço, creck, creck, o destino conspirou a favor para que alcançasse seu desiderato, quando uma nesga de sol furou o postigo da janela, lançando fulgor em seu colo, fazendo com que, através do calor, se manifestasse dadivosa reação nervosa sobre seus vasos sanguíneos, e, por conseguinte, deixando de prontidão aquele a quem mais prezava, pronto para o que desse e viesse. Seu radinho, de forma solidária, intrometeu-se, tocando uma lenta daquelas de chorar, besame, besame mucho, como si fuera esta noche la última vez*; seu olhar mareado vislumbrou o climão que prometia: um vulto lavando louça. Enfim, enxergou aquilo que queria ver: a velha Rosinha, em carne viva, com tudo no lugar. Revigorado, exultou de prazer: é agora ou nunca! Dessa vez não erraria a bocada, traçaria aquele corpo, no capricho. Levantou-se, trêfego, caminhou decidido aqueles dois metros intermináveis, abraçou Dona Rosa pelas costas, pronto para o bote, com o que precisava de prontidão, quando - eu sempre digo, e repito, tragédia pouca é bobagem - a coisa desandou de vez... De novo, mortinho da silva ! E aquele momento, verdadeiro filme de terror, daqueles da Warner, em cinemascope, se apresentou na tela. Pode, amigos? Pode?

- Broxou? Que fase!

- Acontece!

- Que mico! Mas nem com banda de música!?

- Cruel!

- Silêncio! Silêncio, assim me perco na fala! Pereirinha levou um baque: quequeeufoço?, quequeeufoço? Perdidão naquele vai não vai, vai não vai, pensou: engatar um meia-volta, volver? Dar uma marcha à ré de inopino!? Um contrapedal? Sair à francesa? De que jeito? Não sei como, e também não me interessa, um passarinho soprou-lhe na orelha: disfarça, disfarça, DISFARÇAAAAAAAAAAAA! O bicho veio, a partir desse recado, improvisou, assim do nada, num raro lampejo de lucidez, num interregno de milésimo de segundo, aproveitando a música que insistia em rodar no ar: besame, besame mucho, que tengo miedo a perderte, perderte después... E disse, com a voz mais açucarada do mundo no cangote dela: "vamos dançar?". Um baita feito para quem nunca dizia nada com nada. Dona Rosa, mal acreditando no que via, virou-se, trêmula de amor: " só se for de rosto colado".

Abraçaram-se e, juntinhos, seus corpos tão díspares, encoxaram-se num encaixe perfeito, onde as entrâncias e protuberâncias de cada um falavam uma única linguagem, naturalmente, deslizando naquele piso sebento, num dois pra cá, dois pra lá apaixonado, em que os três, ele, o amor e ela, transformaram-se num só, e atracaram-se, então, a bailar a morrer. A princípio, vagorosamente, mas, à medida que os acordes lentos aceleravam, ele se deixou levar num rodar só, dependurado no pescoço dela, cingido por abraço gordo, unidos, pareciam não tocar o chão, quase levitando. E assim foi até a noite, quando, então, a morte, caridosa, em seu socorro veio buscá-los.

Que falar da causa mortis?! Pereirinha foi falecido certamente por tristeza mortal. Nunca, nunquinha da vida, conseguiria imaginar que ele, macho de raiz, nascido de

cueiro azul, em seu último ato, fizesse aquele papelão, e ainda por cima tirar Dona Rosa para dançar - coisa de bundinha! O que ela estaria pensando dele? Sofreu pouco, deu o mestre na hora, nem sentiu rodopiar sob aqueles acordes que teimavam em impregnar nas paredes e no ar: besame, besame mucho, como se fuera esta noche la última vezzzzz...

Bem, ela, pra mim, defuntou-se de alegria, felicidade, agradável e violenta surpresa. Quando iria imaginar que seu homem, de quem sempre pensara impossível um apelo tão romântico, se transmudaria daquela carcaça grosseira, e, em seu último gesto, procuraria agradá-la, tirando-a para dançar de rosto colado na cozinha? Era tudo o que uma mulher podia querer. Morreu, posso dizer, feliz para sempre.

Mister se faz dizer, ela via nele a figura paterna, grata por tê-la tirado da sarjeta, ainda florzinha de primeira mão, e lhe oferecido vida digna. Fazia tudo para agradá-lo, mesmo sofrendo sob seu jugo. Só Deus sabe quanto penava naquelas transas com hora para começar, mas não para terminar, a ponto de gritar, uivar, de dor, terrível desconforto, agonizando com aquela pança em cima dela, aguentando bafo de onça e sovaco podrido, sufocando-a, quase tangenciando órbita, chamando o Senhor e todos os santos em seu socorro. Pelo menos tirasse o boné do Grêmio e aqueles óculos fundo de garrafa. Ela se violentava nisso, nem tinha certeza que gostava de homem. Mas, também, reconhecia: além de estar no seu direito, era o único defeito do Pereirinha. Aguentava no osso dos peitos.

- Posso explicar?

- Agora não, Nelson

! Estou no fim do caso. Quando percebeu que seu Pereirinha partira em seus braços, lá pelo fim da tarde, no lusco-fusco da noite, entregou-se de vez. Ele não iria sozinho, mesmo com todas as dúvidas, certezas daquela relação, aquele último gesto a cativara eternamente, fazendo com que, ali, na última hora, passasse uma borracha no que não gostava.

Acharam o corpo no outro dia.

- Ué, não eram dois?

- Amigos, foi impossível separá-los de tão colados um no outro, a ponto de não se identificar quem era quem. Morreram como viveram, grudados.

- Posso perguntar? Como encontraram? Eles viviam engaiolados na casa, longe de tudo e todos...

- Pera aí! Não tinha falado no Chuvisco? Era o cusco do casal, daqueles bem vagal, com currículo invejável. Só da carrocinha da Prefeitura tinha fugido mais de dez vezes, embarrigara metade das cadelas da vizinhança, cocozeava a porta da Igreja só pra inticar com o Padre, isso pra começo. No dia seguinte, esperto que só ele, notou que algo acontecera, quando não ganhou da Dona Rosa o desjejum canino - resto de canja de galinha - que pobrice! E, então, por inteligente ou louco de fome, botou a boca no mundo. Aí a vizinhança correu... Simples assim, sem mistério.

Bem, amigos, em resumo esse é o caso de hoje. Sei que é difícil acreditarem no que contei. Eu que invento, custo, imagino vocês... Mas que aconteceu, aconteceu. Garçom, a última!

- Epa! Acho que a coisa não foi bem assim! O Delegado Figueiredo, no registro da ocorrência...

- Ah! De novo, Professor!? Sei bem a conversa que corre solta por aí, que reconheço, até pode ser verdade: que a Dona Rosa, de saco cheio do Pereirinha, um baita dum cachaceiro, naquela tarde fatídica, cheio de trago, fora tirá-la para dançar! Na cozinha! Com aquele pinto de bico de chaleira espiando pela bragueta, voando baixinho. Ah! Não aguentou! Queres dançar? Pois bem! Agarrou-o pelo pescoço - segundo o laudo

policial, foi um mata-leão -, rodopiou aquele pingo de gente até não mais poder, e deu no que deu. A mulher, vendo a lambança que fizera, e também já a meio-pau pelo esforço hercúleo, teve um ataque do coração. Na minha versão, lá atrás, ela morreu de ataque ao coração. Tem diferença!

Pois bem, vocês têm as duas versões: a minha, em que floreio a verdade a meu bel prazer, lançando as tintas por sobre as mais coloridas, e a verdade verdadeira, nua e crua, porém, convenhamos, muito sem graça. Escolham!

E tem mais! Como diz o amigo Maneco, * "só acredito naquilo que invento", ou "tudo o que não invento é falso", ou, se não foi isso ipsis litteris, foi algo mais ou menos assim... Pelo que, então, assumindo o dito do dito cujo, a minha contação é a que vale. Como sempre digo e repito: causo é causo!

- Eu aqui do fundo, posso perguntar?

- Não, Roque! Terminou o causo, tua pergunta fica para o próximo.

Garçom, acordaaaaaa! A saideira! Gelada!

Notas:

* Besame mucho (em português, Beija-me muito) é o título da canção escrita em 1940, pela mexicana Consuelo Velásquez, antes de completar seu 16º aniversário. Segundo a mesma, teria se inspirado numa ária de ópera de Enrique Granados. Rapidamente, a canção se converteu em uma das mais populares do século XX. Emilio Tuero foi o primeiro a gravá-la. Em 1999, a canção foi reconhecida com a mais cantada e gravada do idioma espanhol, e talvez seja a mais traduzida das compostas nesta língua (Fonte: Wikipedia, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/B%C3%A9same_mucho).

Nelson: Nelson Rodrigues, dramaturgo brasileiro.

*Maneco: Manoel de Barros, escritor brasileiro.

Data : 01/01/2016

Título : A derrocada do maestro Alcides

Categoria: Contos

A derrocada do maestro Alcides

Figuraço aquele Alcides! Quem o conheceu sabe bem disso, e ainda hoje se pergunta como um homem daquela qualidade foi aos píncaros da glória, mercê de seu talento, e até o fundo do poço, graças aos feitiços de uma mulher. Reconheço, não de uma deusa qualquer.

Lembro bem da dita cuja: corpo totalmente obsceno, desejos proibidos à flor da pele, verdadeiro campo minado para quem ousava caminhar de pés descalços e distraído por sobre ela; assoviando árias, falando com passarinhos, declamando Wamosy, palitando os dentes com garfo, comendo bergamota no sol, pescando lambari no lbicuf...

- Epa! Pescaria! O teu conhecido usava isca de miolo de pão? Minhoca?

- Vitalino, nada disso, eu estou usando de linguagem figurada. Tu não entende?! Santo Deus, tenha paciência! O que eu quis dizer é que dono de mulher boa não pode dormir

no ponto. É aquela velha história: mosqueou, levou chumbo do grosso. Entendeu? Sigo o causo...

O maestro Alcides?! Ah! Imaginem um sujeito alto, magro, cabelo gomado, repartido milimetricamente ao meio, bigodinho a la cantinflas, nariz de papagaio, parece meio que estrambólico, porém, no conjunto, boa pinta. Homem de poucas palavras – não sabia puxar assunto – e, ademais, não gostava de prosa vadia, ruim das letras, embora tivesse frequentado o grupo escolar até o quinto livro – sua cabeça não o acompanhava –, mas dono de raro talento musical. Tocava acordeona de ouvido, de olhos fechados. Deus do céu! Vagava como que sem rumo, buscando as estrelas, e seu dedilhar, sem nenhum método, não se sabe como, passeava a esmo nas teclas, toca ali, toca aqui, toca aqui, toca ali, com leveza ímpar, tratando o instrumento como se mulher fosse, sabem...? Tateando no escuro, acertando o ponto e no momento certo, e dava no que dava, na mosca, desembocando na sinfonia mais linda que se escutou na face da terra.

Foi a estrela maior do conjunto musical que se apresentava na época no Cassino da Maroca. Era lindo de ver sempre que subiam ao palco: todos os seus integrantes vestidos a rigor, com traje escuro, gravatinha borboleta, lenço vermelho no bolso da lapela, sapatos bicolores. Não era pouca coisa! E o som da acordeona, então, pontificava, sufocando o dos outros instrumentos, e até a voz do crooner de gogó por mais canoro que fosse. O cara era fumeta no que fazia.

Os distintos frequentadores daquele cabaret adoravam isso. Era pano de fundo para que aqueles respeitáveis senhores, representantes da fina flor da sociedade local, vivessem, mesmo que por fugazes momentos, os sonhos mais lindos com seus amores tortos, as moçoilas da casa.

E por conta de seu sucesso, os cobres não lhe faltavam. Morava na suíte do Hotel Glória, simca vermelho na porta com chauffer paramentado, iguarias de saias às pamparras, e tudo mais e mais um pouco que de bom se possa imaginar. Que vidão levava o maestro Alcides!

- Melhor que isso só pão com banha!

- Por favor, não interrompam! Até que um tango louco chegou em carne viva na pessoa de uma argentina de Buenos Aires que dona Izoldina importara para fazer um estágio na casa, que andava muito calma, carecendo de confusão. Foi de primeira, assim que a viu e a escutou – o palavreado com aquele chiado portenho, mesclado com sua apetitosa figura decorativa –, eis que o homem enrabichou-se mortalmente. Logo, logo a adotou como amante. Não foi fácil ganhá-la. Como esperado, sua figura causou rebuliço, já chegou dando banca de reina de la noche no estabelecimento, e houve investidas de tudo que foi lado. Mas, partida ganha, os derrotados se acalmaram e reconheceram que o tesouro tinha dono. Esse era o comportamento de praxe na época. Mal sabia ele que, tomando posse da citada naquela condição, assinaria sua sentença de morte.

Amante argentina?! Mal comparando, é pior que frieira de turco, vai comendo tudo, tudo, tudo, tudo, até deixar só o osso. Não tem cura, sem tratamento conhecido. Mesmo que bom vivant, ele ia juntando pecúnia; peso uruguaio, patações de prata, dente de ouro, joias, verdinha do tio sam, que na sua cabeça garantiriam boa vida ao lado da mulher com quem sonhava nos acordes e que de repente chegou materializada na figura da Mercedita, um demônio de saia, e mil demônios sem saia. Amigos, isso ouvi da boca do próprio Alcides. Não tô aqui inventando, por favor...

Aquela coisa... Bucolizando um pouco, acho, todos nós gostaríamos de ter o que o mestre sempre buscou em seu imaginário: rancho fincado no meio do nada, a criançada pulando corda, uma hortinha, a passarinhada voando de um lado pro outro,

polenta na chapa, pinhão na reserva, cortinas vermelhas nas janelas, o radinho de pilha a mil pelo Brasil, e com ela – cada um tem sua ela que merece –, num toma lá dá cá, dá cá toma lá, num vai e vem, num vem e vai eternos... E no caso particular, ideado pelo maestro Alcides, escutando gemidos em castelhano. Já escutaram um? Inigualável... Aiiiiiii! Uiuuu! Uiiiu! Aiiiaiii! Calientes! Cosa de loco!

Mas sonhos, para realizá-los, não saem de graça! As coisas não caem do céu assim sem mais nem menos! Seguia acordeonando, com o mesmo sentimento, de olhos fechados. Pensava, só um poquito más... Mais uns pilas, e do outro lado a bonita; casa montada, dê-lhe manicure, vestidos caros, criadagem a pajeá-la, auto do ano a seu bel prazer, gastando firestone nos paralelepípedos, arrastando asa por aí em borboleteios sem fim. No sentido lato da palavra, desgovernada totalmente. A bem da verdade, nas barbas do maestro Alcides. Pode? Vai ser moscão assim nas pontes de Paris!

Esse estado de coisa durou algum tempo, até que o maestro Alcides abriu os olhos e viu-se – vou usar um dito bem chulo, de forma que vocês entendam – pelado de mão no bolso. A castelhana desaparecera, devendo os tubos no comércio. Sua pequena fortuna fora levada, assim como o simca e – vocês não vão acreditar no que vou dizer – também o chauffer, o nó cego do Silveirinha! Não tem cristão que aguente tamanha desdita!

O que causou espécie naqueles que o cercavam e admiravam foi sua reação quando o delegado Figueiredo, seu amigo e frequentador do Cassino, orientou-lhe sobre o que poderia fazer no caso. Talvez tenha sido direto demais, não avaliando o estado lastimoso da vítima, que, dando-se conta de sua situação, ali, atirado nas escadarias frias do estabelecimento, disse aquela estultice de tamanha monta. Abro um parêntese na conversa: a casa, naquela noite, não teve função por ordem da dona Izoldina, que, solidária na dor do maestro Alcides, decretou luto oficial. Retomo... O que todos nós esperávamos seria uma reação natural, racional, como promessa de esganar a traiçoeira com fio de cobre, de passar-lhe navalha de fio cego no pescoço perfumado e, até, menos traumático, de arrastá-la pelos cabelos no entorno da praça, lançando-a à sanha do populacho carente de sangue platino. Qualquer dessas opções, se materializadas, por consequentes de cólera procedente, seria justificável, suficiente para absolvê-lo da pecha de corno manso, e seria, não tenho dúvida nenhuma, livrado nas barras dos tribunais, se chamado a isso, o que não acredito, de penas injustas, uma vez que seria absolvido pela lei dos homens vigente à época. Melhor seria se não abrisse o bico.

E, olhem bem! Pelo que ela fez, até sairia barato. A bisca não tinha o direito de tirar a vida da alma de um virtuoso – crime hediondo – por conta de sua conduta mundana. Mas é como sempre digo: tem cada uma! Ou cada um! Que só vendo pra acreditar. Sigo.

O Alcides nunca mais foi o mesmo. Lançou seu prenome de Maestro no ralo, e seu talento esfarelou-se nas brumas da noite...

- Mas talento não se perde assim de vereda! Do nada?

- É, pois é, Mirandinha. Mas no caso, sim. A causa, tenho na minha cabeça, não foi, ou não foi só por ter perdido a fujona para um pé rapado, flagelado de enchente seria pouco, que a confiscou. Sim! A confiscou, na acepção mais pura do vernáculo, pois não botou um putu dum pila na parada, até porque não tinha. Perdê-la para o Cunha, presidente da câmara de vereadores e renomado prócer político da comarca, ou para o Coronel Mundico Terra, dono de quantas colônias, sabe-se lá quantas, seria palatável, uma vez que seria derrotado pelas forças políticas e econômicas. Porém, para aquele murrinha que nem registrado fora, nem falar. Ganhou-a no beijo! Esse

deletério contribuiu, sim, para perder o rumo no dedilhar, sem excelência, na oito-baixos, mas não o definidor. Ocorreu, tenho impressão – pode parecer muito frágil minha tese, talvez pela simplicidade em que se apoia –, pelo fato de o Alcides nunca mais ter se apresentado de olhos fechados, por ressabiado. E mais, jamais voltou a fechar os olhos. Perdeu o sentimento. Tenho quase certeza que foi por isso.

Incapaz de lidar com as lembranças – dela – que o passado ainda fresco não cansava de mandar, sucumbiu num buraco sem fundo, fragilizando seu corpo, sucateando sua capacidade de amar outra terceira, debruçando-se exageradamente na tristeza. Virou numa coisa. Transformou-se num de repente em sanfoneiro de zona, arranhando gaita botoneira de segunda mão, sucateada pela lide e pelo tempo, no lupanar da Setembrina, por um prato de boia. Foi triste vê-lo naquela situação, de bombacha puída na bunda e congá de brechó, contrastando com a beca dos tempos gloriosos. Quem te viu e quem te vê!

- Posso dar um talho na conversa?

- Garçom, em vez de me interromper, traz mais uma. Pode ser polar! Vamos em frente, que da missa vocês não sabem a metade.

O homem caiu mais ainda. Matava cachorro a grito, em total petição de miséria, quando foi recolhido pela dona Delícia – outro caso –, ao babujar uma de boca trabalhando de cego na praça acompanhado do Chuvisco, cusco de porta de igreja que ajudava a formar dupla, recolhendo esmolas.

- De cego? Como assim? Ele não fechava os olhos!

- Cego de olho aberto? Gaitinha de boca?

- Amigos, os olhos bem abertos, com um ray ban escuro que lhe servia de disfarce. Querem saber algo mais? A bobageira que disse, pateticamente acadelado nas escadas do Cassino? Pois bem, vamos lá. O delegado Figueiredo colocaria toda a sua equipe à disposição para resolver o caso. Só garantiu que o par seria achado. Agora, os valores, jamais. Recebeu como resposta, entre choramingos de mulherzinha: “o Silverinha, aos costumes, vivo ou morto. O vil metal não me importa, consigo de volta. Agora, a diaba, achem-na e não toquem num fio de seu cabelo. Quero-a de volta ao meu convívio. Tragam-na para meus braços e abraços”.

- Que papelão!

- Foi aquele estropício, indignação total, menos do delegado, que, discretamente, pra não dar na vista sua fraqueza, emocionou-se, lançando seu olhar distante, por um instante, com expressão de “saudade, por favor me esqueça”, lá naquele tempo dourado que viveu na fronteira. Lembrou-se de sua Pilar... Sabia do que se tratava, sentira na carne e no bolso o poder de um denço daquele pedigree. Figueiredo sabia que não haveria recomeço para o Alcides. Já tinha visto aquele filme, é o tipo de relação que já nasce ex. E mesmo que o quase morto fadado a lamber ferida para todo o sempre, ciente que o perfume da relação tenha virado tudo em dor, toda vez que a saudade, impiedosa, lhe batesse forte, acreditaria que, mesmo às duras penas, tudo valera a pena. Bem assim como ele, sem tirar nem pôr. Naquele momento, sem saber, Alcides tinha um solidário na cornice.

Como digo, tem cada um, ou cada uma, que só vendo para acreditar. Mas, vida que segue. Soube aqui mesmo nesse Bar, pelo padre Antão, que conhecia a vida de todo mundo pelas confissões que escutava, que, na realidade, a Mercedita era argentina falsificada. Na verdade, tratava-se de Maria Imaculada, seu nome de batismo, natural do interior de Espumoso, ali do Passo do Sobrado, rapa de tacho do padre Juanito, espanhol, com uma polaca. E que pela convivência paterna, acabou aprendendo alguma coisa da língua, o suficiente para engambelar os incautos. O Silverinha? Gigolô, leão de chácara, cafetão juramentado, honoris causa em trambiques. Eram

unha e carne desde sempre, amigos, até que Silveirinha, quebrou o sigilo do corpo da então donzela cristã. Foi o passo para ajuntarem-se e saírem de braços dados por esse mundão afora aplicar golpes do tipo. Coisas da vida.

- Posso dar um talho na conversa? Sou porta-voz da turma aqui. Eles querem saber o que que é linguagem figurada.

- Linguagem figurada? Eu disse isso? Amigos, sei lá o que que é isso. Vocês acham que sou lexicógrafo? Já querem saber demais. Eu sou um modesto contador de causo. Perguntem isso pro sabe-tudo do Aurélio. Agora, mudando de assunto, adianto que noutra rodada conto como dona Delícia conheceu o Alcides e o Chuvisco. Por ora chega. Garçom, mexe os quartos... Traz a saideira!

Data : 28/04/2014

Título : A guaiaca do falecido

Categoria: Contos

Descrição: E eu, agora, estendido neste caixão tosco, tábuas retiradas do chiqueirão, lacrado com pregos enferrujados, assistindo ao meu próprio velório. Que situação periclitante.

A guaiaca do falecido

(Texto inspirado no poema gauchesco da lavra de Telmo Gosch, "Enterro de campanha").

E eu, agora, estendido neste caixão tosco, tábuas retiradas do chiqueirão, lacrado com pregos enferrujados, assistindo ao meu próprio velório. Que situação periclitante. A morte nos filmes vem silenciosa. Chega sorrateira dando a impressão de serenidade e algumas vezes se faz bonita. A morte na vida real chega barulhenta: anunciando temor e angústia.

Igual à minha, que, em meio à tempestade, ficou marcada por um medonho rugido, mas não foi o que idealizei, porque sempre poetizei minha morte de forma gloriosa, estrebuchando de amor nos braços de uma mariposa, outros assim como os poetas glamourizam, dando um certo ar de elegância, imaginando-a "num fim de tarde gris", "a brisa soprando levemente", e os religiosos, então, "encontro com o Senhor". Pura conversa fiada. Quem diz isso são os vivos!

E o pior: a gente sempre pensa que só os outros morrem, eu, nunca. Pois bem, morri. E que morte? Fiz tudo direitinho. Sabe-se lá por que o meu pensamento foi injustiçado, logo agora que descobri o caminho da mina.

Lembro que tudo começou com a visita do Nacib, turco mascate, que volta e meia estava por aqui neste fim de mundo, vendendo suas tralhas. Só que na última trouxe uma novidade, umas pílulas milagrosas, segundo ele, mais poderosas que sopa de osso de capincho, que levantam até defunto, umas tais de Viagra. Ofereceu-me, dizendo de suas vantagens, tal e coisa, coisa e tal. E eu, já precisado, mas que nunca reconheceria tal carência, fiz cara de desentendido, como se não fosse pra mim, disse "pois é, vem a calhar! Tô com um baita problema. O Xerengueii está deixando a desejar. Já não atende mais seu público alvo. Tá fazendo fiasco. Me dá duas dúzias disso aí!".

De certa forma não estava mentindo. Comprei o Xerengue do próprio Nacib – de fina estampa, com um baita dum currículo, alta linhagem –, trabalhara para o Nicolau Vergueiro, personagem influente na comarca de Passo Fundo, como galo de rinha até mais ou menos mil novecentos e me esqueço, por aí. Embora aposentado, achei que, pela pinta do galo, exibindo uma vistosa crista vermelha, iria fazer sucesso no galinheiro. Mas não foi bem assim.

No princípio achei que sua inapetência demonstrada se devia a certa restrição, preconceito mesmo, com as frangas de minha criação, magricelas, coxas desnutridas, angolistas de terceira, ou até imaginei que na sua profissão, no calor de um desses entreveros, poderia ter sido atingido em sua documentação mor por alguma bicada, daí sua neutralidade sexual, nem sim, nem não, embora mantivesse sua pose de general farroupilha. Tava a fim de transformar o Xerengue em risoto até que chegou o Nacib com a solução. Resolvi, então, testar a poção mágica...

O Viagra, pensei, caiu do céu, pra mim e pro Xerengue.

Sabendo que o Xerengue era galo de cidade, cheio de balda, acostumado a bom passadio, preparei um drink de água de coco com fragmento da pílula milagrosa, coloquei a mistura num pires de prata 18 e deixei ali no galinheiro, bem próximo de minha vista, e benza Deus! Ao primeiro gole o bicho mostrou a que veio, e era uma, e era outra, e dê-lhe aqui, e dê-lhe ali, formando-se uma nuvem de poeira, e, nesse meio, penas pra cima e pra baixo tramando com gemidos cacarejados. Mesmo desfalecidas, recompunham-se ajeitando as penas e vinham novamente, pedindo mais e mais, como querendo compensar o longo jejum. E o Xerengue, soberano naquele palco, atendia a todas de forma magnânima, elegante, sem macular um fio de seu topete rubro.

E no rastro dessa odisseia, ovos e ovos, frutos daquela luxúria. Isso no primeiro dia! E galinha que se preze não guarda segredo. Imagino que abriram o bico, e a fama do galo, agora sim, merecedor de divisas, correu mundo, e elas vinham, e vinham, de todos os rincões. Não gosto de mentir, longe disso, ainda mais morto, não teria o porquê, me pareciam que se organizavam em fila, uns dois quilômetros mais ou menos, para serem atendidas.

Se com as penosas de minha propriedade eu tinha ovos e ovos, com a galinhama da vizinhança eu tinha, ovos, ovos, ovos, ovos, ovos e ovos, multiplicadas ao quántuplo. Vendo o sucesso, a cada dia colocava um pouquinho mais da poção mágica na água de coco. Só pra ver até onde a coisa ia. E foi mesmo!

Naqueles dias me tornei um próspero empresário vendendo o fruto do trabalho do Xerengue, que parecia não fazer esforço nenhum, só molhando o bico na água de coco com Viagra. Bem, nessas alturas não sei se era o bico que ele molhava.

Foi tanto ovo, mas tanto ovo, que tive que contratar dois lagartos da vizinhança para que interferissem no sentindo de equilibrar a oferta e a demanda, sendo que a primeira variável era incontrollável, já que o gerenciamento da performance do galo era impossível. Nada, nenhuma mitigava-lhe a sede. Antes que me esqueça, os lagartos morreram empanturrados.

Lá pelo décimo dia, bem quando estava prevista a vinda de aves de origem francesa, label rouge – seria a cereja na ração – diretamente da Frangosul, o galo inventou de morrer. Amanheceu num canto do galinheiro com as patas pra cima, com uma expressão prazerosa, parecia que sorria. E as penosas, ao redor do bicho, desesperadas, inconsoláveis, engatavam um pai-nosso. Nunca vi disso!

E foi aí, agora que me dou conta, que comecei a morrer.

Pensei: se o galo faturou daquele jeito, eu podia fazer igual. Além da experiência com o topetudo, o Nacib tinha me garantido sucesso da receita. Uma pilulazinha e sai da

frente... Bem, eu não tinha estudo, mas pra burro não servia. E tem outra, sempre fui racional. Se com uma pilulazinha do tal de Viagra era bom, com duas seria melhor; com três, então, muito melhor. Só que, hehehehe, não repetiria o erro cometido com o Xerengue. A mistura não seria água de coco, e tampouco um pouquinho de cada vez. Tomaria as três juntas, com uma boa duma caninha, e numa talagada só. E foi o que efetivamente fiz. Deu no que deu. Morri.

E eu, agora, estendido neste caixão tosco, tábuas retiradas do chiqueirão, lacrado com pregos enferrujados, assistindo ao meu próprio velório. Que situação periclitante. E o povo se chegando para a última despedida, vindo de todos os lados, vestindo o melhor pano, a cavalo, tilburi, a pezito no más, e cada um trazendo alguma coisa para o passadio; pinhão, erva, salame, pão de milho e a justa cachaça, sendo de conta da dona da casa, e agora viúva, o defunto, no caso eu. Enterro típico de campanha, bem campeiro, na sala de chão batido, caixão em cima de uma mesa sebenta, por onde passam e me reverenciam, balançando a cabeça como que dizendo "homem bom", "até mais ver", e a maioria, meio que a meia boca, murmurando "e a guaiaca do falecido?", "e a guaiaca do falecido?". Eu, nessas alturas, nesse caixão, não consigo me enxergar. E, também, se estava sem guaiaca, onde a teria deixado? Se vivo era esquecido, que dirá morto? Mas o chisme tá grande. Ah, que tá, tá!

Sem o Xerengue para prover o meu bem-estar e o da Vivaldina, imaginei que teria que trabalhar, mesmo contra meus princípios. Decidi, não mais cuidando do quarto de meia colônia de terra que explorava mal e parcamente, não mais teria mais as mãos calejadas pela rabiça do arado, tampouco os pés rachados pelo rigor das geadas e o desconforto dos tamancos, a tez calcinada pela inclemência do sol, e, ainda, de contrapeso, conviver com a pachorra do Café e do Azulão, parceiros na lavra daquela faina inglória e escravizadora. O trabalho enobrece... Uma pivica! Bosta nenhuma!

Idealizei o melhor: unir o útil ao agradável, vender meus serviços de reprodutor na cidade grande. No entanto, primeiro, faria o teste na própria comunidade libertina local. Disso me lembro bem, preparei o plano meticulosamente. "Vivaldina, deixa preparada a panela de ferro com banha pra fritar peixe. Vou pescar no Lagoão". Dito e feito. Arriei a Mimosa, botei uma água de cheiro, afivelei a guaiaca, lindaça – de couro de veado, bordada a fio de seda em ponto de debuxoiii –, e deitei a melena com destino ao Lagoão, melhor, passando pelo Lagoão, direto ao oásis da região, a única casa de tolerância num raio de dois quilômetros.

Jurei de pé junto pra mim mesmo: aquele chinaredo iria me pagar, faria barba, cabelo e bigode com elas, descontaria as vezes que paguei e não usufruí dos serviços. A causa: pura inapetência, tal qual o Xerengue. Nem a Inocência iria escapar.

E a guaiaca do falecido? E a guaiaca do falecido? Seguem os cochichos. Isso tá começando a me encher o saco!

Lembro bem, cheguei ao lupanar campeiro, apeei da Mimosa e, glu, glu, glu, engoli o fazedor de sonhos, ritualizando o que tinha prometido. E mandei fazer fila: organizem-se! E, tal qual o Xerengue, e era uma, e era outra, e dê-lhe ali, e dê-lhe aqui, que maravilha, que coisa de louco! A cada performance era saudado com vivas, até que cheguei ao quarto da Inocência. Esta jurara que um dia se cobraria de mim, daria o troco pela ofensa que um dia ela soube que disse dela; tratava-se de uma mulher sagu com creme. Disse, realmente, mas considerando um elogio – mulher isenta de atrativos, mirrada, descolorida, sem montículos a ornar-lhe o corpo, voz de taquara rachada, mas, tal qual sagu com creme, ninguém admite, mas todo mundo gostaria de locupletar-se. E quem prova, gosta, internaliza o vício. Aura, feitiço, gosto, cor, encantos escondidos. Sei lá! E não era só isso. Ela me disse que tinha um segredo e

que no momento oportuno eu saberia. Mas, agora morto, penso, estou livre da vingança prometida. Tava marcado na paleta.

Decidi deixar as preliminares de lado e atirar-me direto ao doce. Foi quando o céu azul de brigadeiro de meu sonho, em que velejava, transmudou-se em um céu de brigadiano, com nuvens densas, escuras, trovões e raios estourando diretamente em meu coração. Caí estatelado, fulminado por sobre o leito prometedor, com um medonho rugido, sem cumprir meu desiderato.

E eu, agora, estendido neste caixão tosco, tábuas retiradas do chiqueirão, lacrado com pregos enferrujados, assistindo ao meu próprio velório. Que situação periclitante. Quem tem amigos não morre pagão. Tao logo souberam da tragédia, Arquimedes, Natalino e Berlusconi acudiram. Nada mais havia a fazer, a não ser providenciar evidências para que não houvesse desconforto para a Vivaldina, outrora flor de campo, agora mulher braba que nem jaguatirica acuada, botando fogo pelas ventas por qualquer coisa, resolvida, daquelas de caminhar ligeiro e com os pés pra fora. Quem não conhece que compre pra ver. Vestiram-me rapidamente, cabendo ao Arquimedes – compadre é pra essas coisas – o constrangimento de acomodar a picana ainda faceira, que teimava em considerar que seu patrão estava vivo.

Lançaram-me em cima da Mimosa e tocaram a toda a brida para o Lagoão, onde ficaram mais de meia hora pescando. Eu tinha ido pescar, então, os comparsas estavam certos; tinha que levar peixes. Feito isso, lá foi a Mimosa de novo, a meia rédea, agora com destino ao rancho, meu corpo amarrado em seu lombo, em meio, agora, a uma sogá com três traíras, dois jundiás e um grumatã. Que fedor de peixe! Mesmo morto não tava aguentando, mas reconheço: que baita álibi!

Vivaldina, tão logo recebeu a comitiva fúnebre, desandou em convulsivo pranto, agarrando-se ao compadre Arquimedes, num grude exagerado, quase indecente, balbuciando “como foi?”. Teve que repetir “como foi?”, pois a essa altura o compadre já estava desfalecido nos braços da viúva. Ressuscitando conseguiu dizer, inventando na hora – não haviam pensado nisso: picada de cobra, uma papa-pinto, quando buscava minhoca pra isca no mato. “Obrigada, compadre”. “De nada, compadre é pra essas coisas”, apertando-a mais ainda, consegui ver e ouvir.

Na hora fiquei puto da vida. O Arquimedes bem que poderia dizer que foi uma jararaca peçonhenta, uma cascavel de dois metros, uma terrível cruzeira, bichos de estatura compatível com a minha, veterano da Guerra do Paraguai. Agora... Uma papa-pinto, cobrinha de meia tigela, chega a ser uma ofensa. Mas foi pego no relance... Reconheço.

E eu, agora, estendido neste caixão tosco, tábuas retiradas do chiqueirão, lacrado com pregos enferrujados, assistindo ao meu próprio velório. Que situação periclitante. E eu vendo e orelhando, só na butuca. O velório começou respeitoso, mas à medida que a malvada corria solta a coisa foi ficando animada, uma oito baixo resmungando, chamando um baile de cola-atada, um carteadado surgiu do nada, a cachorrada na varanda já com maus modos, um casal encantonado num retouço desgraçado, martelo correndo de mão em mão, até sobre o caixão. E eu ali, morto, sem poder passar a mão, louco por um trago. Um já borracho, pesaroso, até ofereceu: “vai um?”. E a Mimosa, de minha extrema confiança, de galinhagem com o General, logo o cavalo do Arquimedes... Pode?

Até que o compadre, lá pelas tantas, quase ao alvorecer, renunciando chuvarada, dando-se conta que o velório, de campeiro, tava a caminho de tornar-se uma suruba romana, e vendo que eu já estava ficando esverdeado, cheirando mal, as varejeiras rondando, deu as cartas; colocou o caixão em cima de um carretão, Café e Azulão

foram ajoujados, e o Tonho na boleia, dando voz de comando: “tomem o rumo do campo santo”.

Ainda bem, vamo lá! Até que, penso, o velório não foi assim tão ruim, tirante o compadre continuar arrastando a asa pro lado da Vivaldina, e o comentário da guaiaca... Deixa pra lá, agora não importa muito.

Até tá bonito de ver, o gurizito na frente, de poncho, chapéu enterrado na cabeça, encurvado, de certo encagaçado – também, puxando um defunto! –, tocando os bois, atrás o séquito em silêncio respeitoso, ouvindo-se tão somente o gemido triste da viúva amparada pelo compadre, e o ranger dolente das rodas da carreta pedindo uma graxa, naquele caminho esburacado.

Parece combinado; vamo, Azulão, vamo, Café, aiiii, aiiii, rek creck, guri gritando, viúva gemendo, roda rangendo, vamo, Azulão, vamo, Café, aiiii, aiiii, reck creck, guri gritando, viúva gemendo, roda rangendo, numa relação rítmica harmoniosa, obedecendo cada um o seu tempo, tendo como pano de fundo a paisagem da pampa. A interromper essa sinfonia, de quando em vez, um sibilo triste de uma perdiz num voo rasante por sobre o fúnebre cortejo, como a reverenciar a morte de um taura. Fico faceiro com essa homenagem.

Plofttt, Ktaskkk! Opa! Ué! A la pucha, alguma coisa aconteceu, o carretão emborcou, só pode ser; aquele eixo condenado, falta de graxa Caixão no chão, e eu junto. Café e Azulão dando risada! Quem disse que defunto descansa! Mas tão logo na frente do puteiro? Não tinha outro lugar? Putz. Olha o que tô vendo, um piazito, o filho da Inocência – mas é a minha cara, como que nunca percebi? –, correndo em desabalada carreira pra junto da Vivaldina.

“Dona Vivaldina, tome a guaiaca que o papai esqueceu em cima do criado-mudo, no quarto da mamãe”.

Isto lá é hora de aparecer a guaiaca? E um filho novo, então!? Meu Deus, a coisa vai pegar fogo. Esta mulher é uma jaguatirica acuada, bota fogo pelas ventas por qualquer coisa, resolvida, daquelas de caminhar ligeiro com os pés pra fora. Vai me matar de novo, eu vou sair desse caixão agoraaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!!!!

Seu contador de causo, acorde, acorde, tamo fechando o Bar. O senhor está delirando. Acorde, por favor. Não, não tá morto, não! Muito vivo por sinal. NEGATIVO, SEM SAIDEIRA, o dono do Bar tá mandando.

i Trecho transcrito do livro de Tania Du Bois, *O exercício das vozes*, p. 99.

ii Xerengue = galo de rinha de propriedade de Nicolau Vergueiro, personagem da história de Passo Fundo, e citado pelo próprio em seus apontamentos registrados no repositório do Projeto Passo Fundo.

iii Frase transcrita do livro *O gaúcho*, de José de Alencar.

Data : 01/01/2015

Título : A morte do Otacílio

Categoria: Contos

A morte do Otacílio

Amigos, é com imensa tristeza que comunico a vocês a morte do Otacílio, morador ali do Bristol. Infausto até previsível, visto que apresentava a olhos vistos sentimentos de desvalia e ideação suicida, consequências de sua relação conflituosa com Esmeralda e Bidu, cão que recebia toda sorte de atenções dela. O que restava a Otacílio? Nada... Nada além da relação xoxa de humano x humano, quando na verdade queria também um tratamento pra cachorro. Lembram?

Pois é, mas essa diferença de trato não foi a causa primeira, embora tenha concorrido para destrambelhar suas ideias. Foi outra que no decorrer do caso vocês ficarão sabendo.

Como não gosto de ser interrompido, peço a vocês que, se tiverem que ir à patente, vão agora, e, por favor, puxem a descarga! Todos aqui, né? Garçom, traz mais uma para afinar o latim. Gazapinaaaaaaaaa!

Vejam como são as coisas. Essa ocorrência – morte do Otacílio – foi bater lá adiante e deflagrar consequências a terceiros, e que nunca imaginariam que aquele desafortunado acontecimento lhes respingasse e daria o norte para suas vidas: Dr. Camargo e Florence.

Médico legista e enfermeira, começaram suas carreiras juntos, ainda jovens, trabalhando ali na sala de necropsia, nos fundos do hospital e fronteiro ao necrotério, sempre no turno da madrugada, quando parecia que as tragédias combinavam de vir aos magotes.

Ele, recém-egresso da faculdade, com todo o leite, indócil no partidor, galo novo ciscador. Ela – Deus do céu...! –, loira, pernas longas, coxofemorais exuberantes, bem preenchida, lábios cereja rosa, tez clara, leitosa, permitindo visualizar as veias azul-anil – tipo mulher de viking. Esse tudo isso e mais um pouco, acondicionado por guarda-pó alvo, justo, que lhe conferia sensualidade, mesmo naquele ambiente recheado de morte. Resumindo: um espécime de luxo.

Desde a primeira noite que passaram juntos – trabalhando – Camargo, nos raros instantes que se permitiam, hibernava, por momentos, em bendito transe: recostava-se na cadeira, cruzava as pernas, bebericava um pretinho, tragava um Belmonte amigo e chamava-a, dizia qualquer coisa, esperando quando retornasse para lançar na colega um olhar fulminante, escandalosamente impudico, na sua estrutura traseira. Bem pontual, aliiiiiiiiii óóó, bem aliiiiiiiiii óóó..., particularizando a preferência naquele corpo cravejado de acepipes, não lhe importando o que lhe viesse pela frente.

Quanto a essa figura, um amigo aqui do Bar, o Drummond, já dizia, corroborando a fala do olhar do médico, que “bunda são duas luas gêmeas em rotundo meneio. Anda por si na cadência mimosa, no milagre de ser duas em uma, plenamente”. E, quando bem trabalhados, os passos que a carregam a tornam imbatível na preferência de qualquer um. E àquela, amigos, meu respeito!

- Não é bem assim! Há controvérsia! Eu prefiro...

Agora... Porque esse tal Drummond diz, não que dizer que seja verdade. Vai um contraponto?

(Leitor, já começaram a dar palpite... Vou fazer que não escutei.)

E Florence não se incomodava com isso, muito pelo contrário, se deliciava com aquele verdadeiro assédio visual que lhe causava frisson pelo corpo inteiro, assumindo sua gostosura, tanto que, ao retirar-se, morosamente, floreira ainda mais os movimentos, conferindo àquele pecado fulgor divino.

E esse ritual – surreal, diria –, verdadeiro jogo de sedução, envolvia de um e de outro o mesmo conceito de que o prazer tão próximo, mas ao mesmo tempo distante, é bem mais doce, e que a beleza, à medida que foge de nossas mãos, cada vez mais nos

assanha. E isso funcionava como um combustível para o enfrentamento daquela atividade, como que lembrando que estavam vivos, no meio dos mortos.

Certo? Errado? Não sei. E os anos se passaram assim, repetindo a mesma dose fantasiosa que envolvia esse olhar e aquele caminhar faceiro. Nesse tranco. Talvez uns vinte e tantos anos, sei lá! Ele agora, já virado num chapéu velho, abdome definido – globoso –, rosto demarcado, ostentando bigode relaxado amarelado pela nicotina, já sem o mesmo ímpeto de outrora, atalhando caminhos. Ela também já apresentando algumas fissuras, beleza já cansada. Mas para eles parecia que nada mudara. Foram sábios, atualizando, a cada dia, a atração que sentiam um pelo outro, desconsiderando os estragos que o senhor tempo impõe.

Mas, por mais incrível que pareça, a relação entre os dois nunca passou pelo umbral, se restringindo àquele ambiente e àquele envolvimento, tácito, sem toques. Não fosse o Otacílio aparecer, já nessa fase meia-boca, decadente, talvez aquela situação capenga se eternizasse.

- Doutor, chegou mais um. Um tal de Otacílio, veio lá do Bristol. Suicídio. Duas hipóteses: enforcamento, apresentando marcas no pescoço, ou envenenamento com cicuta, baba espumosa escorrendo pelos cantos da boca. Já tá na mesa pronto para a necropsia. E mais... Tem um bilhete no bolso da camisa.

Camargo ficou estupefato: conhecia o dito cujo e sua história. Não havia nada que acontecesse no Edifício Bristol que não deslizasse para a boca do povo. Logo, logo, em fragmentos de segundos, organizou os pensamentos e fechou a história.

Otacílio tinha se amigado com a Esmeralda, egressa de zona, que, com sua vida de mulher difícil, já cansada de guerra, cedeu à perspectiva de uma outra, mudando-se para o quarto e sala no Edifício Bristol. Achava que, nos braços de um protetor, o bostão do Otacílio, teria, em formando família, a remissão de seus pecados. Ledo engano.

O amigamento durou meio ano, talvez meses, algumas semanas, quiçá dias, mas o suficiente para torná-lo um escravo de sua presença. E numa data dessas a Esmeralda anoiteceu e não amanheceu. Abandonou o Otacílio, o chato do Bidu, aquele cusquinho pentelho que detinha seus carinhos em detrimento ao de cujus, e aquela vidinha sem brilho, circunscrita a quatro paredes: lavação de louça, abraçar-se ao tanque de roupa, piloteio de fogão, ver a novela das nove, enfim, aquelas coisas que fazem parte da rotina de uma trabalhadora do lar. Uma cacaca para quem fora rainha da noite, acostumada a luzes da ribalta.

Esmeralda, na verdade, havia ido ao reencontro daquilo que tinha abandonado e para o que tinha vocação: figura de dama de vermelho na Boate Azul, para gaudio dos frequentadores daquela casa de tolerância. Fama, admiração, holofotes, fugazes na verdade, mas ali, no momento, presentes. E lhe bastavam. Na tampa mesmo, pensou Camargo, matando a charada: o tamanho do bolso do Otacílio não comportou carinhos de uma mulher daquela linhagem, essa a verdadeira causa de perdê-la.

Mas deixando a conversa fiada de lado: Esmeralda fugiu de casa. Foi isso. Ponto. Se para fregueses do corpo daquela mulher, rosas – a teriam novamente a seu deleite – , para ele, Otacílio, cravos de velório, retratando abandono, desamor, indiferença, Demais... Tudo isso, na cabeça do falecido, seria perfeitamente tolerável desde que ela estivesse ali, junto. Agora... Abandono não. Longe, distante, judiaria demasiada. Não saberia viver sem ela, não sobreviveria sem ela, mesmo sob seus pisoteios, que, na falta do abraço, do beijo úmido, do falar rouco, do gemido sincero, do suor amoroso, o acarinhavam. Nesse quadro irreversível, nada mais lhe restava do que silenciar seu desassossego buscando a morte por suas próprias mãos.

Pediu, levou... Ei-lo ali, agora, pelado, gelado, cheirando a defunto – formol fede –, estirado em cima da mesa fria de mármore branco encardido, por sob lençol esmaecido, aguardando mais cortes em seu corpo para dizer o quê? A causa de sua morte. Tão evidente. Pra quê? Por favor!

- Doutor, doutor, escute! Vai cortar o homem?, perguntou-lhe Florence.

Não, Camargo decidira, não infligiria àquele corpo mais mutilações, já as tinha sofrido demasiado. Na carne e na alma. Não precisava disso para diagnosticar a causa de sua morte quando o óbvio se declarava.

Leu o bilhete... Seu conteúdo lhe arrancou muito mais do que tragadas reflexivas. Sabem o que estava escrito? “Por favor, alguém adote o Bidu. Assinado: Otacílio”.

Colegas de vício, apreciadores de uma gelada... Que coisa mais séria. A preocupação do homem em proteger seu desafeto quando partisse dessa para a melhor dizia bem de seu caráter. Viveram ele e Bidu algum tempo juntos órfãos da Esmeralda, o suficiente para estabelecerem laços de solidariedade. Até que, derrotado pela saudade, cometeu aquele sacrilégio.

E foi nesse exato momento, ao cumprir a burocracia, preenchendo o tal de laudo pericial, que apontava a causa mortis, que deu um estalo na cabeça do Dr. Camargo. Por que não?

- Posso me retirar?, perguntou Florence.

- Não, por favor, sente-se, quero conversar contigo – disse-lhe.

A dona do monumento quase caiu dura. Passou-lhe pela cabeça que aquela relação chegara ao fim: não a tinha liberado para que lhe desse as costas e deambulasse com aquele airoso marchar. Já não teria ela engenho e arte para tal? Teria ele cansado das imersões?

Bem, pessoal, já está ficando tarde, outro dia termino o caso. Ah! Não? Querem que finde agora? Garçom, traga mais uma por conta aqui da turma. Continuo, então.

Dr. Camargo, tomando coragem, a convidara para tomarem um café com pão-cabrito e margarina, sem igual na cidade na padaria próxima ao hospital. Naquela hora, fim da jornada de trabalho, cinco da manhã, único lugar aberto. Seria o ideal para conversarem. Falaria a ela sobre a história de um cãozinho abandonado, carente de um lar. Quem sabe..., pensara.

Quando saíram juntos, Florence, por força de hábito, intentou de caminhar à frente, quando Camargo, delicadamente, pegou-lhe pela mão, como que dizendo “doravante caminharemos juntos, lado a lado. A vida nos espera”.

E a silente madrugada, consternada, abraçou os caminhantes, que rumavam ao encontro do futuro colorido que se lhes descortinava.

E aquele, agora, pelado, gelado defunto cheirando a formol, estirado em cima da mesa branca de mármore encardido, por sob lençol esmaecido, vendo aquele final feliz, sorriu, e, aí sim, morreu de vez. Pra sempre.

Glu-glu-glu... Ahhhhh! Bem gelada, no ponto. É isso aí, gente, fim de caso. Vamos jogar truco?

- Só isso? Causinho bem fracote, hein? Eles se casaram? Essa falação aí não valeu a saideira!

(Leitor, às vezes é melhor conhecermos parte da história. Se parasse por aqui, tudo ficaria numa boa, mas eles querem mais. A realidade na sua plenitude é triste, vou espichar o caso contando tudo).

Bem, eles se aposentaram, casaram-se e fixaram residência em Capão da Canoa, e diariamente eram vistos caminhando no calçadão que emoldura a orla marítima. Ela na frente com o Bidu a tiracolo, todo emperiquitado. E ele atrás...

- Boa, ressuscitou o velho hábito. Sinal que tá vivo. Beleza!

Anacleto, a história tende a se repetir. Ele vai atrás, sim, só que recolhendo a cocozama do cusco em saquinho plástico. E o Bidu, implicante que só ele, de quando em vez, volta-se e dá aquela acoada gozadora. Humilhação pura.

E isso não era nada. Bidu, ciente de seu poder, bancado por Florence, adorava fazer das suas. Imaginem, num de seus passeios, com quinhentos postes a seu dispor para uma mijadinha, onde o cusco foi verter? Amigos, em cima do tênis branco – lembram do Rainha? – única lembrança que o médico guardava de seus tempos de em que fora perito na arte de desossar humanos. E dizem que o meliante teatralizou: ergueu a patinha, e com engenho e arte: xiiiiiiiiiiiiiiiiiiii! Uma baita de uma mijada!!! Gozador esse Bidu. Aquilo foi a gota d'água, literalmente.

E quem viu Camargo nessa situação percebeu em seu semblante olheiras profundas, fisionomia cansada, sinalizando sentimentos cinzentos. Mas, antes de perpetrar seu tresloucado gesto, tal qual Otacílio, buscaria vingança. Bidu, cachorro destruidor de lares, que aguarde. Ingrato, depois de tudo que lhe fizera! “Tua hora vai chegar”, pensava.

Não, não o esfolaria vivo, Berlusconi. Arquimedes, tampouco plantar uma muda da melhor sarna em seu corpo burguês. Cortar o rabo, deixá-lo pitoco? Não, Natalino, jamais! Pior, muito pior. Feriria de morte naquilo que cães desse tipo, e suas donas, mais preservam: pelo. Lavam, escovam, perfumam! E se orgulham deles. Numa tarde chuvosa de 18 de outubro de um ano desses – data escolhida a dedo* –, quando dava banho no Bidu, colocou a água na banheirinha e porções de...

- Já sei! Creolina e um copo de querosene Ipiranga! Acertei?

Em parte, Anacleto. Acrescentou a isso gotas generosas de piche! Isso aí deu uma baita de uma reboldosa. A última notícia que soube do Bidu é que estava internado em um SPA em Gramado para recuperação dos fâneros cutâneos que restaram através de um coiffeur francês. E mais, sendo assistido psicologicamente para que recuperasse sua autoestima, visto que sua fleugma e soberba foram parar debaixo do cu do cachorro.

Imagino o Otacílio e o Camargo, lá em cima, noutra dimensão, se matando de tanto rirem... Pois é, mas o bicho não se emenda. Ele ainda ressurgirá das cinzas e vocês ainda escutarão causos em que o Bidu, cachorrinho jaguara, mal-agrado, continuará fazendo das suas.

Pessoal, agora sim vou parar por aqui. Vamo no truco?

- Só uma coisa. Tu conta os causos pela metade. Que que o Dr. Camargo registrou como causa mortis do Otacílio?

Seu Nilo, não havia necessidade de supliciá-lo quando o óbvio se declarava: coração partido.

Garçom, a saideira! Vamo pro truco. Padre Antão, dá as cartas? Polarrrrrrrrrr! Acorda, garçommmmm!

Voltarei!

Assinado: Bidu

Poema “A bunda, que engraçada”, de autoria de Carlos Drummond de Andrade

* 18 de outubro, dia do médico

Data : 07/10/2013

Título : A saga do bisneto do Coronel Mundico

Categoria: Contos

Descrição: E aí, nobre colega de trago, tomamos uma gelada!!??

A saga do bisneto do Coronel Mundico

A saga do bisneto do Coronel Mundico e de sua égua Mimosa

E aí, nobre colega de trago, tomamos uma gelada!!??

Não, gracias, não posso beber, estou tomando uns antibióticos...

Mas, parceiro, esse tal de antibiótico não vai alterar o sabor de uma gazapina.

Bem, se é assim, vamos lá! Mas só se contares um causo, contrário caso, te acompanho... Se estiver no ponto...

Bueno, bueno, tá bem, tá bem... Esse causo não é meu, foi contado por um sobrinho de um amigo de um compadre que o repassou, pedindo discipulação, razão por que peço que esse assunto não extrapole a mesa deste Bar. Mesmo com essa origem fidedigna, posso afirmar, com mais ou menos convicção, que cinco por cento é mentira.

Feitas essas ressalvas, vamos lá.

O tal de personagem, radicado lá nas grotas, entre Pinheiro Torto e o inferno, cansado de tomar café de cambona, resolveu dar um tiro noutras paragens, carente de outras carnes. Planejou dar uma bordejada na cidade, entre uma coisa e outra, e mais na outra, frequentar o alto meretrício, já que o baixo, a boate Chantecler da zona rural, é por demais conhecida e não oferece grandes novidades.

Em casa, para a patroa, disse: “vou até a cidade comprar fósforos” (quem morou no interior, naqueles idos, sabe o valor de um palito de fósforo). Claro, claro, no retorno traria como agrado para a sua consorte Leite de Rosas e para a gurizada, chupaganso ou caramelo de cachaça. E também bombril, sabão em barra, anil, creolina, essas coisas de limpeza... Imagine a felicidade da mulher em receber aqueles agrados.

Tiro curto, tiro curto, poucos dias, em touro longe dos pagos até vaca magra bota corno!!! Não dá para facilitar, pensou. Mas não ia sair assim no escuro.

Buscou aconselhamento com o padre Antão – as boas línguas diziam que teria fugido de um seminário com a professora de catecismo, flagrados em alto pecado capital, isso na visão da Igreja, e pecado de primeira para os comuns dos mortais. Mas, mas, o enviado de Deus, entre um martelo de cachaça com casca de bergamota e um de semente de pêssego, indicou como alternativa a casa da Dona Imaculada como de confiança.

Olha só o que religioso disse para nosso herói: “pecador, paga um pouco mais, solta o capim, e evita uma série de constrangimentos. Aqui na Chantecler fui apontar o caminho da salvação para as perdas e fiquei engalicado, me custou trezentas avermarias e trinta e duas injeções de benzetacil, fiquei com a bunda que era uma peneira e com o risco de cortar uns trinta centímetros do pinto, e de lambuja noventa dias de resguardo. Uma gonorreia que nem São Jorge conheceu!!!!”.

Amigos, colegas de vício, estou contando o que o neto do tio de um compadre do meu amigo contou. Por favor... Não me responsabilizo. Pelo depoimento ilibado do padre, nosso personagem ficou ciente de que o bordel da Dona Imaculada era de primeira, chinaredo da mais alta estirpe, com carteirinha do centro de saúde, menu já com os

preços tabelados, instante tantos contos..., pouso um pouco mais..., um bom gaiteiro na bailanta tantos pila..., e por aí vai.

Disse que gerenciava o estabelecimento com pés de ferro – dava patadas em quem tentasse denegrir o ambiente com boas condutas –, coisa de louco! Borracho não entrava, só saía. Enfim, estabelecimento confiável.

Bueno, com uns ditos de apresentação para a Dona Imaculada no verso de um santinho como recomendação, com a bênção e cumplicidade do prior e, o mais importante, com a absolvição divina garantida em seu retorno, seu velho poncho, oitocentos contos na guaiaca, deitou o nosso personagem a melena com destino à cidade.

Foi a trote, a trote, viagem demorada, não podia exigir muito da Mimosa, égua tubiana, já com bons anos no lombo, com quem mantinha uma relação afetiva, de anos. Na verdade, na verdade, fora sua primeira namorada. Num desses descaminhos da vida, ainda gurizote, perdera a sua companheira de vista, recuperando-a por acaso às portas de um frigorífico de Erechim. Ia virar mortadela ou patê francês, mas... Deixa pra lá, outro caso...

Depois de algum tempo, já no povo, passou num posto de gasolina onde deixou seu velho poncho preto herdado do Coronel Zézinho, seu bisavô, para uma boa lavada, já que durante todos aquelas anos nunca passara por isso. Tava duro de sebo, poeira, pólvora, marcas de pontação de lança, resquícios dos entreveros entre maragatos e chimangos, e num dos bolsos, uma porção de fumo de corda, nestas alturas petrificado... Também, todo esse tempo... Para uma boa limpeza, só com aquelas mangueiras de lavar auto. Foi um alívio, a Mimosa chegou a trotar sorrindo, livre do peso daquela indumentária e da fedentina armazenada por anos e anos...

Bem, chegou à pensão do Gastão de noitinha, bem localizada, defronte à praça da cidade, aboletou-se num quarto onde pensou descansar. Quando acordasse, tentaria fazer as compras durante o dia e à noite procuraria o cabaret da Dona Imaculada e as suas maravilhosas trabalhadoras do sexo.

E o tal de sono não vinha, não vinha, culpa daquela claridade desgraçada provinda dos três bicos de luz acesos, de mosquitos organizados em esquadrilhas, fazendo rasantes, cursando com aquele barulho infernal, zummmm, zummmmm. Procurou uma máquina de flit, em vão. Tentou matá-los à cuspidá, nada. Assassinou dois ou três com travesseiro. Que falta fazia o poncho preto herdado do Coronel Zézinho; pelo menos se cobriria. E como apagar aquela tal de luz elétrica? Era do interior, acostumado a um bom candeeiro. Essas modernidades! Olha, vou te dizer... Que situação...! Até que, até que, desesperado, olhou para seu par de botas e... Solução. Nem o Lula pensaria nisso. Colocou-as, um pé em cada bico de luz. Pronto, resolvido, ficou escuro que nem boate de estrada. E vocês não vão acreditar; eu que sou contador de caso custei, imagine... O calor da luz aprisionado no interior das botas desprende o chulé que estava impregnado, e este, liberto, tomou conta daquele quarto e, com seu alto poder destrutivo, dizimou a mosquitama e de lambuja anestesiou nosso herói, levando-o a um sono reparador.

Momento, momento, posso perguntar? Se eram três bicos de luz acesos, como um par de botas resolveu a questão?, inquiriu o Doidois Sanquatro, o matemático do Bar. (Vou fazer que não entendi, este aí não é matemático do Bar bosta nenhuma, mas sim estraga-causo. Que vontade de mandar o cara tomar no...)

Sim, pois é, mas, veja só, e retomando o caso... Lá pelo raiar das dez da manhã, acordou, resolveu fazer a higiene bucal – tava na cidade – bochechando um copo de canha, e o líquido precioso foi dum lado, foi pra outro, dum lado, pra outro, e na hora de cuspir o conteúdo etílico, onde?, onde? No carpete, não! Não! Nunca faria uma

coisa dessas, com a educação que tivera. Sem alternativa, fê-lo descer garganta adentro – glut, glut, glut –, quando ouviu esganiços de meretriz luxenta em perigo. “Aiiii! Aiiii!!! Socorrooooo!” E espiando pela janela viu uma bela mulher dirigindo um fordinho, circundando a praça, sem conseguir fazê-lo parar. Reconheceu-a imediatamente, o destino se encarregara de reencontrá-la. Era a Messalina, a filha do meio do veio Natalino com quem quase casara. Sentou-se na cama imediatamente, já de bombacha, calçou um pé da bota, calçou o outro, mas, desgraça pouca é bobagem, os solados tinham se descolado – lembram do calor dos bicos de luz? – ficando só os canos, que permitiam a visualização de seus carpins amarelo-ovo, encardidos e furados no dedão maior. Que fiasqueira!

Mas não era momento para vaidades. Levantou-se assim mesmo, pegou seu laço trançado e disparou para a rua, procurando a Mimosa... Onde... Onde... Quando mais precisava da bicha, não a encontrava. E o fordinho dê-lhe fazer volta, a madama aterrorizada, o povaréu ali estático, a tragédia iminente, e, numa dessas passadas, postou-se valentemente à frente do veículo, preparando-se para lançá-lo, quando este parou repentinamente. Até hoje não se sabe se parou porque a gasolina acabou, se a motorista lembrou-se de colocar o pé na trava – mulher no volante, sabe como é – ou se carro achicou-se perante a postura determinada do tauro.

Ainda escutando as palmas e ovações de uma multidão reconhecida pela sua bravura, retirou a mulher em seus braços, desmaiada, e vendo-a ali, inerte, à mercê de seus instintos mais primitivos, considerou o evento uma oportunidade única. Atirou-se sobre seu corpo acolchoado – ela tinha engordado um pouquinho –, beijou seus lábios apaixonadamente sem preocupações em ser boca a boca técnico, lançou suas mãos ousadas por sob a blusa e massageou seu coração, ali, naquele momento, representado por duas glândulas mamárias magníficas, trucidando seu espartilho róseo. Tudo, tudo, visando à recuperação daquele belo espécime feminino. Mas, mas... Nem todo mundo pensara assim.

Um bando de carolas e alguns invejosos chamaram as autoridades. Na sua visão, tratava-se de um tarado em plena atividade, um bêbado descontrolado, sei lá o que aquelas mentes mórbidas pensaram. Só sei que o jeep da polícia montada chegou em alta velocidade, com um brigadiando com a cabeça pra fora da janela fazendo Hummmmmmm Ummmmmm – a sirena vivia estragada –, levantando um povaréu daqueles, donde saltaram cinco brutamontes e desgrudaram, agora nosso herói, de sobre o poema inanimado, imobilizando-o com algemas de cipó, evitando a consumação de uma conjunção carnal em plena luz do dia na praça principal da comarca.

E o Sargento Tenório apeou gritando – “aos costumes, aos costumes, flagrante de estupro de vulnerável” – e ainda por cima metido a doutor advogado. Tem cada uma! “Façam o teste do bafômetro”, gritou um anônimo f.d.p. Lembram da higiene bucal? Nunca se preocupara com isso. Olhem só, produzira inocentemente prova contra si. “Gaúcho de meia tigela, vai calçar umas botas decentes!” – esse aí deveria ser de algum CTG.

Pelo que eu sei poncho não tem bolso... Como é que tinha um pedaço de rolo de fumo no poncho do gaúcho aí da história?, interrompe o compadre Arquimedes.

(Prezado leitor, poncho tem bolso? Ou não? E agora, que que eu digo?)

Tenha ou não, não importa, mas coronel naqueles idos de 1894 podiam tudo, portanto, tinha. E esse Zézinho era um baita de um malabruxa, degolador de primeira!..., socorreu-me Beto, o letrado.

Naquele tempo tinha carpete?, inquiriu Anacleto, o joãozinho do Bar.

Chega, chega, ordem na suruba! Pessoal, não me interrompam, corro o risco de perder o fio da história, tomo a saideira e me mando se continuarem dando pitacos... Querem escutar A voz do Brasil, eu pego o radinho do Bar e ligo agora! Querem? Querem? No próximo caso não chamo vocês para personagem! Escolham!

Isso, isso, silêncio. Bem, bem, vocês não sabem da maior. Olha, é de arrepiar, é de não acreditar... Coisa de novela da Globo! A mulher do fordinho era de fato a Messalina, a filha do meio do veio Natalino, só que na cidade era conhecida como Dona Imaculada. Saiu mocinha do interior para a cidade, onde fez carreira na putaria, tornando-se proprietária do bordel – de excelente prestígio, diga-se de passagem – mercê de seu notório saber e conhecimento técnico na arte da sacanagem.

Mas não pensem que a coisa acabou por aí. Mais uma situação constrangedora se interpôs no caminho do guapo, colocando sua virilidade em xeque. Ocorre que pela fricção de seu membro de maior valia e serventia no corpo incandescente da diva, sob aquela canícula, este até então inanimado, inerte, preguiçoso, tal qual um diplomata de carreira em férias em Cancun, ressuscitou abruptamente, transformou-se em um valente general inca na guerra do Paraguai, tomou forma, enrijeceu, avolumou-se e vibrou em movimentos de vai-e-vem, estertores ritmados, escandalosamente perceptíveis por sob a bombacha, arrancando-lhes gemidos lancinantes, uivos de dor. Nunca antes tivera uma câimbra daquela magnitude, tão logo no seu membro inferior representado por su pierna derecha. P.q.p. que nada. É puta que pariu mesmo, era momento de expor-se daquela forma, não bastasse suas botas sem sola?!!! Tinha que ter uma câimbra ali no meio do povo??!!

Aquilo não foi nada perto do que viria. Ainda pagaria mais pela intenção de molhar o ganso fora do casamento.

O descendente do Coronel Zézinho tava na pior, sem dúvidas numa merda estadual! Atirado na masmorra gelada e úmida do presídio local, pensou no trapo humano a que fora reduzido, que fazer...? Que fazer...? Sem o apoio de seu guia espiritual, o padre Antão, ali arriscando sua honra, considerando as intenções lúbricas manifestadas pela massa carcerária no sentido de deflorá-lo, longe de sua amada esposa e seus diletos filhos, a perda irreparável da Mimosa, e o pior, o pior, seu coração e alma cozinhados em fogo brando – sua Messalina Imaculada, uma mulher de zona – e desgraça maior... É de chorar... O sargento Tenório, seu algoz, gigolô titular da dita cuja. Demais, demais mesmo para um descendente do Coronel Zézinho. Pensou no pior. Ia dar um fim em seu sofrimento, um basta, um chega. Alisou seu laço trançado, pensou uma prece à Maria Pequena, sua santa para esses casos, encomendou sua alma e decidiu. Caminhou firmemente até as grades daquele calabouço, pegou a corda de couro cru e – Maria Pequena, seja o que Deus quiser – gritou para os carcereiros que estavam jogando pontinho: “cambada de vagabundos! Aguento tudo! Menos o frio. Preciso de meu poncho negro para me abrigar, não aguento o ar gélido e úmido desta cadeia de terceira! Laço um fordinho, poderei laçar um de vocês, pústulas!”.

E os carcereiros tremeram nas bases, e um deles conseguiu balbuciar: “onde, onde?”. “Logo ali, logo ali, no Posto Ipiranga”.

Neste momento agigantou-se nosso herói, sentindo que as rédeas agora estavam em suas mãos. E decidiu, chamaria a...

Que fim levou a Mimosa?, inquiriu Berlusconi, o infiltrado do bar Oásis, me interrompendo.

(Viram? É de perder a paciência. Chega num momento que eu perco o domínio de meus personagens, é hora de bater em retirada.)

Pessoal, já tá tarde... Termino o caso noutra rodada.

Garçom, a saideira!

Autoria: Miguel Guggiana
Ilustração: Leandro Dóro

Data : 01/01/2019

Título : A saga do sargento Xexéu

Categoria: Contos

A saga do sargento Xexéu

Amigos desta colenda mesa, preparem-se! Hoje vou contar para vocês um causo, desta feita estrelado pelo sargento Xexéu, metido num tiroteio cerrado no seio de seu próprio lar, com humilhações constantes e perda de direito inimaginável. O homem teve seu conceito e honra quase manchados pela sua companheira, que com palavras, gestos, olhares, caras e bocas – que só elas sabem fazer – levou-o a suplício extremo. Isso para que vocês possam cotejar com o dia a dia de cada um e ver que, se não afrontadas com veemência – precisa ser macho de raiz –, o que, reconheço, é difícil, cedemos parte considerável de nosso território. Se arrepiarmos o pelo e nos acadelarmos, que pelo menos emprestemos um ao outro solidariedade. E querem melhor que um bar para tal? Como diz o Barrosão (1), “nos copos de um bar, creia, toda quimera se esfuma, como a brancura da espuma, que se desmancha na areia”. Mas, deixando de frescuragem, sabem o que a Madelaine disse pro próprio? “Tu nããã...”.

- Momento, posso dar um talho na conversa? Sargento Xexéu, da briosa?

- Sim, Irineu, da Montada. Cavalu facilitava as incursões dos homens da lei naquele cu de mundo em que a cidade se meteu, às margens do Uruguai, com Alvear do outro lado, impregnada pelo ambiente ribeirinho, que de quieto só tinha o rio, mas não as barrancas, palco onde o chibo corria solto, protegido pelas noites grandes e nervosas, contrastando com a placidez das águas que escondiam segredos daquilo que todo mundo sabe, todo mundo vê, mas ninguém fala. E na ponta da lança, nosso herói, sargento feito a facção, analfa de primeira. Como todo baixinho – se passasse uma trena não alcançava um metro e pouco –, invocado que só ele. E pra quase completar o retrato falado da figura, mulato, no meio daquela gente da costa, italianos, alemães, poloneses, em cujo entremeio se imiscuía com autoridade.

Assim como não acredito em gateiro santo, não posso de sã consciência afirmar que o homem era um puro. Vamos dizer que não era flor que se cheirasse: autoritário, meio que trambiqueiro, assim assim com alguns contrabandistas – fechava um olho quando lhe convinha –, dono do único ponto de jogo de bicho, chegado nas percantas da Vera Louca, titular do único lupanar decente num raio de três ou dois quilômetros. Acrescente-se a seu curriculum como sendo fora da casinha – contam que teria tomado água da placenta na barriga da sua mãe –, a ponto de ser flagrado tentando ensinar seu cavalo, alcunha de General – vejam bem –, a fazer continência pra ele.

Dava expediente no Bar do Leleco pra onde transferiu a delegacia, alegando que lá não pagava aluguel, economizando para o Estado. Louco, mas não rasgava dinheiro. Valente que só ele. Duro na parada, enfrentava a bandidagem com um relho trançado

na direita, na outra um marca-touro, abdicando do trinta e oito fazedor de viúva, em passos de capoeira com agilidade de puma que só vendo, não obstante sua barrigona e coxa pegada, como todo bom brigadiano depois dos cinquenta e poucos. Nem vou falar do dia em que desafiou o bispo para um duelo na praça. Custei a acreditar, mas, partindo da boca do Both, intendente da comuna na época, que me contou quase tudo, me parece que pode ter ocorrido. Diziam, dizem, à boca grande, complementando o dito do Both, que pelos favores da Vera Louca. Favores entre aspas, aqui ó, papagaio! O instante custava o olho da cara. O Xexéu pagava em espécie e proteção, o bispo em santinhos e sinal da cruz in locum, nas partes. Mas que dizer... Ambos escravos da carne. Como sempre falo e repito: a carne é forte! Mas quando tem muito disse me disse no meio, deixo de lado o fato. E, também, isso não acrescenta e nem desacrescenta na biografia de nosso personagem, bem pelo contrário, solidifica, nesses tempos bicudos quando gostar de mulher não é obrigação de todo bom homem. Os issos e aquilos já verbalizados que cercavam sua figura – valentia, aparência e pitadas folclóricas – caíam bem no gosto da população daquele ambiente já pincelado, que o tinha como probó, claro, considerando os valores da época. Essa geral que dei no homem, que fique bem claro, visão do público externo, repito: EX-TER-NO!

Bem, para o interno, outro departamento. A coisa não era bem assim.

(Por favor, afinal o que a Madelaine disse? Tu bebe e te perde na fala. Acho que tá encompridando demais. Assinado: o leitor).

- Amigos, onde mesmo que eu tava?

- O que ela disse pro sargento?

- Abrilino, isso! Aquela fala foi mortal. Um verdadeiro coice de mula no peito do coitado. O Xexéu era juntado com a filha da Damares, uma gadeiuda, diretora da única escola do lugar. A Madelaine não era fácil no trato, levava o Xexéu, aqui, ó, na chinha, sem dó nem piedade. Aliava violência doméstica, potencializada quando usava aquela linguagem que só elas sabem e à qual já me referi. Um verdadeiro hominicídio diário. No dia a dia eram comuns expressões como “de nooovo?”, quando via bituca no chão da sala. “Eu te diiiiisse!”, na ocasião em que ele comprou uma Panasonic de terceira mão e que deu o doce no capítulo final da novela O direito de nascer. “Vem ver o que tu fizeste!”, sempre que não puxava a descarga. “Tu que sabe!”, nas vezes em que o coitado pensava em não acompanhá-la na missa das onze. “Outra veeez?!”, nos momentos em que ele bebia todas. “Pode parar por aí!”, quando queria dar a segunda a pau e corda. Se fosse só o dizido, a coisa ficava de bom tamanho. Mas, não! A verbalização era o de menos, seria um peido n’água se não fosse cursado com aquilo que disse lá no início: labaredas no olhar, as palavras sibiladas como sentenças de morte, expressão de Hitler entupido na latrina e, o pior – sem o que a teatralização perderia fortidão –, as mãos na cintura e um pezinho batendo no chão. Amigos, aquilo tudo com as mãos na cintura e tu na alça da mira, é pedir pra morrer! De matar! De se enforcar com corda de fumo! De tomar uma cinquenta e um com sorrisal!

(Porra, mas o que afinal a Madelaine disse pro Xexéu? Assinado: o leitor.).

Escutem aqui! O negócio é o seguinte: que essa conversa não saia daqui, pois envolve questões de foro íntimo! Combinado?! Garçom, mais uma para aclarar as ideias. Te mexe.

- Tá bem, mas só trago outra se contares qual foi o dizido da Madelaine!

- Tu também?! Naquele dia, incorporando o demo na sua mais pura essência fascista, a megera disparou: “Tu não mete mais este teu pau veio na minha garagem”.

- Meus Deus, que mulher sem noção! Coitado do Xexéu! Imagine se o povo soubesse que o homem não teria direito nem praquilo! E os direitos do Xexéu, como ficam? Depois, se pegam à força, reclamam! Só pode ser comuna! Isso não tem cabimento!

- Silêncio! Sentem-se! Acalmem-se! O Xexéu aguentava tudo, tudo, até porque gostava da demônia que só vendo, que na hora do bem bom incorporava a Messalina. Era um espetáculo, boa de cama, sufocava-o de sacanagem, virava o gorducho do avesso, executando todas as posições possíveis do Kama Sutra, aliás seu livro de cabeceira, fazendo-o ver estrelas no teto escuro da alcova, verter bagos de suor que encharcavam aqueles lençóis encardidos, arrancando gemidos de dor bem sentida. Quando no ápice daquele ato selvagem, já sem pulso, ela tascava um beijo daqueles de desentupir pia e, amigos, pasmem, fazia o cadáver voltar ao mundo dos vivos musicando junto ao seu ouvido, roçando seus lábios carnudos ainda úmidos, em seus lóbulos, miando: “Xexéuzinho, Xexéuzinho, y love you! Y love you!”. E, retomando as rédeas, com o defunto vivo, de novo: pimba no gorduchinho, pimba no gorduchinho, até o sol dar suas primeiras cores, quando, então, a agressora desfalecia de vez. Perto daquilo tudo, a Vera Louca e suas meninas eram um nada. Amadoras. Gurias de colégio de freira.

- Preciso de uma dessas lá na paróquia.

- Por favor, padre Antão, posso continuar? Xexéu teria que escolher: ou ela, ou eles.

- Eles???

- Sim, eles! Explico, Genésio. Bueno, então, com todo esse trato especial, relevava as manias da dona encrenca. Pois é, até ela dizer aquela estultice: “Tu não mete mais este teu pau veio na minha garagem”. Ah, não! Tocou naquilo que ele mais gostava. Até pensou em apertar o botãozinho do foda-se: chutar o balde e dizer umas verdades pra ela, mandar tomá no fiofó, arrumar emprego pra diaba, espremer um limão nos olhos dela, mas, pensou, pensou, pensou... Aquele sexo caseiro era show de bola. Tiraria o jeep da garagem e levaria o Chuvisco para morar no Bar do Leleco. Pronto! Tão pouco. Resolvido. Amigos, e de quebra, incorporando a figura do grande Barão do Rio Branco, usaria diplomacia carinhosa, para dizer aquilo na maior das boas intenções, porém desencadeando a sua quase pena de morte: “Madelaine, tu é a minha...”.

- Aqui ó! Posso perguntar? Que história é essa de jeep?

- Antoninho, simples. O Xexéu tinha o overland meio pau, que tratava como filho e que vivia de favor na garagem da diaba. Eis que, naquele dia, acho que meio gambá, foi dar uma ré e bateu no chevette vermelho da Madelaine, dodói dela. Uma batidinha de nada. O lugar era apertado... Era só trocar o para-choque dianteiro, não precisava aquele carnaval todo. O Chuvisco? Toda vez que o pau cantava pro lado daquele que era seu melhor amigo, em desagravo, mijava no banco do chevetão. Simples, o que vocês tavam pensando? Por que toda essa balbúrdia?

- Se acalmem todos! Posso ajudar?

- Com a palavra, professor!

- “Pau veio” é uma expressão adotada na linguagem coloquial quando o interlocutor tem a intenção de se referir a carro velho, que não presta... Que era o caso do jeep do Xexéu.

- Acho que tá esclarecido.

- Que que o Xexéu disse pra ela?

- “Madelaine, tu é a minha gordinha fofa!”. Imagina se isso é coisa que se diga?! Mas não obstante a tragédia que se sucedeu depois dessa fala perdida, o sargento sobreviveu às múltiplas fraturas, ganhando até aposentadoria especial! O Chuvisco? Apanhou junto, porém conseguiu nadar até o outro lado. Não se ouviu mais falar dele.

Pessoal, no próximo caso prestem atenção, não pensem bobagens. Garçom, cansei, traz a saideira, e coxinhas...

- Coxinhas...?! Pode falar mais a respeito...

(1) Barrosão: Ary Barroso, compositor da música “Risque”, da qual foram transcritos os primorosos versos aqui aludidos.

Data : 20/03/2012

Título : À Sombra do poeta

Categoria: Crônicas

Descrição: Fim de tarde horrível, contudo, conseguiu chegar são e salvo.

À Sombra do poeta

Passeando no livro de poemas Fugaz Idade,
detive-me em um deles, especialmente,
“Mulher só”, que fala de uma,
na mesa de um bar, em um shopping.
Determinei-me a interferir no seu destino,
com a cumplicidade do autor,
buscando como caminho para isso sua própria obra.
Encontrei-o na riqueza de seus poemas,
escritos em épocas distintas e,
certamente, em fases de diferentes inspirações,
que traduzi em uma crônica, “colando”, simplesmente,
alguns em sua totalidade, outros, em fragmentos.
O poema que finaliza, “Começos”, não define o desfecho, sutilmente,
coloca ao arbítrio de cada leitor o enfoque que queiram dar;
“bonito, doloroso ou indiferente”. Decida!

À Sombra do Poeta

Fim de tarde horrível, contudo conseguira chegar são e salvo. Mau tempo e trânsito infernais. Agora, devidamente instalado, olhava pela janela a Avenida Sete. Com o tempo assim sentia-se melancólico. Evocava o poeta: “A chuva é triste como minha alma; chora por dentro. Cai como uma prece no coração de Deus que se esquece dos pedidos que lhe fiz”. Lamentava a solidão: “Todos os telefones para os quais liguei estavam ocupados, usuários não encontrados, meus amigos tinham outros compromissos. Todos os telefones para os quais liguei não me deram a resposta que eu esperava – Ok, vamos tomar aquele chope! É sexta-feira. A semana acabou. Sobrevivi! E não há ninguém com quem eu possa dividir esse momento. Mulher e filhos não contam. Eles são suspeitos; vivem de mim. Os amigos ou a amante que eu queria não existem, estão ocupados ou simplesmente não foram encontrados. Sexta-feira, embriagar-se às vezes é inevitável”.

Sorumbático, pensava: “Já não estou mais acostumado como antes a andar sozinho. Já não tenho – como antes – os sonhos que me serviam de companhia.” E de novo lhe ocorria: “Quando eu tinha todo tempo do mundo a meu favor podia fazer com ele o que bem entendesse. Hoje quando o tempo escasseia para mim já não posso dar-me ao sabor de fazer com ele o que bem entender. Vai me faltar se dele abusar, e a vida escorrerá por minhas mãos. Já não posso dar vazão a toda sorte de experimentação. Cabe-me ser preciso, objetivo e assertivo nos meus propósitos de ser. De outra sorte hei de morrer antes de viver – antes de ter vivido.”

Foi quando a viu, solitária, destacando-se na balbúrdia. Quem sabe Deus não o havia esquecido?! Atenderia seu pedido?! Não seria ela o motivo para deixar de andar sozinho? Um sonho vivo a lhe fazer companhia, nesta sexta-feira. Redenção das suas vicissitudes.

“Mulher só na mesa do bar – na verdade não na de um bar, mas na desse fenômeno moderno chamado shopping, praça de alimentação. Então, mulher só na mesa de um lugar público, não tens do que te constranger. Relaxe e aproveite a solidão, o chá, o café, o chope, seja o que pediste. Faz parte de nossa condição de homens e mulheres estarmos sós às vezes na mesa de um bar, shopping, praça de alimentação. Nenhum homem a quer? Ninguém está pensando nisso. Não tem amigos? Há homens que também não os têm. Tem medo dos inconvenientes? Não existem mais homens tão ousados. Mulher só na mesa de bar – vou chamar assim, soa melhor –, não tens do que te envergonhar”.

Arriscaria ele ser um desses inconvenientes?

Cometeria a loucura, antes que outro louco? O outro que outras loucuras podia?

Levantou-se da mesa, se encheu de coragem e pensou: “Não tenho mais medo; 40 anos não são como 20. E embora tenha perdido um tanto/muito da vida nisso nunca é tarde para descobrir; é possível ser feliz.”

Não perderia mais tempo. Aproximou-se da moça gentil que lhe... “sorriu, sorriu, sorriu/como um rio, um rio, um rio, um rio que corre pro mar, o mar, o mar, o mar. Para amar, amar, amar, amar. Foi o que sentiu, sentiu, sentiu, sentiu...”

- Tá esperando alguém?

- Não.

- Senta aqui, tomar uma cerveja comigo.

- É que eu já tô de saída.

- Não tem problema. Quando for pra tu sair, tu sai igual.

E assim começa a conversa que pode ser o início de uma nova história de amor, entre um homem e uma mulher. Uma história que pode ter um desfecho bonito, doloroso ou indiferente, ou se estender ao infinito, através das gerações que vão surgir.

Autor: Miguel Guggiana

Ilustração: Leandro Dóro

Data : 07/04/2012

Título : À sombra do poeta: conto

Categoria: Contos

Descrição: Passeando no livro de poemas, Fugaz Idade, detive-me em um deles, especialmente,

À sombra do poeta

Passeando no livro de poemas, Fugaz Idade,
detive-me em um deles, especialmente,
Mulher só, que fala de uma,
na mesa de um bar, em um schopping.
Determinei-me a interferir no seu destino,
com a cumplicidade do autor,
buscando como caminho para isso sua própria obra.
Encontrei--o na riqueza de seus poemas,
escritos em épocas distintas e
certamente em fases de diferentes inspirações,
que traduzi em uma crônica, “colando”, simplesmente,
alguns em sua totalidade, outros, fragmentos.
O poema que finaliza, Começos, não define o desfecho, sutilmente,
coloca ao arbítrio de cada leitor o enfoque que queiram dar;
“ bonito, doloroso ou indiferente”. Decida!

À Sombra do Poeta

Fim de tarde horrível, contudo, consegui chegar são e salvo. Mau tempo e trânsito infernais. Agora, devidamente instalado, olhava pela janela a Avenida Sete. Com o tempo assim sentia-se melancólico. Evocava o poeta: “A chuva é triste como minha alma; chora por dentro. Cai como uma prece no coração de Deus que se esquece dos pedidos que lhe fiz”. Lamentava a solidão: “Todos os telefones para os quais liguei estavam ocupados, usuários não encontrados, meus amigos tinham outros compromissos. Todos os telefones para os quais liguei não me deram a resposta que eu esperava – Ok, vamos tomar aquele chope! É sexta-feira. A semana acabou. Sobrevivi! E não há ninguém com quem eu possa dividir esse momento. Mulher e filhos não contam. Eles são suspeitos; vivem de mim. Os amigos ou a amante que eu queria não existem, estão ocupados ou simplesmente não foram encontrados. Sexta-feira, embriagar-se, às vezes é inevitável”. Sorumbático, pensava: “Já não estou mais acostumado como antes a andar sozinho. Já não tenho – como antes – os sonhos que me serviam de companhia.” E de novo lhe ocorria: “Quando eu tinha todo tempo do mundo a meu favor podia fazer com ele o que bem entendesse. Hoje quando o tempo escasseia para mim já não posso dar-me ao sabor de fazer com ele o que bem entender. Vai me faltar se dele abusar e a vida escorrerá por minhas mãos. Já não posso dar vazão a toda sorte de experimentação. Cabe-me ser preciso, objetivo e assertivo nos meus propósitos de ser. De outra sorte hei de morrer antes de viver – antes de ter vivido.”

Foi quando a viu, solitária, destacando-se na balbúrdia. Quem sabe Deus não o havia esquecido?! Atenderia seu pedido?! Não seria ela o motivo para deixar de andar sozinho? Um sonho vivo a lhe fazer companhia, nesta sexta-feira. Redenção das suas vicissitudes.

“Mulher só na mesa do bar – na verdade não na de um bar mas na desse fenômeno moderno chamado shopping, praça da alimentação. Então, mulher só na mesa de um lugar público não tens do que te constranger.

Relaxe e aproveite a solidão, o chá, o café, o chope, seja o que pediste. Faz parte de nossa condição de homens e mulheres, estarmos sós às vezes na mesa de um bar, shopping, praça da alimentação. Nenhum homem a quer? Ninguém está pensando nisso. Não tem amigos? Há homens que também não os têm. Tem medo dos inconvenientes? Não existem mais homens tão ousados. Mulher só na mesa de bar – vou chamar assim, soa melhor -, não tens do que te envergonhar”.

Arriscaria ele ser um desses inconvenientes?

Cometeria a loucura, antes que outro louco? O outro que outras loucuras podia?

Levantou-se da mesa, se encheu de coragem e pensou: “Não tenho mais medo; 40 anos não são como 20. E embora tenha perdido um tanto/muito da vida nisso nunca é tarde para descobrir; é possível ser feliz.”

Não perderia mais tempo. Aproximou-se da moça gentil que lhe... “sorriu, sorriu, sorriu/como um rio, um rio, um rio, um rio que corre pro mar, o mar, o mar, o mar. Para amar, amar, amar, amar. Foi o que sentiu, sentiu, sentiu, sentiu...”

“ - Tá esperando alguém?

- Não.

- Senta aqui, tomar uma cerveja comigo.

-É que eu já tô de saída.

- Não tem problema. Quando for pra tu sair, tu sai igual.

E assim começa a conversa que pode ser o início de uma nova história de amor, entre um homem e uma mulher. Uma história que pode ter um desfecho bonito, doloroso ou indiferente, ou se estender ao infinito, através das gerações que vão surgir.

Autor: Miguel Guggiana.

Ilustração: Leandro Dóro

Data : 15/08/2012

Título : A vida é um relógio

Categoria: Poesia

Descrição: O relógio com seu

A vida é um relógio

O relógio
com seu

nos alerta sobre o tempo
que não volta
mas que sempre nos acrescenta
tirando a cada

sem alterar a cadência
um pouco de nós

Como agora
neste exato momento.

Data : 16/11/2012

Título : Aqui tá pior. Bem pior.

Categoria: Contos

Aqui tá pior. Bem pior.

Recebemos no nosso estúdio uma carta registrada, proveniente de Passo Fundo, fazendo referência ao texto “Dor de cotovelo”, compartilhado com nossos ouvintes na semana passada. A carta cita o livro As boas mulheres da China. Li. Recomendo para leitura. De conteúdo forte, nos levará a reflexões interessantes, muito embora vivamos em outra realidade. Os tempos são outros. Talvez ainda não na China.

Importante considerar que este caso carrega alguma dose de machismo no linguajar, retratando características da região do planalto médio do Rio Grande. Que poderia ser também de Minas. Da Bahia. De... E por aí afora. Só muda o palavreado. E assim diz o passo-fundense, preservada a grafia original:

“Sr. radiobloguista!

Que coisa o que aconteceu com teu amigo, hein! Elas tão assim aí é? Mas aqui tá pior. Bem pior. Pelo que vi, aí foi um radinho que atiraram. Eu sei, sei, de 1953. Tá bom. É grave também. Lembra do Compadre Lagoa? Fez a mesma coisa. Foi fazer uma serenata de desagravo, para inticar a mulher com violão e banquinho e cantar. Escolheu uma música até que bem bonitinha. “Minha eguinha pocotó”. Puta rapaz! Atiraram uma televisãozona, daquelas antigas, lindas, não se compra mais. Digo atiraram porque a mãe da desmilinguida ajudou. Jararaca. Tinha que ser de duas. Era pesadona. Era... Agora jaz em algum ferro velho. A veia é forte. Tão de quadrilha! Ah, tão!

Tchê, o Compadre Lagoa pegou o cavalo, um tubiano, e desceu a Brasil a galope levantando poeira. Foi parar lá em Coxilha. Lindo de vê! Não queria vir mais pro povo. O Nairo foi buscar ele de charrete.

Elas não têm diálogo. Queria ver se fosse lá na China se elas iam fazer esses desaforos.

Aqui na cidade anda um livrito, fininho, mas não li. Não tem figura. Mas a gurizada da Faculdade me disse que fala do tratamento que as chinesas tinham. É de amargá, rapaz. Barbaridade. O nome é As boas mulheres da China. Isso que eram boas, hein! Bah! Duma tal de Xinram. Vi o retratinho dela... Olha! É bem ajeitadinha.

Bueno, tchê! Pelo que os guris me disseram, comparando com a chinesada, aqui a gente trata elas a pão de ló. Vida mansa. Mas carinho e rédea curta. Essa é a receita. E assim mesmo reclamam de tudo. Jogá bocha passando das duas da manhã... já dá uma baita confusão. Tomá uma cachacinha com butiá... só escondido. Rinha de galo... esquece .Fumá um crioulo na sala... bah! Usá a escova de dentes delas... nem pensar. E por aí vai. Tão criando asa. Tão pedindo uma garoa com vento!

Mas, rapaz, aparece aqui. Pode vir de Kombi. Despacito. Despacito. A carreteira tá tranquila, com menos movimento. Vamo tomá um chimarrão, uma batida de Nescau com bergamota. Ou só proseá. Te prometo que não vamo passá pela Brasil.

Temo que nos organizá. A situação tá fugindo das nossas mãos.

Bueno, mas que elas são lindas são. E quando brabas então. Tu lembra quando..."

Vou encerrar por aqui. Vem chegando mais correspondências no nosso estúdio. O fax e o telex não param. Para os passo-fundenses, lá vai... Teixerinha com "Cinzeiro Amigo".

Autor; Miguel Guggiana

Ilustração; Icio, o Cartunista

Data : 01/01/2013

Título : As seis filhas do veio Natalino

Categoria: Contos

As seis filhas do veio Natalino

Alguém sabe o que que é melhor do que doce de mãe????

É retoço com prima! Alguém discorda?

Esse que falou aí é Beto, o letrado. Habitante aqui do Bar e meu parceiro de mesa nesta página. Na verdade disse uma grande verdade nessa pergunta e resposta. Reconheço a qualidade do dito, que escancara e intui significados de mais alto quilate cultural, filosófico, mas... Cala-te, Beto!De guela seca não vai. Garçom, a saideira. Serramalte!!

Bueno, já que é assim, vou contar um causo pinçado de priscas eras, não sei ao certo se na primeira ou se na segunda guerra, mas que aconteceu, aconteceu, juro de pé junto! Foi comigo!

Meu véchio comprou uns metros de terra lá pela bandas de Bom Recreio, colônia de Passo Fundo. Chegamos à terra prometida com uma mão na frente e outra atrás, de carroça, com meia dúzia de galinhas angolista, um galo carijó para dar conta das penosas e garantir o pedigree da raça, duas garrafas de canha, um jogo de baralho, uma eguinha, um potrinho e muita vontade, mas muita mesmo... De não fazer nada.

Mas não fazer nada naquelas grotas era impossível... Por uma questão de sobrevivência, tivemos que fazer uma hortinha com uns pés de couve, plantar dois pés de bergamota e, para complementar, o mínimo para uma subsistência digna,

surrupiar alguns leitões e espigas de milho de nosso vizinho lindeiro de terras. Tô falando do veio Natalino, dono da gleba vizinha, empreendedor nato, italiano trabalhador, exceção da raça, caprichoso que só ele na lide campeira. E pai de seis gurias.

E é por aí que começa o enrosco!

O seu Natalino, logo, logo, se deu conta que o estoque de seu portfólio agropastoril não fechava e desconfiou com quase cem por cento de certeza que seríamos nós os meliantes. A coisa ficou feia pro nosso lado. Tavam falando em vendetta, doutor advogado no meio, a Federal com a Delegada Helô no nosso pé, e o pior, o pior, iam acabar chegando nas razões pelas quais fomos corridos de nossa terra de origem, fronteira com algum país qualquer – omito por questão de segurança – que considerava contrabando crime grave, imaginem só. A injustiça campeira neste país... Que fazer... Que fazer... Exageros da lei!

Para apaziguar e dar um basta naquela pendenga, o que nos interessava, a comunidade elegeu como mediador entre as partes, numa reunião realizada na cancha de bocha da Igreja, o padre Francisco, argentino, mas gente boa, dizem que mais tarde autoridade eclesiástica em Roma.

Religioso ladino, sagaz, capaz de botar fogo em campo em dia de chuva, não teria dificuldades em mediar o impasse, o que efetivamente fez.

Ficou acertado a título de reparação, depois de quase duas semanas de visita do padre na casa do italiano, que um de nós faria uma visita com o intuito de conhecer uma das jovens e, talvez, talvez, entabular um colóquio social que culminasse com um enlace matrimonial. Até hoje não se sabe se o Natalino se curvou aos argumentos do padre, ou se o que apressou o acerto teria sido o fato de que o estoque de vinho, linguiça e salame que o religioso consumia nas visitas intermináveis de dias diminuía a olhos nus.

Não precisa nem dizer que o degas aqui foi o escolhido para tirar a famiglia desse impasse, pois, modéstia à parte, era um rapagão forte, talvez por ter mamado até os dez anos de idade, único que sabia ler e jeitoso com o mulherio, que o digam as gurias da Boate Chantecler, perdidas que eu procurava nas visitas financiadas pela expropriação de parte ínfima da produção do vizinho.

Paradoxal, paradoxal, eu vagou a não dar mais o salvador da lavoura, hehehe...

Na verdade, na verdade, a primeira impressão que tive das ragazzas logo que as vi numa quermesse da Igreja não foi das melhores, mas, com o passar do tempo, minha opinião foi mudando, talvez porque havia uma carência enorme da espécie nas redondezas, somada ao fato de a zona ficar algumas léguas longe, o que seria um atenuante àquela necessidade básica, me deixava com a sensibilidade a meia boca. Mas, gurizito esperto, penteado que só eu, resolvi não ficar somente com aquela impressão superficial e me dispus a examinar melhor a disponibilidade. Enfim, eram seis. Nada melhor do que espiá-las no banho diário na cachoeira ao final da tarde, quase ao entardecer.

Pulei a cerca, andei algumas jardas, enfrentei uma capoeira das brabas e me aboletei estrategicamente no meio do pastizal. Acomodei-me como pude naquele ambiente inóspito, protegi-me debaixo de uns pés de carrapicho de modo a ter uma visão privilegiada daquelas, agora, verdadeiras ninfas confundindo-se com sereias nadando cachorrinho graciosamente naquelas águas barrentas e cantando La bella polenta. Que coisa mais linda! Só não contava que o lugar escolhido fosse ali, ali, juntinho com um ninho de cobras naja, perigosíssimas. Que situação, que situação... Fiquei petrificado, eu olhava pra elas, elas olhavam pra mim, balançando os guizos, ameaçadoras. Um olho nas moçoilas, não queria perder nada, o outro nas cobras.

Não podia fazer barulho que me denunciasse... um peido n'água seria suicídio. Que faço??? Não tive dúvidas, repentinamente, silenciosamente, dei um bote com a mão esquerda no réptil maior e, é de não acreditar, fiz um nó de escoteiro na bicha. Serviu de exemplo. Foi um esparramo de ofídios fugindo que só vendo! Um casal delas foi parar na Índia!! Vejam só...

Enfim, afastado o perigo me dediquei a espreitá-las com os dois olhos. Mas não digo nada pra vocês...

Sim, nessas alturas não era só o Beto quem me acompanhava; mais companheiros de ócio desse estabelecimento se apinhavam ao meu redor escutando o caso - que espetáculo, que espetáculo!!!!

Por favor, por favor, não insistam! Não insistam! Sou um cavalheiro e ademais minha intenção ali não era locupletar-me com a visão de deusas nuas repousando por sobre vitórias-régias da serra, mas sim eleger uma delas como minha favorita com o nobre objetivo de uma união estável, se bem que pensei, que produção de primeira... p.q.p. Mas o caso é longo e preciso hidratar-me. Garçom, levanta! O bicho veio tava sentado ali junto à turba, embevecido com a narrativa, deixando o abastecimento etílico à deriva, com a cumplicidade do dono do Bar, também babando pelo transcorrer da saga.

A Saideira, desta vez, Gazapina! Bradei para o irresponsável de gravatinha. Tava pensando o quê? Que era garçom do Lula?! Que que é isso!!

Glu, glu, glus, no ponto. Que baita trago!

“Segue, segue! Adelante!! E aí??” O povo me incentivava a prosseguir.

Bueno, já que é assim, retomando... Tomando... Continuei deitando o latim.

Elas tavam tão próximas, tão próximas de minha retina, ali, ali, à mão de meus olhos, que rapidamente, não mais do que duas horas, bati literalmente o martelo n'água. É ela! É ela! A filha do meio do veio, feitosa que só vendo. Messalina tinha sido a escolhida pelos simples fato de ter postado na batata da perna esquerda um bandaid protegendo a ferida causada por uma mutuca. Esse pequeno detalhe, que me cativou, diga-se de passagem, prova que a sensualidade de uma mulher está onde menos ela pensa que está e mais onde nós determinamos que esteja...

Quem leu Proust sabe disso, talvez Beto, o letrado. Agora, o resto...

Vendo aquela plateia ali sequiosa pela narração, concluo que isto não é mais contar um caso, assume dimensão maior. Modéstia à parte, me sinto proferindo uma conferência como se o Bar fosse... Bueno... Uma abóboda celestial, com seres intergaláticos hipnotizados, clamando por um final feliz... Vamos adiante.

Marcada a data da visita, num domingo de Páscoa, almoço ao meio-dia, me apresentaria a família. Preparei-me; melhor, prepararam-me. Os meus, cientes do significado de que eu me apresentasse condignamente, me amarraram com arame farpado (não era muito chegado a banho), me colocaram numa tina e me esfregaram, me esfregaram. A sujeira era tanta que tiveram de mudar a água umas cinco vezes, acho que perdi uns dois quilos só ali... Caçaram piolho por piolho, trataram as frieiras com soda cáustica, e, o pior, dizimaram minha colônia de chato, adquirida nas minhas visitas na Chantecler aplicando methiolato puro. Essa eu senti. Não pelo desconforto. É que a gente acaba se apegando aos bichinhos.

Mas o resultado foi muito bom, ao final estava brilhando. A impressão que dava é que haviam me aplicado parquetina e lustrado com um uma enceradeira Walita...

Bem, chegou a hora de partir. Lembro-me como se fosse ontem. Na falta de arreios, peguei o pequenino colchão de palha de milho do bercinho de Neno, meu maninho mais novo, coloquei na eguinha e parti sob o olhar orgulhoso de meus entes queridos.

Pocotó... pocotó... pocotó... Eu, a eguinha e, nos acompanhando, o potrinho, rumo à felicidade!

Escuto ainda hoje, nostalgicamente, a voz da Mama recomendando aquilo que todos nós um dia escutamos quando íamos visitar alguém.

Modos, meu filho, não arrote à mesa!

Não limpe as mãos na tolha de mesa!

Filho, não deixe a camisa pra fora das bombachas!

Fica feio coçar!

Não escolha comida! (Se ela soubesse que já tinha me definido).

Cuidado com o os ovos!

Com esta última, meus parceiros ouvintes assentiram, balançando as cabeças – “que mãe, preocupação até com isso!”.

Pessoal, por favor, por favor, ela se referia a um balde com ovos de avestruz que estava levando como mimo à dona da casa, minha futura provável sogra.

O que era para ser uma jornada épica, no transcorrer, transformou-se numa tragédia turca. Tava sentindo a bombacha úmida e com um incrível cheiro de mijo. Claro, claro, não poderia ser diferente, o colchão do nenê... Mas... tava com as entrepernas assadas em razão da pouca proteção que o arreio improvisado oferecia. E, ainda como se não bastasse, a eguinha aprontou na chegada... A cada passada na frente da família do italiano, perfilada me recebendo, começou a flatar desbragadamente, sem cerimônia. Cada pocotó era um matraquear de foguetes. Eu sabia... Eu sabia... A eguinha desconfiou do objetivo de minha visita e fez aquilo como vingança, ciumenta que só ela. Ainda bem que não falava...

"Bahhh! Que situação! Santo Onofre! Não interrompam! "Conta mais...", a plateia exigia.

Bueno, vamos lá. Passa a garrafa!

Quando consegui frear a Mimosa, preparei-me fazendo pose para neutralizar aquele meu estado deprimente e, então, apeei repousando o pé naquele chão, num movimento simbólico de posse das terras que um dia seriam minhas, ao mesmo tempo em que lançava um olhar apaixonado para Messalina, que estava linda, linda, sorrindo meio que sem graça, como a mulher daquele quadro famoso, a, a...

"Mona Lisa", completou Beto, o letrado. Que cara chato! Me interrompe... Pensa que eu não sei?!

E aí, e aí, meus camaradas de trago. Sabem onde eu pisei, com pose, olhar e tudo o mais, com as botas novas de couro de zorrilho que papai tinha me emprestado...? Numa merda de cachorro, daqueles que comiam banha e que a produziam com qualidade, fedidas, das antigas, que emplastam, diferente das modernas e inodoras de hoje.

Eu naquela condição degradante, as pernas arqueadas tipo cowboy – o entrepernas em carne viva – a bombacha numa fedentina desgraçada, as botas em estado lastimável, consegui chegar à mesa amparado pelo padre Francisco, que não parava de mascar torresmo – naquele tempo não existia chiclete – sentei, sério que nem guri cagado atrás da casa, acompanhei as orações, e, graças a Deus, graças a Deus, foram liberados os comes e bebes. Pensei: o pior já passou... Ufa.

Lá pelo meio do almoço, uma balburdia só... Imaginem uma mesa farta, a italianada parlando, parlando, consegui lançar um olhar fulminante pra Messalina e pensei: é o momento de dirigir-lhe a palavra. Mas eis que, desgraça pouca é bobagem, de repente, gritos de alguém aos quatro ventos:

Il puledro sta mangiando pancia della giumenta! Il puledro sta mangiando pancia della giumenta!

De fato, a impressão que se dava de longe era que o potrinho estava comendo a barriga da égua. Claro, pensei, de novo o colchão de palha de milho do Neno. O potrinho, com fome, vendo aquela porção de palha de milho cheirosa e úmida repousando por sobre a barriga da Mimosa, não teve dúvidas...

“É bem possível, bem possível. A urina é rica em ureia, o que enriqueceu a palha de milho e a tornou agradavelmente palatável”. De novo, Beto, o letrado dando pitaco no meu caso. Deixa pra lá.

Foi aquele alvoroço, todo mundo levantando, inclusive eu, que ao fazê-lo, arrastei a toalha de cambraia de linho da mesa, a louça da bisavó da agora minha quase ex-sogra que tinha vindo das Europa de navio, a sopa de agnoline, aquele vinho especial para a ocasião, um prato de sagu dos deuses, enfim... Tudo no chão. O que aconteceu? Já explico! Inconscientemente, lembrando das recomendações da Mama – filho, não deixe a camisa pra fora das bombachas! – peguei, inadvertidamente, já meio tchuco, uma ponta da toalha e botei pra dentro das bombachas. Deu no que deu. Obedecer mãe de vez em quando dá nisso!

“Tenho uma dúvida. Se eram seis, como tua escolha chegou à filha do meio????”. Esse imbecil aí é o Doisidois Sanquatro, o matemático do Bar.

Esse é um mal que eu tenho, perco o controle de meus próprios personagens. Eles adoram estragar um conto desse naipe levantando detalhes inconsequentes. Esse é o resultado de ser um democrata nato. Que que eu faço? Sigo o caso????

“A saideira? Pode ser uma Nortênia????” – que pergunta oportuna do garçom. To salvo!

Sim, sim, a saideira!

E continuando, aquele prato de sagu foi cair exatamente no colo... Aí as moçoilas começaram a rir... O italiano gritou: esse guri só dá prejuízo, nem pra roça serve. O padre se desconcertou e disse: fique com a mula dele e tá tudo bem pago. Eu já não sabia pra quem olhar. A confusão estava formada. E já que tudo estava perdido, perdido e meio, eu disse: a Mama tá me esperando. E sai correndo a pé mesmo. Até hoje não sei no que deu aquela confusão...

Sinto pela Mimosa! Passa a garrafa!

Autor: Miguel Guggiana

Ilustração: Leandro Dóro

Data : 01/01/2016

Título : Bar e Borracharia Chuleta

Categoria: Contos

Bar e Borracharia Chuleta

“Tira esse auto daí!”. “Não tiro!”. “Tira esse auto daí!”. “Não tiro!”...

Aquilo ali me chamou atenção, e logo percebi que no futuro poderia render um caso de qualidade a ser compartilhado com uma plateia tão distinta e exigente como esta dos nobres frequentadores deste Bar – o que faço agora.

No caso em pauta, a minha condição de testemunha evita que resvale por inverdades, exageros, para o que sou induzido quando adoto casos de que ouvi falar,

que por requentados e requentados mudam de época e de rumo. Mas também tem uma coisa. Posso contá-lo assim na verdade nua e crua, tal como à primeira vista vi e escutei, o que levaria uma garrafa, no máximo, para tal. Meio que sem graça, acho. O verdadeiro causo, na minha concepção de contador, deve compartilhar através do verbo o que se vê e ouve, mas muito mais do que não se enxerga e não se escuta. Ainda que alguns possam julgar isso incoerente com o que eu disse antes. Resumindo, pra mim, “tudo que não invento é falso”, tomando a fala do Manoel (1), nosso parceiro de Bar. Portanto, pode haver uma mistura de estações, alguma confusão entre tempos idos/vindos, lembrança, memória – esta já meia-boca, a ponto de algumas vezes lembrar-me só daquilo que não aconteceu. Posso contar desse jeito?

- Queremos ouvir o causo. Chega de lero-lero sem pé nem cabeça..

- Pois bem, vamos lá. Garçom, fecha a porta. Não conto causo pra mais de cinquenta. Mas, onde mesmo que estava? Ah! No bate-boca. Finquei o olho na cena e apurei os ouvidos. Não poderia perder aquilo por nada nesse mundo.

A visão do todo a partir daquele ponto donde tinha uma vista privilegiada do mundo me facultava frestear o movimento da rua...

- Ponto?

- Amigo Vivaldino, sim, ponto! Depois de ser cabo corneteiro do Oitavo Regimento de Cavalaria, caixeiro-viajante, eu fui chofer de auto de praça. Tinha um fusca amarelo, com ponto bem em frente ao Bar e Borracharia Chuleta. Vamos combinar, só contação de causo não põe mesa.

- Mas tu não trabalhava de síndico do Bristol?

- Homem, isso foi depois. Bem depois. Retomando o causo, o motivo da discórdia, unilateral, diga-se de passagem, era um flamante simca vermelho, dos andorinhas, estacionado por sobre a faixa amarela, bem em frente ao Chuleta. E por falar no Bar e Borracharia Chuleta, que Bar! Coisa de primeira. De dia borracharia, de noite bar. Era um ambiente democrático, frequentado por dignos representantes da política local, posso até citar o Cunha, presidente da câmara de vereadores da comarca; os homens da lei, como o Comissário Rocha. das rezas, o padre Antão; da saúde, o Dr. Camargo; e da rafuagem, Chico Lampião. Para citar alguns. E a convivência, que beleza! Deitavam conversa fora sem olhar para ponteiros, jogavam pontinho, truco, par ou ímpar, snooker, liam o jornalzinho da cidade, acompanhavam a loteria pela Rádio Fantasia, com um detalhe: olhando sempre para as paredes, como que magnetizados por aqueles corpos esculturais.

- Pregavam mulher nas paredes? Porra!

- De certa forma, sim. Eram as peladas da folhinha da pirelli, que, não obstante todos aqueles anos de parede, em ambiente insalubre e diante de olhares famintos que refletiam flashes, como que partindo de uma kodak, iluminando-as, não perdiam o tamanho da belezura. Nesse meio tempo, entre as conversas e os olhares, no entremeio, passava o Damastor, com um bloquinho sebento, falando baixinho, quase segredando, “aí, irmão, vai uma fezinha?”, evitando, por questões éticas, oferecer às autoridades ali presentes. Amigos, jogo do bicho já era contravenção na época. O cardápio, no que correspondia aos bebês era só serramalte. De garrafa. De latinha, nem falar... Os comes, coisa já mais sofisticada: Joelho de porco frito, torresmo no vinagre, ovo cozido no vidrão. Nas quintas? Ah! Programação especial. O melhor espetinho de gato da cidade feito em churrasqueira daquelas fabricadas com metade de um tonel, que um dia serviu para afogar câmaras dos dunlops, firestones, goodyears da época, acompanhado pelo choro de uma oito-baixos, dedilhada pelo Mestre Alcides, que entre um cochilo e outro, acantonado junto a pneus carecas,

desdobrava uma do Teixeira. Tudo isso sem muito luxo. E mais não precisava. Pra quê!?

O estabelecimento funcionava vinte e quatro horas, sempre. Sempre? Minto. Que me lembre, uma única vez, quando o Otacilio suicidou-se, enforcando-se com o sutiã amarelo-banana da Esmeralda, por puro descorno. A borracharia cerrou as portas, decretando luto fechado por trinta dias, em sinal de respeito com um dos seus. No mais, se não me falha a memória, funcionava dia e noite, noite e dia.

- Tá, tudo bem! Mas o que o Chuleta tem a ver com o simca e com os personagens? Não tô entendendo bosta nenhuma!

(Leitores, acho que falei demais do bar e me perdi... Tá faltando cachorro na história. Vou chamar o Chuvisco. Pish-pish-pish, venha, venha, venha...).

- Calma, Ricardinho. Acontece que o Chuvisco, pulguento sem pai nem mãe, adotou o local como seu lar.

- Chuvisco?

- E ali se criou, socializando de um lado pro outro, no meio das pernas dos frequentadores, assuntando, atentamente, as conversas dos humanos, e recebendo, a cada balançar de rabo, olhar pidão e saliva a chover dos beiços, nacos dos acepipes que seus parceiros lhe obsequiavam. Vida luxenta para um cachorro chinelão! Melhor que isso, mal comparando, só vida de artista da Globo. Até que naquele dia fatídico inventou de sair à rua, bem no momento daquele tira não tiro. O cachorro não morava no Bar? E não saiu do Bar e foi pra perto do simca? E bem no meio do furacão? Sim, pois então! Como não tem uma coisa ver com a outra? Portanto, o Chuvisco foi peça fundamental. Não fosse o Bar e ele, acho que até hoje aqueles três estariam verbalizando a mesma ladainha, “tira, não tiro, tira, não tiro”, e por, conseguinte, eu não estaria contando este caso aqui.

- Três?

- Sim, a dupla de Pedro e Paulo, de um lado, e o Silveirinha, de outro. O Pedro era o Sargento Tenório e o Paulo, o Capitão Nascimento. Parado na calçada, junto à porta do simca, o Silveirinha. Lembram dele? Parece que tô vendo a cena. Silveirinha, puro osso, metro e meio de carcaça, daqueles que não fediam e nem cheiravam, vestindo uma boca de sino, combinando com impecável camisa de linho inglês – look até que caprichado demais para aquele pingão de homem –, cofiando lentamente seu bigodinho rouba-moça, olhando além do horizonte, fazendo que a coisa nem era com ele, enfim, no mundo lua. O que o sem noção do Capitão Nascimento vociferava – “tira esse auto daí!” – entrava por um ouvido e saía pelo outro. E recebia, em resposta, num imperceptível fremir dos lábios, um frio, mecânico, sem vida, preguiçoso “não tiro”.

E o povão, que gosta dum enrosco que só vendo, que não vê hora de botar fogo na lenha, se juntou em torno, à medida que a temperatura do ambiente aumentava, já beirando a casa dos mil graus. Alguns diziam: “tira esse auto daí! Vai sobrar pra ti!”... Outros, tentando proteger o Silveirinha das garras da dupla, arriscavam: “Não têm outra coisa pra fazer? Vão prender bandido!”. Outros, ainda, a turma do pau ferro: “não tem pequena contravenção! Multa e cadeia pro Silveirinha! Manda pra Curitiba”. Os borracheiros – era de dia –, capitaneados pelo Damastor, se propunham a empurrar o auto para os limites da sinalização de estacionamento permitido, afinal, não dava meio pneu além da faixa. Só isso, e a confusão estaria abortada. O que pra mim seria terrível. Ocorresse isso, não teria caso e, por conseguinte, caso.

Quase que me estragam a história, quando o Chuvisco foi se chegando, como adiantei, no meio da barafunda, como quem não quer nada, ignorando o campo minado em que a calçada estava prestes a se transformar. Mirou o vistoso banda-

branca do simca, levantou a perninha e, de repente, mudou de ideia, recolheu a arma, caminhou mais uns passinhos, levantou a perninha, liberou o instrumento e, na maior pose deste mundo, não teve dúvidas – deu aquela mijada dos deuses na botina lustrada do Capitão Nascimento. E eu, atento, só observando na barafunda que aquilo tudo iria dar. Mas não deu outra. O homem da lei virou num bicho, mais do que estava com a desobediência civil que o Silveirinha demonstrava com seu tô nem aí. Sacou dum relho trançado e desferiu um manotaço na fuça do mijante. Que coisa mais séria. O cusco saiu esganiçando em dores, num gritado só, e, meus amigos, o Silverinha, diante de tamanha barbaridade, se acordou, num repente, daquela sua postura letárgica, botou a mão no bolso – até pensei que fosse para dar aquela coçadinha básica. Mas nada disso! Sacou foi uma pitoca carneadeira, avançando no de farda: “te furo, te furo”. Que escarcéu! Foi um pega daqui, pega dali que só vendo. Correria geral. Mulher desmaiando, o comércio da redondeza fechando as portas – a borracharia foi a única que não, fazendo jus ao neon da fachada “aberta dia e noite, sempre”. Bom de briga, fiquei me coçando para tomar parte na refrega ao lado do mais frágil, mas resolvi que não. Mas não por medo! Já tinha comido toucinho de porco com muito mais cabelo do que aquele, sem arranhar a goela, então, não seria daquela vez a me apichar. Mas por prudência. A hora não era de tercear ferro. Se ferido fosse, ou mesmo morto, pensei, quem contaria este caso? Rápido, visando me proteger de uma facada perdida, me entrincheirei debaixo do fusca. Amigos, é de não acreditar! Quem encontro lá? O Chuvisco – com o perdão da palavra, num cagaço só, tremelicando, à beira de um colapso, ante a agressão recebida. Pois é, essas coisas acontecem. Continuo. E o pior, além de estar ali, colado no asfalto, contra vontade, desconfortável, recebendo o bafo de onça do Chuvisco e lambidas na cara, inutilizei minha jaqueta de couro uruguaio, que ficou tapada de óleo, que teimava em pingar do motor bem em cima de mim. Que situação mais encardida!

Mas Deus é bom e não permitiu que acontecesse tragédia maior. Com a chegada do reforço a folia acabou. A ambulância recolheu o Capitão Nascimento direto pro Posto de Saúde, com dois talhos na bunda, sem a túnica e só com uma perna da calça, cueca samba-canção exposta ao público e, pasmem, sem o pé direito da botina. Que fiasqueira! O Sargento Tenório, que tinha ido buscar o reforço e não apareceu mais, dizem que até agora anda caçando pokémon por aí. E o Silveirinha? Foi levado gentilmente pra DP, nos braços de doze brigadianos.

- Se não me falha a memória, o Silverinha é o mesmo aquele da Dirlene Aparecida?
- Seu Nilo, o próprio: Alaércio da Silveira, o Silveirinha, de corpo presente. Pelo que eu soube, ele foi comprar na venda da esquina uma lata de Leite Moça pro Bidu, cão de madame da Dirlene, e... Fugiu. Simplesmente fugiu. Não aguentou as exigências libertinas da mulher, que queria fazer coisinha todas as noites, a morrer, quando se propunha cumprir suas obrigações de forma mais controlada, quatro a cinco vezes por semana com grau de intensidade moderado – papai e mamãe – e leve tempero aos feriados.

- Fugiu da raia!?

- Nada disso, Amantino. Não lhe faltavam competência e apetite, e tampouco lhe importava a pecha de ser o homem objeto da mulher. Foi porque botou na cabeça umas minhocas, acho que por influência da revista Eu Sei Tudo, onde andou lendo algumas bobagens que diziam que a frequência exagerada no fric-fric, aliada à selvageria do ato, como no caso do casal, com o tempo, afilaria sua credencial, não prejudicando o comprimento, mas o diâmetro. Em dez anos, no máximo, ele se tornaria corpo de lombriga anêmica, o que, convenhamos, é de pouca serventia. Para vocês terem uma ideia: tipo faca de açougueiro, fina e comprida. Entenderam? Diante

de tudo isso, posso dizer de cátedra que o Silveirinha deu no pé de cabeça erguida, sem sombras a manchar sua macheza.

O homem, que já não tinha muitas luzes, diante da opção tomada, que no fim gostava do frege – a ponto de sair-lhe estrelas dos olhos – e ainda mais da Dirlene, mergulhou mais ainda na escuridão, se refugiando no mundo da lua, onde pensava, por certo, curtir solitariamente sua paixão recolhida. Diria que enlocou de vez. Mas era ela ou ele. Ele escolheu ele. Amigos, já dizia Duque de Caxias: “a vida é feita de escolhas”.

- Que fim levou o Silveirinha?

- Colegas de trago, pode-se vê-lo ainda por aí, vagando que nem alma (de)penada, à deriva nas esquinas, na mesma postura de estátua de feira. Agora não mais só... Acompanha-lhe o Chuvisco, de quem é fiel companheiro. Como sempre, nada lhe chama atenção ou lhe tira a paciência, a não ser que agridam, deem um chega pra lá, ou mesmo um inocente “já daqui” em qualquer sarnoso nas suas barbas. Aí, amigos, cada um por si e Deus por todos. Tão avisados! Por essas e por outras, tivesse eu tempo, escreveria uma tese: “o homem é o melhor amigo do cachorro”. É ou não é?

- Uma pergunta? Onde?

- Eu aqui, à esquerda?

- Ah! Desembucha, amigo Marx!

- Quantos anos de cana o homem levou por desobediência e agressão aos gorilas? O sistema penal burguês...

- Ué! Nenhum. Foi solto na mesma hora. Como assim? Não tinha nada a ver com o caso, tava ali de bobeira, como poderia estar em qualquer outro lugar. Eu soube o que aconteceu na delegacia pelo Dr. Freud, psiquiatra do Delegado Figueiredo, que tratou deste por um bom tempo.

Bem... Silêncio! Querem escutar o que aconteceu com o Silveirinha na delegacia, ou não?

O Delegado Figueiredo, daqueles formados pela cartilha do vai ou racha, pela sua postura fascista, fazia os meliantes vomitarem já na entrada do gabinete o que fizeram e não fizeram, antes de iniciar o interrogatório. Sabedor de antemão do que acontecera, se propôs a aliviar o lado do Silveirinha, considerando sua postura republicana na defesa dos animais. Preparou-se para recebê-lo. Quando falou preparou-se, na verdade, quero dizer transmudou-se, incorporando, na ocasião, seu lado de monge tibetano. Muniu-se de toda a paciência do mundo, e na voz mais delicada que tinha a seu alcance perguntou: “seu Silveirinha, não era mais fácil tirar o auto dali?”. E o Silverinha, encolhido na cadeira, alisando o bigodinho, no seu estilo, balbuciou alguma coisa inaudível. “SEU SILVERINHA, NÃO ERA MAIS FÁCIL TIRAR O AUTO DALI?”. E dando-se conta de que já estava alterando a voz, complementou com toda suavidade possível: “seu Silverinha, nada disso seria necessário se tivesse atendido o pedido da autoridade”. Silveirinha respondeu quase num fio de voz: “não”. “E POR QUE NÃO?”. “Porque o auto não era meu!”. “E POR QUE NÃO DISSE?”. Segundo descrição do Dr. Freud, com o vozeirão do Delegado, o bico de luz da sala fez ploc, espatifando-se, e a térmica do chimarrão veio abaixo com o tremer dos móveis, os vidros da delegacia quebraram-se em mil pedaços, e a botina fedida do pé direito do Capitão, que estava em cima da mesa, voou duzentos e trinta e dois metros, no mínimo. “E POR QUE NÃO DISSE?”, repetiu, aproximando-se do meio-quilo, cara a cara, com uma mão do lado do ouvido em concha, assim ó, assim ó, para facilitar a escutação: “E POR QUE NÃO DISSE?”. “Ora, ninguém me perguntou”. O homem desta vez falou um “não mereço” num gritão tão mais alto, mas tão alto que o Silveirinha zuniu pela janela indo parar no laguinho da praça, em cima do chafariz, causando um estrondo que, de tão estrondoso, repercutiu na quadra inteira. A

bicharada do bem revooou em fuga, ficando tão somente os abutres à espreita rondando o que restara do Silveirinha. Foi aí que o Delegado surtou de vez, saindo campo afora no meio da rua, gritando: “me tirem os tubos, me tirem os tubos”. É bom que se diga que essa parte do interrogatório estou repassando da forma que recebi, sem uma linha a mais ou a menos. Se verdade é, não garanto, pois não boto a mão no fogo pelo que os outros contam, mesmo tratando de uma pessoa conspícua como o Dr. Freud.

- Perguntar não ofende... O nome do estabelecimento era Chuleta. Por que que no cardápio não tinha uma chuletinha de porco?

- Que mal pergunte, naquele tempo, sei que existia abacaxi, pêsego, figo e até salsicha em lata. Agora, cerveja em lata? Me poupe.

- O capitão puxou dum relho trançado. Não seria cassetete?

- Calma, senhores, um de cada vez. Me reservo o direito de responder ou não. Aí, amigo Berlusconi, que tá pedindo a palavra, solta o verbo.

- Que que a botina fedida do Capitão estava fazendo em cima da mesa?

- Amigo, foi recolhida pela perícia e fazia parte do corpo de provas. E paramos por aí. Garçom, traz a última saideira que vou tomar neste Bar. O nível das perguntas atropela o que eu sempre digo: caso é caso. A verdade a gente fantasia e compõe, como avisei no começo da prosa, e é o que eu faço. Querem coisa melhor, chamem o William Bonner. Tá solteiro e cheio de coisa pra contar. Talvez se saia melhor do que eu. Lembranças para os conhecidos. PT saudações. Fui.

- Calma, toma esta por conta da casa. O caso até que tá bom. O que seus colegas de trago sentem, sendo esse o motivo de alguma inconformidade, e eu sou portador disso, é que falaste pouco, quase nada, das peladas da pirelli, que eles dizem que é onde está a coisa boa da vida.

- Obrigado, Garçom! Se é assim... Amigos, desculpem a falha. Tinha mulher pra todo mês, imaginem a fartura. E que mulheres. Uma em particular, sueca, de virgem, uma noite daquelas, vocês não vão acreditar, jogou-se da parede cansada de ter a bunda junto no reboco todos aqueles anos, nuazinha da silva, com tudo em cima, de ponta cabeça na imaginação daquela gente, que sonhadora, aguardava por anos um milagre daquele feitio. Greta Garbo, no esplendor de sua beleza nórdica, caiu no gosto do pessoal. Era muito mais do que uma mulher no papel. Era um sonho de mulher! Ou seria uma mulher dos sonhos? E só deles! De todos eles, numa promiscuidade saudável e convivência pacífica. Até que ela perguntou por um de bigodinho rouba-moça. Foi quando bateu a ciúmeira, o circo pegou fogo e aquela relação sadia quase foi pro vinagre e... Isso é outro caso. Continuo.

Mas sabem como é, esse tipo de situação que tava acontecendo corre solta na boca do povo. A turma do Chuleta enlouqueceu! Tão vendo coisa! Tá um climão lá dentro! Diante de todo esse rebu, o pessoal do Clube do Comercio – liderados por quem? Seu Justino Rosendo, o probo –, tentando ser solidário, se cotizou numa ação entre amigos, contratou o Dr. Freud para fazer uma imersão no Bar junto com seus habitantes e tratá-los, no sentido de fazê-los voltar à realidade, acabando com a locuragem. Bem, turma, a gelada se foi; o resto conto outro dia.

- Momento! No que que deu? O Dr. Freud tocou psicologia pra cima da cabeça deles?

- Celestino, deu merda total. O homem contaminou-se a ponto de apaixonar-se à primeira vista pela Greta, deixando a família e arranchando-se no Chuleta. Diz de boca cheia, entre um gole e outro, que mulher igual aquela não existe. Vá compreender essa gente. Por hoje chega.

- Afinal, era de carne e osso? Era fantasma? Era uma mulher inflável? Existiu mesmo?

- Calma, compadre Arquimedes, essa excitação toda não faz bem prum sexagenário. Há controvérsias a respeito! Pode ser que sim, pode ser que não. Duma coisa eu tenho certeza, nunca apareceu no turno da tarde. Me afirmou categoricamente o seu Justino, de viva voz, que ante a cada cair de noite, no romper da madrugada ela pulava feito uma gata siamesa, miando como só ela sabia, para delírio dos borrachos ali presente, para donde veio: o mês de outubro, na folhinha. Alguém duvida da fala do homem?
- Que sacanagem! Como sempre, trabalhador fica em segunda mão. Para a burguesia, tudo!
- Amigo Marx, vamos deixar por aí, se o caso se alongar demais vai faltar cerveja. E por falar nisso, Garçon, levanta e traz a saideira, gelada.
- É pra já, chefia. Merecida, por sinal.

(1) O contador deste caso se refere ao poeta brasileiro Manoel de Barros. Causo inspirado em relato de Rocco Tomasi.

Data : 01/01/2020

Título : Bar em quarentena

Categoria: Contos

Bar em quarentena

Amigos, mais um causol!? Vamo lá então, para passar o tempo, já que estamos aqui – vinte gato pingado – em estado de sítio neste Bar, sem poder sair por causa do tal de coronavírus. Mesmo que a gente quisesse – e a gente não quer, diga-se de passagem –, não ia poder se afastar do recinto. O Conselho Tutelar proibiu e alertou: o veio que sair, um carro preto recolhe e vai pro sabão. Logo, ficamos por aqui mesmo, onde se sofre melhor, entrincheirados, de orelha em pé, encagaçados nestes tempos de fim de mundo, em que o futuro se mostra escuro – a morte, que nos procura empurrada pelo bichinho doentio, à espreita, pronto pra dar a bocada. Que barbaridade! Mas nem por isso vocês vão ficar dando pitaco no meu causol. Senta e levanta, senta e levanta, num arrasto de cadeira só, cochichos, roncões e outras cositas más que me tiram o rumo das ideias. E, por favor, quem der um espirro vai em quarentena encerrado na patente, até sarar, e sem trago. Tão avisados. Bom, sem mais delongas, vamos ao causol.

Este me veio nas palavras por ouvir falar e me instou a cotejar com outros semelhantes que a história nos revelou: casais unidos por um laço qualquer, mas que determinou sua união eterna, tanto que até hoje se comenta sobre eles. Mas já vou adiantando: esses dois a que aludo no decorrer da prosa são desvestidos de glamour, por serem figuras comunzinhas, sem grife. Pra resumir, quase que chinelões.

- Este teu causol tem mulher no meio?

- Astrogildo, tem, mas numa versão mais light, já que os envolvidos são adolescentes. Então sem exageros na descrição. Lembra de Romeu e Julieta? Se assassinaram por amor, parece que a família não aprovava a relação. Bonnie and Clyde, que fizeram misérias nos states roubando bancos e matando a fuzéu. Sininho e Peter Pan, que viveram romance de brincadeira, sobrando pro Peter a fama de indeciso que lhe

manchou a honra, nódoa que até hoje perdura em sua figura, e ainda, pra esculhambar de vez, suposto romance da Sininho com o Capitão Gancho. Pode? A Branca de Neve e os Sete Anões! Octógono amoroso? Bonito na sua época... Hoje os baixinhos seriam presos, ou ela, conforme o delegado de plantão: relação pedófila, aproveitamento de “de menor”, e não quero dizer nada, parece que dormiam juntos na mesma cama. E se a Branca fosse a vilã?! Hein?! Fazia os coitados trabalharem pra ela, de graça... Aqui ó! Hum, vou parar por aqui. Todos esses a que me referi unidos por amor, tragédia, luxúria... Personagens portentosos, tanto que até hoje estão vivos na lembrança de todos nós.

Pois é! O casazinho a que me refiro, que se enlaça por razão simplinha, prosaica até – seus nomes –, talvez nunca terá a mesma visibilidade daqueles outros enamorados que citei. Eles não farão parte da história, mesmo depois de entrarem num caso meu, mas vale a pena tomarem ciência pela singularidade que os une.

Ele, gurizito já taludo, de olho nela um punhado de dias, desde que as aulas começaram no Grupo Escolar ali do bairro Tunda de Laço. Era uma peça, metido a pegador, bom de papo, onde tinha briga tava metido, nota cinco no colégio. Sabem, aquele que não vai nem pra frente, nem pra trás... Tipo do vileiro, mas que ao ver a guria babou na gravata. Já havia até se prometido remissão total se fosse correspondido. Decoraria até a tabuada!

Ela, bem, ela era uma prova da existência de Deus: linda, bem na fronteira de guria pra guria mais formada, risonha, sempre com aquele sorriso, uma boca, então, na visão do traste, pedindo beijo roubado, e uma baita cdf no colégio. Diferentes que nem água pro vinho. Enfim, se não houvesse aquele entrelaço, as chances de uma união feliz seriam zero à esquerda pros dois.

Garçom, traz uma polar bem gelada! E sigo o caso.

Nosso herói armou a arapuca na hora do recreio. Não poderia mais protelar a laçada. Arriscaria, como tentativa de abordagem, piscada de olho pedindo namoro? Sinal de positivo? Um fiu-fiu? Mandaria um bilhete perfumado, mesmo que com garranchos? Conversou consigo mesmo, rapidamente, e decidiu meter os peitos, partindo do princípio de que conversando a gente se entende. Disparou, coração em chamas, pernas num tremelique só, e, para puxar assunto, numa voz entrecortada, de borracho, lascou: gata, qual é o teu nome?

A dita cuja, pega de surpresa, pensou da boca pra fora: quem é esse fulaninho? Vaitecatá! Quequetapensando? Mas, do nada, como que empurrada por força maior, arregalou os olhos e disse: meu nome é Maria Das Dores. Tu pode me chamar Das Dores. E o teu? Pronto, definiu-se o destino dos pombinhos: João Paracetamol!

Amigos, unidos pra todo o sempre, pela singularidade improvável da união de dois amantes apenas e tão somente pelo preciosismo dos nomes. Bem, pessoal, acho que é isso...

- Ué, terminou o caso? Só? Não entendi bulhufas! Pode começar do início de novo? Todo aquele conversê pra isso!

- Silêncio! Porra, vocês não prestam atenção?! Chega por ora. Garçom, e a saideira? Polar!

- A polar tá em falta. Pode ser corona? Tá no ponto!

- Pode e deve!

Data : 30/05/2015

Título : Cambicho brabo

Categoria: Contos

Descrição: Realmente, aqui entre nós, Ataíde não precisava, nesta altura, em meio caminho entre a vida e a morte, mais pra lá do que pra cá, esgualapado pelas invernias...

Cambicho brabo*

Realmente, aqui entre nós, Ataíde não precisava, nesta altura, em meio caminho entre a vida e a morte, mais pra lá do que pra cá, esgualapado pelas invernias, cansado, borracho, mas feliz, passar por aquela vergonha toda.

Índio veio, dedicado à lide do campo, se restringia a passos simples, quando muito uma passada na cancha de bocha, uma carreira em cancha reta aqui, outra ali, sempre com o General, cavalo irmão, que nunca focinhara a fita, mas sempre senhor da rabeira... Não importava... Uma doma... Um carteadado... E de quando em vez uma noitada na casa da Setembrina, proxeneta competente, onde arrebanhava uma percanta e saciava sua sede e fome, sem muito teretê, sendo seu coração, até então, isento de talho de china traiçoeira.

Até então. Porque, como sempre digo, um dia é um dia, e esse dia pode chegar na hora errada, como foi o caso que conto neste caso, praticamente no ocaso do taura Ataíde.

E este agora, sofrendo, abichornado que só vendo, pensando na sirigaita, talagando uma purinha, pitando um de palha e afiando a cabo de prata, pensando nesta, sua companheira de tantos entreveros, que, na falta do trabuco fazedor de viúva, o defendia e também fazia judiaria, cortando a garganta dos inimigos invisíveis, sem nome, nos entreveros entre maragatos e chimangos. Seria ele um chimango? Um maragato? Mais queria esquecer aqueles tempos e as lembranças em que o aço conduzido pela sua mão fazia jorrar sangue anônimo e arrancar estertores sofridos... Ela novamente cortaria mais uma, de orelha a orelha, por mais preciosa que fosse... Questão de honra!

Uma tragédia se avizinhava. E das grandes!

Conhecera a Ritinha numa dessas visitas à Setembrina, onde como sempre daria aquela aliviada reparadora, sem nunca imaginar que daquela vez deixaria a cola na cerca. Desde que a viu sentou nos tentos. Guria mulher, meio negra, meio índia, cintura fina, pés pequenos, olhos verdes-couve iluminados, tetas fartas, verdadeiro descaminho vestido de chita vermelha. Na sua visão, porém, não conseguira ver só carnação macia e forte, mas muito de castidade e delicadeza. Seria uma Nossa Senhora nativa? Uma boneca de louça? Ou uma borboleta colorida?

O que teria escravizado e mexido com a macheza debilitada do Ataíde? Seria a beleza sem reparos, suas qualidades de devassa que o saciava nos pelegos, ou aquele outro lado, mais de cheiro, de frescor, que na composição gerava uma mistura fina? Vai saber!

Só para vocês terem uma ideia de como era a coisa: já comeram um creminho de maizena, amarelinho e doce, polvilhado com canela em pó? Sempre queremos mais e mais. Pois é... Ataíde deitou-se com a Ritinha e acordou encambichado. Aquela não fora apenas a celebração efêmera das diferenças entre um homem e uma mulher. Muito mais que isso. Acabou levando o doce pro rancho.

Irmãos de borracheira, que situação periclitante!

Deu uns bons pilas pra Setembrina, Ritinha na garupa, agora promovida a prenda, seguiu a trote pro rancho, cortando a friagem e a neblina, cantando promessas de ofertar-lhe felicidade, amor, magia, trato do bom e do melhor, e até casório, com vestido de noiva e tudo mais. Como diriam lá na fronteira: o Ataíde cagou na maneira! No tempo que se sucedeu o rancho se transformou, ganhando quinha nova, cortinas coloridas, até a chapa do fogão apreciou brilho, transformando-se, de tapera em verdadeiro castelo na aridez da pampa. O Ataíde nem se fala... Abriu mão de alguns modos e incorporou outros, comprou escova de dentes, ceroula nova, passou a tomar banho todos os dias, cuidou até de friteira de estimação, cuspidora só pela janela, e até o Chuvisco, guaipeca companheiro, se enquadrou – não se atrevia a meter as patas além da soleira da porta... Mimo e luxo não faltavam pra Ritinha: rendas, sapatos, água de cheiro, sabonete de ervas e passadio do bom e do melhor. Esse trato todo aflorou ainda mais sua boniteza.

Amigos, sem dúvida nenhuma, a chegada daquela alegria em forma de maria preencheu e coloriu de arco-íris a paisagem daquele fim de mundo, sufocando o gris da solidão que até então, soberano, reinava.

Bem, nem tudo são flores. A guaiaca do Ataíde vivia estourada com a conta com o Nacib, o mascate que cruzava por aqueles fundões. Mas valia a pena; o homem tava feliz da vida, chegando ao ponto de falar com as corruíras e ver nos movimentos desengonçados dos quero-queros passos de milonga figurada. Como veem, cambicho do brabo se instalou naquela carcaça empedernida.

Aquele período açucarado, quando alimentou seu corpo e sua alma na plenitude e que na sua rudeza até então nunca havia conhecido, durou até o verão, quando a infelicidade chegou de trem na figura de um moço, boa pinta, fala macia da cidade.

Mas parece que tô vendo o xiru com o olhar decidido, passando a faca na chaira, buscando a excelência do fio matador, ciente do que teria de fazer... De orelha a orelha. Sem volta, pensava.

Chamou a Ritinha. Chegara a hora.

Acontece que um pé de vento trouxera-lhe a notícia de que a Ritinha andava de retoço com João, o filho do patrão, Coronel Mundico Terra, que chegara dos States cheio de títulos de doutor. Essas coisas de diz que disse, mais ou menos isso, não te digo nada, quase certeza de que era, assim como vêm se espalham, lançando a honra do homem campo afora. E Ataíde, que não era bobo de hoje, acusou o soco do balde suportando a dor no osso do peito. Sabia que esse tipo de desdita só se repara com sangue! E assim seria.

Mas homem de religião, antes de qualquer providência, trocou ideia ao pé do ouvido, junto a pequeno altar, com Maria Pequena, santa de sua devoção, não para que lhe indicasse o norte – este estava decidido –, e sim para que lhe guiasse o corte na garganta certa. E Maria Pequena, com sensibilidade, sabedoria, de santa campeira, lhe deu o recado do que deveria fazer, soprando-lhe baixinho, em linguajar chulo até, mas na medida certa para a compreensão de um bruto de miolo mole:

- Pega teus mijados e some. O General te levará até a Setembrina. Não te preocupe, ele sabe o caminho da volta.

Ataíde disse isso com voz sumida, de cabeça baixa, de forma que seus olhares não se cruzassem e ela não percebesse o rolar de pingo avinagrado, que teimosamente rolava em seu rosto, em câmara lenta, chorando mansinho, e, também, para que não corresse o risco de, olho no olho, sucumbir aos feitiços da cafuza.

E seguiu afiando a faca, e pensando... O pior fizera – escorraçara sua cachaça para os quintos do inferno –, e para o que viria não lhe faltaria cabelo no peito.

Quem montou no General, na visão do Ataíde, não foi a Ritinha; foi um traço somente, visto que sua beleza, agora sem sustância, esmilinguiu-se e seus agregados lúdicos esfumaçaram-se. Mandara embora o vulto, mas o cheiro de flor de laranjeira ficara em sua pele... Espinhando... Espinhando... Pobre homem.

Até o General se dera conta dessa mutação e, solidário a seu patrão, marcou seu marchar de acordo com o agora, incorporando um matungo da melhor qualidade, abrindo patas de sua condição de nobre corcel.

Tudo nos conformes? Mais ou menos tudo, com alguma inconformidade... Sigo o caso. Passa...

- E a Ritinha?

Calma, Rodrigues, já chego lá. Passa a garrafa primeiro que já tô de goela seca.

Glu, glu, glu, no ponto... Natalino tranca a porta, não conto caso pra mais de cinquenta. E sigo adiante...

Azulou pela estrada, sem olhar pra trás, feliz da vida. Coisa de guria – não tinha percebido do que escapara, graças ao amadrinhamento de uma entidade, que lhe deu livrança de barbárie que sua carótida merecia. Não se dera conta, mercê de ingenuidade e inocência, penso, de que cravara uma adaga no coração virgem do Ataíde e lhe manchara a honra por conta de seu mau passo. Mas tava de cabeça virada, pensando que aquela vida até ali já não mais lhe servia. Panos e cheiros baratos! Carreteiro todos os dias! Ela, uma mulher de sala e fogão! O velho paspalho enloucando, batendo trela com o passaredo. Ah, e agora, com seu novo amor de mãos de seda a seus pés, que prometia levá-la pra cidade grande e que não cansava de chamar-lhe com sotaque gringo de minha flower, deixaria de ser mulher de pouca recomendação para assumir estatura de mademoiselle. Mademoiselle Ritinha Terra, já estava escutando chamarem-na assim! A Setembrina que a esperasse sentada. E tinha mais, junto com todas essas benesses, saborearia uma doce vingança, que, por linhas tortas, se lhe apresentava de colher, ao seu colo saudável.

Eu não disse!? Tragédia das grandes se avizinhava.

- Posso perguntar? Eu, aqui no fundo! Que que a...

Já sei Arquimedes, queres saber o que a Santa disse pro Ataíde. Não tem paciência? Já conto. Pede um picadinho de linguiça frita, que beber no seco não dá. E sigo o caso.

Ataíde, antes de sair para consumir sua vendeta, tocou fogo no rancho como que apagando aquela fase que por lapso de tempo lhe cobriu de amores... E dores também. Sabia que não mais voltaria àquele lugar. Na verdade nua e crua, iria procurar duas mortes, a do janota e a sua. Não teria escape, sabia que cortando a garganta do filho do patrão, este, maleva como todo coronel, viria com dezenas de capangas buscar vingança. Ataíde não era homem de pedir bexiga pra ninguém. Enfrentaria sozinho a contenda, e sabia que levaria chumbo grosso, pontações e cortes em seu lombo, mas, também, antes de fenecer, levaria alguns consigo. Mas valeria a pena; sua honra seria resgatada, mesmo à custa de sangue manchando os verdes campos.

Mas graças a Deus não houve essa mortandade toda!

- Como assim, não correu sangue? É a tragédia que falaste? O quê?

Amigos, eu disse que uma tragédia se avizinhava, nunca que chegou. Foi quase uma. No final quase todos saíram bem no retrato. Desse jeito vou começar a gravar meus casos... Dúvidas? Sigo adiante.

Acontece que o Ataíde, a meio caminho de seu objetivo, inventou de chegar na bodega do Chico Ruivo e lá não resistiu aos encantos de uma purinha da qual estivera longe por alguns meses, período que aquerenciou a Ritinha. Sabia que o álcool

debilita a fortidão de um homem, e ele precisava de todo leite para segurar o tranco de uma mulher nova. Essa opção restritiva lhe abilitou as ideais: se por um lado lhe deu condições de puro sangue, por outro lhe minou a racionalidade, de tal forma que cometera algumas besteira de baixa periculosidade, e acrescento, eu aqui, por minha conta e pro meu gosto, de muito, de muita frescuragem para um gaúcho com aquele nome. Ataíde, nem falar, não merecia isso! E o pior: sob efeito malévolos da sobriedade, fantasiou seu passado achando que fora um combatente – maragato?, chimango?, não sabia bem ao certo – quando nunca passou, soube mais tarde, de auxiliar de cozinheiro do Cruz Vermelha que acompanhava as batalhas a lo largo. Naquele delírio entendeu, esse sim, um grande desatino, que seria capaz de cortar a goela de um desafeto. Tão logo ele, incapaz de matar uma galinha morta.

Viram só? Aí é que damos valor para uma cachaça, a falta que faz para regular nossa lenta! Naquele momento, recuperando sua razão, já de cabeça boa, bafo vigoroso, língua arrastando, pensamentos claros, deu toda razão para a Santa que lhe cochichara: “Ataíde, escute. Não faça bobagem. Mulher, cachaça e sabão existem em qualquer freguesia”. E quanto ao João, pensara na mesma linha do recado recebido: deixaria o rebento de lado, arrumaria outra mulher, e a galhada frondosa que escolhera sua frente como trono um chapéu bem ajustado cobriria. Vida resolvida, pronto! Mas não foi bem assim...

E o bundinha da cidade?

Pois é, Genésio. O Coronel Mundico, na verdade, desconfiava do poder de fogo do filho, e, quando soubera que ele andara dando uns tiros na Ritinha, até se esperançou que poderia tomar gosto pela coisa, confiando não tanto no taco do guri, mas mais nos poderes da abençoada. Mas pelo visto os tiros foram de arminha de pressão, não deram em nada. Despachou o vivente para Paris, comprando só passagem de ida onde o fala fina se dedicaria à pesquisa de pintura expressionista e seus respingos na sociedade pós-guerra.

Mas esse tiro no seco custou uns bons trocos ao Coronel Mundico. Afinal, a Ritinha exigiu-lhe uma dinheirama para que ficasse de bico calado quanto à inapetência do João. É aquela história, palavras ao vento e... Merdança total. O que seria catastrófico para o nome da família Terra. Inadmissível. Como eu digo sempre: dos males o melhor para o Coronel.

- Como assim, dos males o melhor?

Acontece que a Ritinha optou por esse caminho quando viu que a união que arquitetara e que no fim não se consumou, de papel passado e benção de prior, além de lhe conferir senhoridade, lhe obrigaria, pelos laços familiares, a conviver com o homem que a deflorara. Viram? No final das contas o caro saiu barato pro Mundico.

- Meus Deus, eu não acredito! Coisa de louco! O Mundico?! Bah! É o fim do mundo! Sim, senhores, é de não acreditar! O Coronel Mundico Terra fora o primeiro a servir-se, e, após locupletar-se da inocência da jovem, jogou-a na rua da amargura, safadeza acobertada pelos costumes da época. E Ritinha, esta sim, que não era boba nem nada, jurara vingança, que alcançou, por linhas certas, embora não como pensara.

Com os cobres abriu uma extensão do cabaré da Setembrina – hoje diríamos uma franquía – nos pagos de São José dos Ausentes, onde prestou serviços de cunho mundano por bom tempo. Enricou explorando prazeres, aplicando seus lucros na compra de campos, léguas e mais léguas, povoando-os com milhares de cabeças de gado. Quando fazendeira forte, retirou-se do recinto da luz vermelha para o convívio na sociedade civil e religiosa daquela comarca. Porém, embora no novo ambiente, não abdicara de sua realeza, exigindo tratamento à altura; Madeimoselle Ritinha.

Seria chamada assim até sua morte, com seus noventa e lá vai pedra de estrada. Ganhou até nome de rua.

Quem mais...? Passa a Gazapina!

- O Ataíde!

Ah! Certo. Que fim levou?! Bateu as botas no Uruguai, em meio a uma peleia das brabas. Sim, no Uruguai. Ocorre que numa data dessas se bandeou, corrido que fora, para a banda oriental, atravessando a nado o rio de mesmo nome. Em três ou quatro braçadas alcançou a outra margem. Não, não tinha palometa atrás de seu rabo. Tampouco jacaré. Tinha o Nacib. Lembram do mascate? Pois é. O Ataíde lhe negara a conta, uma pequena fortuna. E turco árabe que se preza não deixaria barato. Jurou-lhe de morte, e foi mais ou menos isso que aconteceu.

- E nessa peleia no Uruguai, pelo menos morreu de pé? Lutando até o último suspiro? De cabeça erguida?

Foi uma pena, até que tava bem de vida. Adotara uma viúva. Mercedita era seu nome, mulher linda, com um par de...

- Nós queremos saber da briga em que o Ataíde se meteu! Deixa essa mulher de lado. (Leitor, eles adoram a verdade. Eu tentei desviar o assunto. Querem? A verdade terão.)

Foi num bolicho, um tiroteio desgraçado, choveu chumbo pra cima e pra baixo, coisa de jogo, trago e mulher no meio. Não tinha nada a ver com isso, era caixeiro do estabelecimento. Morreu acororado, atrás de um balcão. Uma bala perdida achou sua têmpora. Foi enterrado de chapéu, segundo sua vontade.

O General? Bem, este viveu de glórias, fora um dos poucos que tivera, em seu dorso, o corpo da Ritinha, dizendo a lenda que nunca deixara depois disso alguém montá-lo. Vai saber se é verdade mesmo! Agora, quem conheceu a Ritinha tem tudo para acreditar!

- Pera aí! Mas como que o Ataíde foi parar no bolicho do Chico Ruivo? A pé? (Sempre tenho personagens de reserva, querem ver?)

Bem lembrado, Honório. Acontece que o General nunca mais voltou para sua querência, ensandecido que ficou, e o Ataíde – já viram gaúcho se apertar? – pediu emprestada pro Nemésio, seu vizinho, a Mimosa, eguinha tubiana boa de trote. Vejam só como são as coisas...

Mas da maior vocês não sabem. A Mercedita, a castelhana, conhecia o veio Mundico! Sim, senhores, coisa muito cabeluda rolou nessa relação. Posso afirmar de fonte segura que o contrabando rolava solto... Dentre outras cositas mas... Até posso contar, vai mais uma? Garçom, a saideira. Traz também um torresminho!

Sigo o caso. A coisa encandiocou pro lado do Mundico. Acontece que um dia...

* Inspirado no poema “Cambicho”, de autoria de Telmo Gosch.

Data : 30/10/2015

Título : Caso de família

Categoria: Contos

Descrição: Todo homem em sua tenra idade teve uma Gracinha na vida! Todos, sem exceção.

Caso de família

Todo homem em sua tenra idade teve uma gracinha na vida! Todos, sem exceção. Tu, tu, tu, e também o senhor, seu Nilo. Não se faça de salame, não abaixe a cabeça, não se esconda, olho no olho, enfrente as lembranças! Ninguém esquece daquela mulher que por vez primeira nos apresentou ao prazer, sem no entanto, esclareço, chegar às vias de fato.

- Conjunção platônica?

- Acho que é por aí, Aristides. Mas vamos adiante. Esta figura pode ter sido a professora, a mulher do delegado, a babá, a vizinha gostosa, e até a tia, não é, Nelson Rodrigues?

- Foi com a tia Nenê, de parte de mãe. Posso contar...?

- Deixa pra lá amigo. No meu caso debutei nesse particular com uma desconhecida. Este caso que agora conto quase que se perdeu na poeira do passado, pois as gracinhas surgem na mais tenra idade, e o tempo, mesmo que burocrata, com marcados tic-tac-tic-tac, caminha rápido – um descuido e alcança o futuro – nos matando a cada passo, mas incapaz de sufocar totalmente fatos que nos marcaram no pretérito longínquo. Sempre resta um fiapo de lembrança, e isso basta para recuperarmos, burilarmos, modelarmos de acordo com nossa vontade e atualizarmos a nosso bel prazer. Para isso busco como abrigo a noite companheira. Como diz um parceiro aqui do bar: “algumas horas possuem certas forças particulares, ou certas fragilidades”ⁱ. Pois é... Na noite escura é que enxergo melhor, que é quando elas vêm – as lembranças ressurgem, se fortalecem, vicejam, tomam corpo... Aí é que mora o perigo. Tomam corpo! E numa dessas noites recuperei Dona Gracinha, que agora apresento a vocês.

Meu primeiro e único colóquio – tete a tetas –, confesso, aflorou descoberta, decepção e segredo.

Peguei por hábito, não sei como, talvez instintivamente buscando emoções desconhecidas, achei de tomar um sorvete todas as tardes de quinta-feira na cafeteria chic da cidade, pelo espetáculo que se me apresentava e que me matava de curiosidade. Me enxergo à época infante ainda, pelas minhas roupas – trajinho de marinheiro, sapatos de verniz, suspensórios, meias à meia canela – e pelos pés pendentes – cadeira alta –, meu livro de cabeceira era Marcelino, Pão e Vinho, recém havia feito a primeira comunhão, por aí vai... No local me postava observador, escravo da mesa onde as senhoras da mais alta sociedade da comarca tomavam chá e se exibiam num ato que hoje lamento que não se veja mais: o pintar, em público, dos lábios. Era uma verdadeira liturgia, uma de cada vez, como se fosse um acordo tácito, lançavam mão de um monange vermelho diabo, massageavam os lábios, mordiscavam-nos, guardavam-no em delicado estojinho de prata, falavam amenidades. Revezavam-se, entre uma xícara de chá e outra, no mesmo ritual. Um espetáculo! E eu ali, embevecido!

Sinto que isso não mais aconteça. Hodiernamente as mulheres não mais ruborizam os lábios como as de outrora. Que lástima! Perdemos nós.

E naquela tarde fatídica em que encarnei sofrências desmesuradas que carrego na cacunda até hoje, foi que conheci Dona Gracinha, seu bem maior, e fui apresentado... Ao prazer.

E, ali, como de costume, na butuca, visualizava-as alternando-se, pincelando os lábios, conversa pra cá, conversa pra lá, pra cá, pra lá, e, eu, como quem não quer nada, tomando um sorvete – acho que de morango – observando... Secando... Na manha do ganso... Até que uma delas, a mais dama de todas, viu meu olhar, e,

nesse movimento de ela me olha, eu olho ela, percebeu minha curiosidade. Seria anseio? Levantou-se, então, em câmera lenta, caminhou em minha direção – olhos dela grudados nos meus e os meus nela, um instante único, e ela se aproximando (lembra os filmes de Fellini).

- Era a Dona Gracinha?

- Se chegando, caprichando no bamboleio sinuoso da andadura, se aproximando de mim – podia escutar seu respirar através de suas ventas de fêmea alvoroçada –, inclinou-se em movimento grácil, quando, então, talvez por interferência dos deuses, penso, a blusa de cetim escancarou-se... E aí, senhores, irmãos de trago, esqueci o tal de lambuzar os lábios, tal o poder da visão que pela vez primeira meus olhos virgens, loucos de fome daquilo visualizaram: gêmeos empinados, generosos, ostentando cada um, em seu topo, diamantes africanos emoldurados por aureolas róseas. Então, em total desgoverno, meus olhos lançaram-se a perder de vista no colo daquela balzaquiana! Senhores, mesmo que para um inocente à época, ainda no estágio inicial de formação católica, apostólica, romana, que situação mais enalacrada.

Amigos, e eu ali estático, como que parafusado na cadeira, entalado com um sorvete, com uma visão maviosa nunca dantes observada... Que fazer?! “Tu és o fulaninho? Filho do sicrano?”. Quando Dona Gracinha me perguntou isso – podia sentir seu hálito de malbec amadeirado... “Queres pra ti? Os dois?” – a desalmada rematou, e, para minha leitura, expressão facial devassa clamando por amor, palavreado com timbre amanteigado tinindo de quente, a carne crua oferecida, sinais claros de promessas atrevidas. Foi demais, tanto que meus sentidos de macho mirim, até então desconhecidos, manifestaram-se a ponto de bala com tal esticamento – pronto para o que viesse – que pela primeira vez senti o pirlampar de minhas vergonhas! Foi o momento de descoberta... O paraíso existia! Coisa de louco!

- E aí meteu as mãos nas coisas?

- Amantino, que decepção, que desalento... Sabem o que ela disse e fez... Crueldade pura!

- Não chore, contador de caso. Siga adiante.

- O quê?

- Ähhnn?

- Desembucha.

- Não era pra teu beijo!

- Marcou um encontro para os finalmente?

- Nada disso, pessoal. Até hoje carrego comigo o coração em carne viva e a alma dilacerada, decorrente desse primeiro e grande desastre amoroso... Mas a visão, senhores... Meus olhos... Meus olhos nunca mais foram os mesmos... Inolvidável! Ainda vejo a cada amanhecer aquelas maçãs empinadas, bem formadas, maduras, faceiras que nem passarinho em dia de chuva mansa, e pasmem, faltou dizer, in natura, sem rastro de bisturi. O que de certa forma, confesso, neutraliza qualquer dissabor. Não dá para reclamar. Já conto tudo.

- Que amor de criança! Garçom, traz dois sorvetes pra ele. Chocolate e baunilha!

- A bandida me vendeu ilusão, não eram os dois que eu queria e que me tinham sido oferecidos e meus instintos comprado. E aquela (sa)fada pecadora, assim que falou, volveu-se e retirou-se naquele mesmo caminhar de cobra, com a mesma graça, com que se meteu em minha vida, deixando uma lição no que se refere a mulheres: aquilo que não é pode não ser, ou vice-versa, ou, se preferirem, versa e vice! Dependendo do ângulo que se olhe.

- Filosófico! Lestes Baudelaire? Rousseau?

- Aquilo foi que nem um chute no...
- Tenho uma dúvida? Posso?
- Por favor, Florentino, não me interrompa, assim perco o fio da meada. Tão logo recuperei a razão, saí desasado ainda encharcado e transido de paixão rumo a minha casa encontrando papai no portão. Era de quem eu mais precisava para repartir a experiência e seus desdobramentos, uma conversa de homem pra homem, entendem? Fui logo dizendo “a Dona Gracinha... Vi tudo e mais um pouco...”. Nem cheguei a terminar a fala, não deu tempo, o veio perdeu a cor, abatumou-se, abraçou-me como nunca e disse: “A Gracinha! Bico fechado, tu não viste nada” e segredou-me um montão de coisas, que não entendi muito, mas que o bico fechado era importante. Uma tragédia familiar, um caso de família, dependendo da minha língua incipiente... Que situação...
- ... Mais encalacrada.
- Isso aí, Sidiclei! Queiram estar na minha pele nesse momento ímpar!
- Tenho uma dúvida? Posso?
- Bah! Por favor... Fala, Florentino, qual tua dúvida?
- O palco onde se desenrolou o teu caso era uma cafeteria chic, em que tu tomavas sorvete e as senhora, chá! Não seria uma confeitaria?
- Pela última vez, pessoal, caso é caso, e caso que se preste não tem muita lógica nos detalhes... Entenderam? Pqp! E também... Foi alhures! Sigo adiante.
Bem, vida que segue, o tempo passou, nunca mais toquei no assunto com papai, muito menos ele comigo, a não ser em seu leito de morte. Foi triste, muito triste, mas também de certa forma aliviou sua passagem desta para a melhor. Lembro, entrei no quarto, pé ante pé, respeitando o lúgubre silêncio instalado, ele puro osso, o colchão paradoxalmente abaulado, cedendo pelo peso do sofrimento, seu rosto exageradamente aquilino, deformado, seus olhos fechados, aguardando – naquele momento percebi isso – nosso último encontro.
Sentindo minha presença, sôfrego, tentou levantar a cabeça, abriu os olhos à meia boca, ensaiou falar, as palavras não saíam, roncos ininteligíveis tomavam seu lugar, lágrimas de sangue correram pela impotência da comunicação e pela compreensão da nesga de vida que lhe restava, e talvez por não ter havido tempo suficiente para escutar de mim aquilo que ele queria enterrar. Decidi facilitar as coisas... Fui um artista, e dos bons, quando assumi o meu mais maroto sorriso, como se estivéssemos num bar, tomando uma para firmar o pulso, e não falei, simplesmente sinalizei. Colocando o polegar e o fura-bolo de minha mão no canto de meus lábios, fiz um pequeno percurso, deslizando-os da esquerda para a direita, assim ó, ó, de canto a canto, traduzindo o quê?
- Bico fechado!
- Alaércio, exatamente isso! E como por encanto, talvez milagre, o ambiente assumiu leveza, o colchão distensionou-se, voltando ao seu lugar, seu rosto continuava judiado, mas, naquele momento, sereno, e os olhos, agora cerrados, a respiração se esvaindo, tranquilamente... E a morte, piedosamente, não demorou muito. Logo, logo, veio em seu socorro busca-lo.
- E o segredo? Conta mais da lindona!
- Tenório, Rodrigues, Natalino, seu Nilo, padre Antão e tantos outros que estão aqui nesta multidão, ao redor desta mesa do Bar, me escutando... Vocês me conhecem bem... Pra mim segredo é segredo, e este será guardado a sete chaves. Levarei comigo para o túmulo. Talvez noutra dimensão, teremos oportunidade de, numa conversa de filho para pai, descompromissados das convenções terrenas, falarmos

sobre aquela mulher que em determinado momento, de forma diferente, se interpôs em nossas vidas, causando algum estrago, mas também adoçando-as.

Bem, dela por que não falar mais? Seu nome: Maria da Graça Albuquerque de Mendonça. Quando disse que “vi tudo e mais um pouco” não estava exagerando. O “vi tudo” corresponde ao seu bem maior de que já falei bastante. Agora... Amigos, “o mais um pouco”, vocês não têm ideia...

Garçom, a saideira! Serramalte, bem gelada!

Glu, glu, gluuuu. Ahhh! Sigo... Seu bem maior, perto de seu “mais um pouco”, é fichinha! Irmãos, juro pela minha mãe que eu vi, com estes olhos que a terra há de comer...

i Agostinho Both, no livro *Meditações breves*, p. 147.

Data : 17/01/2012

Título : Chiquitita pero cumplidora

Categoria: Contos

Descrição: Cresci ouvindo o speaker argentino, orgulhosamente, bradar nos microfones da Rádio Madariaga, de Passo de Los Libres, Argentina, fronteira com Uruguaiana;

Chiquitita pero cumplidora

Cresci ouvindo o speaker argentino, orgulhosamente, bradar nos microfones da Rádio Madariaga, de Passo de Los Libres, Argentina, fronteira com Uruguaiana;

“Prefixo LXYR 9, Rádio General Madariaga de Passo de Los Libres, chiquitita pero cumplidora”.

O mesmo pode-se dizer desta pequena plantadeira e adubadeira de tração animal fabricada pela então Irmãos Fankhauser Ltda. de Tuparendi/RS, lá pelo início da década de 60, ano de 1961. Segundo informações da empresa tornou-se carro chefe nas vendas no período.

Pequena, porém eficiente.

Dito proferido pelo poeta A.M.Pires Cabral referindo-se a equipamento semelhante sintetizou de forma perfeita a funcionalidade desta.

“a mecânica é rudimentar,
clarividente e sóbria. Nada tem
em demasia; o que a função requiere nada mais.”

O poeta ainda anteviu o lugar em que esta, foto abaixo, foi resgatada por Pedro “Fogão”, no interior de Ronda Alta/RS;

“ainda está no curral,
encostada a um canto.

Já ninguém o usa, à exceção das galinhas que se empoleiram nela quando chega a hora de cismarem”.

A persistir naquela condição seu fim seria, sem dúvidas, o fogo, reciclada, ou a corrosão. Injusto pela sua serventia no passado.

Agora, já em minha posse, assim que passar por um "trato" será recolocada em seu devido lugar, de destaque, para quem foi uma campeã de vendas.

Escute: <http://www.youtube.com/watch?v=jliEt2JE1J8>

Do Blog
O Antiquário

Data : 20/03/2012

Título : Coisa de bar. Estória.

Categoria: Crônicas

Descrição: Que dia! Não sei se por falta de sorte ou pela força do destino, tentei ...

Coisa de bar. Estória.

Que dia! Não sei se por falta de sorte ou pela força do destino, tentei de passar ali na Moron com a Benjamim e me deparei com escombros... Tchê! Onde está o Bar da nossa estória, no Edifício Morandi? Pensei: mais um prédio sem graça em detrimento a um espaço nobre. Triste fim de um espaço vivo que ainda mora dentro de mim.

Foi concebido para ser lancheria também. Não tardou e logo assumiu sua exclusiva vocação de bar. E era um bar de respeito, tradicional, com regras muito claras. Não fumante não entrava! Venda? Só de bebidas alcoólicas. Essas drogas diferentes nem falar. Preservava a saúde de seus parceiros.

De arquitetura perfeita, espaço físico na medida, que acolhia a todos confortavelmente “um em cima do outro”. Mesas dispostas de forma a livrar teimosas goteiras, probleminha de todo bar que se preza. Janelas não muito grandes, mas que permitiam visualizar quem chegasse e movimentações externas suspeitas. Uma porta estrategicamente localizada nos fundos, sempre aberta, pronta para retiradas rápidas e que desembocava num providencial ponto de táxi. Banheiros? Dois, para damas e cavalheiros, simples, não muito limpos, com tramelas, porém seguros. De bar!

De nada valeria isso sem um atendimento eficiente. O garçom, vivido e vivo, escutava as mesmas histórias todas as noites, sempre com mulher no meio. Às vezes, notava-se em seus olhos o desejo de sentar-se ali, beber alguma coisa e também contar a sua. Triste, como todas. Sabia das preferências de cada um. A elegante Parker 51, indiscretamente colocada no bolso do seu colete, bem à vista, comprovava, subliminarmente, sua pseudo-origem burguesa. Mas, a caneta para quê? Registrava

tudo na cabeça. Bem gelada, pouco gelo, muito gelo, aquela pedida com os olhos, sinalizada com os dedos, com colarinho, sem colarinho. Lá pela meia-noite, assoberbado pelos pedidos e influenciado pela dose generosa e discreta da purinha que tomara, trocava tudo. E ninguém reclamava!

De temperamento indócil, ansioso, rápido, solícito, voava por entre as mesas equilibrando aquela bandeja prateada. Só num momento parava, cristalizava, paralisava. Era quando a vitrola tocava “Garçom! Aqui, nessa mesa de bar, você já cansou de escutar...” Desabava num choro incontido, abraçava-se aos clientes mais próximos, balbuciando alguma coisa. Um dia, melhor, uma noite, escutei que murmurava baixinho Norma, Norma... Choravam todos, solidariamente.

O bar literalmente vinha abaixo. Nesse momento o garçom era o personagem principal, todos o rodeavam, homens, mulheres, o porteiro, até o dono do bar. Alguns diziam “a vida é assim mesmo”, “que ingrata”, “bandida. Um mais prático dizia “arruma outra”. Terminada a música, como por encanto, todos se recompunham, desidratados pelas lágrimas, voltavam, copos às mãos, aos seus lugares. E o garçom, como se nada acontecera, retomava sua tarefa. Mais lépido ainda, como se sua alma fosse reabastecida.

E o repertório musical então! De primeira. Verdadeiros hinos! Compostos, musicados e cantados por gente do ramo. As preferências variavam. A turma da purinha e da ceva gostava daquelas tipo Reginaldo Rossi, Garçom, a que derrubava o próprio, A Dama de Vermelho, A Boate Azul. Já o pessoal do whisky, mais finórios, era chegado em Vinicius de Moraes. Bom Dia, Tristeza, de sua marca, com a Maysa era a preferida. Lembrança forte. Parece que estou ouvindo os olhos verdes da Maysa cantarem...» ¿» ¿ ¿» ¿

Que lástima! Não sobrou nada do estabelecimento, nem mesas, garrafas, a velha Frigidaire, aquelas cadeiras, nem a comanda das penduras, tampouco as anotações do jogo do bicho, e muito menos a bandeja prateada do garçom. Completamente nada! A não ser um antigo luminoso da Antártica pendurado em um poste, prestes a ser engolido por uma caçamba de recolhimento de caliça. Os Pinguins, indefesos, percebiam-se tomados por convulsivo choro, não pelo seu fim, visto que desaparecer é inerente à vida, mas daquela forma, não. Desonrosa, degradante, para quem sempre conviveu com luzes, e do alto, testemunhas mudas e confiáveis de tanta coisa. Seria pura injustiça.

Agi rápido. Num átimo, negociei com os pedreiros, legítimos representantes daquela bagunça no momento, inocentes instrumentos de destruição, quiçá antigos e agora órfãos frequentadores do nosso bar. Tomei posse daquela importante peça, única lembrança que restou e que tinha a missão de tal qual um farol visto a distância na escuridão das noites frias de Passo Fundo, apontar o caminho seguro daquele verdadeiro templo.

De saída, em pleno sol a pino, certamente em transe, embriagado pela aura do lugar, confuso, eufórico com o valioso troféu, agora sorrindo, sentindo um perfume barato a inundar o ambiente misturado à fumaça de cigarro, escutando ao fundo as inconfundíveis lamúrias da Maysa, JURO, ACREDITEM, ouvi vozes, várias, entrecortadas, tristes, que diziam “Garçom a saideira!”.

Não digo... coisa de Bar!

Data : 01/01/2017

Título : Coração traiçoeiro

Categoria: Poesia

Coração traiçoeiro

Coração de segunda

covarde, volúvel, vira-casaca

Não resistes ao revê-la, batendo a mil.

Fiasquento, quase que me sai pela boca!

E ela ainda por cima, como sempre sem baixar a crista

bancando uma lady, tomada de razão, cheia de grau

com os mesmos trejeitos, na maior cara de pau.

Pensa que esqueci o que ela nos fez?

Seus pisoteios, sua indiferença, nos matando de desamor?

Agora tu! Aprontando, assim desse jeito?!

Todo sorriso, pimpão, sanguíneo

se achando o gás da coca

querendo capitular?

Para com isso! Vais me entregar de bandeja?

Para o bem ou para o mal, te resolve!

Afinal, tu és meu, ou tu és dela?

Porém, se te bandeares de lado,

não esqueça dos amigos:

me leva junto com

ela.

Data : 18/03/2012

Título : Depoimento da vizinha

Categoria: Crônicas

Depoimento da vizinha

O caso do homem que escreveu aqui para este espaço cultural e que rendeu o escrevinhado "Direitos iguais", cujo final ainda não sabemos, começou a ter seus desdobramentos.

Recebi uma carta escrita à nanquim por uma pessoa que se diz vizinha do coitado, que nos dá uma visão, assim, não tão favorável àquela, agora, suposta vítima.

Escutem:

"Prezado radiobloguista,

Seu radioblog está fazendo o maior sucesso aqui na zona. O bolicheiro me disse que já teve dezesseis acessos! Os parentes estão incluídos? Imagine, daqui um pouco a Ana Maria Braga vai querer entrevistá-lo! Bem, vou deixar de conversa fiada e passar pro que interessa.

Coisa mais da bem feita! Coisa mais da bem feita! A tunda de laço que o gordão aqui do lado levou. Não é nada daquilo que ele disse. Não gosto de espiar vizinhança, mas, sem querer, eu vejo aquele traste todo dia atolado numa cadeira de balanço comendo pipoca, amendoim, bebendo cerva e vendo televisão. Ele tem uma daquelas amarelinhas sabe, antiquinha, imagem em preto e branco. Só levanta para escutar um radinho, para conferir o jogo do bicho. E espiar minhas filhas por riba do muro quando as gurias vão tomar banho de sol. E o cusco, o tal de Bidu, é igual ao gordão na taradice. Imagina que tive que prender minhas duas gatinhas da investida canina. Nem passarinho se salva. Até galinha angolista. Se tivesse porco-espinho iria também... Já chamei o IBAMA trocentas vez e nada! É assunto pro Datena!

Esse Bidu é o Joãozinho dos cachorros. Desse jeito o Bial leva ele pro Big Brother. Aquilo é uma perdição. Que sucesso faria embaixo do edredom! MINHA MÃE! MAMÃE! Help!

Ele, o gordão, saía à noitinha, saía naquele Chevette horrível, com o som a mil, fedendo a cigarro, de camiseta do Grêmio, que de tão antiga encolheu, deixando o barrigão de fora. Achem que ia trabalhar. Duvidooooo! Ele diz que é o garçom da estória “Coisa de bar”, do Bar Morandi, daqui de Passo Fundo. Se gaba disso! Olhaaa! É difícil!

Pra mim não passa de um jaguara. Dizem que ele tem outra... A Norma. Não sei...

Ah! Do Chevette não sobrou nem o guidom! Coisa mais da bem feita!

Antes que me esqueça, toca uma música para mim no seu radioblog. Com dedicatória. Tenho uma comadre que diz que o Senhor nem vai me dar bola. Se quiser falar pessoalmente comigo podemos marcar um encontro na rodoviária e...”

Lá pelas tantas, a missiva é bem comprida, tem a ressalva que “o sucesso aqui na zona” refere-se a ambiente familiar. Não àquela “zona”. Que fique bem claro.

Encerro por aqui.

Alô! Alô! Vizinha que prestigia esse espaço cultural, gostaria de lhe dizer tantas coisas bonitas, mas deixo isso para o Wando, que, através de seu romantismo na música “Safada”, lhe prestará a merecida homenagem. Vem, Wando, canta pra ela.

Data : 01/01/2017

Título : Desfile de sonhos

Categoria: Contos

Desfile de sonhos

“Tu te lembra de mim?”.

Ela me disse isso com o mais deslavado sorriso de mocinha de filme que vi na minha vida. Entre surpreso – pensei que nunca mais iria revê-la – e raivoso – afloraram em mim os mais sórdidos sentimentos de vingança. Vai ser agora, pensei! Iria pra cima dela com tudo e mais um pouco que vocês possam imaginar, dir-lhe-ia carços publicáveis, quinhentos deles – xexelenta, mocreia, fingida, falsa, piolhenta, sacripanta, chinelona, maloqueira, oferecida, excomungada, enxerida, barraqueira, etc. – e mil e quinhentos e tantos implubicáveis, que, por sê-los, só penso, mas não

os verbalizo, mercê de minha formação moldada nos preceitos do grande Baden-Powel (1) e em respeito a esse ilibado ambiente de nosso Bar.

Esse encontro aconteceu num fim de tarde de uma sexta-feira treze, chuvinha fina, daquelas de molhar bobo, eu ia daqui, bem na boca da esquina – a mesma esquina – e ela vinha dali, contra a parede, aproveitando a proteção das marquises, quando dobramos ao mesmo tempo, com todas as condições para que ocorresse um plaft demolidor, administrável através de diálogo civilizado, não fôssemos nós os envolvidos. Travamos a tempo, ficamos corpo a corpo, depois de mais de cinquenta anos e lá vai mecha de distância.

Na hora pensei: que situação mais encardida! Era só o que me faltava!

- Tu te lembra de mim?

Ela ali, modernosa, se mostrando toda num vaporoso vestido de alcinha, fantasiada de mulher boazinha, dizendo aquilo, ao vivo e em cores. Eu, parece que estou me vendo, senhos franzidos, expressão canina assassina, paradoxal aos batimentos de meu coração. Este, um frouxo, bunda mole, sem pulso, já não mais ao meu lado, pinoteando a mil, a ponto, admito, de quase me sair pela boca. Se não fosse meu, mandava às favas, na pior das hipóteses à pqp. Não... À puta que pariu mesmo, merece! Deixemos pra lá... Enfim, somos um só. Quem vê cara, não vê coração! Que dito mais certo!

- Eu sou a Yasmin! Com ipisilone! Lembra?

Como olvidar sua figura, seu pelo, seu aroma de “tou aqui”, naquela tarde de verão? Ela foi por quem, pela primeira vez, quase morri de amor e cega paixão, atração fatal, que se não quebra entorta, e dessa prematura ninguém esquece. Amigos, colegas de trago, estamos falando de um imberbe, com não mais que três fios de pentelhos, contados um a um, na ponta dos dedos.

Bem, toda minha vida queria vingança, pois agora teria a oportunidade de acertar as contas. Dar-lhe-ia o troco, na mesma moeda, mas buscando forma mais refinada, em comparando com aquela que havia me proposto inicialmente, apedrejá-la. Ensaiei dizer: “não, não conheço!”, com voz arrastada, incorporando James Dean, mascando chicletes, de jaqueta de couro, em cima de uma lambreta, fazendo bolinha – ploc – bem nas suas fuças. Que falta faz um adam’s numa hora dessas. “Bah! Tu já é vovó?”, num tipo mais cínico, meio relaxação, tirando tatu do nariz, bragueta aberta. “Como não? Bem mais judiada!”. Com um palito num canto da boca, no melhor estilo de colono de cepa. E o mais mortífero: me vestindo de bicheiro rico, pitando um palha fedorento, acomodado entre os dentes amarelados, camisa aberta até o umbigo, mostrando os cabelos do peito, com aquele correntão dezoito puro. “Sim, como não, mas bem mais gorda. Boa de garfo, hein!”. E para fechar a desdita com chave de ouro, convidá-la para um galetto com massa em festa de igreja! Apoteótico!

Mas na hora morde a língua, graças a meu bom pai do céu! Foi a melhor coisa que poderia ter feito na minha vida. Lembrei-me de um anônimo marino norte-americano, que, em situação de agonia semelhante – desembarque na Normandia, Dia D –, disse “be calm in a time like this” (2). Isso evitou que uma fala perdida, direta no coração, matasse a possibilidade de redescobrir o amor que julgara acabado para todo o sempre, que varou morto-vivo por um longo tempo, ainda com chance de florescer. Olhando-a de revesgueio, vi uma beleza de saudosa memória. Eu, galo de topete encarnado, manda-chuva de galinheiro, gigolô de bailão, que tudo podia a ponto de romper fita em carreira de cancha-reta montando matungo manco, agora de passado ilustre, não estava lá essas coisas. Reconheço, já batendo biela, queimando óleo, mais prá lá do que pra cá, os documentos já na altura do joelho, não valendo quase nada.

Apostaria as fichas – apesar de tudo o que passei –, considerando as carcaças e o quadro presentes, numa relação de modestos arroubos carnavais, e muito mais num amor, de parte a parte, gentil. Daqueles de mãos entrelaçadas, de acordar na madrugada com um beijo fraterno, sorriso nos lábios, “amor, amorrrrr, tu tá roncando!”. Ainda haveria tempo. De descascar a laranja e oferecer a tampinha. De cortar a melancia e dizer “o coração é teu”. Da carne da costela abrir mão daquela junto ao osso e dizer “coma, é a melhor parte”. De repartir as coisas boas meio a meio, todas, e dar-lhe a porção maior à sua outra metade. Ainda haveria tempo. De exclamar todos os dias “epa! Hoje a louça é comigo!”. Ainda haveria tempo. De transformar cada queixa, cada ai, cada “me dói aqui” num “não é nada”. Ainda haveria tempo. Ante a doença braba, daquelas de levar pro céu, segredar ao pé do ouvido, sorrindo, “passa logo, vou fazer um chazinho pra ti! De melissa ou laranjeira? É de tirar com a mão!”. De converter cada suspiro, por mais suspiroso, numa fala – por mais dura – num olhar – por mais triste – recados de um gosto de ti. Ainda haveria tempo. Ainda haveria tempo? O tempo voa, os ponteiros não andam para trás, a vida nos foge, e isso me fez pensar que deveria, a partir dali, viver apressado, sugar o máximo do ainda e torcer para que ele demorasse bastante. Quem sabe transfaze-lo num para sempre?! Que tamanho teria o ainda que me resta? Dúvidas... dúvidas... dúvidas... Amigos, digo de cátedra: atroz.

Povo desta mesa, peço desculpas por me mostrar nesse estado lacrimoso, dizendo bobices. Inacreditável, partindo tão logo de mim, homem de palitar dente com faca rombuda e tomar canha em guampa sentado em cima de ninho de cruzeira criada. Já nem digo, por não ser exibido, bisneto do coronel Mundico Terra. Vocês me conhecem, não sou afeito a lustrar palavras, mas, mesmo contador de causo, no final das contas, me revelo como vocês, simples mortal, com as fraquezas inerentes. No meu lugar, em minha defesa, naquela situação, vivendo o que eu vivi, até um pinheiro, por mais centenário, de cerne mais empedernido, se desmancharia em açúcares. Quem viu a Yasmin, naquele desfile, compreende minha recaída. Posto isso, voltemos à cereja do bolo.

Já naqueles anos de 1950algumacoisa, em que as marias imperavam, Yasmin era uma mulher além do tempo, a começar pelo nome. Estranho a ponto de, a cada chamada, na aula da 4ª série, requererem da bendita um esclarecimento, gracioso, simples, cândido até, mas que iluminava a sala. Toda vez, a professora fazia chamada: Iasmin? Levantava sem pressa, na pontinha dos pés, e na mais doce paciência corrigia: Yasmin, com ipisilone, fessora! Presente! E eu ali, de queixo caído, delirando, suspirando pela sua atenção.

Seus encantos não se resumiam nisso, mas no que estava escondido. Naqueles tempos havia sigilo total nos corpos das mulheres. E das meninas, então? Não se conhecia nada de nadica, e a imaginação rolava solta. Yasmin era nada mais, nada menos do que a madrinha da bateria da escola, aquela que ia na frente, fazendo piruetas, com roupagem diminuta em relação às regras da época, e que, no desfile de sete de setembro, teria por força que mostrar alguma coisa a mais. Essa esperança ou desejo de ver além do que imaginava – e que já não era pouca coisa – de certa forma me incentivou a estudar música. Estaria mais próximo dela. Então, fui aprender a tocar tarol, bumbo, flauta, dentre outros instrumentos. O maestro da banda era meu padrinho, o sargento Tenório, que compreendendo meu objetivo me inventou de corneteiro, aquele que ia mais próximo da madrinha, para inveja de meus colegas.

Após ensaios e ensaios, intermináveis dias, o sete de setembro finalmente chegou. Encurtando o causo, lá pelas tantas a banda adentrou na avenida. Tudo ia nos conformes, a “furiosa” dando o ritmo, Yasmin maravilhosa, linda, movimentos

graciosos, muita coisa à mostra – de primeira, como imaginava. Uma cleópatra juvenil! Vestindo um gracioso modelito – short azul-turquesa, cinco centímetros maior que um cinto largo, acho que de seda pura. O mais não lembro, e também não interessa! Eu até que ia dando conta do recado, babujando corneta faceira, com competência. Mas a proximidade daquilo tudo, o sol e o mormaço mandando ver direto na moleira, a emoção me esmigalhando, tomado de febre de homem grande, tudo isso me fez aflorar, assim do nada, força oculta que até então desconhecia. Coloquei pra fora, ali, naquele momento, habilidade congênita de transformar as coisas pela força do pensamento. Lembram do Uri Geller (3), que entortava garfo, faca, movia copos? Pois eu tinha essa faculdade, só que não iria perder tempo com essas coisas sem graça. Em me transformei em dois. E diabolicamente me organizei, um meu eu continuava músico, o outro eu meu, liberei geral. No momento, lembro, pedi a Deus, que tudo vê: “por favor, feche os olhos pra mim, abra esse olho de pai, procura teu filho, Jesus. Anda metido com a Madalena! Coisa muito séria... Me esquece só por este momento nobre”. E clamei pelo capeta, pedindo assessoria para que pecasse com zelo. O outro eu meu, supostamente preparado pelo satanás, saltou de mim e foi aninhar-se onde? No colo da Yasmin, apoltronado nos montes empinados.

Ela, com essa companhia, parece que enlouqueceu, fazia diabruras como nunca se viu em desfiles daquele naipe, requebrava tango, valsa, rumba, ao som de música marcial. Inacreditável. O povo, apinhado junto às calçadas, em êxtase, rugia em aplausos, a cachorrada, alçada, latia freneticamente, os gatos, alucinados, miavam como se no auge do cio, e a banda, contaminada pelo ambiente, promoveu-se à orquestra. Ela, dona do espetáculo, ao passar, deslizando no asfalto da avenida, levando consigo aquele corpo padrão-ouro frente e verso que se mostrava sem sobras nem carências, diante do palanque oficial, sob os olhos das forças vivas da comuna, ali representadas pelas autoridades, civis, militares e eclesiásticas, desdenhou-os, virando-se para mim, com sorrisos, abanos prometedores, e o olhar, assim, nesse tom, musicando mensagem de amor– surpreso, nunca me dera nem as horas –, como que dizendo: “gosto de teus dois”. Quase que engulo a corneta! Também pudera. Yasmin estava uma diaba pura, na beleza e nos movimentos.

A bem da verdade, faço aqui um parênteses: o meu eu que corneteava não podia fazer nada – até porque, sem a corneta que ditava o passo certo, a banda não andava –, a não ser admirar as qualidades de sua retaguarda que começava com suas pernas longas de mulher feita, subia em curva de forma catita – um desbunde total –, afunilando num capricho só em cintura de violão, levitando esplendorosa – isto, sim, como o diabo gosta –, tudo a meio palmo de meu nariz e a dois centímetros de minhas sobancelhas. Pode? Preciso dizer o quê? Chega ou querem mais? O outro eu meu – bem acomodado –, que imaginava fizesse mais, começou a gostar do desfile, dos aplausos, do som, penso que até dos pipoqueiros que se postavam junto à população. Morria de medo que avistasse um vendedor de algodão doce, ou escutasse o apelo do picolezeiro “de framboesa! Geladinho!”. Certamente perderia a cabeça e abandonaria o posto. O inocente, deslumbrado, não investigou as redondezas, não conheceu nem seu umbigo, e muito menos desceu à planície à procura do campo santo. Abostado! Hoje, já mais maduro, compreendo que errei ao pedir uma mão para o diabo. Qual destes rabudos gosta de fazer o bem a alguém? Transformou o outro eu meu, por pura maldade, num menino educado, daqueles de fazer sinal da cruz e beijar santinho a qualquer possibilidade de pecado. Tivesse pedido ajuda a São Jorge, estaria mais bem servido.

Bem... Findo o espetáculo, no outro dia, já dois em um, incentivado que fora com seus olhares, resolvi agir no sentido de ter um particular amoroso com ela. Pedi à Vera

Regina, a Veroca, amigona do peito a ponto de tomarmos limonada no mesmo copo, de confiança extrema, levar um bilhete pra Yasmin, perfumado, onde caprichei na escrita e verbo, propondo encontro a tal hora, naquela mesma esquina, encerrando com um I love You e assinando com um “do sempre teu”... Na minha cabeça, não tinha erro, e quem sabe, imaginei, com passos bem maquinados, deixando a burocracia de lado, buscaria uma chance de sapear um beijo de cinema em sua boca e libertar minhas mãos curiosas, em marcha lenta, sem pressa, para o desse e viesse, procurando distração mundana, o que o incompetente do outro eu meu abdicou. Era só o que me faltava! E ademais, pensei: quem não arrisca, não petisca.

Parceiros de trago, no que que acabou? Aquela desalmada, desgranida, loira de farmácia não deu as caras. No popular: me deu balão. Diante do desaforo, mesmo quasimorto, limpei-a de meu olhar, mas não do coração, fatiado em mil pedaços, cacos espalhados por aí, até hoje, que não se juntam com palito e muito menos com um simples, mesmo que encharcado de significados, “tu te lembra de mim?”. Quando num de repente, ela falou...

- Não te entendo. Te sinto, desde aquele sete de setembro, como se estivesse grampeado em meu peito, me deixando louca. E de inopino me esnobaste, sem mais nem menos... Aguardei ansiosamente que me chamasse....

(Leitor, lembra do vestido de alcinha? Pois é, Yasmin, ao falar daquele jeito – imagine o jeito –, o vestido ia e vinha, vinha e ia, mostrando tudo, tudo... Entre no clima, obrigado!)

Com aquela fala – não esperava aquilo –, em violento arfar, de peito aberto, da Yasmin, caí do cavalo! O quêêêê?

- Como assim...? Te mandei um bilhete para nos encontrarmos, aqui, nesta mesma esquina...

- Que bilhete?

Me caiu a ficha na hora. A Veroca...

Hei! Hei! Acorde, tá sonhando!? Falando sozinho, não diz coisa com coisa. Já é de manhã, o Bar já fechou faz horas. A dona Veroca tá na porta querendo entrar, dizendo “sei que o meu marido tá aí, faz dois dias que ele não aparece em casa”. Pela cara, tá uma fera.

- Oh, garçom, dá tempo de tomar a saideira?

- Que saideira bosta nenhuma. O Dono do Bar não quer que ela te encontre aqui. Lembra da última vez que errou de nome e chamou a dona Veroca de Yasmin? O Bar todo quebrado, brigada e bombeiros no estabelecimento... Vamos, vamos, escape pelo porão. Já! Raspa daqui!

(1) Baden-Powel, fundador do escotismo.

(2) “Muita calma numa hora destas”.

(3) Uri Geller, conhecido na década de setenta por, através da força do pensamento, entortar garfos, facas e mover objetos.

Data : 01/01/2020

Título : Desgraceira no bolicho do Chico Ruivo

Categoria: Contos

Desgraceira no bolicho do Chico Ruivo

- Bem, como eu ia contando...

- Peraí, só um pouquinho! Toda essa conversa pra dizer que dois irmãos, que viviam num fundo de campo, se passaram um com o outro nos modos... Do nada apareceu um taura que se engraçou com a guria. O irmão, descornado, vai lá e mata a Ritinha, que por sua vez tava de barriga, sem clarear quem é o pai. Feito isso, vai atrás do intrometido, um tal de Aparicio, para um acerto de contas. E sabe-se lá por que ainda surge um cinamomo plantado no meio da história, sem pé nem cabeça. É issos? Não podia encurtá o causo?

- Como sempre digo e repito, causo é causo. Não se encomprida ou desencomprida. Ele é como sai. Essa síntese que tá pleiteando é coisa de deitado. Vocês têm escolha: acendam o radinho e escutem a Voz do Brasil, ou querem que chame o Demócrito e o Mandetta, irmãos aqui do Bar, para discutirem sobre uso da cloroquina na cachaça? Ou sigo o causo! Fui claro?

Como eu ia dizendo, Bentinho se tocou pro bolicho, decidido a lavar sua honra. Bem... A venda? daquelas de campanha. Até parece que tô vendo aquele balcãozão bem sortido, separando os secos e molhados da freguesia, e atrás dele, Chico Ruivo, autoridade incontestada do pedaço, cuidando dos recebíveis e do atendimento: “vai um charque? Essa erva é da boa! Tô sem troco, aceito melancia pela conta. Mais uma marumbi pra afiná a fala? Pra fora, cusco! Faça bom proveito. E a família, nos conformes? Vai acertar ou dependurar?”. E para aqueles caloteiros, vociferava um “paga e não bufa”. Enfim, todo esse convesê, sem deixar de deitar os olhos, de revesgueio, nas mesas onde o carteado corria solto, e donde simples desfeita, uma palavra mal dita, ou mesmo um olhar atravessado, podia virar estranhamento, ofensa grossa, fazendo principiar, de vereda, furdução dos brabos. Alguns se debruçavam no móvel afogando as tristezas, outros puxando conversa fiada. Ao fundo, Damásio, gaitero meia-boca, que, a troco de um martelo daquele que matou o guarda, um punhado de sobra de arroz de china pobre e um crioulo de terceira que pitava com prazer, judiava de uma oito baixos, sempre no mesmo ritmo desgracioso. A coitada, envergonhada, ante aqueles maus-tratos, chorava sempre a mesma vaneira preguiçosa, sonhando com os carinhos de um Piazzolla, em cujas mãos poderia gemer os melhores sons de um tango daqueles bem tristes. Bom, mas isso era problema da gaita... Acho que divaguei muito, coisa que não vem ao causo, então deixemos de lado.

Amigos, sim, me alonguei por demais, mas é importante terem ciência do ambiente em que se desencadeou a tragédia. Aparicio tava encostado no balcão do estabelecimento, distraído, surfando nas secritudes da Ritinha e, também, pensando que tava na hora de se amansar, criar juízo, sentar o pelo num lugar. Quem diria? Justo ele, andejo, de alma estradeira! Considerou até mesmo que seria o momento de se abraçar à lida, nem que para isso fosse preciso violentar sua genética preguiçosa, já que não era de pegar no pesado. Percantas? Pra quê? Embora fraco ante às solicitações instintivas da natureza, que a qualquer visão de saia refloria sua lascívia infrene, estava disposto a dedicar-se à relação monogâmica. Afinal, poderia se considerar bem servido pela Ritinha. Pensava seriamente... Nada de só juntar os panos, mas sim sacramentar a união com bênção de padre e aval de juiz de paz. Tudo nos conformes. Coisa séria. Homem pobre, quando chegou naquele povo, matava cachorro a grito, vivendo de changa, carreira, carteado, e mesmo de quando em vez botando mão em gado alheio. Nessa nova fase, capital para o pão, tinha certeza que

conseguiria. Agora, afamiliado, disposto que tava a dar do bom e do melhor a seus achegos, teria que correr atrás da chimia. Uma coisa já era certa: não se tornaria mais um gaúcho a pé, meia-boca, migrando pra periferia da cidade grande, vagabundeando na beira da casa, criando angolista no quintal, vivendo de um pé de couve. Não! Não abandonaria aqueles campos abertos que conhecia como a palma de sua mão, poderia muito bem ali naquelas plagas conseguir aquele algo mais que perseguiria, talvez domando potro, quem sabe empresasse um rinhadeiro? Conhecia a lida de aramar, e por que não um bolicho, fazendo uma concorrência com o Chico Ruivo? Tanta oportunidade que um homem de bem tinha a explorar. Criado a campo sem conhecer pai ou mãe. Seu nome? Conhecia só o da frente: Aparicio, de resto, nem mesmo um silva, que, naqueles tempos, a cada botinaço em macega aparecia aos montes. Estava disposto a abrilhantar a sua alcunha, pegando emprestado um desses. Já se imaginava sendo chamado de Aparicio Silva e, num sorriso largo, vislumbrava sua primeira cria a caminho, por certo um machinho, Aparicio Silva Filho. Seria glória suprema.

De seu, nem mesmo o cavalo General, do qual se apropriara indevidamente de um estancieiro das bandas de Alegrete. Sua pilcha, aquela preta, lavava de noite para colocá-la de dia. As botas, recolhera de defunto ao revisar os despojos das batalhas de brancos e colorados que se matavam por nada. Valente? Capaz!? Se pelava de medo de uma confusão, e ainda assim ganhara um rasgo na cara, quando fugia de um borracho manco e zureta que nem lobisomem corrido por cachorro magro. De sua propriedade, mesmo, só pinta e lábia, e agora, também, uma prenda flor a acompanhá-lo rumo a um destino colorido que se descortinava logo ali.

Estava ele absorto nessas elucubrações, algumas desditosas, outras conflitantes, depreciando-se a si mesmo – versão que me pareceu ser a realidade, desfazendo minha impressão inicial empurrada pela lábia do Veríssimo, que o pintava colorido –, quando viu o guri aparecer no recinto, indo em sua direção. Epa! – pensou – seria uma baita chance de se chegar no cunhado. Quantas e quantas vezes tentou puxar uma trela... O que lhe custava dizer “apeie, vai um verde topetudo”? Seria o momento ideal para anunciar suas intenções quanto à sua irmã, e que ele faria também parte da família. Mas que nada, o bicho era entupido. Aparicio jamais poderia supor que aqueles seriam seus últimos pensamentos.

Parece que tô vendo o Bentinho se chegando, com a faca junto ao corpo, judiando-lhe a mão de tanto que a apertava, tenso, pernas num tremelique só, encagaçado que só vendo... Uma coisa era cortar orelha dos uruguaios, outra era despachar a Ritinha e seu rebento para os braços do Senhor, e outra, ainda, era dar conta do Aparicio. Aí o furo era bem mais embaixo. Consigo até ouvir a conversa do piá com seus botões: “é grande, mas não é dois, o golpe tem que ser certo”. E foi. Frio, calculado, bem no sangrador. Reação do Aparicio? De que jeito? Morreu com uma cara de “ué?!”. Balbuciando alguma coisa que imagino ser “guri de bosta! Por quê?”.

O homem desandou, o sangue, a manar da pontada certa, espalhando-se pelo chão. Foi um deus-dará! A porta ficou pequena para tanto valente que virava em pernas, silêncio sepulcral. De som, apenas o da gaita, que, ao comando do Damásio, alheio à tragédia, continuava de má vontade a arranhar a mesma toada. Os que ficaram ainda viram, petrificados, com olhos arregalados, o guri do Otacilio terminar o serviço. Como? Vocês nem imaginam! Cortou as orelhas do falecido – as duas –, limpou a faca nas bombachas, deu uma pojada pro lado e, a passos mansos, porém firmes, com aquela fisionomia desafiadora, retirou-se, cadenciando o taco das botas nas tábuas encardidas do bolicho, agora vermelhas de sangue, tinindo um plac-plac-plac..., que se sobrepôs, naquele momento fúnebre, aos esganiços da oito-baixas.

Para isso, abriu-se um corredor humano, e a gauchada que sobrara, em sinal de respeito e admiração, tirou o chapéu. Apoteótico. Épico.

Garçom, traz mais uma! Ninguém apadrinhou o defunto, nem o prior do lugar, testemunha da tragédia, dignou-se a fazer um sinal da cruz, muito menos a engatar um pai nosso para encaminhar a alma do morto. O Pitoco, cusco do lugar, cheirou, mas não lambeu a sangueira coalhada, as varejeiras fazendo cara de nojo. O Chico Ruivo, de quem se esperava atitude melhor em respeito, se limitou a arrastar o presunto pelas pernas para os fundos do local, para que fosse destroçado pelos abutres, os únicos que prestigiaram aquela massa falida desorelhada. Feito isso, retomou as rédeas de seu comércio com um “gente, não foi nada! Cachaça pra todos, por conta da casa”. E pensou: vida que segue.

Vida que segue foi o que também disse para si o matador que, montado na sua Mimosa, mirou o olhar além do horizonte e tocou estrada afora... Por mais que tivesse jurado não visitar seu passado, disposto que estava em colocar uma pedra em cima de suas lembranças, para seu desassossego, nesse mesmo momento, seria colocado à prova, pois, contrastando com aquela beleza crepuscular, viu que o tempo se preparava com cara feia ao norte, condição climática que lhe incendiava o corpo. Ele, esquecer da Ritinha? Aqui, ó!

Posto isso, segue o caso. Bentinho, na sua cachola, já tinha o que fazer. Primeiramente iria atrás de sua mãe, Izaltina, onde estivesse, talvez estabelecida em São Borja, como era o diz-que-diz que corria solto por aí. Que ela o esperasse para sofrer justiça. Abandonou-o a deus-dará, envergonhou o Otacilio, e, assim como sua Ritinha, teria que pagar. Segundamente iria alistar-se como degolador em uma das forças que se mostravam na região. Pegara gosto pela coisa.

- Pergunta! Eu aqui, Almerão. O cachorro...

- Almerão, não é hora de falar em cachorro! Bentinho tava achando o quê? Que sua vida seria um pão de ló com goiabada? Além da Ritinha assombrando-lhe os pensamentos e espinhando-lhe o coração, mal sabia ele que entrara na linha de tiro do Coronel Mundico Terra, jurado de morte que estava. Quem com ferro fere, com ferro será ferido. O que era dele tava guardado.

E adianto pra vocês agora: na próxima rodada, juro que termino esse caso, fazendo ressurgir o personagem de segunda linha, o mais chumbrega, mas que se revelará de forma vitoriosa, se é o que podemos dizer frente a uma tragédia dessa magnitude, como se mostrou até agora.

Mas dessa história toda, e de tudo que eu disse e desdisse, o que mais lamento – Deus do céu, Jesuzinho amado – é que o Aparicio, ente, na verdade, dono de coração amoroso – ingênuo a ponto de não perceber a sinuca de bico em que se metera por um rabo de saia –, naquele momento rutilante de sua vida, tenha encontrado daquela forma seu triste ponto final.

A partir de agora, não falo mais nada. Garçom, a saideira! E mandioquinha frita.

Data : 08/03/2012

Título : Direitos iguais

Categoria: Contos

Direitos iguais

Recebi fax de um ouvinte desta radioblog que lendo “Dor de cotovelo” e “Aqui tá pior. Bem pior”, animou-se a contar sua história. Pareceu-me respeitoso. Começou lamurioso, emotivo. O papel do fax estava úmido, imagino que de lágrimas, de tristeza profunda.

Seu caso não era dor de cotovelo. PIOR. Muito pior. A mulher tinha outro, e dentro de sua própria casa. Seu nome: Bidu. Daqueles cachorrinhos pequeninhos, nojentinhos, com registro e tudo o mais. Tinha até carteira da Unimed, pois se recusava a ir à pet shop. Afinal, era um ser humano como outro qualquer, como diria o ex-ministro Magri.

E o cusquinho, não vão acreditar, era veganinho. Comia tomate, rúcula e alface com óleo de oliva, puro, com acidez de 0,1%, carésimo... Não resistia a uma berinjela. Uma vez o coitado do homem comprou óleo de soja misturado com o de oliva, era mais barato. Pra quê? Levou bronca do dog e da mulher.

Água? Só mineral e com gás. Ração só da Royal Canin. Xampu só do Boticário. Passear, só de patinete. E ele empurrando.

Pra ele, massa miojo, água da cacimba e sabão em barra. Aquilo que é bom, só de quinze em quinze dias, depois da novela, com o Bidú latindo: “quero passeá, quero passeá” (au au traduzido). “Le chien” era ciumento.

Só queria direitos iguais. Nada mais. Não queria vantagens. Direitos iguais.

Sentava para escutar o radinho, e a mulher dizia “leva o Bidu pra passeá”.

Sentava para ver Grêmio x Lajeadense, e a mulher dizia “dá suquinho de laranja pro Bidu”.

Sentava para tomá uma Norteña, e a mulher dizia “escova o Bidu”.

Sentava para escutar o Sala de Redação, e a mulher dizia “dá banho no Bidu”. Banho! Eureka!

Preparou o plano para uma fuga rápida. Sabia que ia dar bolor. A coisa iria feder. Deixou o Chevettão ligado na garagem, juntou o radinho, um Motoradio, a coleção de discos do Agnaldo Timóteo, o pijama listrado, meia dúzia de carpins, a camiseta do Grêmio, enfim, o básico.

Ritualizou a operação. Tirou as pantufas do bicho, fez uma cosquinha, aqueceu a água mais do que o recomendado e... Deu banho no Bidu. Seria o último. Com creolina. E ainda adicionou um copo de querosene. Já que ia dar merda, que a razão fosse bem justificada.

Não demorou cinco minutos, o perro e a mulher com um objeto qualquer na mão, não lembrava o que, vieram a mil pra cima dele. E ela gritando “CACHORRO, TE MATO”. O Bidu sabia que não era pra ele. O CACHORRO era o nosso missivista.

Transcrevo suas últimas palavras, textuais. O meu fax estragou nesse ponto: “corri rápido pra garagem, me acomodei no Chevettão, motor aquecido, olhei para trás e gritei Biuuuhhhhuu! Nunca mais, nunca mais. Não é que o controle do portão automático pifou?...”.

Por favor, entre em contato novamente e conte o fim da estória. Seu nome será preservado.

Tem cada uma! Essa é de tomar Fanta Uva na rodoviária. Fora do gelo.

Sugestionados pelo missivista, tocaremos Agnaldo Timóteo - 'Ela disse-me assim, tenha pena de mim...

Data : 01/01/2013

Título : Dona Dilicia, a Deusa do 401

Categoria: Contos

Dona Dilicia, a Deusa do 401

Pois é... Pois é... Bons tempos aqueles do BRISTOL, período importante na minha vida, um verdadeiro divisor de águas, quando passei do ostracismo aos píncaros da glória. Já conto... Já conto...

Até os quarenta sempre fui sujeito sem expressão, de vidinha gris, meio que não existia, talvez por ter dedicação exclusiva ao ócio, sem tempo para o tal do trabalho e convívio social. Minha vida foi sempre marcada por pequenos e sucessivos insucessos. Imaginem que quando gripados os meus irmão tomavam, por recomendação de mamãe, chazinho de camomila com açúcar, pra mim, era supositório com alho, tamanho GG. Os livros que passavam de mano pra mano quando chegavam em mim, que era o último, continha só a capa. Fui atropelado por uma Kombi numa procissão, arrumei uma amante argentina, e por aí vai. Coisas assim, pequenas, mas que marcavam a minha invisibilidade. Meu apelido no colégio era Nota Cinco nem pra frente nem pra trás. Pra completar, papai nos deixou cedo e de uma forma singular. Fazia parte da nossa gloriosa FEB na famosa participação dos brasileiros, tomada do Monte Castello, na Itália, quando inventou de se jogar aos braços do Senhor, morreu, em plena refrega, tiro de canhão pra tudo que era lado, combates corpo a corpo, metralhadores cuspidos bala – a Batalha do Pulador, mal comparando, seria briga de aluna de colégio de freira na hora do recreio. O veio resolveu comer uma rapadura puxa, se engasgou e deu o fedegoso. Acidente, acidente, mas tinha que ser na latrina da trincheira?! Uma legítima cagada mortal!!! Eu não disse, fui um bostão, medíocre até na tragédia. Até que... Até que... Mamãe morreu. Aí comecei a melhorar de vida. Ganhei de herança um quarto e sala no Edifício BRISTOL e uns pilas mais ou menos da aposentadoria da veia. Não esqueçam que papai foi pracinha de FEB.

Não quero ser injusto, vendi para um antiquário por uns bons trocados o bonezinho de meu progenitor, com aquelas medalhas todas... Espólio também. Caiu em boa hora, devia pro Capone uma dívida de jogo.

Bem, bem... Numa manhã tava lá no seio de meu lar, quando apitaram no apê de forma insistente... Pim pim, brimmm brimm, plomm plomm, o tipo do som não vem ao caso. Eu ali, na boa, de cueca samba-canção, camiseta de física da Hering, chinelinho de dedo, num bafo desgraçado, à vontade, à vontade... Tinha acabado de anotar uma receitinha da Ana Maria Braga, me preparando pra fritar uns lambaris pra comer acompanhado de uma gelada, meu café matinal, quando a tramela da porta de meu único bem patrimonial foi implodida por uma tropa de ferozes lanceiros maragatos, comandado por Gomercindo Saraiva, saídos diretamente de um livro do Monteiro, essa a impressão que tive. Adentraram ao ambiente. Eu me sentindo um merda de um chimango, encurralado num quarto e sala do BRISTOL, sem arma branca à mão, com um trabuco desmuniado e entrincheirado em cima de um formigueiro, fui jogado pra cima de meu toca-discos que no momento tocava

Aguinaldo Rayol. Meretriz, fezes. Meretriz, fezes, que situação! Se pelo menos fosse no mano a mano, vá lá!

Ainda bem, ainda bem... Não era nada daquilo que pensara. Tratava-se do pessoal do Conselho Consultivo do prédio invadindo aquele recinto, uns dez mais ou menos, e pedindo por favor para assumir o cargo de Síndico, que confiavam na minha capacidade de administração e nos meus dotes diplomáticos, e mais outras qualidades que nem eu mesmo imaginara ter. Aboletado naquele trono, chorei, chorei, emocionado: até que enfim estava sendo reconhecido. Parecia ver mamãe lá do alto, sorrindo, vendo seu filho guindado a um alto posto de forma unânime pelo povo do BRISTOL.

Sentadão, naqueles trajes, ali mesmo assinei uma papelada, uma tal de ATA. A partir dessa cerimônia, de bainha passei a punhal, me agrandei. Aquela tropa maragata, assim como veio, retirou-se, não dando nem tempo para que eu agradecesse tamanha honraria. Bateram em retirada, me deixando um bilhete que o Janjão, o agora antigo síndico, havia escrito no hospital para o seu sucessor. Parece que o Janjão tinha tido um ataque dos nervos, tava quase escorregando para o além, tal a gravidade de seu estado. Hoje dizem estresse agudo. Consegui ler o que parecia ser uma Ordem do Dia da próxima reunião de condomínio. Olhem só:

- Acabar com o jogo de truço na Hall de entrada do prédio
- Retirar ou não doze gatinhos recém-nascidos de dentro da churrasqueira do Salão de Festas?
- Denunciar ou não a maconha que o condômino do 801 havia plantado em vasos na sacada?
- Implantar bafômetro na entrada do elevador
- Encaminhar o Muammar al-Gaddafi para o Conselho Tutelar

Ah! O disco do Aginaldo foi pro espaço. Sem mais perguntas. Será possível? Já vão começar?

Como já era quase meio-dia, tava pensando em comemorar comendo um pato com farofa e tomar uma Gazapina no bico, quando... toc-toc-toc-toc.

– Tem uma senhora lá embaixo com uma mudança, vai ocupar o 401. O senhor desce lá?

– Sim, sim, claro, respondi louco pra mostrar serviço.

Como é que ia descer só de cueca samba-canção e camiseta de física?! É lógico que pus a bombacha. Se fizerem outra pergunta tomo a minha saideira e não conto mais o caso!

Pessoal, irmãos de trago, que mulher! Que mulher! Já tinha passado a melhor idade, talvez uns trinta e alguma coisa, baixotinha, meio gordinha, cambotinha, canos das botas meio palmo acima do joelho, cabelinho de franjinha tipo Cleópatra, oclinhos de gatinho, tetas fartas, bundinha de aranha, completa. Figura capaz de fazer manequim de loja de turco babar. Sem exagero, sem exagero, um verdadeiro miosótis naquela selva de pedra.

Gente, essa aí que eu descrevi é nada mais nada menos que a Dona Dilicia, a Deusa do 401.

Se vocês virem uma parecida aí pela rua, aproveitem, tirem xerox, e colorido. São raras.

Logo, logo, eu e outros voluntários, levamos a tralha no muque até o apê. Naquele momento ela tinha esquecido a carteira e tava sem dinheiro para pagar o frete e ajudantes. Mas isso é coisa material, de menos importância, quando se trata de um ser de outro mundo. Ali mesmo fizemos uma ação entre amigos e pagamos a conta.

Obrigada de coração, seu síndico... Entre, entre, venha tomar um cafezinho -gemeu Dona Dilicia.

Olhem, às vezes, como no caso, vizinha boazuda é a solução, e não o problema. Me ajudou demais na administração daquele prédio, tornando minha empreitada leve que nem arrote de miss.

Posso dar vários exemplos pra vocês. O Muammar al-Gaddafi, gurizinho terrível, filho de um casal de sírios da ala esquerda do prédio – passaria em primeiro lugar se houvesse concurso pra Diabo – tava me dando um baita dum trabalho... Imaginem, peidava em balões, desses de aniversário, e soltava nos corredores para os gatos brincarem. Isso aí não é nada. Um dia o meliante pichou o Jeep verde abacate do seu Nilo com spray amarelo-butiá. Mas, esperem, esperem, escreveu em letras garrafais “veio broxa”. Pra que, pra que... Queriam mandar o guri pro Conselho Tutelar. Por mais que eu explicasse pro seu Nilo que, embora o escrito fosse a mais pura verdade, que não se justificava a atitude, tal e coisa e coisa e tal, não consegui acalmá-lo. Dona Dilicia, me vendo em apuros, determinou que mandasse os dois envolvidos, um de cada vez, até o 401, pra um cafezinho.

Santo remédio! Seu Nilo, com olhos brilhantes, à saída da reunião balbuciava “deixa pra lá, isso é coisa de piá, temos que ser condescendentes com nossa juventude”.

Já Muammar al-Gaddafi converteu-se imediatamente à religião, pregando a palavra de Deus no prédio, tendo como sua referência religiosa o Pastor Feliciano.

Claro, volta e meia, meia e volta, tinham, os dois, que tomar um cafezinho com a Dona Dilicia, como que renovando seus votos.

Assim como ela dava, ela recebia. Uma mão vai, outra vem, essa é a lei das coisas. Quando ela descia pra pegar a correspondência era uma correria só. Dias mais frios, de chambre de seda vermelha, fresquinhos, de peignoir, calorentos, de baby-doll. Mas sempre com alguém do lado levando as cartas de forma que ela não carregasse peso ou segurando a barra do chambre de modo que não roçasse no piso frio.

O seu Jorge, produtor bem-sucedido de galos pra terreiro de macumba sempre deixava algum na porta do 401; o dono da padaria, um saquinho de pãozinhos quentinhos, tudo com discrição. Eu, por exemplo, levava sua Brasília vermelha pra abastecer, outro consertava o chuveiro, e assim toda a comunidade de calças procedia. Não existia ciúmeira boba entre nós. Dona Dilicia era uma mulher comunitária, compartilhada no mais puro sistema de cooperativa.

Ah! Querem mais exemplos? Bem, bem, a coisa fedeu quando o dono do 707 correu esbaforido, gritando que sua cobra jiboia de estimação tinha fugido. Que coisa, ainda bem que o pitbull pernetta do 303 – tinha perdido uma das patas numa briga com Fariseu, o gato da mulher da limpeza – localizou o réptil dentro da churrasqueira do salão de festas. Acuada, sem opção, a cobra atirou-se lá de cima, suicidando-se. Até aí nada demais, mas o bicho, pesadão (lembram dos doze gatinhos...?, pois é, já eram...) caiu em cima do para-brisa do Gordini da jararaca do 602, língua de trapo do prédio, Dona Filó. Hummm! O chefe dos bombeiros já ia anotando a ocorrência – ia sobrar para o síndico – para acionar o Ibama quando Dona Delicia, lá da sacada do 401, assoviou para aquela autoridade, fez um sinal de positivo e... a coisa nunca deu em nada.

Que poder desta mulher!

E tinha um coração grande, enorme... Uma tarde dessas desce pelas escadas o seu Naum, lá do 1002, corrido pela Sara, sua esposa. Que cena, aquele oitentão, de pijama listrado, gorrinho de lã, de pantufas, com um saco quase tocando nos degraus da escada, em prantos. Patético, patético. No saco de plástico que portava, desses de super, continha a prova do crime. Um binóculo através do qual espiava as gurias

do prédio vizinho que tomavam banho de sol peladas. Não era justo, esse pobre homem, sofrido em sua mocidade nos campos de concentração de Auschwitz, por um desvio de conduta justificado, ser atirado à sarjeta nessa fase de sua vida. E tem mais: passava açúcar em seus olhos com a vizinhança, ora, ora... Outras são outras... Sempre fora respeitoso com as mulheres do BRISTOL. Sara fora injusta, desumana para com o seu companheiro. Pagaria por esse desaforamento. Bueno, vocês já sabem o que ocorreu. Foi isso mesmo, isso mesmo... Não passou do quarto piso. Homiziou-se no 401 por uns dias. Não queria sair mais de lá, mesmo depois que uma comissão conseguiu convencer a Sara a recebê-lo de volta, o que no fim acabou acontecendo. Viciou no cafezinho da Delícia.

E tem outra... Essa é de matar! Dois irmãos gêmeos chineses, o Chixi Nomuro e o Kagana Kara, feirantes, que ocupavam o 711, passavam brigando. Mas os jaguaras não lutavam dentro do apê, diziam, pra não quebrar a louça e os móveis de sua propriedade. Adotaram os corredores e a escada do BRISTOL para as contendas. Terciavam ferro, utilizando de sabres que ganharam de herança de seu pai que trabalhara durante um bom tempo de samurai para o coronel Curió, na Serra Pelada. Mas faziam questão de lutar dentro das tradições de seus ancestrais, vestiam quimonos amarelos, faziam aquelas medidas todas, aquelas caras de brabos, e xingavam-se em mandarim.

Um dia passaram dos limites. Lembra-se do Muammar al-Gaddafi? Pois é, o guri tentou pregar a paz através da palavra de Deus num desses entreveros e sobrou pra ele. Levou um talho na bunda. Pra quê, pra quê... O espírito do Pastor Feliciano tomou conta daquele servo juvenil que acabou puxando um canivete de escoteiro – que escondia dentro da Bíblia – botando os chinos a correr.

Ah, não! Delícia chamou os dois juntos, eram gêmeos, vem, entrem, vamos tomar um cafezinho! Hehe! Até hoje me lembro dos irmãos saindo sorrindo em chinês, fazendo medidas até pra gatos e cães que encontravam, completamente domados. De vez em quando e quando em vez, pediam que intermediasse uma nova visita.

Suas intervenções foram inúmeras... Bah! Perdi a conta. Mas... Mas... Tragédia, num dia fatídico nossos corações foram literalmente cortados por uma moto serra, sem anestesia. Delícia anoiteceu e não amanheceu, fugindo com um dos nossos, amigo da onça, traidor, f.d.p., usurpador de sonhos, que a seduziu com sua lábia e vigor, deixando um rastro de débitos a pagar com a comunidade que lhe reverenciava e com a entidade jurídica que a abrigava. Doze meses de condomínio pendente, e por aí vai...

Abraham Lincoln sempre dizia “free coffee doesn’t exist!”, murmurou Beto, o letrado. Não respondi a esse metido mesmo porque não entendo nada de francês. Deixa pra lá.

(Tu aí que tá lendo este caso não tá vendo, mas mal consigo continuar minha... O pessoal todo do Bar, atento, embevecido. Um incentivo a continuar. Pena que tu não tá aqui junto comigo pra conferir o entrevero).

Bueno, continuo... Vocês não imaginam... Sem a nossa Deusa, verdadeira filha da noite, o prédio retomou sua condição de selva de pedra, tornando-se verdadeiro sarcófago, aprisionando espectros humanos, defuntos inconsoláveis, esqueletos tomados de osteoporose, desolados, presos por correntes de aço em lápides frias, choramingando não pela perda de meia dúzia de pilas (isso se recupera...), mas viúvos de um conceito de mulher travestida de Delícia, que sorria, falava carinhos, olhava com promessas, afagos e servia um cafezinho como ninguém. Isso não tem preço!

Sabem a música que o Aguinaldo cantava, naquele finado LP de estimação?
Escutem...
Lembro de um olhar
Lembro de um lugar
Teu vulto amado
Lembro um sorriso
E um paraíso
Que eu tive ao teu lado
Lembro a saudade
Que hoje invade os dias meus
Para o meu mal, lembro ao final
Um triste adeusssssssssss.....

Mas peraí, peraí... Não chorem... Não entrem em pânico... Quando uma mulher vai, outras vem, e às vezes com vantagem. Nessas situações é que me lembro que alguém disse com muita sabedoria “mulher, patrão e cachaça em qualquer canto se acha”. É de não acreditar... Não é que a Libertina, esposa do Janjão, inventou de assumir o lugar da Delícia, e num dia eu...
Por favor, por favor, só uma pergunta? Nem sei quem é o desgraçado que se pronunciou aí.
Fala, tchê! Quem sou eu pra não dialogar com meus ouvintes, com essas passeatas todas...
Tinha bolinho de chuva no cafezinho da Delícia? Chimia?
Pessoal, deixa pra lá, por hoje chega. Tem cada uma!!
Garçom, a saideira!

Autoria: Miguel Guggiana
Ilustração: Leandro Dóro

Data : 01/03/2012
Título : Dor de cotovelo
Categoria: Crônicas

DOR DE COTOVELO

Este texto foi postado, inicialmente, no meu blog, onde inventei de sugerir músicas aos leitores. Com essa de compartilhar mais do que aquilo que escrevo, meu gosto ficou escancarado. Recebi, então, alguns “conselhos” e palpites quanto às minhas preferências.

Mas assumo! Gosto da Boate Azul, da Dama de Vermelho... E do Garçom, então?! Músicas desse tipo. De intérpretes como Maysa, Francisco Alves, Nora Nei. Mas não sou radical! Posso rever e sugerir, também, Wando, Roberto Carlos. Ah! E a Angela Maria... Ah! Nat King Cole...

Os argumentos foram, pejorativamente, “música dor de cotovelo”.

E quem não teve dor de cotovelo? Atire a primeira pedra. Atira! Atira! Isso é coisa velha. E não tem vacina contra.

Até Freud e Jung, que lá pelos anos de 1900 e alguma coisa andaram ganhando uns pilas fazendo as pessoas cochilarem em um catre a contarem segredos pessoais, estudaram o assunto, com outra roupagem, e, tenho certeza, aproveitariam essa dita “dor de cotovelo”, letra e música, para qualificar suas pesquisas e arrancar todos os segredos, todos, todos... Até aqueles, facilitando o diagnóstico. E sofreram disso também. Tenho certeza.

Imagine o sucesso! Reginaldo Rossi e Freud juntos assinando trabalhos científicos! Jung e o Milionário e José Rico defendendo teses idênticas no Conversas Cruzadas! Parece que estou vendo a ambulância da SAMDU levando o Lasier Martins para o manicômio.

Essa dor desgraçada foi descrita por Caetano Veloso de forma bem conclusiva: “O ciúme dói no cotovelo, na raiz dos cabelos, gela a sola dos pés”. É isso mesmo e mais um pouco. Esse mais um pouco foi identificado de forma contundente, porém entendível por todos, por um conhecido anônimo ali das bandas de Bom Recreio, como sendo “pior que talho na bunda, dói e não sara nunca”.

Cura? Até que tem! É... Mais ou menos...

Conheci um amigo, que, supostamente curado, resolveu inticar com a mulher que causou sua dor de cotovelo, fazendo uma serenata de desagravo, cantando embaixo de sua janela com violão e até banquinho para apoiar o pé. Escolheu o samba de Adoniran Barbosa “Mulher, patrão e cachaça, em qualquer canto se acha”.

Imagine só o que aconteceu. A tresloucada atirou um radinho Philips, cor creme, uma preciosidade de 1958! Não leram errado. De 1958! Uma radiada na cabeça!

Um toco de gente. Desmilinguida. Loca de até. Essas baixinhas são as mais metidas. Tava pensando o quê? Que era a Kim Novak? Eva Peron? Ava Gardner? Cleópatra? Mulher Melancia? A Carminhaaaaaaaaaaaaaaaaaa?!

Levei o amigo de Kombi para o postinho de saúde. No caminho, indignado com a agressão despropositada, até sugeri para a vítima a possibilidade de processá-la pela intenção visível de machucá-lo e ainda com um objeto antigo, raro. Agressão pura, física e ao patrimônio cultural! Uma boa advogada a colocaria na cadeia por uns 20 anos.

A suposta ofensa dele foi musical. Ela poderia ter retribuído atirando um travesseiro, uma almofada, um livro, podia ser o Pequeno Príncipe, jornal velho. Vai... Exagerando, até um copo plástico. Mas, não! Tinha que ser um rádio, e dos antigos. Foi pra machucar. Intencional. Pura maldade.

Estamos muito vulneráveis nisso. Nem Lei Maria da Penha para os homens! Nem Delegacia Especializada!

Mas, retomando o caso, sabe o que o desgranido me respondeu, agarrando o cotovelo com as duas mãos (a cabeça é que fora machucada, estava que nem um porongo!...)? “Ainda dói, ainda dói”. Lágrimas profundas, salgadas corriam... Dos cotovelos. Pode? Que poder elas têm!

Me caiu os butiá do bolso.

Ilustração: Mauricio Zamproga

Data : 22/06/2012

Título : Dor di gomito

Categoria: Crônicas

Descrição: Con questo mania di mettere testi pubblicati su questo blog per suggerire una canzone, il mio gusto fu notato.

DOR DI GOMITO

Con questo mania di mettere testi pubblicati su questo blog per suggerire una canzone, il mio gusto fu notato. Ho ricevuto qualche "consiglio" e qualche previsione, per quanto riguarda le mie preferenze.

Ma assumo! Mi piace il Nightclub Blue, il Queen of the Red e il cameriere, allora....! Canzoni di questo genere. Interpreti come Maysa, Francisco Alves, Nei Nora. Ma io non sono radicale, posso anche rivedere e suggerire.... Wando, Roberto Carlos. Ah! E Angela Maria ... Ah! E Nat King Cole...

Gli argomenti erano, in senso peggiorativo, " musica del dor di gomito".

E chi non ha avuto dolore al gomito? Scagli la prima pietra. Spara! Spara! Questa è roba vecchia. E non c'è vaccino.

Perfino Freud e Jung, che già nel 1900 o circa andavano guadagnando dollari convincendo la gente a fare sonnellini su una branda per condividere segreti personali. Studiarono largomento, con veste diversa, e ne sono sicuro, che sfrutterebbero il cosiddetto "dor di gomito", parole e musica, per descrivere le loro ricerche ed estrarre tutti i segreti, tutti e tutti .., anche quelli, che facilitano la diagnosi. E soffrirono anche di questo. Ne sono sicuro.

Immaginate il successo! Reginaldo Rossi e Freud insieme, firmando lavori scientifici! Jung e Miglionario e José Rico difendendo le stesse tesi nelle conversazioni crociate! Sembra che io sto vedendo l'ambulanza della SAMDU che porta il Lasier Martins al manicomio.

Questo terribile dolore è stato descritto da Caetano Veloso in un modo molto convincente; "la gelosia fa male al gomito, Allá radice dei capelli e congela la suola dei piedi". É próprio così e um pó di 'píu." Questo poço piú é stato identificato in una forma un poco forte da un uruguayano, non identificato, come: "peggiore che uno squarcio del culo, che fa male ma non guarisce mai".

Una cura? Ci sarebbe! É. Piú o meno...

Ho conosciuto un amico, che supponendosi curato, decise di godere, stuzzicando la donna che causó il suo dor di gomito facendo una serenata di espiatione, cantando sotto la sua finestra, con una chitarra e perfino con un banchetto per appoggiare il piede, la samba di Adoniran Barbosa "donna, padrona e cachaça, si trovano in qualsiasi angolo".

Immaginate cosa è successo. La pazza lanciò una radiolina Philips, di colore crema, una cosa preziosa, del 1958! Non avete letto sbagliato. Del 1958! Una radiata in testa! Un ceppo di persone.. magrine... Pazze da legare. Queste bassine sono quelle che piu si intromettono. Stavi pensando a che cosa? Chi era la Kim Novak? Eva Peron? Ava Gardner? Cléopatra? Teresa Cristina? La Donna Melone?

Ho portato l'amico in Kombi per un centro di primo soccorso. Lungo la strada, indignato per l'aggressione irragionevole, suggerí allá vittima perfino la possibilità di processarla per l'intenzione visibile di ferirlo e in piu, con un oggetto antico e raro. Fu

un' autentica agressione, física e al patrimônio culturale! Una ottima avvocata la manderebbe in prigionie per almeno 20 anni.

Il supposto reato di lui, fu di tipo musicale. Lei avrebbe potuto ricontribuire lanciando um cuscino, un libro, potrebbe essere stato Il Piccolo Principe, o un giornale vecchio. E vai..... esagerando, perfino un bicchiere di plastica. Ma no! Doveva essere próprio una radio, e di quelle piu antiche. Fu fatto esattamente per far del male con intenzione. Una cattiveria pura.

Siamo molto vulnerabili in questo. Né la legge Maria da Penha vale per gli uomini! Né una polizia specifica!

Ma, ritornando al caso, sapete cosa il disgraziato mi há risposto prendendo Il gomito con le due mani (la testa , che a parte la ferita, era come una zucca!...); "fa ancora male, fa ancora male". É possibile? Che forza che hanno!

Mi sono cadute Le palle.

Autore: Miguel Guggiana

Disegni: Mauricio Zamprogna

Traduzione: Francesca Di Vito

<http://contosdoantiquario.blogspot.com.br/>

Data : 01/05/2012

Título : É a Cara do Pai!

Categoria: Contos

Descrição: Natal de 2011, meu filho Oscar disse que já tinha escolhido meu presente. "Pai, é tua cara".

É a Cara do Pai!

Natal de 2011, meu filho Oscar disse que já tinha escolhido meu presente.

"Pai, é tua cara".

"Bati os olhos e disse, é o próprio", confirmou sua cúmplice, Juliana.

Quando fui visitá-los em Santa Cruz do Sul, recebi o prometido.

Entre estupefato pela ilação entre objeto presenteado e receptor, eu, entusiasmado vendo uma preciosidade daquelas, relevei a comparação, creditando-a a uma simbologia de linguagem.

Traduzi a expressão como sendo uma mensagem de carinho.

Hoje , admirando a peça, aqui entre nós, não posso negar, admito; "é a minha cara".

Uma rara torresmeira de meu tempo de infância!

Mas mesmo reconhecendo a mensagem carinhosa nas entrelinhas, ficou lá no fundo um quezinho ; "a cara do pai". E tinha que ser uma torresmeira! Uma torresmeiraaaaaaa!!!!

Requer uma contrapartida!

Fui me socorrer com Ivon Cury, que lá pelos anos de 1950 fez sucesso nas rádios, como cantor e compositor, e achei na letra de uma de suas músicas, a medida certa para uma vingança afetuosa.

A partir daquele achado pensei; se pareço uma torresmeira, se meu filho se parece comigo, ele tem alguns traços da dita cuja, portanto... nós três temos algo em comum. A cara do pai.

A cara do pai
De tanto trabalho
O seu nascimento
E foi um tormento
Um Deus nos acuda
A mãe aflita
Todo mundo ajuda
No fim ele sai
A cara do pai

E prá mãe coitada
Tão sacrificada
Não há elogio
Todo mundo vai
Dizendo baixinho
“Mas que bonitinho
Está tão gordinho,
É a cara do pai”
e por aí vai.....

Data : 12/05/2012

Título : É pior que...

Categoria: Contos

É pior que...

Passo Fundo ficou em polvorosa, literalmente, quando a história de “Aqui tá pior. Bem pior” tomou conta das ruas. Olha só o que Compadre Lagoa ditou pra comadre dele. Ele não se dá bem com as letras.

“E aí rapaz?! Quanto tempo. Li o blog da tua rádio esses dias, quem me noticiou foi o Nairo. Aquilo que tu publicou aí foi fato, a mais pura verdade. Desci aquela Brasil num galope só, levantando poeira que não vi igual. O tubiano sabe quando precisa acelerar o passo. Tchê! O pó que levantou naquela rua foi monstruoso. Dizem que chamaram até os bombeiros de Ernestina para ajudar a atirar uma água. A roupa que estava estendida no varal das casas ficou uma imundície só. Cancelaram até a missa. O avião da Varig não subiu pro Marau. Três ninhos de coruja soterrados. Calamidade pública. Cavalito bom, de carreira, é isso.

E a Polícia Montada! Chegaram naquele jipe, um brigadiano com a cabeça pra fora fazendo UUUuuuuuuuu” UUUuuuuuuuu! Aquela merda da sirene vive estragada.

O estropício foi de cinema. De cinema.

Bueno. Sabe como vim parar em Coxilha? Eu não enxergava nada. A polvadeira era uma coisa só. Minha intenção era ir pra barragem. Do tubiano também. Perdemos o rumo. Vou acabá comprando aqui dos camelô um óculos escuro de cavalo. Pro cavalo. Talvez um GPS.

E tem mais. A guria é uma tigre. Já viste uma tigre braba? Eu também não. Mas é por aí. O pior é que eu gosto dela. O outro teu dizido “Dor de cotovelo” se enquadra bem pra mim. Essa doença é pior que talho na bunda. Dói e não sara nunca.

Disse pro Nairo. Vamo ficá por aqui uns dias pescando. Deixá as coisas se acalmarem.

Passamos na venda pra comprá pão sovado e linguiça. Mas nem te conto. Acabamos comprando linguiça em metro. O bolicheiro queria pesá naquelas balancinhas de pesá peixe. Aí trouxe uma. Outra. E outra. Todas antigonas. Não dá, não é! Sô veio nisso! Enrolei bem e cuidei da cachorrada. Aqui a cuscama come carne. É. O cusquinho da tua estória “Direitos iguais”, o Bidu, é vegano!?. Dá uma carninha pra ele. Quero vê! Tu sabe da última? Bah! Nem te conto! O filho do bolicheiro vai pro Seminário. É. O Joãozinho. É uma praga. Bota praga nisso. E a filha do veio...”

Bem, caros ouvintes, vou encerrar por aqui, que tem mais carta na fila...

Data : 01/01/2014

Título : Enrosco familiar

Categoria: Contos

Enrosco familiar

– E aí, contador de caso, tem visto o padre Antão? Anda desaparecido aqui do Bar. Tamo sentindo falta de nosso guia espiritual.

– Mas vocês não sabem da maior! O Bispo despachou ele para Nuuk, lá pela Groenlândia. Ainda bem que é capital. Parece que pra renovar seus votos. Uma injustiça, Antão é um baita dum vigário!

– Mas bah! Terá sido por que ele perdeu o crucifixo naquele carteadado de truço lá na Carola? Chamou alguém de coisinha linda? Ou Aquela vez em que deu uma sumanta de pau no intendente de Pinheiro Torto por causa da sua afilhada? Porquê...

– Nada disso, pessoal, nada disso. Pelo que eu soube pelo próprio, foi em decorrência de estafa de sua atividade de religioso. Naquele domingo fatídico, na última missa, já com as ideias mareadas de tanta reza e binatchio, ao dirigir-se para o coroinha, em vez de pedir o cálice de vinho, disse por força do hábito, em alto e bom tom, ao microfone: “Garçom, a saideira!”.

– Só por isso?

– Gente, foi na missa das onze, domingo de Páscoa! Deu um baita dum rebuliço, foi assunto até no Papo de Evas. Foi uma desgraceira!

– Tão me chamando? Já querem a saideira?

– Ô, Garçom! Nada disso. O assunto é outro. Quando te chamo tu não vem, quando não te chamo tu vem. Bom, já que tu tá aí, traz a saideira!

Gluglugluuuuuuuuuuu. No ponto! De tomar no bico!

Onde que eu estava? Ah! Padre Antão. O que eu pude ajudar, ajudei, emprestei o poncho preto herdado do coronel Mundico Terra, meu bisavô... É grande e dá pra dois. Não esqueçam que ele levou junto a Francisca, sua afilhada. Lá faz um frio desgraçado, de renguear urso. Mas, mudando do saco prá mala, hoje o assunto é outro. Definitivamente deixei de ser o messias, aquele de querer fazer o bem, sem olhar a quem – foi aí que me ferrei – nem aguardar recompensa. Eu tinha o costume, de vez em quando, me postar nas imediações da Catedral, ali na praça, com a nobre missão de fazer bem às próximas. Selecionava, das passantes, a menos privilegiada pela natureza e me dispunha a lhe massagear a alma com uma ação tão simples quanto eficiente. Emparelhava o passo com o da escolhida e lhe dizia no entredente: “gostosa”. Era lindo de ver! As reações, as mais diversas. Porém, todas faziam aquela cara de ofendidas, mas os olhos diziam o contrário: felicidade pura. Assim que proferia as palavras mágicas, tirava distância e desaparecia. O bem estava feito. Coisa de bom moço, até porque, como já disse, não esperava recompensa.

Mas o papai aqui sempre foi muito previdente. Qualquer coisa em contrário, caso de uma reação mais intempestiva, incompreensão ao meu gesto benfeitor, corria uma ou duas jardas, entrava na minha Rural Willys verde e branca, que deixava em um lançante ali perto, na Osório, engatava uma quarta e me escafedia rua abaixo até chegar na Maroca. Ali... Bem, ali estaria em casa! Nunca fora necessário tal extremismo, até que, num fim de tarde gris de agosto, aconteceu a tragédia.

Como sempre digo, um dia é um dia. Tava ali na espera, como quem não quer nada, quando vi uma baixotinha compacta, passinho curto e ligeiro, de vestido – pasmem, acreditem, de vestido de tafetá! –, ostentando um pomposo coque, agarrada ao Velho Testamento, com uns óculos escuros enormes que lhe escondiam completamente o rosto. Antígona, do tempo de guaraná com rolha! Pensei: é esta. Como sempre, emparelhei o passo e, caprichando no tom de voz, disse: “gostooooosa!”. Sabem, não sei por que, mas caprichei no oooooosa!!! Minha voz, em vez de sair no entredente, saiu aberta, baritonada, um espetáculo!

Jesus, Maria, José! Que gritado saiu daquele metro e alguma coisa de mulher: “cachorro, sem vergonha, tarado, passado”. Até aí tudo dentro do esperado, pensei, de quando em quando pode dar errado. Só que dessa vez deu muito errado. Ela engatou “vou contar pra tua mulher!”, “que falta de respeito”, “vai criar vergonha nessa tua cara”, “não leva livre nem parente”. Parente?! Tremi na base. A senhora tirou os óculos... Meus companheiros de trago, é de não acreditar. A baixotinha de vestido era nada mais nada menos que a tia Nenê!

– Bah! Contador de causo, que situação mais encardida! Tua tia!

– Seu Nilo, se fosse minha tia o furdução ficava em família, mas a Nenê é tia da minha consorte! Tragédia pouca é bobagem.

Pois a espécime de vestido – não bastasse o parentesco indevido –, além de ultrajes verbais, ofensivos, me agrediu covarde e violentamente com o Velho Testamento, gritando a cada testamentação: “fritarás no fogo do inferno!”. Num destempero total. Mas, nessas alturas do campeonato, o fogo do inferno, pensei, seria açúcar na caipirinha, sal temperado na carne gorda. O sacrifício maior seria ajustar contas com a minha dita cuja, mulher de faca na bota! Já naquele átimo de segundo, preparei os argumentos: “tia, a senhora entendeu errado, foi uma brincadeira”, “não é o que está pensando”, “não sabe nem brincar”, “seria incapaz disso”, “vamos dialogar”, “pensei

que fosse outra”. Essas coisas que no desespero dizemos quando nos pegam de cuecas nas mãos.

– Mas, contador de causo, e o plano B, a retirada na Rural?

– Pois é, Anacleto! Tia Nenê inventou de desmaiar! Escutei a sirene da Samdu, pensei: a veia tá em boas mãos, hora de picar a mula rumo ao plano B. Mas aí, vocês sabem, juntou um povaréu daqueles, parecia comício do Brizola. Gostam dum arranca-rabo que nem sei, vou te dizer. Mas pra mim não seria problema uma retirada à paraguaia. Já ia fazendo isso quando escutei vindo da massa insana alguém dizer “a Delegada Helô (i) está vindo com um pelotão de tranca-ruas (ii)”. Parei ali mesmo, fiquei estático, era exatamente o que eu queria, um encontro com aquela mulher de lei, um sonho acalentado por muito tempo. Seria uma oportunidade única tê-la ali à mercê de meus olhos e pensamentos, os mais mal intencionados possíveis. Decidi; não fugiria, enfrentaria aquela quimera de igual para desigual. Não esqueçam que ela vinha acompanhada por aqueles brutamontes.

– Por que não o BOPE?

– Natalino, a Delegada sabe o que aconteceu com o pessoal do BOPE quando do último enfrentamento: baixa geral, uma fiasqueira, corridos a pelegaços por um contador de causo... Não correria o risco novamente, por isso os tranca ruas.

Ah! Meu Deus do céu! Santo Cristo! Quando aquela mulher chegou, do alto de sua prepotência diáfana, com aquele aparato todo, foi de cinema. A turba imaginava uma tragédia, sangue correndo pelo meio-fio das calçadas, enfrentamentos violentos com arma branca e pistolas de alto calibre, pois, sabiam, eu não era de recuar. Para mim, que sou bisneto do Coronel Mundico Terra, aquilo seria fichinha! Perderia a vida, mas não morreria! Estava disposto a isso. Nunca fui homem de levantar pandorga sem ter linha forte. A kombi da polícia chegou escandalizando, não sabem chegar à francesa. Ela desceu, altiva como sempre, com aquele porte aristocrático, e assim que me viu caminhou a passos largos, com aquelas pernas – padrão Fifa – de antílope, possessa ao meu encontro. Parecia uma manequim desfilando na rua esburacada como se fosse uma passarela, sabem? Naqueles passos desengonçados, mas que partindo dela revestiam-se de graça especial, e atrás, em séquito, contrastando, os brutamontes. E a cada passo, seus seios balançavam numa dança singular, movendo-se de um lado pro outro, de um outro pro lado. Ao mesmo tempo que numa delicadeza só, também agressivos, pedindo passagem à claridade, quase que arrebatando os botões de sua jaqueta marinho. E na esteira desse caminhar sensual ia deixando um cheiro bom de mulher recém-saída do banho com sais de sumo de hortênsias. Compondo esse quadro, seu rosto angelical completamente alterado para uma expressão felina, não deixo por menos, de onça no cio, compatível com um corpo a corpo que se descortinava. Só que eu, diabolicamente, pensava num outro tipo de corpo a corpo com aquela autoridade. Por isso minha espera por aquele momento, que, sem querer, tia Nenê estava me patrocinando.

Mais ou menos a uns quatro metros ela estancou, esperando uma reação violenta minha, quando para sua surpresa levantei lentamente os braços – um silêncio profundo imperava na praça, quebrado tão somente pelo badalar do sino da igreja: “dim-dom, dim-dom, dim-dom”. E olhando fixo para seu corpo, como que buscando força para o que pretendia, gritei de peito aberto: “estou armado! Estou armado! Reviste-me!”.

As pombas, centenas delas, se assustaram e revoaram em sonoro lúgubre por todos os lados, dando uma tinta especial àquela cena de fim de tarde descorada, ao mesmo tempo em que, inconscientes, se protegiam de um duelo entre gigantes. Coisa para Spielberg (iii) registrar.

Pude perceber em seu olhar e em suas mãos lívidas uma dúvida atroz: revistava-me ou não? Sabia que comigo a carne era forte. Quando pra minha... – “REVISTEM O TARADO!!!! REVISTEM O TARADO!!!!” – vociferou, num balbucio choroso.

Realmente, meus confrades, num primeiro momento, me surpreendi. Não esperava da Delegada Helô tamanha falta de ética profissional. Ela simplesmente abriu mão de sua prerrogativa quando terceirizou a tarefa de me revistar a indivíduos de sétima categoria, de mãos rudes, não as que esperava, macias tal qual bunda de nascituro e trêmulas tanto quanto a de uma sedenta. Pura covardia. Sabia que se cumprisse com sua obrigação estaria pelo resto de sua vida à mercê de meus caprichos, escrava de meus encantos. Pelo sim, pelo não, optou pela racionalidade.

Carregado por aquela turba de malévolos, ainda pude perceber a imagem daquela mulher, se distanciando, se penitenciando, se lamentando pelos prazeres de que abria mão.

– Mas, contador de caso, não deste uma paliçada de pau na corporação de tranca-ruas? Não os colocaste a correr?

– Pessoal, de maneira nenhuma, não nasci hoje. Era mais o que eles queriam. No outro dia pediriam atestados de afastamento do trabalho, trinta dias, no mínimo, para tratamento de edemas, cortes, furos de bala e contraturas, e eu ainda me arriscando a ter que responder juridicamente por constrangimento moral inferido à tropa. Sabem, com as leis que nós temos... E quem é que paga isso? Nós os contribuintes.

– Tenho uma pergunta.

– Não obstante compreender que ela sentia profundamente pela atitude tomada, não a perdoaria. A volta vem, e os calaveiras se secam. Ainda a teria aos meus pés clamando por uma migalha de carinho! Que custava me revistar?! Mas naquele momento queria mais que ela se...

– Tenho uma pergunta. Pelo que eu sei a Rural só tinha três marchas. A tua tinha quatro?

(Santa Madre! Um detalhista! Só pode ser o Doisidois Sanquatro, o matemático do Bar).

– Senhores deste plenário, vocês são muitos, talvez vinte, ou centenas quem sabe. Fica difícil de contar, e se cada um vai fazer uma pergunta eu acabo me perdendo no caso. Se continuarem me interrompendo, tomo a saideira e vou...

– Não, não... Continua, silêncio, psiuuu...

– Vocês que sabem... Bueno, no fim das contas acabei mesmo no xilindró. Chegando ali no Posto Policial da Vila Tunda de Laço, reduto daquela mulher de quem quero me esquecer, o Sargento Tenório me pergunta se eu tinha diploma. Olha, na hora ia mencionar que era contador de caso, mas como sou modesto omiti minha qualificação. Resolvi dizer que sim, que era graduado de nível internacional, coisa muito fina, e realmente apresentei o documento. O Sargento examinou o papel meticulosamente, até disse, com cara de professor de latim: “o que é o estudo! E em inglês?”. Com curso superior fui parar na Papuda.

Até que a coisa não estava tão ruim! Fui companheiro de cela dum tal de Zé Dirceu, gente boa, de bom papo e, pelo que me pareceu, bastante influente nas hostes palacianas. Quando soube que eu estava ali por ter chamado – numa atitude republicana – alguém de gostosa, dava gargalhadas. Acho que foi com a minha cara, porque propôs até colocar no meu nome algumas de suas empresas e em troca ganharia uma ONG em sociedade com um tal de Maluf. Estávamos quase fechando a parceria quando fui informado de que seria transferido para o presídio de Serrinha, lá no Maranhão.

– Mas, contador de caso, e teu diploma não valeu nada? Era de Harvard? De Coimbra?

– Pois é, alguém lá tentou de examinar o tal de documento, desconfio até que foi aquela delegadazinha. Olha o sacrifício que tive para conquistá-lo. Ainda o tenho em quadro na parede de meu quarto e sala lá no Bristol: “Cameo en el Campeonato 35a Trova a Orillas del Río Uruguay – Passo de Los Libres – Argentina”. Gente, foram duas semanas de trago, assado de carne de porco do mato e muita trova. Mas deixa pra lá, isto é outro caso. Inventaram até um nome para aquela safadeza que fizeram comigo quando desconsideraram minha titulação: falsidade ideológica.

Senhores, continuando, é de não acreditar. No fim das contas fui considerado um pária para a sociedade. Certamente representava um perigo para a burguesia para me destinarem para aquele inferno. Na lata mesmo, tinha sido condenado à morte! Sabendo disso, eu que não era muito chegado à reza, me peguei com tudo que foi Santo, porque o tal de habeas corpus estava longe de mim; numa naba desgraçada, não tinha um pinto pra dar água. Vocês daqui, até que levantassem fundos com uma Ação entre Amigos, seria demasiado tarde. Enfim, salvação: só Jesus assumindo a causa. Pensava no pior, o que poderia acontecer comigo naquela cadeia fétida? Morrer recortado por peixeiras seria massagem de odalisca, ou, o que eu mais temia, perder minha virgindade, impensável para um homem de minha têmpera. Suicídio era o que me restava... Ir ao encontro do Senhor por mãos próprias. Mas, faltando minutos para minha transferência, na falta do padre Antão, o Pastor Feliciano já tinha me preparado espiritualmente. A Federal já tinha sido acionada para minha escolta, e eu já pronto a ingerir um frasco de Pílulas do Dr. Ross com um líquido que me levaria à morte – Grapette com leite de magnésia –, fui surpreendido pelo carcereiro: “seu contador de caso, tem alguém aí, uma mulher que quer um particular com o senhor”. Foi o que me salvou, a um custo muito alto, reconheço, mas tou aqui vivo e são de lombo. Dos males o melhor!

Bem, amigos, já é tarde, outro dia termino o caso. Garçom, a saideira!

– Não!! Não! Tranquem a porta, não deixem o contador de caso sair sem contar o fim. Por favor, fique mais um pouco. Isso não se faz! Agarrem o homem!

– Calmem... calmem... Ô, Garçom, levanta, traz uma gelada. Claro... Sim. Não te preocupe, te espero pra contar o fim do caso. Guardo teu lugar.

Bem, todos aqui? Na verdade não esperava aquela reação dela, ali, se atirando em meus braços assim que me viu, buscando migalhas de carinho. O grande Olavo Bilac tinha razão quando disse “a banca paga e recebe”. Chegara a minha vez... Suas primeiras palavras foram...

– Bah! Parabéns! Enfim a delegada rendida... Que baita prato! Quem diria! Tu sempre foste gamado nela! ... Psiu... Deixem o homem continuar. Silêncio!!!!

– Suas primeiras palavras foram em meio a lágrimas profusas: “até que ponto foste sincero quando me chamaste de gostosa?”. Senhores, eu tive ali, aos meus pés, a tia Nenê, de corpo presente, arrependida pela confusão que criara e que quase levava à morte um homem de bem. Acabou retirando a queixa, pagando o habeas, promessa de bico fechado, sob algumas condicionantes, que eu, como cavaleiro que sou, me reservo a não divulgar.

(Povo que está lendo. Aqui entre nós: a tia Nenê é uma baita duma chantagista).

– Contador de caso, em nome de meus colegas aqui do Bar, externo sinceros pêsames. Às vezes somos obrigados a fazer coisas que nossa moral não permite, ainda mais com parente. A busca da liberdade nos leva a atitudes impensáveis. Mas aproveitando a palavra que me foi concedida, posso pedir uma coisa?

– Claro, Garçom, claro!!!

- Na verdade é um pedido geral. Pode repetir aquela cena quando a Delegada desceu da kombi caminhando a passos largos com aquelas pernas de antílope, possessa tal qual uma onça no cio?
- Amigos! Coisa de louco... Não tava de coturnos. Calçava rasteirinhas amarelas, a blusa de seda branca transparente...
- Pergunta!! Pergunta! Mas ela não tava de túnica marinho? Quem foi Spielberg? Que que é prepotência diáfana? Diz-se cavaleiro ou cavalheiro?
- (Pronto, perdi o controle de meus personagens. Se atêm a detalhes, desconsiderando o todo. Estragam um bom caso por nada. Que que eu faço? Vou bater em retirada).
- Pessoal, já é tarde, outro dia termino o caso!
- E a saideira?! Não vai pedir a saideira? Essa nós pagamos! Fique mais!

i Delegada Helô: personagem da novela Salve Jorge, interpretada por Giovana Antonelli.

ii Tranca-ruas: Corpo Policial (antiga Guarda Municipal Reformulada). atuante lá pelos idos de 1923.

iii Steven Spielberg: famoso diretor de cinema.

Data : 14/05/2012

Título : La Bella Polenta

Categoria: Crônicas

Descrição: A polenta é sempre lembrada na trajetória e história dos italianos natos e seus descendentes como a comida símbolo, presente diariamente à mesa.

La bella polenta

A polenta é sempre lembrada, na trajetória histórica dos italianos natos e descendentes, como o prato símbolo, presente diariamente à mesa. Causas prováveis: talvez pela falta de opções à época, pela facilidade de obtenção de sua matéria-prima, por ser hábito alimentar original, pela capacidade de fornecer a energia necessária para o enfrentamento da dura jornada de trabalho ou, mesmo, por todos esses motivos entrelaçados.

Sejam quais forem as razões, a verdade é que é impossível dissociá-la desses imigrantes, laços que ainda são fortalecidos quando buscamos a letra e a melodia da canção popular La Bella Polenta que, através da música, cristaliza essa relação.

É tão forte essa proximidade polenta x oriundi que, muito frequentemente, dizemos, ou escutamos, às vezes de forma carinhosa, outras nem tanto, a expressão "gringo polenteirooo".

Como fazer? Diz-se que, para ser autêntica, deve ser feita em fogão à lenha, na polenteira, termo "abrasileirado" para se referir a "parol" ou "caieira", panela de ferro redonda. A preparação, em sua receita clássica, pelos motivos citados, toma dimensão litúrgica - vai entender! -, embora, simplesmente, consista na adição de

farinha de milho e sal à água quente, mistura que deve ser mexida, com colher de pau, com esforço moderado e paciência no início do cozimento para que mantenha consistência uniforme.

Após, de acordo com a sensibilidade culinária do cozinheiro, é necessário repetir, repetir e repetir a operação por não sei quantas vezes, a fim de evitar que queime. Decorrido determinado tempo, um pouco mais ou um pouco menos, dependendo da intensidade do fogo, e alguns segredinhos de cada um, considera-se "piatopieno". Coloca-se na mesa e "buonappetito". "Facile"? "Si, cosi. Come dice la nonna".

Para qualificar nosso arrazoado, socorremo-nos de alguns versos, que pesquei soltos por aí, de autoria de Rosana Nóbrega [1] que, certamente com conhecimento de causa e talento, sintetizou de forma saborosa e definitiva a representatividade de uma "bela" polenta:

"Massa quente, mole, amarela / Ferve lentamente, borbulha na panela / Para quem quer comer, haja paciência / Porém degustar a polenta, que experiência! / O calor naquela panela é infernal / Borbulha, borbulha, num ferver sem fim / Gruda e cria uma casca no final / Que tem até disputa, deixa isto para mim".

Ilustração: Leandro Doro

Data : 30/11/2015

Título : Lei Delegado Figueiredo

Categoria: Contos

Lei Delegado Figueiredo

“Nem todas as mulheres gostam de apanhar, só as normais”.*

Amigo Rodrigues, há controvérsia a respeito disso, e até considero pensar dessa forma machismo do mais refinado, que não acha espaço nos dias de hoje. Eu, por exemplo, defendo a tese de que em mulher não se bate nem com uma flor, se bem que – reconheço – às vezes ela pedem uma garoa com vento. Sou adepto de se conceder muito carinho, o melhor trato, pulso firme e rédea curta. Mas a relação precisa de alguns ajustes, assim como está não da para ficar. Já digo por quê!

É que hoje qualquer coisinha que se faça a respeito dessas joias – um olhar mais atento procurando detalhes em suas sensualidades curvas; uma palavra meio que descalibrada enaltecendo seus pertences; um toque indiscreto, mesmo que de leve, em alguma de suas platibandas, mesmo que com o capricho e a delicadeza requeridos; uma tentativa de corretivo, com razão ou sem razão – já é motivo para escândalo e enquadramento na Lei Maria da Penha. Onde é que está a tal democracia? Onde nossos direitos – adquiridos – assegurados por séculos e séculos ?. Onde a riqueza é de todos? Pura conversa fiada!

E nós, quando somos as vítimas, o que acontece? Nada de nada. Precisamos nos organizar. Até pensei em contratar como advogado, para criar lei que nos proteja – lógico, com o apoio dos nobres frequentadores desse Bar –, o Dr. Joaquim Barbosa, china velha no riscado. O homem está aposentado e, depois de conhecer o caso que

conto neste caso, assumirá a causa com o maior prazer deste mundo, e, o melhor, de graça. Aí, as injustiças que campeiam soltas terão respostas à altura, quando, então, elas prestarão contas de seus atos nas barras dos tribunais. Que acham???

- Apoiado!

- Queremos vingança!

- Verão o que é bom para a tosse!

- Vamos acabar com a ditadura das saias!

- Garçom, traz mais uma para soltar as ideias. Sigo. Pensei nisso quando soube o que aconteceu com um dos nossos. O homem sofreu o pão que o diabo amassou nas mãos e pés de uma, que, por motivos os mais banais, dava-lhe pau no pobre coitado. E não foi nem uma nem duas, foram várias sovas. A vizinhança revoltada fazia BO na décima delegacia. Não dava em nada, o homem acabava retirando a queixa, mancomunado com a agressora. O delegado Figueiredo, daqueles das antigas, do tempo do prendo e arrebento, já andava puto da vida com isso e jurava de pé junto que um dia iria conseguir enquadrá-la de jeito, já que não podia recorrer, como autoridade policial, a métodos pouco ortodoxos para isso, sem que o mundo viesse abaixo por tratar-se de mulher. Cada vez que o traste apanhava, movimentava toda a delegacia e entorno: camburão, o delegado Figueiredo interrogando, testemunhas sendo ouvidas, o inspetor Rocha datilografando as falas, exame de corpo de delito, a rádio fazendo a cobertura, mais meia dúzia de brigadianos, sob o comando do maleva do sargento Tenório, para conter o povo que acompanhava o desenrolar do espetáculo. Sim, espetáculo! O rebu movimentava toda a comunidade da Vila Tunda de Laço, com torcida, faixas a favor e contra, vivas e apupos... E não arredavam pé da delegacia até que a malvada saísse pela porta da frente, livre, leve e solta, Bidu debaixo do braço, levando a reboque o homem oprimido, mais desmoralizado do que lobisomem corrido por cachorro magro.

- Bidu?

- Bem, mas o casal tinha tudo para quase não dar certo, incompatibilidade de gênios se fazia presente. Ela, geniosa daquele jeito, ele... Tipo físico, então... Diferença quilométrica entre um e outro.

Ela autoritária, fortuna, saudável ao extremo, alta que nem jerivá, sempre ligada na tomada, tipo “deixa que eu resolvo”, vestia sua figura com um collant rosa-choque, legue de oncinha e as botas, daquelas de montaria, figurino que não tirava por nada desse mundo, secundado por brincos de argola – indicativo de mulher de fogareiro em chama – que luziam ao balançarem sempre que, com as duas mãos ao movimento dos braços erguidos, revolvía os cachos crespos de sua cabeleira negra. Alaércio, para ser mais preciso, Alaércio da Silveira, o Silveirinha, adorava isso. E esse movimento ela tinha como arma, e sabia do efeito que causava no seu homem de estimação.

Ele não fedia nem cheirava, um santo homem, parado que nem água de cacimba, caminhava arrastando os pés em passo de procissão, carregando seu corpo físico de metro e pouquinho de altura. Meio fraco da cabeça, de pouco estudo, imaginem que ficou em segunda época no curso de noivo, pode? Pecado? Conhecia só de ouvir falar, acreditava no amor e nos sagrados preceitos do matrimônio. Para completar seu curriculum: casou virgem!

Se dedicava de corpo e alma ao lar e à sua rainha, chegando ao ponto de abdicar de sua função de coroinha titular nas missas de domingo na paróquia do Padre Antão, para que nada desviasse sua atenção. Em sua carteira profissional, constava, para seu orgulho, como profissão: do lar. Sua vida consistia em venerar sua paixão: Dirlene

Aparecida. Esse é o Alaércio da Silveira, cujo nome indico para que apadrinhe a lei que, vamos propor, seja sancionada, e para o que peço o apoio dessa colenda mesa.

- Apoiado.

- Conte com a gente.

- Dirlene Aparecida, arrimo da casa, saía cedo para o trabalho – era taxista, permissionária do melhor ponto de auto de praça da cidade, que ficava em frente à boate Chantecler. Por conta de sua profissão, chegava tarde da noite, muitas vezes fedendo a perfume barato e cachaça braba, e o que encontrava? A casa num brinco só, roupa lavada no capricho, brahma no ponto, comidinha da melhor: aquela massinha com salsicha, linguiça frita na banha, joelho de porco cozido com cuca – nesse nível –, e não faltava para completar o bom sagu com creme, tudo feito com talento adquirido no tempo em que Alaércio, por seus méritos, quando milico, aprendeu o ofício de cozinheiro. Complementando os comes e bebes, a mesa posta da melhor forma, com toalha alva, guardanapo de linho bordado, a cabeceira reservada para ela, que muitas vezes dispensava toda essa prova de carinho, se atirando no sofá, vendo novela, preferindo comer amendoim torrado, pitando palheiro, atirando bituca no piso lustrado. Sem falar nas botas sujas emporcalhando toda a casa! Terrível! Alaércio até tentou reclamar desses modos, mas levou uma tunda de laço. E para isso não faltavam motivos: “como? Olha minha legue como ficou?! Tem que botar amaciante! Lustrou minhas botas? Desse jeito! Cerveja quente? Vai ver como tu lavaste o chevettão, é o que nos sustenta! E o lacinho do Bidu?”.

- Bidu, aquele cusquinho burguês malcriado?

- Siiiiiiiiim, Natalíííífcio, o próóóprio. É o que eu sempre digo: tragédia pouca é bobagem – ainda tinha o danado para cuidar, e que, de lambuja, absorvia a atenção da bandida. Mas onde é mesmo que eu estava?

- Ela cagava ele de pau por qualquer coisa...

- Ah! Sim. Implicava com tudo... E aí, sem mais nem menos, partia para agressão violenta onde tapão de render pescoço era carinho, joelhada na boca do estômago e moquete na orelha era massagem... E isso por todo o corpo, com exceção, amigos, vocês não vão acreditar: levava livre das bordoadas as partes íntimas do Silveirinha, num flagrante exercício de egoísmo, preservando a nobre região pensando em seu próprio lazer.

- Posso dar um talho na conversa? Tenho um palpite...

- Calma, Roque, que a missa é comprida. Silveirinha sofria – no que correspondia ao bem bom – nas mãos da Dirlene Aparecida, que, com seus ímpetos indisciplinados, sugava o pobre homem nas horas, no jeito e na forma que ela desejava, não lhe respeitando o apetite ou a falta deste, desdenhando de sua enxaqueca, desconhecendo até caxumba recolhida, valendo o “quero, porque quero, e agora”, partindo, sem predispor-lo, com carícias apropriadas, à conjunção carnal. E ele, que acreditava no amor, no olho no olho, mãos dadas, palavras carinhosas, sob essa violência, dava o seu melhor de forma a agradá-la, assumindo uma artificial expressão prazerosa. Feito o serviço, o que ela fazia? Deitava pro lado e roncava, deixando seu companheiro a lamentar a ausência do amor num ato que, na sua visão de gentil homem, era para ser sagrado.

E para torná-lo ainda mais viril – às vezes o coitado tava na capa da gaita, cansado das lides de casa –, dava meia de dúzia de taponço, virava goela abaixo do vivente gemada feita com ovo de avestruz com salpiques de vinho tinto de garrafão. E mais... Achando pouco, sacudia suas gadeiras cacheadas, e ele, vendo o luzidio de seus brincos de argola na escuridão da alcova, inspirava-se e buscava, hipnotizado que ficava, do fundo do poço, a gota que já não mais existia, até quedar-se desmaiado

ante o esforço despendido, tangenciando óbito. E esse bater de ponto era todos os dias de noite. Dirlene Aparecida era insaciável, e Alaércio da Silveira, seu homem objeto.

- Tô precisando de uma assim lá em casa!

- Silêncio. Escutem o causo. E a vida deles seguia assim nesse tranco, e Silverinha sempre na esperança de que ela, um dia, se emendasse e se comportasse como uma esposa carinhosa, solidária, com atenções voltadas a ele e ao lar.

Num desses sábados da vida, pelo raiar do meio-dia, chega Dirlene Aparecida de uma pescaria que fizera com as amigas, ali no Lagoão, no campo dos Mello, onde consumiram dez engradados de cerveja, vinte e dois quilos de costela, e de onde ela trouxe vinte e três traíras, para que seu domesticado limpasse e fritasse. O chevettão fedendo a peixe. Bidu todo lanhado, o pelo irreconhecível! A legue de oncinha um lixo só. Ia sobrar para quem? Ocorre que, nesse meio tempo, Silveirinha estava esperando-a com um almoço especial resultante de uma receita de sua marca que – soubera da notícia naquela manhã, por telegrama expresso – fora selecionada no Programa da Ana Maria Braga, dentre as duzentas melhores do Brasil inteiro. Dirlene era seu amor, e ele só queria agradá-la! Queria repartir seu sucesso com ela, quem sabe ficasse orgulhosa dele, tomasse-o no colo e, abdicando por uma única vez que fosse dos prazeres da carne, lhe dissesse palavras bonitas... Ele queria tão pouco! Mas... “Não quero saber dessas coisas... Nem vem... Pode fritar as traíras! Bota cerveja para gelar! Minhas amigas já estão vindo para cá!” - cuspiu fogo.

- Que mulher bem sem noção!

- Concordo plenamente, compadre Arquimedes. Ele, desacorçoado da vida, ainda tentou argumentar e caiu na toleima, de sangue doce, mesmo que desapontado e desesperançoso do futuro, de, pela primeira vez, sugerir discutir a relação. Pra quê! “Ah! Queres discutir comigo? Te atreves?” – e partiu com tudo para cima dele. E baixou-lhe o sarrafo com toalha molhada no lombo descarnado como nunca. Silveirinha, mercê do flagelo no corpo e na alma, berrava que nem cabrito embarcado, e, como sempre, fez-se o circo.

No caminho para a delegacia, dentro do camburão, ela determinava: “vamos entrar de mãos dadas, e sempre que te referires a mim, na frente das autoridades, me chamas de meu bem e dizes que é teu desejo colocar uma pedra em cima de tudo aquilo, se não...”. Dito e não feito... Não é que a coisa encandiocou de vez? O delegado Figueiredo iniciou o interrogatório, pergunta daqui, pergunta dali, ouve um, ouve outro, a remington preta do inspetor Rocha metendo bala, tac tac tac tac, torcendo para que o Silveirinha não capitulasse, dizendo “para tudo, eu retiro a queixa”... mas nada. A Dirlene Aparecida, tentando intimidá-lo, sussurrando em voz minúscula “Silveirinhaaaa!”, e nada. Tentou em voz maiúscula, LAERCIO DA SILVEIRAAAAAAA!, e nada. O ambiente se mostrava pesado naquela pequena sala da delegacia mucufa de arrabalde, tal qual uma panela de pressão, sem a borrachinha de segurança, sob o calor do fogo de fogão campeiro alimentado com lenha de angico, prestes a estourar a qualquer momento. Dirlene ainda tentou, em última instância, teatralizar o que sempre dera certo – revolver os cabelos de modo que ele visse seus brincos de argola. Mexeu e remexeu o pescoço, e os brincos iam e vinham, dançando ao sabor de seus meneios, espargindo lusco-fusco de vagalume, sinalizando judiação, e nada... A pretinha a mil, obedecendo as ordens do datilógrafo, pipocando, tac tac tac tac, registrando tudo. “Pronto, doutor! As partes podem assinar!”. E nada.

Dirlene Aparecida pálida, não acreditando naquilo! Bidu apalermado, com cara de alguém que tivesse peidado na missa! A vítima, muda, alheia ao mundo, com cara de

petição atolado, os olhos grudados no ventilador do teto. As autoridades que conduziam o processo mal podiam esconder a satisfação pela possibilidade iminente de enrubar, legalmente, a mulher que tantas vezes judiara de um semelhante. Até que enfim!, pensavam.

Lá fora, a população atenta, em rotundo silêncio, com as notícias coladas nas orelhas, ouvindo a cobertura ao vivo da rádio. Estupefatos, não acreditavam no que escutavam: o Silveirinha deu uma de macho! Aleluia! Aleluia! Bonito de ver a manifestação popular. Mas, como sempre digo, aquilo que parece não é, e vice-versa, ou versa-e-vice! Não deu outra. E o culpado da reviravolta foi, nada menos, nada mais, que o delegado Figueiredo, que, na maior boa fé, não contente em processá-la – queria ver a caveira da ré – a coisa já estava definida –, exagerou na dose, quando, todo posudo, em tom solene, disse: “inspetor Rocha, bota aí para encerrar: por motivo de segurança maior, a senhora Dirlene Aparecida deverá manter-se afastada da vítima a, no mínimo, duzentos metros de distância, até decisão em contrário!”.

- Que baita cagada! Pra quê? O jogo tava ganho... Silveirinha, escutando aquilo, como se tivesse levado um choque nas partes, voltou do transe e, escandalosamente, gritou ao mundo: “eu não fico meio segundo longe dela, vou ficar duzentos metros? Jamais, retiro a queixa!” E corajosamente, contrariando sua própria natureza, tapeou os escritos, rasgando-os em mil pedaços e tripudiando, ainda por cima, das autoridades: “veja o que faço com isso, ó, ó”, engolindo a parte com carbono e tudo.

Aquilo foi demais. O delegado montou num porco e, perdendo as estribeiras: “sargento Tenório, leva o meio quilo para o xadrez. Motivo: ofensa a autoridade e danificação de patrimônio do Estado”. Sim, vocês não vão acreditar! Silveirinha, ninguém sabe como, não contente em engolir papel de cunho legal, atirou a máquina de escrever na cabeça do inspetor Rocha, espatifando-as. Sargento Tenório, com seus asseclas, loucos para fazerem justiça com as próprias mãos, botaram a mão no tigre – Silverinha tinha virado num bicho – arrastando-o, ou, melhor: tentaram, porque Dirlene Aparecida, vendo seu bem naquela situação, como que mordida por cachorro louco, incorporou um touro renegado, abrindo, no sentido de resgatá-lo, picada a manotaço, onde enxergasse farda, aos berros: “em homem de minha posse ninguém bota a mão. Só eu!”. E mais, para completar a confusão, no vácuo disso tudo, Bidu, desferindo punhaladas com seus dentinhos cuidados em todo garrão que vestisse coturno, que viesse pela sua frente. Isso tudo dentro de uma salinha de cinco por três e um quinto. Coisa de louco! Peleia homérica! Baita tendeu! A peça escura, tamanha a polvadeira que levantara, gritado de tudo que é lado, de repente, o carne de pescoço do Figueiredo viu-se algemado, não se sabe por que, por quem, como, vai saber... E, pior, sem o trinta e oito no coldre! Perigo à vista! Ainda bem que se deu conta da iminência de uma tragédia... Defunto na sala de interrogatório? Nem falar... Gritou a todo pulmão: “pareeeeeem! Liberem as partes! Eles se merecem! Ruaaaaaaaaaaaaa aqui, os três!”.

Enfim fez-se luz. E a saída do trio vencedor, então, apoteótica! O povo, como que reverenciando, abria passagem, cantando em uníssono: “família unida jamais será vencida, família unida jamais será vencida”, e seus personagens, a seu modo, assumiam os louros da vitória, e tiravam dela suas próprias conclusões.

Dirlene Aparecida altiva, embora o próprio quadro da dor: desgrenhada, um só brinco no lóbulo, a collant em frangalhos deixando à mostra, a plena luz do dia, o esplendor de sua comissão de frente, grunhindo com os dentes cerrados, dela pra ela, possessa, ante o susto de perdê-lo: “ele me paga quando chegar em casa!”.

Bidu, com sua fleuma de sempre, embora estropiado, o lacinho azul desaparecera de seu topete. “Que horror, que horror”, acoava sem perder o charme, emburrado debaixo

do sovaco da Dirlene, morrendo de ciúmes, já arrependido de ter tomado partido na contenda, se perguntando: “será que mamãe irá agora tratar aquele homem como cachorro?”.

E arrastado pela esposa, puxado pelos cabelos, já nessas alturas reassumindo sua insignificância, Silveirinha esbanjava felicidade, ainda escutando o trinado do delegado: “você se merecem”. Isto é, eles eram uma família, o que o fazia se sentir ainda mais seguro debaixo da sola da bota de sua dona. E o melhor ainda estava por vir, sonhando, babando, quase que em pleno gozo, com o próximo momento sublime de levar uma sumanta a capricho, e, aí, então, precedendo a quase morte, agonizar de paixão!

- Olha pessoal, não sei não. Com tudo isso aí, proponho como nome da lei o do delegado: Lei Delegado Figueiredo. O Alaércio da Silveira não nos representa. Que acham?

- Tenho um palpite: além do cidadão de cor, vamos precisar também do apoio do Cunha na câmara! O homem é cabreiro e conhecedor do caminho das casas.

- Berlusconi, Roque, tem procedência a intervenção de vocês, podemos discutir o assunto. E é pra já! Garçom, traz mais uma!

- Que mal pergunte! E o revólver do delegado?

- Rogerinho, na barafunda instalada, o berro caiu debaixo da mesa do cafezinho. No outro dia, a mulher da limpeza achou, simples, sem mistério.

Vamos garçom, te mexe, e a Polar, vem ou não vem? Ah! Tens uma pergunta! Ah! Sim... Pois é, hum... Como eu soube de tudo isso? Eu não tinha falado? Desculpem a falha. Como vocês sabem, eu sou síndico lá do Bristol, e minha vizinha, a enfermeira Florence, que dava os primeiros socorros pro Silveirinha, acompanhava o casal no camburão, estava por dentro da história, me contou tudo... Tudo... Conhecia o corpo do dito cujo de cabo a rabo, suas intimidades a fundo, e confirmou, justificando o poderio do Silverinha, aquilo que já estava na boca das matildes, a natureza tinha-o presenteado com dote especial, aquele que as mulheres adoram ...

- Tá aqui a Polar! Sirvo!

- Pode encher, garçom! Vamos beber enquanto não choca, pessoal! O resto conto outro dia.

- Não, não, não, dote? Conta tudo! Quem diria?

- Mas que curiosidade! Eu já não tinha falado que o homem era prendado, não tinha? Que era cozinheiro de mão cheia? Não tinha? Elas fazem de tudo para não cozinhar e, quando acham um pau mandado que tenha dote culinário, fazem loucuras para escravizá-lo. As moderninhas de hoje não encostam o umbigo no fogão nem que a vaca tussa! Agora chega por hoje. Passa o copo.

Garçom, traz mais uma, a saideira! Gazapina por favor!

* A frase é de Nelson Rodrigues, o mais importante dramaturgo brasileiro.

Data : 01/01/2014

Título : Mulher escondida

Categoria: Contos

Mulher escondida

Hoje é uma daquelas noites em que prefiro estar sozinho, mesmo estando neste Bar. Meus comparsas já sabem... Distância. É momento de falar de eu pra mim. Tiro para recordar dos tempos idos, em que fisgo lembranças, que me vêm aos borbotões, sem eu pedir, sem eu clamar, simplesmente chegando, me sufocando e arrancando lágrimas sentidas. Paradoxal: são prazerosas.

Ó tu que vens de longe, ó tu que vens cansada,/ entra, e sob este teto encontrarás carinho:/ Eu nunca fui amado, e vivo tão sozinho./ Vives sozinha sempre e nunca foste amada (i). Essas palavras martelam minha cabeça, me acompanham sempre nesses momentos, me fazem chorar e me confortam. E me fazem bem! E me trazem a lume andanças especiais.

Tinha noites – e aquela, especialmente, que estou lembrando – em que saía de bar em bar a repetir meu desiderato naquela cidade grande, missão que me impus: descobrir mulheres escondidas. Vício. Estava viciado nisso.

Cheguei naquele templo, escolhido aleatoriamente, e como sempre me aboletei numa mesa estrategicamente bem localizada, de onde podia ver, ouvir e ser visto. Bar de primeira, cheio de humanos, aquela fumaça fedida, Roberto Carlos esganiçando “Mulher de quarenta” a todo o volume, conversas altas, e eu ali, absorto, fazendo de conta que lia um livro – sempre o mesmo – Um escorpião na balança: romance (ii) –, pedia uma Coca – discretamente batizada com uma 51 –, encarnando o tipo intelectual marroquino, solitário, anônimo, que estava ali apenas para passar algumas horas e, talvez, curtindo alguma desdita.

Não demorei muito e localizei o que procurava. Um bando de mulheres, sete delas, na verdade, oito, festejando alguma coisa, dez anos de formatura, despedida de solteira de trintona, algo desse tipo, e que não estavam nem aí para a comunidade carente de calças presente. Estavam mais para arrulhos, chilreando tal qual pintassilgas adolescentes na muda, essas coisas de dizer que faziam, fizeram, vão fazer e que de certa forma alimentavam o ego de cada uma e pinçavam de modo a sublimar experiências, uma mais rica do que a outra, que deixariam Nelson Rodrigues, hours concurs em sacanagem, ruborizado, fazendo o sinal da cruz, penitenciando-se com uma genuflexão em cima de meia dúzia de espigas de milho. Mas uma, aquela que procurava, não tinha nada a contar. Realmente introspectiva, um batom incolor contrastando com um carmim, um pé de guanxuma murcha em meio a sete rosas vermelhas, e, para carimbar, tomando uma Crush laranja, naquele ambiente em que o álcool era passaporte para o paraíso. Fora, completamente por fora, atirada na sarjeta. Excluída. Bem como o que procurava. Uma mulher escondida. Em potencial. Pois bem. Alvo definido, como sempre, seguro – a estratégia até então nunca falhara –, tirei de dentro do livro um guardanapo de papel, untado com delicadas gotículas de Lancaster, já cuidadosamente manuscrito a bico de pena com o poema “Duas Almas”: A neve ainda a branquear lividamente a estrada/e a minha alcova a tepidez de um ninho./Entra, ao menos até que as curvas do caminho/ se banhem no esplendor nascente da alvorada.

E de quebra, ao final, sempre assinava anonimamente, supondo aquilo que gostariam de ouvir: “quem sabe nossas almas não se encontram. De um admirador”.

Chamei o da gravatinha e disse:

– Entregue praquela!

– O quê? Praquela??? Não pode ser. A loira gostosa? A Marilyn Monroe? A falsa magra? A de eslaque tigrado? Ah! Já sei! Pra Delícia?

– Não e não, é praquela!

– Mas, não... Não é possível!

– Já disse, é praquela!

Pensei: mas que garçom metido, eu escolho a mulher que quiser! E fiquei na minha. Santo Onofre, protetor dos criadores de caso, que estropício! Assim que recebeu a missiva, pude perceber, ao traduzir o fremir de seus lábios:

– Seu garçom, tens certeza que é pra mim?

– Sim, é pra tigo!

E, ao calor de “conta! Lê! De quem? Olhe só! Homem culto, só pode!” ... Manifestações de surpresa e também alguma pitada de inveja das outras, privilegiadas pela natureza. Pude ver de soslaio seus olhos, de repente brejeiros, a procurarem outra alma, ávida, ao mesmo tempo em que, argumentando calor, afrouxou delicadamente a estola que pousava sobre seus ombros, deixando uma brecha em que mostrava um colo prometedor, antessala de seios maviosos, inexplorados, frutos prontos para colheita, até então lamentavelmente atirada às traças. Aquilo fora só o começo. Ciente de que estava sendo observada, e eu percebia isso, chuleando de revesgueio, não perdia nada, nenhum detalhe, mesmo aquele quando pediu licor de xerez, que bicava de forma elegante, deixando seus lábios potencialmente úmidos, disponíveis para serem sugados. Agora, já incluída no grupo, falava, escutava, gesticulava, sorria, e de forma sensual, quase impura – aprendera rápido –, de repente deitou um ósculo delicado no papiro, repousando-o, não entre os montículos, como seria de esperar, mas prendendo-o no tirante rosa do corpinho, como mandando um recado: “olha o que te espera”. Que coisa de louco! Demais para, até então bem pouco, uma nada.

Porém nada disso me faria deixar o anonimato. Aquilo para mim era uma missão, e não misturava emoção com razão. Experiente em centenas de casos, não seria aquele e aquela a subjugar-me. A minha paga era a satisfação de resgatar mais uma do ostracismo. Imaginei: por certo, naquela noite ela dormiria sorrindo com o mimo por debaixo de seu travesseiro. A partir dali seria outra mulher. Não mais escondida. Pensaria: alguém me olhara, alguém se apaixonara por mim, talvez alguém compromissado, o que impedira uma abordagem... Quiçá um lobo faminto, ou um solitário à procura de outrem para um namoro sério... Enfim, opções, escolhas... De escondida para o mundo. Tão pouco... Bastou uma massagem em sua alma.

Com todos esses indícios, me dei por satisfeito. Missão cumprida, preparei a retirada, como sempre à sorrelfa, deixando mistério no ar. Fazia parte do enredo. E eis que... Ah, Lúcifer! Pude perceber o momento em que, displicentemente, ela descalçou o sapato – preto envernizado, com delicada fivela dourada –, o esquerdo, deixando à mostra um diminuto e gracioso pé, protegido do frio por carpim branco, exalando lavanda, onde vislumbrei os dizeres bordados: Escola Normal. Mais não li, precisava? A escondida, uma normalista! Isso não estava no script. Sempre fora um apaixonado por normalistas. Paixão recolhida de anos a aflorar novamente agora? Elas foram meu sonho de consumo na adolescência... Jogo sujo! Como soubera de minha fraqueza?! Coincidência? Na verdade, não! Hoje sei. Quem foi normalista, mesmo com o passar do tempo, não perde sua alma diaba, e esta, com picardia e veneno, estava usando com competência seu instinto, tanto que me atingiu. Perdi a razão. Me entregaria, estava subjugado, me confessaria, faria a abordagem, levantei os olhos, e... Qual delas? Quem era ela? Na mesa vislumbrei oito mulheres, todas lindas, de fina estampa. Seriam meus olhos turvados por um marejar inoportuno a não enxergar coisas?

Baixei a crista. Resistiria, seria forte, não capitularia. Hora de recolher as armas. Estava a perigo. Levantei-me, Cassandra Rios debaixo do braço, um ar de quem não quer nada, respirei fundo, dei a mão ao capeta, dirigi-me à saída e, quando passava próximo às rosas, uma delas, a mais rubra, de repente, UUUuummmm! UUUUmmmm!

Aspirou profundamente, arregalou os olhos, e estes falaram, dirigindo-se a mim: E amanhã quando a luz do sol dourar radiosa/ essa estrada sem fim, deserta, horrenda e nua,/ podes partir de novo, ó nômade formosa!

E, a passos largos, buscando a saída, reconhecendo que havia sido flagrado – o perfume, o raio do Lancaster só pode –, eu, fora de mim, incontrolável, covardemente, murmurei, mastigando palavras em resposta: Já não serei tão só nem irás tão sozinha:/ Há de ficar comigo uma saudade tua.../ Hás de levar contigo uma saudade minha...

Desesperadamente, rapidamente, passei o limiar da porta, sob inclemente chuva naquela madrugada especialmente negra. Entrei no primeiro auto de praça que encontrei.

– Pra onde?, perguntou o chofer.

Pra onde? Não sabia. Estava completamente desnortado em razão da fraqueza demonstrada pela figura de uma normalista que finquei em meu peito e que diabolicamente, sem minha licença, estremeceu minhas intimidades. Só um lugar poderia acolher meu carma.

– Toca, toca... Para o Infinito!, respondi.

Amassei aos prantos outros dois guardanapos com a mesma mensagem, que pretendia distribuir ainda naquela noite para outras escondidas. Com esse acidente de percurso, aposentei-me no metiê. Que poder daquelas mulheres!

Até hoje me pergunto: por que não voltei? Por que não atendi ao meu anseio? Era uma normalista! Não era o que eu queria? Hoje penso: se a tivesse, talvez não ficasse aqui a curtir uma paixão recolhida, que foi o que restou. O grande amor de nossa vida é sempre aquele que não tivemos. Mas carregue essa praga, com a cumplicidade do Wamosy:

Há de ficar comigo uma saudade tua...

– Com licença, contador de caso. Primeiro enxugue as lágrimas, o pessoal do Bar não pode vê-lo assim nesse estado. Eu compreendo sua tristeza. É difícil esquecer uma normalista, não é mesmo?

– Como sabes? – fiz aquela cara de ué!

– Não lembra? Naquela noite eu era o garçom! A vida segue... Seus colegas de trago perguntam se podem se chegar, estão sedentos por um caso. Aguardam seu chamado.

– Vamos lá, chame-os. E aí, pessoal? Firmes que nem palanque em banhado? Puxem as de palhinha, se abanquem. Hoje vou contar um, pura da verdade, aconteceu comigo. A delegada Helô, titular do Posto de Polícia da Vila Tunda de Laço, metida que só ela, tá pedindo uma garoa com vento...

– Vai a saideira?

– Sim, Faixa Azul. Já vão me interromper? Bem, retomando, tomando, a delegada Helô, titular do Posto de Polícia da Vila Tunda de Laço, metida que só ela, tá pedindo uma garoa com vento. Esses dias...

i “Duas Almas”, poema de Alceu Wamosy.

ii Cassandra Rios é a autora do livro citado.

Data : 11/04/2012

Título : Mulher só

Categoria: Crônicas

Descrição: O poema que inspirou a crônica “À sombra do poeta” confunde-se com outros, do mesmo livro,

Mulher só

O poema que inspirou a crônica “À sombra do poeta” confunde-se com outros, do mesmo livro, ao compor o texto. Justo, então, apresentá-lo, em sua íntegra, de forma isolada, para que possamos apreciá-lo. Sem dúvida, mulher só, em um shopping, na praça de alimentação, é uma figura que compõe bem o ambiente, não oferecendo o constrangimento de um bar. Isto, contudo, não impede que chame atenção, se bem que, suponho, é exatamente o que deseja. O cartunista passofundense Mauricio Zamproga, identificou uma delas, destacando-se na “balbúrdia”. Retratou com muita sensibilidade a bela solitária, enviando seu trabalho para este blog, o que compartilho com vocês. Mauricio conta que optou por um desenho leve, assim como o poema. Continua dizendo; “deixando o foco na mulher. Esta, por sua vez, retratada de forma reflexiva, que nos leva a imaginar no que ela estaria pensando na sua solidão”. Mais, não conta, embora tenha deixado, consciente ou inconsciente, uma cadeira vazia junto à mesa. Fica a dúvida. Quem a ocupou? Um amigo. Algum inconveniente. O jovem artista. Mistério.

Data : 01/01/2013

Título : Namoro naquele tempo era assim

Categoria: Poesia

Namoro naquele tempo era assim...

Hoje não vou contar causo nenhum. Quero estar só nesta mesa de Bar pensando alto. Faz bem. Sepor acaso escutarem esta conversa introspectiva me digam: tenho ou não tenho razão?!

Namoro bom era o das antigas. Era assim naquele tempo, lembro...

Com a prima

Do flerte com a vizinha

Do beijo apurado

Do beijo no portão

Do beijo roubado

Do beijo com açúcar, então
Do footing na praça
Pego ou não pego na mão? Que dúvida atroz!
Como as coisas mudaram...
Meninas lindas, na melhor idade
Cabelos curtos, longos, em coque ninho
Rabo de cavalo, moda de gatinho... não importa, sedosos
De sapatinhos de dourada fivela, humm...
Quando pisavam, suspiravam flores
Quanta delicadeza, que coisa mais bela.
Queria um só pra mim
Para emoldurá-lo em minha retina!
De vestido, com tubinho de broderie
De saia plissada, pregueada, de tafetá, organdi
Petit pois, de chita, não importa, não vem ao caso
Todos eles envelopando tesouros franzinos, virginais.
Querem mais! Querem mais!
Do corpinho acolchoado, imaginava, que seios escondiam!
Satanás!!!! Lúcifer!!! Me protejam. O quê? Por santos clamar!?
Não, não, eles não entendem disso. Tetas são coisa pra diabo administrar.
Tocá-los nem falar! Só um pouquinho, por favor, num só... Prometo que com respeito...
Lembro que um leve toque nos peitos arrancavam suspiros de donzela em chamas
Muito mais que incêndio em Roma, sensacional, quemuito bem feito.
Medo de barata, que sensual. Aqueles miados Ai! Ai! Socorrooo! Isso não existe
mais... Hoje tão valentes, que lástima.
Passou, passou, não volta mais.
Como as coisas mudaram...
Meninas lindas, na melhor idade
Muito prazer! Seus lábios, mudos, carnudos, entreabertos, roucamente respondiam:
este prazer é todo teu!
De mel, besuntados de glacê, em carne viva, pintados com batom.
Ah! Batom! Sabor morango. Posso provar?! Não era meu? e então, por que sonegar?
Egoístas...
Te espero na saída do colégio!
Que tal um sorvete? Ah! Só se for de baunilha. Exigentes, podiam.
Te encontro na missa!
Me autografas um santinho? Não, não, foto do Elvis não tenho! Me nego.
Recebeu meu bilhete? Responda, por favor! De preferência em inglês, diga:
Y love you!
Ou talvez em francês, mais chique:
Je t'aime!
Melhor, taque um ósculo no papel e me mande. Mesmo que doa vou grampeá-lo no
peito para levá-lo sempre comigo até meu último suspiro no derradeiro leito. Juro, juro
por Deus nosso Senhor! Prometo! Assim será feito!
Era assim naquele tempo, lembro...
Esqueça, esqueça, esse tempo passou, passou...
Como as coisas mudaram... Ou mudamos nós... Mudamos nós.
Desculpem-me, hoje, só hoje, minha conversa no Bar mudou de tom, estou nostálgico.
Garçom, por favor, a saideira!

Oooo, garçom, por que estás chorando?! Não queria que escutasse isso. Chuta a tristeza pro meu lado e me atende. Depois vem, vem, puxa uma cadeira... Tens um ombro amigo... Toma um trago e conta teu causo, todos nós temos um. Qual a razão? Quem foi a menina das antigas que enfiou uma baioneta sem fio em teu coração? Homem de Deus, estás te esvaindo em sangue!
Estanque esse sangramento
Tire-a do pensamento,
Infante ainda... Faz tanto tempo, paixão empoeirada... Vencida...
Tenho a receita.
Teu caso é grave. Para esquecê-la, dê um jeito.
Uma é pouco.
Arrume outras. Simples assim.
Aqui entre nós, não sei não, não sei não.

Autor: Miguel Guggiana
Ilustração: Leandro Dóro

Data : 03/07/2019
Título : O amor é lindo!
Categoria: Crônicas

O amor é lindo

O amor é lindo! Há controvérsia. Gente mais letrada, como o Luis[1], diz em frases rebuscadas: “amor é fogo que arde sem se ver/ é ferida que dói e não se sente/ é um contentamento descontente/ é dor que desatina sem doer”. E ainda insiste: “Ah! O amor que nasce não sei onde, vem não sei como, e dói não sei por que”. Na mesma mão, sou daqueles que abraçam a tese de Bar que anuncia: “é bom, mas é ruim, ou vice-versa”. Se for ver bem, diga quem diga, de qualquer jeito, tudo desemboca em dor. Lindo, pois é! Mas a coisa não é bem assim.

Todos sabemos! Todos – e quem não a teve que atire a primeira pedra –, que a dor de amor dói aqui, dói ali, na alma, no coração e, pasmem, no cotovelo, a mais dolorida, por andar abraçada, digo de fonte segura, com o ciúme. Essa dor desgraçada foi descrita pelo Caetano[2] de forma bem conclusiva e prova a minha assertiva: “O ciúme dói no cotovelo, na raiz dos cabelos, gela a sola dos pés”. É isso mesmo e mais um pouco. Esse mais um pouco foi identificado de maneira contundente, porém entendível pela grande massa, por um habitante aqui do Bar, como sendo “pior que talho na bunda, dói, dói e não sara nunca”.

De tão conhecida, essa patologia, até foi cantada por Francisco Alves, Maysa, Ângela Maria, Nora Nei, dois mais antigos à turma mais nova: Wando, Aguinaldo Timóteo, Roberto Carlos e mais um punhado de gente... As chamadas “músicas dor de cotovelo”.

Volto a perguntar: quem não a teve? Isso é coisa velha. Até Freud e Jung sofreram do mal, não tenho dúvida. Lá pelos anos de milnovecentosealgumacoisa, andaram ganhando uns pilas fazendo os coitados cochilarem num catre e contarem seus dilemas mais profundos. Estudaram o assunto sob outra perspectiva e, tenho certeza,

que se parceiros fossem dos cantantes citados, aproveitariam a poesia criada em cima dessa temática para qualificar suas pesquisas e arrancar todos, todos, até aqueles segredos mais contundentes, facilitando a cura. Fantasiando um pouco, se contemporâneos fossem, imaginem o sucesso do Reginaldo Rossi e Freud juntos, assinando trabalhos científicos; Jung com Milionário e José Rico debatendo nas universidades sobre o tema! Trocando figurinhas! Seria o ápice!

Mas, retomando a real, com os pés no chão, pergunto: tem vacina contra? Tem cura de fato? Acho mais ou menos que não. Nem mesmo os planos de saúde reconhecem o sintoma por ser de difícil tratamento, a ponto de concluírem, de forma prosaica, que dor de amor não tem explicação.

Conheci um amigo que, supostamente curado, resolveu enticar com a mulher que causou sua dor de cotovelo, fazendo uma serenata de desagravo bem debaixo da sua janela, com violão e até banquinho para apoiar o pé. Escolheu o samba do Barbosa[3], para se fazer ouvir: “mulher, patrão e cachaça, em qualquer canto se acha”. Imaginem só o que aconteceu. A tresloucada, indignada e certamente assistida pela jararaca da sua mãe, atirou um radinho Philips, preciosidade de 1958, no Olivério. Uma radiada na cabeça!

Quem conhece a Isaurinha sabe de quem se trata: desmilinguida, louca de atar, daquelas que estão sempre com a razão, baixinha – essas são as mais metidas. Tava pensando o quê? Que era a Kim Novak? Eva Perón? Ava Gardner? Cleópatra? Mulher Melancia?

Levei o amigo de kombi para o postinho de saúde. No caminho, fulo da vida, indignado com a agressão despropositada, até sugeri à vítima a possibilidade de processar a Isaurinha pela intenção visível de quebrá-lo ao meio e, ainda, com o radinho da coleção do agredido. Agressão física e ao patrimônio histórico. Uma boa advogada a colocaria na cadeia, por uns vinte anos, no mínimo. A suposta ofensa dele foi musical. Ela podia ter retribuído atirando um travesseiro, almofada, livro, jornal velho. Vai... Mas, não! Tinha que ser um rádio das antigas, e de relação íntima com o próprio. Pura maldade! Estamos muito vulneráveis nisso. Nem Maria da Penha para os homens, nem delegacia especializada a nosso favor.

Então, voltando à pauta, o desgranido do Olivério respondeu à minha sugestão, sabem como? Agarrando o cotovelo – a cabeça é que fora machucada, estava que nem um porongo: “ainda dói, ainda dói”, dizia, choramingando que nem uma mulherzinha. Lágrimas profusas e salgadas corriam – acreditem! – do cotovelo! Pode? Que doença braba! Aquele mimimi todo foi de arrancar o sabiá do toco. Atirei o traste na sarjeta e me larguei de lá. Me caiu os butiá do bolso.

[1] Luis de Camões.

[2] Caetano Veloso.

[3] Adoniran Barbosa.

Data : 01/01/2020

Título : O aparecimento do Aparicio

Categoria: Contos

O aparecimento do Aparicio

Como tinha prometido, sigo o caso. Nicanor, apaga o radinho. Dudu, hollywood aqui não! Qué te envenená? Sim, palheiro pode! Cuspida no chão, nem falar!

Dizem alguns que veio do nada, outros, que de longe, só Deus sabe donde. Um desertor talvez? Andante? Mas cá comigo, e ninguém me tira da cabeça, saltou direto d'O tempo e o vento (1) para minhas palavras. Considerando o porte do homem e o lustro que reveste sua figura, não deixo por menos. Pelo retrato que o Veríssimo (2) me passou, tipo de gaúcho platino, gadelhudo, virilidade estampada à flor da pele, nariz empinado, pinta de galo provedor de galinheiro, que onde chegava causava frisson. Um rasgo na fachada atestava valentia. Levava a vida no tapa, compromissado com seus instintos, vivendo tão somente sua hora. Limites? Aramado? Pra ele, não! Vivia num mundão veio sem porteira. Vestia-se sempre grande com a mesma domingueira: bombacha negra, bota lustrada que nem de general, guaiaca com fivela de prata, lenço vermelho e chapéu tapeado, mordiscando barbicacho, e aquele olhar debochado. Bico doce com a mulherada. Taí, talvez, aqui entre nós, a razão de suas vicissitudes. Em resumo, Aparicio era um governo!

Bem, gaúcho sem cavalo é uma coisa, que não era o caso. Cavaleiro de nomeada, montava um rosilho marchador, arreado com luxo, arisco, ligeiro, criado em carreira de cancha reta, tal qual seu dono, metido a sebo. Lindo de ver, irmãos se entendendo no trote numa sintonia perfeita, confundindo-se num ente só.

- E a Ritinha?

- Epa! Chego lá. Aparicio se aquerenciou de golpe na cidadezinha, vivia carreteando, entre goles de canha pura, no bolicho do Chico Ruivo, quando não estava nas carreiras onde ganhava uns trocos com o General, que, fazendo girar a economia do local, entregava tudo no puteiro, já que mulherengo de marca maior. Não é que, não sei como, um passarinho mexeriqueiro lhe assoprou no ouvido que logo ali, no fundão de campo do Mundico Terra, morava uma chininha travestida de rosa no ponto pra ser colhida. Ele, já enfasiado de mulheres da vida, achou por bem dar uma conferida na peça. Foi se chegando, à marcha reduzida, como quem não quer nada, de mansinho, pra não espantar a pomba. Sinalizou para que o General se ajoelhasse nas patas dianteiras, incorporando nobreza de corcel do Soleil (3). Foi assim que se apresentou, com flor de laranjeira na mão, sem deixar de ser gavião: Aparicio, seu criado! Não deu outra.

(Leitor, essa do cavalo se ajoelhar... Acho que exagerei. Não resisti!)

- E a Ritinha? Fala mais alto, aqui no fundo tô te escutando mal.

- Calma, Deoclides. Garçom, mais uma, e não esquece da mandioquinha frita. E vamos adiante.

Aquela aproximação era o que faltava para o desabrochar do corpo da Ritinha, que pedia cancha para se mostrar de vez. A mudança foi como da noite pro dia, como num passe de mágica, a ponto de a natureza que vivia no entorno se alvoroçar toda. Quando se banhava no lajeado, era um espetáculo só. Na volta pro rancho, quase que levitando na água, bambolhando como que numa passarela, aquela chita sem graça se transformava, molhada, em seda pura, moldando as formas perfeitas de sua dona, deixando tudinho à mostra. Ao seu rastro, os lambaris, inebriados, saltitavam; as borboletas pousavam em seus ombros; os beija-flores, ousados, sugavam seus seios; a tartaruga do local, com aquela lesmice toda, lamentava-se, impotente por ver tão pouco. Os ratões do banhado, esses, então, enlouquecidos, iam e vinham, vinham e iam, viam frente e verso, verso e frente, nada perdiam daquelas curvaturas mimosas.

Acompanhando o séquito, de forma privilegiada, os quero-queros, tal qual esquadrilha da fumaça, davam rasantes, falando, conformados, “quero-quero-quero-quero-quero”. Aos salso-chorões, ali pregados nas margens que circundavam aquele palco, não restava nada a fazer, a não ser vergar-se ainda mais em reverência. A contrastar com aquele entusiasmo todo, uma figura impoluta, entronada no moirão mais alto, piava, sem um piscar: “mas-que-quié-isso”. A enunciação da coruja podia se traduzir, ao mesmo tempo, como manifestação de admiração, mas também como um “vai dar merda”. Mesmo considerando a natureza tão caprichosa e imprevisível, nunca acreditaria que esse desbunde todo pudesse ocorrer, mas, em se tratando da Ritinha como indutora, não coloco dúvidas.

Amigos deste bar, povo que me escuta, mister se faz dizer, reconheço: esse causo que conto me entusiasma por demais, a ponto de às vezes me fazer viajar na maionese, acrescentando verdades às verdades originais, que ouvi de boca, esquecendo de alguma coisa e lembrando, na maioria das vezes, daquilo que não aconteceu. Por isso peço que relevem algum exagero. Posto isso, vamos em frente.

- Mas e o Bentinho? Quieto que nem guri cagado atrás da casa?

- Felisberto, aí é que tá. Bentinho, que não era bobo de hoje e nem tinha coração de manteiga, começou a perceber as mudanças. Ritinha cheirosa. Flores de campo no vasinho. Felicidade estampada em seu rosto, o viço de sua pele, luzidio de seus olhos, a sua maneira de andar, deslizando na grama, falando com a bicharada, banhos intermináveis na sanga. Não, aquela não era sua Ritinha, era outra mulher. Na cola da dita cuja, viu muito mais: alguém se deitava com ela, o que era visível pelos rastros de cheiro de paixão atendida, pelos gemidos de dor bem sentida, bagos de suor ainda vivos, impregnados nos pelegos. Logo emendou os fios. Aquela situação não lhe descia na goela, aguentaria no osso do peito, desde que não a levassem dali, deixando-o só na rua da amargura. De quando em quando, se cruzava com o traste, a lo largo quando o via, desfilando naquele luxo de pose de monarca dos pampas, não recebendo um olhar sequer, muito menos um miserável de um “buenas, tchê!”. E para entornar o caldo de vez, sua Mimosa se fresqueava despudoradamente com o General, nas suas ventas. Até que passou um bom tempo naquele vai-não-vai. Tinha vezes, e isso foram muitas, se pegava pensando no jeito daquele homem, alternado paixão e ódio, sabem, meio que desmunhecando, e devaneava que talvez pudessem viver os três sob o mesmo teto, compartilhando, em paz, prazeres... Vai saber!

- Que situação periclitante! Ménage a trois! À moda gaúcha! Inacreditável!

- Silêncio! Silêncio! Amantino, passa a garrafa. E sigo o causo.

Mas aconteceu o que não podia acontecer. Ritinha tava naquela de negacear deveres para com Bentinho, argumentando dores de cabeça, que não tava chovendo, que com garoa não valia, desculpas esfarrapadas. E, nas vezes que faziam coisinha, era um papai mamãe feijão com arroz. E sem sal. Pode?

- Bah! Naquele tempo já existia isso!

- Pedrão, por favor, não me interrompa. Onde mesmo que eu tava?

- Tu dizia que a Ritinha não queria mais dar pra ele.

- Ah! Sim. Aquela situação o deixava com a pulga atrás da orelha. Viu-se inseguro mesmo na situação ideada – relação a trois não daria certo. Também pesou muito o exemplo de seu pai, de criação na verdade, Otacilio, desrespeitado pela Izaltina. Negava-se a chamá-la de mãe. A própria Mimosa aprontando, e naquele momento a Ritinha, como já disse, sonogando amor, de agarros com um desconhecido. Isso tudo por demais doloroso, fazendo-o sofrer tipo bicho. Muito embora seu coração, mesmo que sangrando, lhe dissesse que tudo não passava de uma marolinha. Não era homem de romantizar sofrimento. Pra encurtar a conversa...

- Data vênia! Eu, o Professor, aqui do fundo. Ué, Otacilio não era o pai do Bentinho?
- Professor, só se tu quer. Guri ruivo de cabelo cacheado, como já disse lá atrás...
Hmmm... Tem treta. Na verdade, ele dormia com a meia-irmã. Portanto, considerando que seja pisada forte nas leis de Deus com a irmã inteira, segundo o Padre Antão aqui presente, que não me deixa mentir, com esse dado adicional aflorando, seria meio-pecado, de pouca força, de meia-tigela. É isso, Padre?!

Mas, bueno, feita a pintura gris do ambiente calamitoso, retomo o caso. Bentinho não ia deixar barato pros dois amantes. Recuperando-se dos vacilos, pensou macho, abdicando ali de sua condição de corno manso e de suas falseadas. Numa tarde mormacenta, pegou a cortadeira, afiou nos conformes e marchou para o acerto de contas. PQP, a coisa iria feder.

De caso pensado, esperou Ritinha na saída da sanga. Ela, toda exibida, de sangue doce, se achando com aquela natureza toda ao redor, pensando no bem bom do Aparicio. No que botou os pés na terra firme, sentiu o corte do aço frio na garganta, sem tempo de imaginar o porquê. Muito menos de dizer um ai! Tastaveou alguns metros, enxovalhando de sangue aquele corpo bonito, caindo falecida para sempre debaixo tão logo daquele cinamomo de tronco rugoso, imponente, exalando seu perfume doce, cúmplice de um passado ferido, escondendo segredos que só ele sabia. E agora, testemunha de mais uma atrocidade. Que sina mais triste daquele cinamomo. Bentinho fez o serviço a capricho, no melhor estilo do Gomercindo (4).

Mas sua vendeta ainda não acabara. Iria atrás do ladrão de mulher dos outros. Destino: bolicho do Chico Ruivo. Sem pressa, deixou a Mimosa seguir a passo. Quem matara dois, levar mais um defunto na cacunda não faria diferença na lei de Deus e dos homens. Tristeza? Não era de ferro. Remoeu seu pranto de forma que nem ele mesmo percebesse, vertendo lágrimas sentidas pelas costas de seus olhos. No melhor exemplo de que macho que é macho não exterioriza choro. Remorso? Mas que diabo! Coisa nenhuma! Quem não deve, não treme. Perca da honra só se lava com sangue. Tava no direito dele. E que isso servisse de modelo a toda terra.

- Peraí! Como assim defuntou dois? Tu já tá fora da casinha? Caduco?

- Norbertinho, momento, eu não tinha dito? A Ritinha tava de barriga.

- Bah! Filho do veio Mundico, só pode. Não! Do Aparicio. Do Bentinho. Que situação mais encardida. A guria embuchada?!

- Silêncio, e lá eu vou saber?! E tem mais: naquele tempo não tinha o tal de exame de DNA. Garçom, por agora chega de conversa. A saideira!

(1) Romance O tempo e o vento, de autoria do escritor sul-rio-grandense Érico Veríssimo.

(2) Idem.

(3) Circo de Soleil, companhia multinacional de entretenimento.

(4) Gomercindo Saraiva, degolador.

Data : 16/08/2012

Título : O Bar do Moa morreu...

Categoria: Crônicas

Descrição: Quem leu "Coisa de bar. Estória", referenciando o Bar que existia ali na Moron com a Benjamin Constant e que hoje está "quase demolido", dê os devidos descontos,

O Bar do Moa morreu...

Quem leu "Coisa de bar. Estória", referenciando o Bar que existia ali na Moron com a Benjamin Constant e que hoje está "quase demolido", dê os devidos descontos, pois viajei muito no texto. A única coisa real e que inspirou o escrevinhador foi o luminoso da Antártica e a estrutura física do prédio.

O resto, o drama do garçom, a arquitetura do local, as músicas dor de cotovelo, os frequentadores, a mobília, a Maysa cantando com seus olhos verdes, os pinguins do luminoso inseguros quanto ao seu destino, o ambiente enfumaçado, aquele perfume latente no ar, as vozes tristes, entrecortadas, clamando "Garçom, a saideira!", tudo isso foi fruto da minha imaginação.

Mas tem gente que frequentou o Bar de verdade que existiu naquele mesmo local e jura que tudo aquilo poderia ter existido. Este, o verdadeiro, chamava-se "Bar do Moa". Reinou como "point" da tardinha passo-fundense por bem mais de uma década, mais ou menos no entrevero dos anos 1970, talvez até 1985. Talvez mais. Ou mais ou menos isso. Cronologia matemática em se tratando de bar nunca vai existir. E nem deve. Fica na penumbra.

Abrigava ocupados, desocupados, turmas das mais variadas e solitários tristes, nas mesas de seu interior, e nas da frente dispostas na calçada. Mesas de bar, ah!, como são valorizadas nesse ambiente etílico!... Escutem Reginaldo Rossi cantando "Garçom, aqui nessa mesa de bar..." e o poeta Julio Perez poetando "Onde antes havia – alguém – agora só restos; tocos de cigarro, copos vazios. Onde antes havia – vida – agora; uma mesa de bar". Estilos diferentes, contemporaneidade distintas, mas ambos valorizando o tema por meio da poesia.

Falava em mesas. Em turmas. Em tristes. As da calçada e mais próximas à porta eram disputadas pela turma dos moronboys, dos joia e dos punks, entre outras. Imaginem-nas inundadas de garrafas, copos cheios, seus ocupantes trucidando cantoria e conversa alta. As do fundo, no fundão, lugar mais úmido, sombrio, quente, frio, silêncio de igreja, eram destinadas aos tristes. Vazias! Quando muito um copo zanzando com uma purinha, com um triste ali, só, mas feliz por estar triste. E não gostavam de companhia. Alguém já viu um grupo de tristes juntos? O triste é um solitário.

Essas mesmas testemunhas que me conduziram a pintar o quadro inicial com seus depoimentos fizeram uma analogia entre o verdadeiro e o real. Pouca discordância.

Uma delas foi quanto à entrada de refrigerante no ambiente. Naquele imaginado não se permitia. No do Moa consumiam, sim, mas para misturar à cachaça compondo o velho "samba", ou para adicionar ao uísque, embalando a composição "são dois prá lá dois prá cá", regada a uísque com guaraná. Claro, com a Maysa. Fora disso, não mesmo.

De resto, unanimidade. A mais significativa era que o Bar do Moa, o real, tal qual o sonhado, fora um bar de verdade. Dos antigos. Com todas as qualificações de um bar que se preze, principalmente a que se refere à aura do lugar, que não se cria por decreto ou carrega na compra do ponto, mas se cristaliza do nada. E essa marca,

subjetiva, não se restringia àquele local ou se limitava ao incerto horário de seu encerramento, mas se estendia para seu exterior, carregada nas relações ali compactuadas pelas turmas ou pelos tristes. Envolviam amor, paixão, dor de cotovelo, traições, conversa fiada... Essas coisas que só um bar de primeira patrocina.

O passo-fundense Ricardo Camargo, certamente associado à turma da calçada, inspirado na sua própria vivência, compôs uma música intitulada “No Bar do Moa”, que nos dá bem uma ideia de sua representatividade no contexto e do espírito do lugar na época:

“Saio às 6 horas no meu tranco
E desço a Rua Moron, Moron, Moron, Moron,
E lá no Bar do Moa encontro a turma
Do bom, do bom, do bom

Do bom papo e da cachaça
E a moçada bebe mais e mais, e mais...”
E por aí segue destilando melodia...

Mas ainda existe alguma coisa por lá. Pegue carona na música, desça a Moron no tranco e pare em frente. Entre. Tapumes não serão impeditivos. À medida que passar a linha tênue entre a calçada e o ambiente interno daquele outrora templo, tente imaginar: os trinados daquela música vão ficando ao longe, ao longe, ao longe, e outro som, aos poucos, suavemente vai tomando conta. Pare um pouco nessa viagem, feita no plano do imaginário, e olhe para os lados. Muita gente, milhares, todos cantando. E a orquestra, completa, com seus artistas vestidos a caráter, de fraque em pleno sol, sob a regência de Nicollo Paganini atacando de “Tango pra Teresa”.

Trágico e triste como tem que ser. E como só um tango sabe.

De repente, o maestro encerra a música, enxuga as lágrimas e, abandonando sua postura sonhadora, assume a de um comandante. Travestido como o mais disciplinador dos militares, talvez um SS de gema, e com o olhar transfigurado, quase belicioso, determina que todos juntos às suas mesas perfillem-se e num unísono, sob seu comando, levantem os punhos cerrados e bradem: “Garçom, a saideira!”

E num passe de mágica, como o Bar do Moa que exteriorizava emoções, esse som se multiplica, toma corpo, transfere o pranto para o céu e induz a que em todos os botecos, bares, cabarés, puteiros, do mais fino ao mais decadente, de todos os rincões, através de seus filhos, adotem naquele mesmo momento idêntica postura respeitosa e repitam o mesmo gesto, bradando num efeito dominó: “Garçom, a saideira!”. Em Francês. Em inglês. Em russo. Em ídiche. Em esperanto. Em espanhol... E se propaga... E se propaga... Pelo mundo afora. E bradam... E bradam... Pelo mundo afora.

E os pinguins, os dois, não aguentando ao estropício, sucumbem e abraçados caem de seu pedestal, lugar de honra na derradeira cerimônia. Em cima de uma mesa de bar morrem as únicas testemunhas dessa loucura!

E o Bar do Moa também.

P.Q.P. não digo! Coisa de bar.

Data : 17/08/2012

Título : O Bar e o triste

Categoria: Poesia

Descrição: Esse é o palco desse singular. É nesse ambiente que brilha.

O Bar e o triste

Esse é o palco desse singular.
É nesse ambiente que brilha.
Ele, como sempre, solitário.
Entra e sai, silencioso, descolorido
Esgueirando-se por entre as mesas.
A cativa, a do fundo
Com certeza.

Luminosidade, penumbra.
Bebida, amarga.
Cor, roxo luxúria.
Roupa, cinza.
Sorriso, esgar.
Atmosfera, umidade.
Olhos, olheiras.
Doença, cigarro.
Lembrança, de mulher.

Ah! Mulher! Mulheres, todas...
Dele, nenhuma.
Esse tipo é um grande dissimulador.
Fala, sem dizer, que sofre ou sofreu por amor.
Olha, falando que foi desprezado,
ou que não preza ninguém.
Melhor ainda, traído.
Pior, nunca traiu.

Verdade, mentira, ninguém sabe.
Mas fica o estigma, construído.

Data : 07/10/2013

Título : O Bar está de luto.

Categoria: Contos

Descrição: Pois é... Pois é... O estabelecimento que frequento e que a partir dele conto meus causos está de luto. Luto fechado.

O Bar está de luto.

Pois é... Pois é... O estabelecimento que frequento e que a partir dele conto meus causos está de luto. Luto fechado. Até meus personagens, Anacleto, Dilícia, Messalina, Padre Antão, o veio Natalino, Compadre Arquimedes e tantos outros choram a perda de um dos seus e respeitam a solidão a que me impus numa mesa do Bar, bebendo em silêncio. Escritores, poetas, contadores de causos, por mais fingidores que sejam, usando uma expressão de um dos nossos, o Fernando Pessoa, sempre, sempre, no fundo, em seu âmago, pensam e materializam através das letras seu próprio eu, afetos, desafetos, passagens, que de alguma forma têm a ver consigo mesmo. No meu caso, contador de causos, não poderia ser diferente. Um de meus personagens morreu, e com ele morri um pouco. O mais próximo deles. E o mais sabido, por mundiado.

De fato... De fato... Falando claro, ele já havia morrido antes em vida. Agora, a morte morrida, a de verdade, vem num dia, numa noite, numa tarde cinza de outono, ou no lusco fusco de uma data de setembro, como efetivamente foi. Mas que chega, chega, sem hora marcada, de forma silenciosa, de inopino, sorradeira, violenta, mansa... Em razão de um tiro no peito, um vento frio nas costas num mês de agosto, uma doença ruim, ou gloriosa se estrebuchando de amor nos braços de uma mariposa, e até de forma ridícula, como a de um amigo que foi desta para a melhor atropelado por uma bicicleta ODOMO num beco sem saída e de mão única... Ou ainda, se pudessemos escolher, a mais inverossímil, porém a mais sonhada, sublime, serena; ter os últimos estertores no colo de nossa mãe acariciando nossa fronte e dizendo vai filho, vai filho. Seja como for, a morte inexoravelmente nos abraça, como abraçou aquele meu pedaço.

Esta passagem de meu personagem real foi triste. Muito triste e tihosa, por solitária, anônima e pobre, qualificações neutralizadas pela sua biografia rica e pelas lembranças que o particularizam como um tipo inesquecível, digno de ser retratado nas páginas de uma Reader's Digest.

E pela tristeza de sua partida, não houve lágrimas líquidas, mas secas, que não escorrendo se concentravam junto ao cérebro, potencializando lembranças de uma infância juntos traduzidas numa saudade boa.

Ah! Sim, tá bem! Sua trajetória poderia ter sido mais ou menos, menos mal, assim, assado, agora não importa muito. Feriu, foi ferido. Sim, certamente feriu seus amores como qualquer um de nós. Mas ao mesmo tempo em que falquejava corações com uma talhadeira, era capaz de em segundo negativo juntar os cacos de seu desatino e colá-los, um por um, com sumo de rosas, tudo na maior inocência, ingenuidade, simplesmente pela sua falta de talento de pensar e conviver com aquelas obrigações chatas – talvez necessárias – que norteiam as relações com nossos próximos mais próximos, e por optar, por motivos de força melhor, por uma outra forma de vida.

Ruim, bom, não importa. Sem julgamentos. Gostaria de abraçá-lo! Por que só agora, que não posso tocá-lo? Somos assim: em vida sonégamos carinho, beijos, afagos... Palavras doces também... Custa? Custa? Não, não custa nada. Então, por que não fi-lo antes? Agora, danou-se! Prometo, recupero tudo isso noutra!

Maria Pequena, invoco-a neste momento. Por favor, preciso de uma mão tua. Reconheço que não és Santa daquelas de milagres, mas sei de tua capacidade de escutar e compreender. Estás sabendo do ocorrido, peço que o procure, acompanhe-o, converse com ele, escute-o, em nome de nossa amizade, até que, mais ambientado, possa voar com suas próprias asas. Mas, cuidado, muito cuidado. Ele não admite que numa prosa não seja a primeira... E única palavra. E não fale em política, ele vai te converter em comunista de quatro costados, daqueles vermelhos

de 1960. E às tuas amigas mulheres, não o apresente. Ele conversa com palavras de mel. Simplesmente chamarreie junto. Obrigado e até mais ver.

Bem, bem, chega de tristezas... Encerro por hoje. Garçom, a saideira! Sim, tá bem, mas pra que outro copo? Já tenho o meu!

- Seu contador de causo, Beto, o letrado, está aí junto com o senhor, na cadeira ao lado. Diz que é seu irmão de sangue e que vai aguardar o abraço prometido. A Faixa Azul está no ponto. Sirvo-o?

Dia 24 de setembro morreu, de morte morrida, Beto Guggiana.

Maria Pequena: primeira santa popular passo-fundense.

Autoria: Miguel Guggiana

Ilustração: Leandro Dóro

Data : 17/01/2012

Título : O Mundo Cabe Numa Cadeira de Barbeiro

Categoria: Crônicas

Descrição: Este é o título de documentário roteirizado e dirigido pelo jornalista José Roberto Torero.

Este é o título de documentário roteirizado e dirigido pelo jornalista José Roberto Torero. O texto da sinopse nos diz que “entrelaça a história da vida de seis imigrantes, representantes de diferentes grupos no século XX; espanhóis, italianos, japoneses, portugueses, sírios e bolivianos. Sentados numa cadeira de barbeiro, eles narram episódios e nuances de sua chegada e nova vida na capital paulista”.

Bem, se chegaste a ler até este ponto, certamente seduzido pela amplitude do título, minha intenção foi alcançada.

Então, nessa intenção, convido-o deixar de lado o enfoque supostamente mais sério e realístico do jornalista, sentando numa dessas cadeiras, fechando os olhos, sentindo aquele ambiente característico recender a perfume, Atkinsons, ou, talvez, Água Velva. Escolha, ao seu gosto e vamos viajar no imaginário.

Bem ao estilo do poeta Antonio Sala, que em poema retrata o nosso mundo, visto dessas cadeiras, e que a charla de Mauricio de Souza sintetiza; “ assim formando o informal, que Deus nos acuda se disser que afirmei e muito menos ao contrário, porque é assim que a vida passa, na cadeira do barbeiro, num delicioso causo do banal”.

É na cadeira de barbeiro que a gente sabe o que sabe,

Se faz o corte das unhas dos governantes, pois, pois...

É na cadeira de barbeiro que a gente vai fofocar,

Se dá o aparado ao bigode e à vida doutros, também...

É dar e dar à tesoura, e as navalhadas são mil.
Ali se sabe sempre e em primeira mão,
É na cadeira de barbeiro que a gente sabe, pois é.
E que o fulano da esquina, a quem se chama Doutor,
É na cadeira de barbeiro que a gente sabe o que sabe,
Se faz o corte da unhas, dos governantes, pois, pois...
E se ensaboa a má língua depois.

Pois é... pois é... quanta coisa ficou prá trás, o barbeiro como esse aí, a normalista do Notre Dame, a namorada das antigas, as conversas do Bar do Moa, a mulher só numa mesa de bar, o corpo de uma colega de ginásio, que numa visão candida, comparava à caligrafia de minha professora; sinuosa, reta, curva, parelha, com cheiro de mimeógrafo. Isso não existe mais. Ah! e a melhor amiga... que lástima, que perda de tempo. Como chama-la de amor, se éra amiga!!! até hoje tenho a impressão que ela esperava mais de mim. Uma atitude e perderia a amiga e ganharia uma mulher. Que bela troca!!! Covarde. O tempo me roubou as duas.

Como recuperar tudo isso? vou viajar no imaginário e retroceder no tempo, e vai ser agora. Com licença.

Garçom, a saideira!

Do Blog
O Antiquário

Data : 28/02/2013

Título : O pecado mofento do compadre Arquimedes

Categoria: Contos

O pecado mofento do compadre Arquimedes

Tenho contado cada caso que às vezes nem eu mesmo acredito, imagine quem lê! Mas cada caso é um caso, e esse do compadre Arquimedes tem muito de verdade. Tava eu lá no Bar já na décima saideira quando me dispus a fazer o compadre contar um, visto que sempre eu tomava a dianteira e a palavra, o que me expõe, pelo menos nas probabilidades, a resvalar nos fatos, justificando alguns exageros e até passar por mentiroso.

Conversa daqui, conversa vem, conversa dali, conversa vai e o compadre capitulou: tá bem, vou contá tudo! Tudo!, disse com voz embargada – o que creditei aos efeitos do trago, mas não...

Pronto, cruzei as pernas, me aboletei na cadeira colonial do estabelecimento, puxei a garrafa pra perto, dei uma coçadinha, preparei um palheiro pra pitá e me dispus a escutá-lo.

- Graças a Deus hoje vou botá pra fora esse segredo que me acompanha tanto tempo e que me martiriza. Era gurizito inocente, branquela, esquelado, podia contar os pelos pubianos, e bem na época da muda quando a sexualidade se define. Fui criado por duas tias carolas, solteironas, à revelia da rua, solitário... Imaginem que nunca participei do campeonato de cuspidas organizado pelos guris da turma da esquina... Preferia apreciar minha coleção de borboletas. Essa influência me levou a gostar de literatura, estudar línguas e adorar, adorar tocar cítara...

- Mas, compadre... p.q.p, que que é isso?!

- Cala-te, agora vou até o fim. Meu objetivo era cursar o Instituto de Belas Artes, onde pensava que poderia extravasar minha sensibilidade artística e, então, nesse contexto foi que me apaixonei por um ente de farda...

- Jesus, Maria, José! Onde estamos?

Nesse meio tempo já não era só eu que o escutava, tava o Bar em peso arrodando-o, todos surpresos com aquela confissão. O silêncio sepulcral era tão quieto que um peido de mosquito seria percebido. Quem diria? O Arquimedes...

Chorava, falava, bebia... Falava, bebia, chorava... Sei lá a ordem! E dê-lhe verbo...

- Pois é, nunca pensei que chegaria a esse ponto. Foi de supetão, mas estava disposto a enfrentar a sociedade preconceituosa que nunca admitiu uma relação do naipe, ainda mais eu guri, tchê! Não tinha com quem repartir essa insídia. Com minhas tias? Nunca, morreriam quando soubessem. Colegas? Viraria chacota. Professor de balé? Talvez compreendesse. Com o padre? Correria risco.

- É de não acreditá! Puta merda, não pode ser... Que vergonha.

O cuidado em manter o silêncio era tão grande que até mesmo o garçom ia para a calçada abrir a cerveja, para evitar que o "ploc" desviasse a atenção do público e para que todos se mantivessem focados naquele lamentável depoimento.

- De minha janela, na solidão de meu quarto, ficava de campana espiando por entre as persianas o quintal de sua casa, mirando aquele uniforme maravilhoso, azul, cheio de estrelas, confundindo-se com outros, da briosa Brigada Militar tremulando, tremulando no varal... Meu sonho era aninhar-me em seus braços e ser conduzido através de suas mãos experientes ao meu primeiro coito, fossem quais fossem as consequências. Estava disposto a enfrentar a sociedade... Sua condição de militar me seduzia.

- Para, compadre, para... Para!!! Chega!!!, gritei, interrompendo-o, já arrependido da atitude republicana de tê-lo incentivado a contar um caso e com receio de que o desabafo de característica terapêutica de sua catarse comprometesse sua figura e a do Bar, até então, ilibadas. Fosse procurar o catre do Freud, o Pai de Santo da Casa...

- Silêncio. Agora vocês vão me escutar! Felizmente, não levei adiante aquela loucura. A tragédia poderia ser grande, um rio de sangue poderia correr... O assassinato de um infante, no caso eu.

- Per che? Per che?, animou-se a perguntar Berlusconi, um italiano loquaz, único representante do Oásis, a quem foi permitida a entrada para testemunhar aquele terrível fato, pois se tratava de Bar concorrente. Se quisessem mais espaço, que criassem suas próprias histórias.

- A mulher era casada! De papel passado!, cuspiu Arquimedes.

Bah! Ohhhhhh! COMO ASSIM! Este é o Arquimedes que eu conheço! Ufa! Porrira! p.q.p., meu São Jorge!... eram algumas das exclamações dos distintos habitantes daquela Casa.

- Como, uma mulher? E a farda?, perguntou Cachoeira, o apontador do jogo do bicho do Bar, incrédulo.

Eu não podia falar, estava engasgado, em estado de choque... Ainda bem, dizer o que daquela quase poca vergonha!?

- Sim. Era minha vizinha, a Irmã Dilma, capitã do Exército de Salvação. Adorava aquela mulher, e o fetiche daquela visão fardada me levava a inspirações lúbricas e que terminavam em prática pouco convencional que diziam enlouquecer, criar cabelos nas mãos e espinhas no rosto. Pecado mofento à época... Pura lenda, pura lenda, sou destro, e se isso fosse verdade teria que fazer a barba na mão direita com a máquina de cortar grama, tal era a frequência com que pecava. Imagine a cabelama... Espinhas? Meu nome seria Cactos, e não Arquimedes. Louco? Contava até três sem pensar... Péra aí, por favor... Consciência...

Nesse interregno de tempo o clima do Bar voltou à sua normalidade, e seus freqüentadores, já com suas feições relaxadas, comemoravam o epílogo épico do caso que enriqueceu ainda mais o currículo do Arquimedes e manteve incólume o conceito do estabelecimento.

Mas... Epílogo bosta nenhuma, sempre tem um pentelho... Do nada surgiu o Anacleto, o Joãozinho do Bar, que no fundo, no fundo queria ver o nome do compadre na rua da amargura, rugindo peçonhamente:

- Mas e a farda da Brigada?

Fez-se silêncio por meio segundo... Sim! Outros retumbavam em cascata... E a farda de brigadiano? E a farda de brigadiano? Queriam o quê? Ver sangue... Tragédia bolivariana... O falecimento moral do Arquimedes... Plantar uma nódoa suspeita em seu passado até aqui glorioso... Abrir uma chaga cancerosa em seu peito... Transpassar seu coração com uma lança farroupilha enferrujada... Coisa de loco, partindo de seus pares do sodalício.

Todo o bar voltou ao suspense quanto ao que viria... Os ruídos sossegaram novamente esperando a manifestação do Arquimedes. Alheio àqueles desejos mórbidos, fazendo pose de pensador francês de boteco, tal qual Voltaire, Didereau, Montesquieu, uma mescla deles, o compadre disparou, compenetrado:

- O marido era brigadiano da ROTA de Passo Fundo e diziam que ruim de gênio, tchê... E continuou: Foi melhor parar... Ia sobrá pra mim. Minhas tias carolas diriam que é um pecado mofento, inafiançável. Vivia com a perspectiva de virar louco da capela e espinhudo. A mão já é um pouco cabeluda, tchê! Mas foi bom desabafar!

E olhando longe que nem cavalo imigrado aperfeiçoando ainda mais a postura francesa, como que pescando o passado, sibilou ainda, erguendo as sobancelhas e em tom de segredo, a quem quisesse ouvir:

- Pra encurtá a prosa, digo que era uma mulher linda como poucas, tchê! Melhor, só doce de mãe. E aí! Tá mudo? Fala! Gostou do caso, tchê?, explodindo em gargalhadas.

No meio da balbúrdia retomada e ainda apatetado, tentando reunir as ideias, consegui a muito custo sinalizar para o garçom:

- A saideira!

Deus do céu... Tem cada uma, que parece duas...

Data : 01/01/2014

Título : Os devaneios da delegada Helô na delegacia de polícia da Vila Tunda de Laço

Categoria: Contos

Descrição: — E aí, compadre Arquimedes, firme?! — Firme que nem prego em polenta, Contador de Causo – respondeu o Arquimedes.

Os devaneios da delegada Helô na delegacia de polícia da Vila Tunda de Laço

— E aí, compadre Arquimedes, firme?!

— Firme que nem prego em polenta, Contador de Causo – respondeu o Arquimedes.

— Qual é a nova? Causo novo?! – intromete-se o veio Natalino, puxando uma colonial pra perto da mesa.

(Leitor, é incrível, incrível. Começa com um, com outro, vão se chegando, quando me dou conta tem uma turma apinhada junto a mim, aguardando, agoniados, por um caso).

— Partidários de uma gelada e de uma prosa, esses dias me aconteceu uma boa. Lembram da Helô que trabalhou de delegada naquela novela da Globo, Salve Jorge? Pois é, pois é, com o fim daquilo, ela foi transferida para atuar ali na delegacia de proteção às mulheres, na Vila Tunda de Laço, quase no fim da Morom. Tava eu ali na delegacia, para dar um depoimento, disse umas verdades para uma dona, quando...

— Mas por que essa injustiça? Tu sempre trataste bem o mulherio! Chamaram-te lá?! – arrepiou o Padre Antão.

— Padre, nestes tempos, chamar alguém de “coisinha linda” é ofensa, dá cadeia. Experimente! Chamei uma assim, que olha, se ofendeu e me atirou quinhentas pedras, chamando-me de veio caquético, mandou me olhar no espelho. A coisa ia ficar por aí, quando acrescentou jaguara aos elogios. Ah! Não aguentei! Sangrei-lhe a alma, fincando uma faca de serrinha, até o cabo, em seu peito, quando disse: vai te enxergar, gorda! Pra quê, pra quê? Elas não suportam isso. Registrou queixa com BO e tudo.

Bem, bem, continuando... Sabem aquele ambiente de delegacia, uma zoeira desgraçada, copos de cafezinho por cima das mesas, gente entrando e saindo, uns algemados, telefone fora do gancho, toco de cigarro no chão, patente entupida – as duas, as duas –, viaturas com as sirenes tocando a mil, e eu ali naquilo com meu radinho de pilha sintonizado na Rádio Fantasia, esperando a minha vez de ser chamado, e, nestas alturas, observando, observando...

Quando, meu Deus do céu, eu a enxerguei, a delegada Helô, em carne e osso, bem ali, ali na minha frente. Poderia tocá-la com minhas sobrelhas se quisesse, oferecendo à visita pública sua figura de mulher pra cem talheres de prata, seu porte altivo, seu charme cheio de feitiço. Olhando-a, me veio à mente minha professora de caligrafia, a Dona Nena. Não, não, nem se compara uma com a outra – já começaram a me interromper. Refiro-me à caligrafia de minha mestra, tudo no lugar certo. Letras firmes, como o corpo da delegada, caprichosamente sinuosas, como o corpo da delegada, a pontuação nos lugares certos, como no corpo da delegada, e as vírgulas, ali, elegantes, balançando ao sabor de minha imaginação, visitando todos os quadrantes da estampa daquela autoridade, nestas alturas caligraficamente perfeita. Viajo imaginando um soneto de Alceu Wamosy escrito no corpo daquela mulher, sob a batuta de minhas mãos carentes.

— Eu sei uma do Wamosy, de cor e salteado, escutem só – alguém bradou.

Só poderia ser ele: Beto, o letrado. Ô, Beto, tá pensando o quê? Que este Bar agora é grêmio literário, exibindo-se para minha plateia, ofuscando o meu caso? Que que é isso!?

— Irmãos, desculpem-me o interregno. Tava aqui pensando com meu fecho eclair. Mas, mas nisso mandam chamar a Jurema para prestar alguma queixa diretamente à delegada. Adentrou na sala... Sabem aquela mulher de beleza judiada, descolorida, ex-alguma coisa, mãos retratando irmandade com o tanque de roupas, precisando de uma reforma geral, olhar esgazeado, uns argolões dependurados nos lóbulos...? Pois é, pois é... É a própria. E eu ali, observando, observando...

“Senta e fala” – vociferou impaciente a autoridade de pedra.

“Doutora delegada, venho de novo aqui pedir providências. Não aguento mais; aquele homem me trata como se fosse sua propriedade privada, tolhe minha liberdade, diz que sou só dele e somente dele. Disse que ainda vai me escriturar! Isso não é nada, não é nada, prometeu aos quatro ventos, referindo-se a mim, para que sepan todos a quién tu pertenesces, com sangre de mi venas te marcaré la frente. Violência anunciada em castelhano... Pode? Mas atende todos os meus desejos... Imagine que um dia inventei de dizer que gostava de massa miojo com sardinha. E o cara me espera diariamente com esse cardápio. E a sardinha é da Coqueiro. Ele diz que quer o melhor pra mim, mas já não aguento mais. Quero distância daquele monstro...”

“Ele te dá uma tunda de laço? Onde estão os hematomas? Te arrasta pelos cabelos?” – Helô instiga, quase perdendo a paciência.

“Não, não! Longe disso. Pior, muito pior. Ele me afoga de amor. Me trata como uma mulher-objeto. Todas as noites, todas, me sufoca de sexo, mas não do feijão com arroz, aquele trivial, comum, sem chispa, mas do elétrico, dos de cinema, em que morro em seus braços e continuo vivendo. Morro e vivo, morro e vivo, até o raiar do dia. E de manhã, preocupado com os excessos, me leva um pequeno desjejum, para recompor minhas forças, e é de não acreditar, dê-lhe máquina de novo, tal qual Spartacus dando conta de 87 donzelas dinamarquesas.

Chega de venturas, chega de ser chamada de flor-do-lácio, de estrela d’alva, de rainha do Nilo. Quero alforria, quero proteção do Estado, já!” – teatralizou Jurema, ajoelhando-se naquele piso imundo.

— Só que, pessoal, eu não tava ali observando à toa. Percebi algo que não batia com a realidade. Sua fisionomia, embora esgazeada como já disse, delirava e expandia felicidade, como de alguém que tivesse comido um sorvete de morango, de duas bolinhas bem servidas, untadas com gotas de rum Montilla. Depoimento estranho, estranho, muito estranho. Mas a delegada se me apresentava alheia, distante, indiferente. E aí pensei: como derrotá-la, como despi-la, como fazê-la escutar a voz do povo na pessoa da Jurema, representando naquele palco as marias periféricas? Como? Como?

— Deixar a delegada pelada? Oba! O caso tá melhorando, deixa ela só de anel de formatura, só de coturno – a massa insana, alvorotada, sugeria.

— Vocês são de matar! Tô falando de forma figurada. Nada disso, nada disso. Desnudá-la no sentido de fazê-la abandonar aquela pose de artista de novela e compreender, ouvindo a voz do povo, os sonhos, as ilusões, os enganos consentidos das mulheres sofridas.

E aí, amigos, o demônio conspirou a meu favor. Lembram do radinho de pilha, na Rádio Fantasia? Pois bem, pois bem. Começou a tocar a música “Ninguém me ama/ ninguém me quer/ ninguém me chama/ de meu amor/ a vida passa/ e eu sem ninguém/ e quem me abraça/ não me quer bem/ vim pela noite tão longa/ de fracasso em fracasso/...”, na voz maviosa da Nora Ney... Que coisa de louco! Alteei o volume de forma que a delegada ouvisse, e funcionou, e como funcionou... Minha visão de lince sexagenário percebeu, naquele rosto dos deuses, a partir de seus olhos, o rolar de duas pequenas, furtivas lágrimas, que, canalizadas nos caminhos delineados de suas

covinhas, foram acolhidas pela geografia de seus lábios carnudos, emoldurados pela sua boca de pecado. Aquela umidade delicada, represada – não precisaria nem degustá-la in locum para defini-la como caprichosamente salgada – misturada a partículas microscópicas de folhas de manjerição maceradas pelas mãos de virgens. E o alvoroço, o vozerio estrídulo daquele ambiente, de repente, amansou-se, escutando-se tão somente os lamentos da Nora Ney e deixando à mostra a derrocada, o cair do muro de Berlim, o pegar desprevenido, o capitular daquele ímpar soneto humano manuscrito com letra bonita, expondo suas fraquezas, sua solidão talvez, contrastando com a fatura amorosa da Jurema. Sua indiferença poderia ser traduzida como inveja? Seu intempestivo marejar, o reconhecimento disso? Olha, que que eu vou dizer pra vocês...? Mas, de repente, de repente. Plaft, boinnngg! Helô, recompondo-se do vacilo, bateu violentamente no birô com suas mãos delicadas de pianista, e, aí sim, coisa de cinema. Lentamente, tirou a parabellum 45 do coldre, a munição de bala dum-dum, a pequena faca de cangaceiro, a granada de mão, depositando aquele arsenal sobre a mesa. E, então, meus colegas trago... Ah, Santo Onofre! Desabotoou os três primeiros dos cinco botões de sua blusa caqui, aninhando entre as duas romãs maduras um papel róseo com o nome e o telefone do meliante. Não quero mentir, mas na leitura protagonizada pelo imperceptível fremir de seus lábios, pareceu-me dizer “este caso é meu, só meu”, devaneando.

E a partir daí, infelizmente, tudo voltou como dantes, quebrando-se o silêncio sepulcral imperante, quando saiu porta afora, deixando a Nora Ney muda, Jurema prostrada ao chão afogando-se em lágrimas, e eu, possesso, clamando por justiça – quero tratamento igual, prenda-me, prenda-me! – e pensando por que deveria ela ir tão longe, se eu ali tão perto poderia ser seu algoz.

— Ela foi procurar o homem da outra? Ela tava carente? E tu, Contador de Causo? – algumas das manifestações da irmandade.

— Irmãos, ainda bem que ela não atendeu aos meus reclames. Não era nada daquilo que eu estava pensando. O que acontece é que o expediente terminou, e a delegada correu para os braços de seu novo amor, o Pedrão, professor de canto orfeônico, que a esperava com sua motinho Honda, daquelas cinquentinhas, sabem...? Nada mais do que isso, simples, simples. Eu é que estava imaginando coisas. Beber cerveja de latinha dá nisso, mistura as ideias de qualquer um.

— E a Jurema? E a Jurema?

— Pessoal, pelo que eu soube mais adiante, a Jurema, mulher solitária e mãe solteira, era figura carimbada na delegacia. Seguidamente estava por lá contando a mesma história e tinha da delegada – que, humanitariamente, escutava seus destrambelhos – principalmente, condescendência.

— Só isso?! Só isso?! Tivesse, então, deixado o Beto declamar “Duas almas!” – disse brabo o Berlusconi, o infiltrado do bar Oásis.

— Não digo? Nunca estão satisfeitos. Por favor, querem o quê? Causos do Machado de Assis? Que ele venha aqui tomar um trago com vocês? Chega por hoje.

Garçom, a saideira! Das de garrafa.

Delegada Helô foi interpretada por Giovana Antonelli, na novela Salve Jorge, da Rede Globo.

Trecho da música Mi Propiedad privada – autor Modesto López, mexicano

Data : 19/11/2012

Título : Os dois seios da minha professora de religião

Categoria: Crônicas

Os dois seios da minha professora de religião

Garçom, a saideira! Gazapina!

Me ajuda nesta, juro que é a última! Não! Nunca vi o Rio Passo Fundo recusar água, que tal o estado aqui do parceiro de mesa.

“Dicen que lós hombres no deben llorar por una mujer”. Isso fica bonito de dizer em letra de música. Agora, nas devas não corresponde à verdade. Homem chora, sim. Não digo aquele choro sem grife, por uma dor de uma unha encravada, um dente do siso atravessado, um furúnculo na bunda. Isso é fiasco. Por uma mulher se justifica, principalmente por uma paixão não correspondida, como no meu caso, no verdor de meus nove anos. Chorava pelos cantos da casa, não esse choro com lágrimas, mas aquele de paixão, no seco, coração cortado, sangrando, sem sutura, com uma placa de sal grosso e gotas de ácido em cima para aumentar o sofrimento e que a cada soluço rebentava com as amígdalas. E essa dor causada por essa chaga aberta só dava trégua quando me envolvia treinando meu time de botão para as Olimpíadas Metodistas.

Como sofria, foi um dos melhores sofrimentos de minha vida. Ah! Como queria que aqueles dias fossem todos os dias...

Por pouco não cortei os pulsos com gilete e, pior, com uma faca de picá fumo, fio cego, ou, ainda, o que seria a glória maior, enforcar-me com um corpinho Du Loren que surrupiara do varal de roupas de uma vizinha. Esse desenlace mortal era o de minha preferência. Já vai saber o porquê! Tá dormindo?!

Bueno, ela realmente foi minha primeira paixão. Conheci-a no quinto ano primário ali no Instituto de Educação, colégio metodista. Era minha professora de religião. Embora recém-egressa da Escola Normal, jovenzinha, ainda cheirando a mimeógrafo, já era uma mulher tupida, confortável, oferecendo aos meus olhos inocentes zona exuberante localizada em seu tórax privilegiado, que podemos comparar a dois mamões papaias no ponto de douçura.

Ela tinha o costume de ministrar as aulas caminhando entre as classes, com o som de sua voz misturando-se ao toc toc dos saltinhos. Toc toc toc ttoc cott co toc oc to. Meu coração saltava quando se dirigia a mim com seu passo de gansa no melhor estilo da SS alemã, com os seios refestelando-se, abençoados pelo capeta. Embora aprisionados por um sortudo Du Loren, conseguia perceber duas cerejas maduras no topo de cada um daqueles impávidos colossos. Ah, meu Deus do Céu! Era coisa pra passá a mão com luvas de pelica! Algodão doce puro!

Nesse caminhar é que tava o problema! O Santo Antonio! Me matava de ciúmes. Ela era devota do Santo Antonio, devoção evidenciada pela medalhinha que usava com a figura do dito dependurada numa correntinha. E a cada passo a medalhinha ia e vinha, vinha e ia, e vice-versa e versa-vice. E quando podia introduzia-se na fenda que a blusa oferecia, fazendo tantas acrobacias para isso que deixaria um trapezista do Circo de Soleil no chinelo. A medalhinha entrava Santo Antonio e voltava Tonho, deixando no meio daquelas carnes a batina, os santinhos e os votos de castidade. Retornava extenuado, entregue e com um sorriso irônico dirigido a mim. Juro que é

pura verdade! Pura verdade! Não dá prá acreditar em Santo! Muito menos em santo de medalhinha!

“Menino, leia o trecho de um dos livros do Pentateuco”.

Faria tudo por eles. Levantava-me lentamente, desafiador, ficava tete a tetas, sentia seu hálito de chicletes de gardênia, visualizava seu sorriso tipo Kolynos emoldurado por aqueles carnudos lábios escarlates e percebia suas palavras, sem exagero, dançando por sobre notas musicais. Inolvidável!

“Menino, vamos, leia! Acorde! O Pentateuco! Quero traduzido, traduzido!!!”

Transformava-me, sentia-me o Collor discursando no Senado do Império Inca para um montão de filisteus comunistas, e, no entanto, era um pequeno mancebo hipnotizado, subjugado, refém daqueles montículos endemoniados de uma mulher professora tupida, confortável... como já disse. Plenamente justificável. Se tu visse... é de não acreditar.

Exercia um enorme poder de autocontrole, traduzir a leitura do texto do raio do Pentecostes do grego para o esperanto, não responder às implicações do Tonho e, o principal, ainda lambuzar-me com a paisagem próxima que se me oferecia tudo ao mesmo tempo... Meu Deus! Coisa de Juan Peron! Coisa de Juan Peron! Só eu mesmo...

Uma pergunta? Claro, tamo conversando. Se ela era metodista, como poderia ser devota de um santo católico?

Putá merda, arrumei um parceiro de mesa detalhista, não fala nada e quando fala se atém a minúcia. Estragam uma boa história por nada.

Vou disfarçar...

Tu sabes que o culpado dessa quase tragédia foi o Reverendo Pinheiro, diretor daquele Colégio. Na seleção de uma professora de religião o perfil recomendado é de que seja o de uma mulher com a beleza interior acima de qualquer suspeita... Que incompetência deliciosa!

Garçom, a penúltima saideira! Gazapina! Quien dice que lós hombres no lloran por una mujer? Passa a garrafa...

Autor: Miguel A. Guggiana

Ilustração: Leandro Doro

Data : 15/08/2012

Título : Ótica da tristeza: um ensaio literário abortado

Categoria: Contos

Descrição: Será este um ensaio ou um triste clássico? Tenho lá minhas dúvidas. De todo modo, a tristeza ? um tema que me seduz.

Ótica da tristeza: um ensaio literário abortado

Será este um ensaio ou um triste clássico? Tenho lá minhas dúvidas. De todo modo, a tristeza é um tema que me seduz. Pensei em escrever alguma coisa a respeito, pendendo buscar mais o lado científico, suas causas, seus tipos, suas dúvidas, sexo, intensidade, procurando inspiração em algum poeta especializado, talvez nos estudos de Freud e Yung, possivelmente lendo Marimbondos de Fogo, de José Sarney. Desse dizem que é “uma tristeza só”. Talvez pudesse me dar pistas.

Desisti dessa linha. Razões? Despreparo para assumir essa intenção acadêmica e sérias dúvidas de que o tema proposto, etéreo, subjetivo, fugaz aceitaria amarras. Entendo também que poderia ficar sugestionado a assumir outras ideias, que não as minhas, maculando, portanto, a originalidade e fechando a possibilidade de, futuramente, ditar jurisprudência no assunto.

Busquei, então, inspiração em observações, na tristeza pessoal, alguma coisa que já li ou ouvi do dia a dia ou da noite, invocando a lembrança dolorida, amarga do fantasma de uma mulher viva ou, ainda, a dor do açoite de uma desilusão. Nessa direção, desde que me alimente da tristeza necessária para divagar sobre o tema.

Não esperem, portanto, uma linha racional no decorrer do texto.

A rigor o triste é um solitário. Observem. Estão sempre sós. Já viram um grupo de tristes?

Alguns, como os egoístas, trancam-se em casa, em uma biblioteca, ambientes silenciosos e curtem, egoisticamente, sua tristeza, indiferentes ao mundo exterior. A tristeza lhes sobe à cabeça. Quando estão definhando em seu estado preferencial, alimentam-no através da música e de lembranças, tanto as reais quanto – e especialmente – aquelas que gostariam de ter, como se sons e reminiscências os reanimassem a assumir, novamente, sua intensidade máxima. Seria como se injetassem tristeza na veia. Preferencialmente um dia de chuva para essa transfusão, além da companhia de Wando, Nelson Gonçalves, Maysa, entre outros, desde que especialistas no assunto. Enfim, gente do ramo.

Bem, lembranças cada um tem as suas. Desde que envolvam mulher! Ah, mulher!

Outros, como os poetas, exteriorizam seu estado de espírito. E gostam disso. Tanto que escrevem e divulgam. Apresentam tristeza efêmera, lampejos, laivos dela. E aí, quando nessa condição transitória, criam, sonham, escrevem seus mais belos poemas.

También en esta línea de la transitoriedad incluem-se os dançadores de tango, que, na lida, assumem uma tristeza fina, distinta, trágica, como um bom tango argentino, y representan em suas feições cara de choro de lágrima. Sin precedentes, tango y bailarín !

O triste social, esse dá tristeza! Coisa mais triste um triste cantando Parabéns pra você. Ou apagando velinha! Ou sendo o orador da turma! Mestre de cerimônia! Ninando criança! É PATÉTICO!

E por aí afora poderemos citar inúmeros tipos.

Agora, o perfeito, o inimitável, o raro é o triste de Bar. Podemos chamá-lo, academicamente, de “o triste clássico”. É o triste em seu estado de pureza.

Quando falo em Bar, falo em Bar! Pode ser o do Moa, da Tia Carula ou do Moulin Rouge! Esse mesmo. O de Paris. Ah! E o maior deles, o do Cassino da Maroca. Nesse nível. Travestido de chinelo de dedo ou fraque.

E esse é o palco desse singular.

Ele, como sempre, solitário.

A mesa, a do fundo.

Luminosidade, penumbra.

Bebida, amarga.
Cor, roxo luxúria.
Roupa, cinza.
Sorriso, esgar.
Atmosfera, umidade.
Olhos, olheiras.
Doença, cigarro.
Lembrança, de mulher.
Ah! Mulher! Mulheres, todas... Dele, nenhuma.
Esse tipo é um grande dissimulador.
Fala, sem dizer, que sofre ou sofreu por amor.
Olha, falando que foi desprezado,
ou que não preza ninguém.
Melhor ainda, traído.
Pior, nunca traiu.
Verdade, mentira, ninguém sabe.
Mas fica o estigma, construído.

Esse conjunto de condições e atores, e o componente principal, indispensável que traz alma ao assunto – mulher –, completam a obra e repercutem na estatura do triste. Fora desse contexto, tristes comuns. Simplesmente tristes. Sem querer desmerecer. Esse tipo, “clássico”, é muito valorizado pelos Bares, que para sua construção contribuem com a estrutura física do lugar e até, eventualmente, liberam o garçom para que escute suas raras confidências ou penduram, ainda, indefinidamente sua conta. Em troca ostentam sua figura, com exclusividade, para completar a aura do lugar e qualificar mercadologicamente o negócio. Contrato esse constituído entre as partes de forma tácita, subscrito pelas linhas tortas, sinuosas da melancolia. Sem esse é um bar, e não um Bar. Bar sem triste, onde se viu! Completam-se. É QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA.

Como sempre, entra e sai silencioso, descolorido, esgueirando-se entre as mesas. Nesse movimento, o piso é a passarela. Não caminha, levita. Nesse momento, a balbúrdia, a algazarra, a cantoria cessa por segundos, em respeito quase reverencial sempre que desfila, escondendo-se para ser visto, embora sob holofotes, e da massa insana dos comuns pode-se ouvir murmúrios: “é o Tristão, o triste do Bar”, “mora no Bairro Tristeza”, “separou-se da Alegria”, “teve um caso com a Soledade”, “flerta com Dolores”, “desprezado pela Vitória”. Gosta desse reconhecimento. Explode de tristeza. Agora, para um triste desta laia, glória maior seria só se, por sorte, tivesse dolorosa morte sufocado por tristeza estatelado numa mesa de um bar, a do fundo com certeza.

Viram? Já não domino mais as palavras que saem em desalinho. Encerro por aqui. Não posso continuar mais. Sinto-me fragilizado de escrever sobre isso. Opto por curtirla. Preciso de silêncio, paz, ler alguma coisa, escutar uma música e talvez puxar lá do âmago algumas lembranças de mulher, por certo. Capítulo!

Data : 16/11/2012

Título : Ponto de táxi

Categoria: Contos

Ponto de táxi

Onde tem Bar que se preza tem ponto de táxi. Onde tem ponto de táxi, por conseguinte, tem chofer de praça. E aí nasce nosso herói, pela necessidade de preenchermos aquela lacuna, pois o chofer que atendia a freguesia do Bar da nossa estória, ali no Edifício Morandi, teve origem no interior. Sabia-se pelo alto que teria sido interno em um Seminário de Congregação Carmelita, nas bandas de Bela Vista, distrito de Passo Fundo, seu berço.

A maioria das famílias da colônia, descendentes de italianos, elegia um de seus filhos para que seguisse a vocação religiosa. No caso, o nosso personagem foi o escolhido. Não foi a melhor escolha, o que no decorrer da história poderemos verificar. E não era simplesmente entrar. Tinha lá seus pré-requisitos. O candidato precisava fazer uma espécie de vestibular para ser selecionado. Preparou-se solitariamente, decorando, o óbvio, algumas rezas, Ave Maria, Salve Rainha, o Pai Nosso, este de trás para diante e de diante para trás, por uma questão de segurança. Vá que pedissem.

Leu o livro Marcelino, pão e vinho de cabo a rabo. Este estava para os colonos como O pequeno príncipe, de Saint Exupéry, estava para a gente letrada da cidade. Organizou a coleção de santinhos que estavam misturadas às revistas de mulher pelada, tomou o cuidado de não mais matar moscas com o crucifixo de madeira, absteve-se de certas práticas no curral, aquelas outras, silenciosas e solitárias, nem falar, espiar as primas tomando banho só depois, se aprovado. Esta última, um sacrifício extremo, seria uma espécie de prêmio. Um incentivo para que buscasse seu objetivo com afinco e persistência. A preparação seria por três dias, que se mostraram intermináveis para nosso futuro candidato a salvar almas.

Pelo tempo exíguo que teve para se aprumar, até que se saiu bem. Primeiro lugar da lista de espera. E eram, olhem bem, trinta e dois candidatos. Seu pai tinha uma boa dose, na acepção da palavra, de influência junto aos padres. Dono da bodega mais forte da região, fornecia o vinho e a pinga de forma gratuita. E não era pouco. Levava de carroça em garrafões acomodados sobre monte de palha para evitar a quebra. Claro que tinha também suas vantagens: ao confessar-se, sua penitência não passava de vinte Aves Maria, batizados e velórios de sua gente eram atendidos pelos padres sem cobrança. Relação que chamamos hoje de parceria.

Por sua vez, o candidato, diziam, era bom jogador de futebol, nome consagrado na colônia como beque central, exatamente a posição da qual o time do Seminário estava carente desde que o Padre Antão, dono daquela posição, intentou de fugir com a professora de catecismo. Bem, mas isso é outra história...

O somatório dessas condições e circunstâncias, mais o tráfico de influência ou lobby de gringo, discretamente exercido pelo Vecchio, funcionou, e eis nosso personagem um assustado seminarista.

Mas esse adoeceu logo nos primeiros dias. Diagnosticaram condiloma acuminado. Ficou até orgulhoso. Todas as doenças que tivera até então haviam sido sem glamour, sem expressão: dor de barriga, lombriga, bicho de pé, gripe das brabas, daquelas de

catarro amarelo... Comunzinhas. Já condiloma acuminado não era para qualquer um. Era uma “senhora” patologia! E não foram os padres que disseram, foi o dono da farmácia de Bela Vista, o jovem Abdelmassih, pesquisador nato que já naquela época estudava reprodução humana.

Realmente, admitia, sentia algum desconforto, que tentara aliviar aplicando uma poderosa pomada, Minâncora, e até Vicky Vaporub. Agora, sabia, para uma enfermidade dessa magnitude não bastaria qualquer remediozinho...

Não percebeu, mas ficou marcado por esse episódio pelos padres, que pensavam: “Guri f.d.p., nesta idade, no seminário, com ‘cavalo de cristo’. Que ironia!”

Por seu lado, também entendia que os religiosos estavam com birra dele. Fora designado para trabalhar no curral. Pensava, queriam pôr sua vocação à prova. Pra quê?! Pra quê?! Quem sabe seria esse um dos pré-requisitos para aprovação no teste? Quem sabe?

Mas, prosseguindo, os treinos de futebol das quartas à tarde no Seminário eram famosos e os convites para assisti-lo, disputadíssimos, pautados pela disciplina dos jogadores e do público. Nem sempre, porém, fora assim: brigas, xingamentos eram bastante comuns e muitas vezes culminavam com a presença da Brigada, vinda de Passo Fundo, para acalmar, até que a Reitoria da Congregação contratou um tal de Gregório Fortunato para Chefe da Disciplina. Santo remédio! Soube-se, mais adiante, que a performance de Gregório foi tão eficiente que graças ao currículo construído na instituição foi contratado como segurança particular por um político ascendente na época, Getúlio Vargas, vereador na cidade de São Borja. Bom, mas aí já estou fugindo da história de novo.

Imagem quem era o juiz da partida das quartas. Ele mesmo, Gregório Fortunato. Garantia de que tudo transcorreria normalmente. Nas primeiras movimentações do treino de futebol, já esbanjava categoria, liderança, sobriedade. Mas de repente, lá pelos vinte minutos do primeiro tempo, vinha um padre driblando na diagonal, um outro fazendo fila, como naquele jogo Inter x São Paulo, até que ficou frente a frente com o zagueirão. Este já tinha tudo armado, a bola estava para seu pé esquerdo. Sairia jogando com elegância, sem choque maior. Pelo seu cálculo levava vantagem de 2,37 centímetros na dividida. Foi quando o ponta de lança inventou de falar “carajo, adiantei la pelota”. Pra quê!? Argentino! Deu-lhe um canhotoço, verdadeiro pataço, tipo Bebeto, O Canhão da Serra. PLLLafftttt. E a bola, quando bateu no Juan Domingo, este era o nome do estrangeiro, fez PILOfttt. Não fossem a batina e a barriga pendente, caidaça, a amortecer o choque, o estrago na genitália seria irreversível.

Num primeiro momento, uns trinta segundos mais ou menos, enquanto a poeira baixava, o estádio ficou mudo, mais de quarenta pessoas entre padres, freiras, seminaristas e cursilhistas que haviam sido liberados, pessoal do coral e até gente da Emater e da Carteira Agrícola do Banco do Brasil, que ficariam para o galeto com massa depois do treino. O único ruído percebido era de quero-quero sobrevoando ruidosamente o infausto acontecimento, além da voz chorosa do padre, rezando e cantando hinos religiosos em várias línguas, que mais tarde identificaram como iídiche, malaio, turco e até esperanto. Milagre para quem falava argentino tão somente. É, argentino mesmo!

O impacto foi tão violento que as sandálias do religioso voaram rumo ao céu, um pé atingindo mortalmente um quero-quero e o outro até hoje não encontrado. Ainda bem. A tragédia poderia ser maior. Imaginem se o avião da Varig da linha Passo Fundo - Marau passasse bem por ali. Vá que pegasse!

Passado o estropício, o pessoal acercou-se da vítima e não faltaram os palpites: “respira fundo”, “dá uma cuspidinha e passa”, “bota gelo”, “quando casar sara”, “traz um

Melhoral” “compressa com sal, já!”... Boca a boca e massagem ninguém sugeriu. A cozinheira que pretendia fazer um passe foi afastada aos safanões. Até que um mais prático gritou “traz o DKV”. Era o único carro de serviço. Estava com os quatro pneus no chão. Até pegarem o inflador e encherem os Dunlops demorou uma eternidade. Qual o “espírito de porco” que teria esvaziado os pneus? Seria de competência de Fortunato averiguar.

Acomodaram o padre como podiam. Media 1,80 e pesava 97 quilos. As pernas ficaram para fora da janela. Além da vítima e do motorista, mais gente não cabia dentro. Padre Cícero gritou “leva com urgência para o postinho de saúde da Vila e cuidado, não passa dos 30”.

A estradinha estava tapada de pardais, e não valeria a pena colocá-los em risco por um argentino, pensara. Já bastava a morte do quero-quero. Antes da partida do boloide, apareceu a Francisca, afilhada do padre, que intuitivamente colocou vinho gelado numa “bolsa de água quente”. Lembram, daquelas. Pensara, “quando aliviar a dor poderá tomar do precioso, amenizando sua condição de sofrimento”. Não deu tempo de pousar a referida suavemente sobre as partes atingidas como seria o recomendado. Que fez? Ao arranque do DKV, atirou-a, caindo onde deveria pousar, mas piorando a lesão. O novo impacto arrancou do padre, entre grunhidos e estertores, mais rezas e cânticos, agora em russo e francês.

Alguns presentes foram de bicicleta, charrete e a cavalo para dar assistência, até porque para tirar o religioso de dentro do carro só com guincho, naquela época inexistente, ou mão de obra reforçada, como seria no caso. Ah! A afilhada do padre foi junto.

E o nosso zagueiro, ali, isolado, apoiado em um pé de cinamomo, sentindo-se um bandido. Fora um mero coadjuvante do episódio. Da sua unha encravada que ficara latejante com o choque e o pé esquerdo de sua chuteira, de couro de zorrilho, inutilizado, ninguém notara.

Nem precisa dizer que o treino foi encerrado. Até porque no lugar onde se dera o choque abriu um buracão que necessitou de três carroçadas de terra para emparelhar. Soube mais tarde que ali nunca mais nascera nada. Nem guanxuma! E a bola, única disponível, jazia em frangalhos no chão. Inerte.

A realização do ágape foi mantida e regada a vinho e cerveja gelada. Ainda bem que o gelo não foi desperdiçado no elemento atingido, pensaram alguns, dentre os quais o padre Juan Domingo. Não era flor que se cheirasse. Passara por várias paróquias, sempre se envolvendo em algum tipo de confusão. A última fora em Bom Recreio, quando protagonizou uma peleia das brabas numa quermesse organizada pela paróquia local. Motivo: jogo de truco e trago. Noutra versão dizem que por causa da afilhada. Dizem.

O entrevero foi tão grande que para encerrá-lo foram necessários oito milicos, mesmo assim resultou em quatro feridos com arma branca, relho e pelegaço. O padre Juan Domingo, por ordem do Bispo de Passo Fundo, foi colocado como estava no fim da confusão, de cuecão e escapulário no pescoço, numa carroça puxada por uma junta de bois, fortemente acorrentado e escoltado por um destacamento da Polícia Montada, comandada pelo Tenente Rocha, para garantir que não retornasse, com destino ao Seminário da Congregação Carmelita, em Bela Vista.

A transferência unilateral justificava-se, pois se sabia que naquele lugar a disciplina imperava, pelos motivos que já conhecemos, e o padre Juan Domingos poderia ser recuperado, pensavam. Nunca imaginariam que essa transformação viria através de uma bolada nas bolas.

O principal beneficiado do episódio foi o padre, que, além de se tornar poliglota, curou na enfermaria do Posto de Saúde, onde ficara dezesseis dias, não só a parte atingida como também uma friteira das brabas, importada da Argentina, graças a compressas diárias de creolina e soda cáustica. E de quebra acordou participativo e conciliador. Único pequeno senão que resultou foi um incontrolável tique no olho esquerdo e que lhe valeu o apelido de Padre Pisca.

Em razão de sua nova e inusitada especialização, poliglota, acabou fazendo carreira na atividade religiosa chegando a Assessor Especial do Bispo de Marau, além de ter se notabilizado em trabalhos como tradutor, intérprete e conferencista. Percorreu muitos lugares, sempre na companhia de sua agora assessora Francisca, levando a palestra intitulada “Catarse epifânica linguística após trauma testicular agudo”, notadamente inspirada em sua própria tragédia.

Pode-se considerar, também, digna de louvações a partir do episódio a própria Igreja, que resgatou um elemento considerado perdido e agora exemplo vivo de fé, cordato, culturalmente reconhecido e inserido no contexto religioso.

Por outro lado, os menos favorecidos da história foram o quero-quero, que tivera sua vida ceifada por uma sandalhada, o Vechio, que acabou indenizando o balão de couro destruído (a Instituição exigira em troca cinco, e da marca Topper), e o nosso personagem, por motivos óbvios.

A instituição, igualmente, herdou incômodo, pois diante da morte do quero-quero, que a rigor não tinha nada que sobrevoar o local, claramente em desvio de função, resultou como ré num processo promovido pelo Ibama, que soubera do infausto através de uma denúncia anônima.

Feitos esses reparos, retomemos a estória. Padre Cícero, do alto de seus oitenta e dois anos, franzino, diríamos que “na capa da gaita”, pensou rápido: vou proteger o guri!

Conhecia o temperamento do Padre Juan Domingos. Iria buscar reparação. Além daqueles já conhecidos, tinha mais um que soubera, confidencialmente, por amigos: era comunista. Isso mesmo, comunista! Argentino, criador de caso e comunista. Querem mais! O jovem corria perigo!

Já Fortunato andava investigando alguns fatos ocorridos nos últimos dias e suspeitando. Adivinhem de quem!

No Terço da última terça-feira, com a participação maciça da comunidade civil e religiosa, alguém dera um peido silencioso mas tão robusto que a sala do evento litúrgico teve que ser evacuada, em vista do risco de explosão. O fato foi parar no semanário da região. Um repórter abelhudo estava presente na ocasião. Seu nome era Júlio Rosa. Parece que mais tarde trabalharia nas rádios em Passo Fundo.

Em seu depoimento, prestado no inquérito que fora aberto, o Padre Einstein, responsável pelo departamento de química do Seminário, dissera que o peido proferido nas condições atmosféricas, umidade e velocidade do ar, além das distâncias entre as pessoas, associadas à dieta rica em enxofre, era a condição ideal para uma combustão trágica. O resultado do flato, do latim flatus, complementado pela fala técnica do padre Einstein, composto por hidrogênio e metano, ambos os gases inflamáveis, poderia, sim, traduzir-se em chamas azuis ou amarelas, naquela medida potencialmente destrutiva. Que perigo!

Outro fato foi a constatação da contaminação do vinho, que era ingerido antes da missa, com Lacto Purga. O estrago na comunidade religiosa foi grande.

Padre Cícero pensou rápido. Abrigaria o jovem na biblioteca por alguns dias, até a repercussão dos fatos baixarem, e aproveitaria aquele período para, através de conversas e recomendações de leituras, formatar o caráter do rapaz. Tão logo o

considerasse pronto despacharia, na calada da noite, para que pegasse a estrada com destino à estação de trem, parada da Maria Fumaça. Transporte rápido e seguro. Destino: Passo Fundo. Daria ao jovem uma carta de apresentação a um amigo, dono de um Bar naquela cidade. E foi o que fez efetivamente.

Nosso personagem ficou sabendo pelo próprio Padre Cícero que este não mais participava de missas e palestras religiosas, pois ultimamente iniciara a fazer pequenas trocas nas suas manifestações no púlpito, inocentes e compreensíveis pela sua idade, até que convidou a comunidade religiosa a entoar o cântico Louvando Maria... No ritmo do Hino do Grêmio. Deu no que deu. Confidenciou-lhe também que, futuramente, a título de vingança pela injusta exclusão, teria uma conversinha com o pessoal do Ibama...

Evidente que não contaria ao jovem que, no pacote de vendeta que programara contra a Congregação que lhe desprezara, incluiu ações de flatar, contaminação de vinho, esvaziamento de pneus, delação ao Ibama. Quem diria! Padre Cícero... O irresponsável por tudo isso!

Já na segurança da Biblioteca, reduto exclusivo daquele sacerdote, o jovem estabeleceu de pronto a empatia com seu protetor. Este, já no primeiro dia, assumiu algumas rotinas recomendadas pelo Cícero, a intimidade lhe permitia tratá-lo assim. Pela manhã, leitura do Tesouro da juventude, coleção completa, que enriqueceria seus conhecimentos gerais. No tocante à literatura, pela tarde, aproveitava a base adquirida com a leitura do best-seller Marcelino, pão e vinho e livros do mais alto quilate cultural, guardados num armário muito bem fechado com um enorme cadeado, este adquirido quando fizera um curso de especialização em datilografia promovido pelo Senac espanhol em Barcelona.

Abrindo o pequeno armário, surgiram obras literárias de autores consagrados na sacanagem, como Nelson Rodrigues – quem não se lembra de Bonitinha, mas ordinária? –, Júlio Campos com A carne, a coleção completa de Adelaide Carraro, que foram avidamente assimilados pelo jovem.

À noite o padre reservava a conversação e escuta da Rádio Tupy, acompanhadas de uma cachaça com casca de bergamota, acondicionada num belo frasco de vidro como prelúdio etílico. A complementação consistia na ingestão de cerveja, artesanal, de sua feitura. Cigarros de palha com o mais puro dos fumos eram sempre presentes.

Um radiozinho da Philips, com um Bombril na ponta da antena para facilitar a sintonia, era o condutor sistemático da interpretação de seu cantor preferencial, o Rei da Voz, dele, Francisco Alves. Sua preferida era Adeus, cinco letras que choram. Verdadeiro hino a embalar o tempo dos novos amigos. Isso marcaria indelevelmente nosso herói. Padre Cícero, embora já meio acabadinho pelo passar dos anos, ainda tinha controle de seu raciocínio para aquilo que lhe convinha. Tinha um Gradiente, lembrem, “meu primeiro Gradiente” rádio gravador, de cor vermelha. Gravara todas as rezas que compunham um terço completo. Assim, não precisaria proferi-las de viva voz, e o tempo, naquela altura da vida valioso, aproveitava para escutar Chico Alves, beber e pitar. E agora com companhia, a divagar.

Ligava o Gradiente próximo à porta para consumo externo e, pelo som metódico e sistemático da ladainha gravada, indicava ao público sua constância na liturgia.

Nosso personagem, nesses dias e noites, literalmente bebeu e aspirou aos ensinamentos daquele religioso, formatando naquele exíguo espaço de tempo seu caráter e sua bagagem cultural. Estava pronto para a vida, pensava. Recusara a oferta de seu pai que lhe propusera assumir a Diretoria de Compras da Bodega. Queria vida nova.

Até alternativas profissionais já definira. Uma delas lera num dos livros disponíveis para o público em geral, não daqueles do armarinho do Cícero, a letra de uma canção de um tal de Ricardo Arjona, História de táxi, que envolvia a atividade de motorista e uma “rúbia preciosa”: “mientras que el retrovisor decia vê que pantorrila”. Seu nome: Norma. E influenciado pelas perspectivas lúdicas, lúbricas, libertinas, começou a imaginar-se

eran las diez de la noche

... pilotada mi nave

... era mi taxi um Volkswagen

A outra viera através de seu pai, que, buscando assessoria jurídica para a defesa do filho, o que se mostrou desnecessário, acabou contatando o Dr. Lalau, recomendado por um paulista, amigo de longa data, o Maluf. Ventilou-se a possibilidade da criação de uma ONG.

Táxi?

ONG?

Definiria na viagem.

A probabilidade de ser penalizado pela instituição pelos estragos que inadvertidamente fizera foi afastada através de um parecer jurídico que o Dr. Lalau transmitira, via telex, recebido no estabelecimento comercial de seu pai.

Enfim, a quarentena já durava quinze dias e quinze noites. Chegara a hora de partir. Seguiram a mesma rotina de todas as noites, cachacinha, cerveja artesanal e pito, ladainha gravada junto à porta e Francisco Alves cantando na Tupy, e os amigos, antes loquazes, agora tristes e silenciosos. Sabiam que não mais se veriam. Tomaram a saideira e o padre, ciente de que chegara a hora, mecanicamente abriu a porta, conduziu o jovem ao portão do Seminário, enorme, suntuoso, semelhante àqueles da Grécia antiga, quase invisível na escuridão da noite, escondido pela névoa fria.

Padre Cícero poderia ter escolhido o cavalo do Roy Rogers, o Trigger, todo paramentado, raça Palomino, curriculum inquestionável construído nas pradarias americanas para transporte do viajante. Mas, sabiamente, optou por uma eguinha, tubianinha, conhecedora da região e com domínio de nossa língua, o que facilitaria a comunicação com o mancebo. E o mais importante, retornaria, após a missão cumprida, com notícias.

Sua partida fora solitária, somente Cícero, quase invisível em sua bata negra concorrendo com a escuridão, ajoelhado, a acenar-lhe, ou abençoando-o? Como uma preocupação de um pai dirigida ao seu filho? Os quero-queros, agora arredios, postados na posição de sentinelas, ainda de luto, como desagravo, evitaram acompanhá-lo.

À medida que se afastava, acomodado na eguinha, o jovem mancebo, sem olhar para trás, chorava copiosamente. As lágrimas, profusas, tentava aparar num pequeno cantil para hidratá-lo em caso de necessidade. A viagem seria longa.

A voz de Francisco Alves ao fundo, especialmente arrebatadora naquele momento, brotava do radinho a todo o volume, certamente chorando com seu intérprete.

Adeus, adeus, adeus

Adeus, adeus, adeus

Adeus, adeus, adeus

Cinco letras que choram

Num soluço de dor

Adeus, adeus, adeus

É como o fim de uma estrada
Cortando a encruzilhada
Ponto final de um romance de amor

Quem parte tem os olhos rasos d'água
Sentindo a grande mágoa
Por se despedir de alguém
Quem fica também fica chorando
Com um lenço acenando
Querendo partir também

Adeus, adeus, adeus
Adeus, adeus, adeus

Aos poucos, os trinados maviosos a inundar o caminho, em gotas, iam sumindo, sumindo. Em seu lugar outro som ia se materializando, oriundo das passadas firmes e cadenciadas da eguinha: pocotó, pocotó, pocotó... Sem precisar guiá-la.

Sem perceber, pressionando levemente as ilhargas de sua companheira de viagem, imprimiu mudança de marcha, mais acelerada, quase num trote, agora galopando, varando a escuridão, o vento gélido a lhe pentear as melenas umedecidas pela neblina, ciente de seu destino. O som do cavalgar sobre as pedras íngremes do caminho, agora dominante, soava como música, como que uma rapsódia turca regida por Ludwig van Beethoven: pocotó, pocotó, pocotó...

Gritava exultante: Passo Fundo, aguarde-me!

Onde tem Bar que se preza tem ponto de táxi. Onde tem ponto de táxi, por conseguinte, tem chofer de praça. E aí está ele, o nosso jovem, agora maduro, que veio do Seminário da Congregação Carmelita, das bandas de Bela Vista, e que de repente vira-se, pela força de uma carta, no titular daquele ponto, atendendo exclusivamente a seleta freguesia do Bar.

De quando em vez, se aboletava a uma mesa, perde de vista o flamante Volks amarelo, confundindo-se aos frequentadores, tomando umas e outras, e conta a sua história. Parte dela.

Ah! O ponto de táxi fica à deriva.

Nota do autor:

Tive conhecimento há poucos dias que o chofer era, na verdade, filho do padre, o que justificaria os seus cuidados para com o mancebo. Dizem até que este recebera uma pequena fortuna como herança, proveniente da venda de santinhos realizada pelo religioso, o que lhe permite levar uma vida tranquila ao redor do bar, contando suas histórias.

Data : 01/01/2019

Título : Por falar em tetas

Categoria: Poesia

Por falar em tetas

De vez em quando me pego falando nelas
De mim pra mim, num particular travesso.
Gosto de tocá-las com os olhos
Já que de mãos atadas
Com toda a licença que a imaginação, infinita, permite
Vejo-as feito gotas, redondas
Pêssegos, talvez peras maduras.
Seja lá como for
Elétricas, atrevidas, procurando luz, in natura
Assim, ou mais ou menos assim
Provam que o Diabo e Deus existem!
E, no prazer, coexistem. Luxúria! Da pura!
Porém, em proveito próprio, admito
Abro mão desse poder
Na boa, abdico.
Deixo-o de lado
Trago-as para meu lado
Para que, lado a lado, aboletadas
Por sobre meu sonho, perguntem:
O que desejas?
Sem dúvidas, de bate-pronto, respondo:
Já que não tem mais, as duas!
Quero-as cobertas, ou quase, quase
Cheias de segredinhos
Ousadas no ponto certo
Ali, ali, no mostro, não mostro
Delicadamente envelopadas em corpinho de fino tecido
Transando com pele fresca
Sensualizadas num tomara-que-caia, quase a descoberto
Naquele comportado com tirante rosa
Ou num meia-taça transbordando
Para, com todo esse mistério
Num cerimonial beirando à liturgia
Ao som do melhor de Ravel
Na maior preguiça do mundo
Em noite de patrão
Com amor, desvendá-las.
Por falar em tetas, conversa sem fim...
J.M.J.Ave Maria! Que agonia!

Data : 01/01/2013

Título : Sequência de textos

Categoria: Contos

Ponto de táxi

Onde tem Bar que se preza tem ponto de táxi. Onde tem ponto de táxi, por conseguinte, tem chofer de praça. E aí nasce nosso herói, pela necessidade de preenchermos aquela lacuna, pois o chofer que atendia a freguesia do Bar da nossa estória, ali no Edifício Morandi, teve origem no interior. Sabia-se pelo alto que teria sido interno em um Seminário de Congregação Carmelita, nas bandas de Bela Vista, distrito de Passo Fundo, seu berço.

A maioria das famílias da colônia, descendentes de italianos, elegia um de seus filhos para que seguisse a vocação religiosa. No caso, o nosso personagem foi o escolhido. Não foi a melhor escolha, o que no decorrer da história poderemos verificar. E não era simplesmente entrar. Tinha lá seus pré-requisitos. O candidato precisava fazer uma espécie de vestibular para ser selecionado. Preparou-se solitariamente, decorando, o óbvio, algumas rezas, Ave Maria, Salve Rainha, o Pai Nosso, este de trás para diante e de diante para trás, por uma questão de segurança. Vá que pedissem.

Leu o livro Marcelino, pão e vinho de cabo a rabo. Este estava para os colonos como O pequeno príncipe, de Saint Exupéry, estava para a gente letrada da cidade. Organizou a coleção de santinhos que estavam misturadas às revistas de mulher pelada, tomou o cuidado de não mais matar moscas com o crucifixo de madeira, absteve-se de certas práticas no curral, aquelas outras, silenciosas e solitárias, nem falar, espiar as primas tomando banho só depois, se aprovado. Esta última, um sacrifício extremo, seria uma espécie de prêmio. Um incentivo para que buscasse seu objetivo com afinco e persistência. A preparação seria por três dias, que se mostraram intermináveis para nosso futuro candidato a salvar almas.

Pelo tempo exíguo que teve para se aprumar, até que se saiu bem. Primeiro lugar da lista de espera. E eram, olhem bem, trinta e dois candidatos. Seu pai tinha uma boa dose, na acepção da palavra, de influência junto aos padres. Dono da bodega mais forte da região, fornecia o vinho e a pinga de forma gratuita. E não era pouco. Levava de carroça em garrafões acomodados sobre monte de palha para evitar a quebra. Claro que tinha também suas vantagens: ao confessar-se, sua penitência não passava de vinte Aves Maria, batizados e velórios de sua gente eram atendidos pelos padres sem cobrança. Relação que chamamos hoje de parceria.

Por sua vez, o candidato, diziam, era bom jogador de futebol, nome consagrado na colônia como beque central, exatamente a posição da qual o time do Seminário estava carente desde que o Padre Antão, dono daquela posição, intentou de fugir com a professora de catecismo. Bem, mas isso é outra história...

O somatório dessas condições e circunstâncias, mais o tráfico de influência ou lobby de gringo, discretamente exercido pelo Vecchio, funcionou, e eis nosso personagem um assustado seminarista.

Mas esse adoeceu logo nos primeiros dias. Diagnosticaram condiloma acuminado. Ficou até orgulhoso. Todas as doenças que tivera até então haviam sido sem glamour, sem expressão: dor de barriga, lombriga, bicho de pé, gripe das brabas, daquelas de catarro amarelo... Comunzinhas. Já condiloma acuminado não era para qualquer um. Era uma “senhora” patologia! E não foram os padres que disseram, foi o dono da farmácia de Bela Vista, o jovem Abdelmassih, pesquisador nato que já naquela época estudava reprodução humana.

Realmente, admitia, sentia algum desconforto, que tentara aliviar aplicando uma poderosa pomada, Minâncora, e até Vicky Vaporub. Agora, sabia, para uma enfermidade dessa magnitude não bastaria qualquer remediozinho...

Não percebeu, mas ficou marcado por esse episódio pelos padres, que pensavam: “Guri f.d.p., nesta idade, no seminário, com ‘cavalo de cristo’. Que ironia!”

Por seu lado, também entendia que os religiosos estavam com birra dele. Fora designado para trabalhar no curral. Pensava, queriam pôr sua vocação à prova. Pra quê?! Pra quê?! Quem sabe seria esse um dos pré-requisitos para aprovação no teste? Quem sabe?

Mas, prosseguindo, os treinos de futebol das quartas à tarde no Seminário eram famosos e os convites para assisti-lo, disputadíssimos, pautados pela disciplina dos jogadores e do público. Nem sempre, porém, fora assim: brigas, xingamentos eram bastante comuns e muitas vezes culminavam com a presença da Brigada, vinda de Passo Fundo, para acalmar, até que a Reitoria da Congregação contratou um tal de Gregório Fortunato para Chefe da Disciplina. Santo remédio! Soube-se, mais adiante, que a performance de Gregório foi tão eficiente que graças ao currículo construído na instituição foi contratado como segurança particular por um político ascendente na época, Getúlio Vargas, vereador na cidade de São Borja. Bom, mas aí já estou fugindo da história de novo.

Imaginem quem era o juiz da partida das quartas. Ele mesmo, Gregório Fortunato. Garantia de que tudo transcorreria normalmente. Nas primeiras movimentações do treino de futebol, já esbanjava categoria, liderança, sobriedade. Mas de repente, lá pelos vinte minutos do primeiro tempo, vinha um padre driblando na diagonal, um outro fazendo fila, como naquele jogo Inter x São Paulo, até que ficou frente a frente com o zagueirão. Este já tinha tudo armado, a bola estava para seu pé esquerdo. Sairia jogando com elegância, sem choque maior. Pelo seu cálculo levava vantagem de 2,37 centímetros na dividida. Foi quando o ponta de lança inventou de falar “carajo, adiantei la pelota”. Pra quê!? Argentino! Deu-lhe um canhotaço, verdadeiro pataço, tipo Bebeto, O Canhão da Serra. PLLLafftttt. E a bola, quando bateu no Juan Domingo, este era o nome do estrangeiro, fez PILOfttt. Não fossem a batina e a barriga pendente, caída, a amortecer o choque, o estrago na genitália seria irreversível.

Num primeiro momento, uns trinta segundos mais ou menos, enquanto a poeira baixava, o estádio ficou mudo, mais de quarenta pessoas entre padres, freiras, seminaristas e cursilhistas que haviam sido liberados, pessoal do coral e até gente da Emater e da Carteira Agrícola do Banco do Brasil, que ficariam para o galeto com massa depois do treino. O único ruído percebido era de quero-quero sobrevoando ruidosamente o infausto acontecimento, além da voz chorosa do padre, rezando e cantando hinos religiosos em várias línguas, que mais tarde identificaram como ídiche, malaio, turco e até esperanto. Milagre para quem falava argentino tão somente. É, argentino mesmo!

O impacto foi tão violento que as sandálias do religioso voaram rumo ao céu, um pé atingindo mortalmente um quero-quero e o outro até hoje não encontrado. Ainda bem. A tragédia poderia ser maior. Imaginem se o avião da Varig da linha Passo Fundo - Marau passasse bem por ali. Vá que pegasse!

Passado o estropício, o pessoal acercou-se da vítima e não faltaram os palpites: “respira fundo”, “dá uma cuspidinha e passa”, “bota gelo”, “quando casar sara”, “traz um Melhoral” “compressa com sal, já!”... Boca a boca e massagem ninguém sugeriu. A cozinheira que pretendia fazer um passe foi afastada aos safanões. Até que um mais prático gritou “traz o DKV”. Era o único carro de serviço. Estava com os quatro pneus no chão. Até pegarem o inflador e encherem os Dunlops demorou uma eternidade.

Qual o “espírito de porco” que teria esvaziado os pneus? Seria de competência de Fortunato averiguar.

Acomodaram o padre como podiam. Media 1,80 e pesava 97 quilos. As pernas ficaram para fora da janela. Além da vítima e do motorista, mais gente não cabia dentro. Padre Cícero gritou “leva com urgência para o postinho de saúde da Vila e cuidado, não passa dos 30”.

A estradinha estava tapada de pardais, e não valeria a pena colocá-los em risco por um argentino, pensara. Já bastava a morte do quero-quero. Antes da partida do boloide, apareceu a Francisca, afilhada do padre, que intuitivamente colocou vinho gelado numa “bolsa de água quente”. Lembram, daquelas. Pensara, “quando aliviar a dor poderá tomar do precioso, amenizando sua condição de sofrimento”. Não deu tempo de pousar a referida suavemente sobre as partes atingidas como seria o recomendado. Que fez? Ao arranque do DKV, atirou-a, caindo onde deveria pousar, mas piorando a lesão. O novo impacto arrancou do padre, entre grunhidos e estertores, mais rezas e cânticos, agora em russo e francês.

Alguns presentes foram de bicicleta, charrete e a cavalo para dar assistência, até porque para tirar o religioso de dentro do carro só com guincho, naquela época inexistente, ou mão de obra reforçada, como seria no caso. Ah! A afilhada do padre foi junto.

E o nosso zagueiro, ali, isolado, apoiado em um pé de cinamomo, sentindo-se um bandido. Fora um mero coadjuvante do episódio. Da sua unha encravada que ficara latejante com o choque e o pé esquerdo de sua chuteira, de couro de zorrilho, inutilizado, ninguém notara.

Nem precisa dizer que o treino foi encerrado. Até porque no lugar onde se dera o choque abriu um buracão que necessitou de três carroçadas de terra para emparelhar. Soube mais tarde que ali nunca mais nascera nada. Nem guanxuma! E a bola, única disponível, jazia em frangalhos no chão. Inerte.

A realização do ágape foi mantida e regada a vinho e cerveja gelada. Ainda bem que o gelo não foi desperdiçado no elemento atingido, pensaram alguns, dentre os quais o padre Juan Domingo. Não era flor que se cheirasse. Passara por várias paróquias, sempre se envolvendo em algum tipo de confusão. A última fora em Bom Recreio, quando protagonizou uma peleia das brabas numa quermesse organizada pela paróquia local. Motivo: jogo de truco e trago. Noutra versão dizem que por causa da afilhada. Dizem.

O entrevero foi tão grande que para encerrá-lo foram necessários oito milicos, mesmo assim resultou em quatro feridos com arma branca, relho e pelegaço. O padre Juan Domingo, por ordem do Bispo de Passo Fundo, foi colocado como estava no fim da confusão, de cuecão e escapulário no pescoço, numa carroça puxada por uma junta de bois, fortemente acorrentado e escoltado por um destacamento da Polícia Montada, comandada pelo Tenente Rocha, para garantir que não retornasse, com destino ao Seminário da Congregação Carmelita, em Bela Vista.

A transferência unilateral justificava-se, pois se sabia que naquele lugar a disciplina imperava, pelos motivos que já conhecemos, e o padre Juan Domingos poderia ser recuperado, pensavam. Nunca imaginariam que essa transformação viria através de uma bolada nas bolas.

O principal beneficiado do episódio foi o padre, que, além de se tornar poliglota, curou na enfermaria do Posto de Saúde, onde ficara dezesseis dias, não só a parte atingida como também uma frieira das brabas, importada da Argentina, graças a compressas diárias de creolina e soda cáustica. E de quebra acordou participativo e conciliador.

Único pequeno senão que resultou foi um incontrolável tique no olho esquerdo e que lhe valeu o apelido de Padre Pisca.

Em razão de sua nova e inusitada especialização, poliglota, acabou fazendo carreira na atividade religiosa chegando a Assessor Especial do Bispo de Marau, além de ter se notabilizado em trabalhos como tradutor, intérprete e conferencista. Percorreu muitos lugares, sempre na companhia de sua agora assessora Francisca, levando a palestra intitulada “Catarse epifânica linguística após trauma testicular agudo”, notadamente inspirada em sua própria tragédia.

Pode-se considerar, também, digna de louvações a partir do episódio a própria Igreja, que resgatou um elemento considerado perdido e agora exemplo vivo de fé, cordato, culturalmente reconhecido e inserido no contexto religioso.

Por outro lado, os menos favorecidos da história foram o quero-quero, que tivera sua vida ceifada por uma sandalhada, o Vechio, que acabou indenizando o balão de couro destruído (a Instituição exigira em troca cinco, e da marca Topper), e o nosso personagem, por motivos óbvios.

A instituição, igualmente, herdou incômodo, pois diante da morte do quero-quero, que a rigor não tinha nada que sobrevoar o local, claramente em desvio de função, resultou como ré num processo promovido pelo Ibama, que soubera do infausto através de uma denúncia anônima.

Feitos esses reparos, retomemos a estória. Padre Cícero, do alto de seus oitenta e dois anos, franzino, diríamos que “na capa da gaita”, pensou rápido: vou proteger o guri!

Conhecia o temperamento do Padre Juan Domingos. Iria buscar reparação. Além daqueles já conhecidos, tinha mais um que soubera, confidencialmente, por amigos: era comunista. Isso mesmo, comunista! Argentino, criador de caso e comunista. Querem mais! O jovem corria perigo!

Já Fortunato andava investigando alguns fatos ocorridos nos últimos dias e suspeitando. Adivinhem de quem!

No Terço da última terça-feira, com a participação maciça da comunidade civil e religiosa, alguém dera um peido silencioso mas tão robusto que a sala do evento litúrgico teve que ser evacuada, em vista do risco de explosão. O fato foi parar no semanário da região. Um repórter abelhudo estava presente na ocasião. Seu nome era Júlio Rosa. Parece que mais tarde trabalharia nas rádios em Passo Fundo.

Em seu depoimento, prestado no inquérito que fora aberto, o Padre Einstein, responsável pelo departamento de química do Seminário, dissera que o peido proferido nas condições atmosféricas, umidade e velocidade do ar, além das distâncias entre as pessoas, associadas à dieta rica em enxofre, era a condição ideal para uma combustão trágica. O resultado do flato, do latim flatus, complementado pela fala técnica do padre Einstein, composto por hidrogênio e metano, ambos os gases inflamáveis, poderia, sim, traduzir-se em chamas azuis ou amarelas, naquela medida potencialmente destrutiva. Que perigo!

Outro fato foi a constatação da contaminação do vinho, que era ingerido antes da missa, com Lacto Purga. O estrago na comunidade religiosa foi grande.

Padre Cícero pensou rápido. Abrigaria o jovem na biblioteca por alguns dias, até a repercussão dos fatos baixarem, e aproveitaria aquele período para, através de conversas e recomendações de leituras, formatar o caráter do rapaz. Tão logo o considerasse pronto despacharia, na calada da noite, para que pegasse a estrada com destino à estação de trem, parada da Maria Fumaça. Transporte rápido e seguro. Destino: Passo Fundo. Daria ao jovem uma carta de apresentação a um amigo, dono de um Bar naquela cidade. E foi o que fez efetivamente.

Nosso personagem ficou sabendo pelo próprio Padre Cícero que este não mais participava de missas e palestras religiosas, pois ultimamente iniciara a fazer pequenas trocas nas suas manifestações no púlpito, inocentes e compreensíveis pela sua idade, até que convidou a comunidade religiosa a entoar o cântico Louvando Maria... No ritmo do Hino do Grêmio. Deu no que deu. Confidenciou-lhe também que, futuramente, a título de vingança pela injusta exclusão, teria uma conversinha com o pessoal do Ibama...

Evidente que não contaria ao jovem que, no pacote de vendeta que programara contra a Congregação que lhe desprezara, incluiu ações de flatar, contaminação de vinho, esvaziamento de pneus, delação ao Ibama. Quem diria! Padre Cícero... O irresponsável por tudo isso!

Já na segurança da Biblioteca, reduto exclusivo daquele sacerdote, o jovem estabeleceu de pronto a empatia com seu protetor. Este, já no primeiro dia, assumiu algumas rotinas recomendadas pelo Cícero, a intimidade lhe permitia tratá-lo assim. Pela manhã, leitura do Tesouro da juventude, coleção completa, que enriqueceria seus conhecimentos gerais. No tocante à literatura, pela tarde, aproveitava a base adquirida com a leitura do best-seller Marcelino, pão e vinho e livros do mais alto quilate cultural, guardados num armário muito bem fechado com um enorme cadeado, este adquirido quando fizera um curso de especialização em datilografia promovido pelo Senac espanhol em Barcelona.

Abrindo o pequeno armário, surgiram obras literárias de autores consagrados na sacanagem, como Nelson Rodrigues – quem não se lembra de Bonitinha, mas ordinária? –, Júlio Campos com A carne, a coleção completa de Adelaide Carraro, que foram avidamente assimilados pelo jovem.

À noite o padre reservava a conversação e escuta da Rádio Tupy, acompanhadas de uma cachaça com casca de bergamota, acondicionada num belo frasco de vidro como prelúdio etílico. A complementação consistia na ingestão de cerveja, artesanal, de sua feitura. Cigarros de palha com o mais puro dos fumos eram sempre presentes.

Um radiozinho da Philips, com um Bombril na ponta da antena para facilitar a sintonia, era o condutor sistemático da interpretação de seu cantor preferencial, o Rei da Voz, dele, Francisco Alves. Sua preferida era Adeus, cinco letras que choram. Verdadeiro hino a embalar o tempo dos novos amigos. Isso marcaria indelevelmente nosso herói. Padre Cícero, embora já meio acabadinho pelo passar dos anos, ainda tinha controle de seu raciocínio para aquilo que lhe convinha. Tinha um Gradiente, lembrem, “meu primeiro Gradiente” rádio gravador, de cor vermelha. Gravara todas as rezas que compunham um terço completo. Assim, não precisaria proferi-las de viva voz, e o tempo, naquela altura da vida valioso, aproveitava para escutar Chico Alves, beber e pitar. E agora com companhia, a divagar.

Ligava o Gradiente próximo à porta para consumo externo e, pelo som metódico e sistemático da ladainha gravada, indicava ao público sua constância na liturgia.

Nosso personagem, nesses dias e noites, literalmente bebeu e aspirou aos ensinamentos daquele religioso, formatando naquele exíguo espaço de tempo seu caráter e sua bagagem cultural. Estava pronto para a vida, pensava. Recusara a oferta de seu pai que lhe propusera assumir a Diretoria de Compras da Bodega. Queria vida nova.

Até alternativas profissionais já definira. Uma delas lera num dos livros disponíveis para o público em geral, não daqueles do armarinho do Cícero, a letra de uma canção de um tal de Ricardo Arjona, História de táxi, que envolvia a atividade de motorista e uma “rúbia preciosa”: “mientras que el retrovisor decia vê que pantorrila”. Seu nome:

Norma. E influenciado pelas perspectivas lúdicas, lúbricas, libertinas, começou a imaginar-se
eran las diez de la noche
... pilotada mi nave
... era mi taxi um Volkswagen

A outra viera através de seu pai, que, buscando assessoria jurídica para a defesa do filho, o que se mostrou desnecessário, acabou contatando o Dr. Lalau, recomendado por um paulista, amigo de longa data, o Maluf. Ventilou-se a possibilidade da criação de uma ONG.

Táxi?

ONG?

Definiria na viagem.

A probabilidade de ser penalizado pela instituição pelos estragos que inadvertidamente fizera foi afastada através de um parecer jurídico que o Dr. Lalau transmitira, via telex, recebido no estabelecimento comercial de seu pai.

Enfim, a quarentena já durava quinze dias e quinze noites. Chegara a hora de partir. Seguiram a mesma rotina de todas as noites, cachacinha, cerveja artesanal e pito, ladainha gravada junto à porta e Francisco Alves cantando na Tupy, e os amigos, antes loquazes, agora tristes e silenciosos. Sabiam que não mais se veriam. Tomaram a saideira e o padre, ciente de que chegara a hora, mecanicamente abriu a porta, conduziu o jovem ao portão do Seminário, enorme, suntuoso, semelhante àqueles da Grécia antiga, quase invisível na escuridão da noite, escondido pela névoa fria.

Padre Cícero poderia ter escolhido o cavalo do Roy Rogers, o Trigger, todo paramentado, raça Palomino, curriculum inquestionável construído nas pradarias americanas para transporte do viajante. Mas, sabiamente, optou por uma eguinha, tubianinha, conhecedora da região e com domínio de nossa língua, o que facilitaria a comunicação com o mancebo. E o mais importante, retornaria, após a missão cumprida, com notícias.

Sua partida fora solitária, somente Cícero, quase invisível em sua bata negra concorrendo com a escuridão, ajoelhado, a acenar-lhe, ou abençoando-o? Como uma preocupação de um pai dirigida ao seu filho? Os quero-queros, agora arredios, postados na posição de sentinelas, ainda de luto, como desagravo, evitaram acompanhá-lo.

À medida que se afastava, acomodado na eguinha, o jovem mancebo, sem olhar para trás, chorava copiosamente. As lágrimas, profundas, tentava aparar num pequeno cantil para hidratá-lo em caso de necessidade. A viagem seria longa.

A voz de Francisco Alves ao fundo, especialmente arrebatadora naquele momento, brotava do radinho a todo o volume, certamente chorando com seu intérprete.

Adeus, adeus, adeus

Adeus, adeus, adeus

Adeus, adeus, adeus

Cinco letras que choram

Num soluço de dor

Adeus, adeus, adeus

É como o fim de uma estrada

Cortando a encruzilhada

Ponto final de um romance de amor

Quem parte tem os olhos rasos d'água
Sentindo a grande mágoa
Por se despedir de alguém
Quem fica também fica chorando
Com um lenço acenando
Querendo partir também

Adeus, adeus, adeus
Adeus, adeus, adeus

Aos poucos, os trinados maviosos a inundar o caminho, em gotas, iam sumindo, sumindo. Em seu lugar outro som ia se materializando, oriundo das passadas firmes e cadenciadas da eguinha: pocotó, pocotó, pocotó... Sem precisar guiá-la.

Sem perceber, pressionando levemente as ilhargas de sua companheira de viagem, imprimiu mudança de marcha, mais acelerada, quase num trote, agora galopando, varando a escuridão, o vento gélido a lhe pentear as melenas umedecidas pela neblina, ciente de seu destino. O som do cavalgar sobre as pedras íngremes do caminho, agora dominante, soava como música, como que uma rapsódia turca regida por Ludwig van Beethoven: pocotó, pocotó, pocotó...

Gritava exultante: Passo Fundo, aguarde-me!

Onde tem Bar que se preza tem ponto de táxi. Onde tem ponto de táxi, por conseguinte, tem chofer de praça. E aí está ele, o nosso jovem, agora maduro, que veio do Seminário da Congregação Carmelita, das bandas de Bela Vista, e que de repente vira-se, pela força de uma carta, no titular daquele ponto, atendendo exclusivamente a seleta freguesia do Bar.

De quando em vez, se aboleta a uma mesa, perde de vista o flamante Volks amarelo, confundindo-se aos frequentadores, tomando umas e outras, e conta a sua história. Parte dela.

Ah! O ponto de táxi fica à deriva.

Nota do autor:

Tive conhecimento há poucos dias que o chofer era, na verdade, filho do padre, o que justificaria os seus cuidados para com o mancebo. Dizem até que este recebera uma pequena fortuna como herança, proveniente da venda de santinhos realizada pelo religioso, o que lhe permite levar uma vida tranquila ao redor do bar, contando suas histórias.

Coisa de bar. Estória

Que dia! Não sei se por falta de sorte ou pela força do destino, tentei de passar ali na Moron com a Benjamim e me deparei com escombros... Tchê! Onde está o Bar da nossa estória, no Edifício Morandi? Pensei: mais um prédio sem graça em detrimento a um espaço nobre. Triste fim de um espaço vivo que ainda mora dentro de mim.

Foi concebido para ser lancheria também. Não tardou e logo assumiu sua exclusiva vocação de bar. E era um bar de respeito, tradicional, com regras muito claras. Não fumante não entrava! Venda? Só de bebidas alcoólicas. Essas drogas diferentes nem falar. Preservava a saúde de seus parceiros.

De arquitetura perfeita, espaço físico na medida, que acolhia a todos confortavelmente "um em cima do outro". Mesas dispostas de forma a livrar teimosas goteiras,

probleminha de todo bar que se preza. Janelas não muito grandes, mas que permitiam visualizar quem chegasse e movimentações externas suspeitas. Uma porta estrategicamente localizada nos fundos, sempre aberta, pronta para retiradas rápidas e que desembocava num providencial ponto de táxi. Banheiros? Dois, para damas e cavalheiros, simples, não muito limpos, com tramelas, porém seguros. De bar!

De nada valeria isso sem um atendimento eficiente. O garçom, vivido e vivo, escutava as mesmas histórias todas as noites, sempre com mulher no meio. Às vezes, notava-se em seus olhos o desejo de sentar-se ali, beber alguma coisa e também contar a sua. Triste, como todas. Sabia das preferências de cada um. A elegante Parker 51, indiscretamente colocada no bolso do seu colete, bem à vista, comprovava, subliminarmente, sua pseudo-origem burguesa. Mas, a caneta para quê? Registrava tudo na cabeça. Bem gelada, pouco gelo, muito gelo, aquela pedida com os olhos, sinalizada com os dedos, com colarinho, sem colarinho. Lá pela meia-noite, assoberbado pelos pedidos e influenciado pela dose generosa e discreta da purinha que tomara, trocava tudo. E ninguém reclamava!

De temperamento indócil, ansioso, rápido, solícito, voava por entre as mesas equilibrando aquela bandeja prateada. Só num momento parava, cristalizava, paralisava. Era quando a vitrola tocava “Garçom! Aqui, nessa mesa de bar, você já cansou de escutar...” Desabava num choro incontido, abraçava-se aos clientes mais próximos, balbuciando alguma coisa. Um dia, melhor, uma noite, escutei que murmurava baixinho Norma, Norma... Choravam todos, solidariamente.

O bar literalmente vinha abaixo. Nesse momento o garçom era o personagem principal, todos o rodeavam, homens, mulheres, o porteiro, até o dono do bar. Alguns diziam “a vida é assim mesmo”, “que ingrata”, “bandida. Um mais prático dizia “arruma outra”. Terminada a música, como por encanto, todos se recompunham, desidratados pelas lágrimas, voltavam, copos às mãos, aos seus lugares. E o garçom, como se nada acontecera, retomava sua tarefa. Mais lépido ainda, como se sua alma fosse reabastecida.

E o repertório musical então! De primeira. Verdadeiros hinos! Compostos, musicados e cantados por gente do ramo. As preferências variavam. A turma da purinha e da ceva gostava daquelas tipo Reginaldo Rossi, Garçom, a que derrubava o próprio, A Dama de Vermelho, A Boate Azul. Já o pessoal do whisky, mais finórios, era chegado em Vinicius de Moraes. Bom Dia, Tristeza, de sua marca, com a Maysa era a preferida. Lembrança forte. Parece que estou ouvindo os olhos verdes da Maysa cantarem...ĩ»¿ĩ»¿ ĩ»¿

Que lástima! Não sobrou nada do estabelecimento, nem mesas, garrafas, a velha Frigidaire, aquelas cadeiras, nem a comanda das penduras, tampouco as anotações do jogo do bicho, e muito menos a bandeja prateada do garçom. Completamente nada! A não ser um antigo luminoso da Antártica pendurado em um poste, prestes a ser engolido por uma caçamba de recolhimento de calça. Os Pinguins, indefesos, percebiam-se tomados por convulsivo choro, não pelo seu fim, visto que desaparecer é inerente à vida, mas daquela forma, não. Desonrosa, degradante, para quem sempre conviveu com luzes, e do alto, testemunhas mudas e confiáveis de tanta coisa. Seria pura injustiça.

Agi rápido. Num átimo, negocie com os pedreiros, legítimos representantes daquela bagunça no momento, inocentes instrumentos de destruição, quiçá antigos e agora órfãos frequentadores do nosso bar. Tomei posse daquela importante peça, única lembrança que restou e que tinha a missão de tal qual um farol visto a distância na escuridão das noites frias de Passo Fundo, apontar o caminho seguro daquele verdadeiro templo.

De saída, em pleno sol a pino, certamente em transe, embriagado pela aura do lugar, confuso, eufórico com o valioso troféu, agora sorrindo, sentindo um perfume barato inundar o ambiente misturado à fumaça de cigarro, escutando ao fundo as inconfundíveis lamúrias da Maysa, JURO, ACREDITEM, ouvi vozes, várias, entrecortadas, tristes, que diziam “Garçom a saideira!”. Não digo... coisa de Bar!

“O Bar do Moa morreu...”

Quem leu “Coisa de bar. Estória”, referenciando o Bar que existia ali na Moron com a Benjamin Constant e que hoje está “quase demolido”, dê os devidos descontos, pois viajei muito no texto. A única coisa real e que inspirou o escrevinhador foi o luminoso da Antártica e a estrutura física do prédio.

O resto, o drama do garçom, a arquitetura do local, as músicas dor de cotovelo, os frequentadores, a mobília, a Maysa cantando com seus olhos verdes, os pinguins do luminoso inseguros quanto ao seu destino, o ambiente enfumaçado, aquele perfume latente no ar, as vozes tristes, entrecortadas, clamando “Garçom, a saideira!”, tudo isso foi fruto da minha imaginação.

Mas tem gente que frequentou o Bar de verdade que existiu naquele mesmo local e jura que tudo aquilo poderia ter existido. Este, o verdadeiro, chamava-se “Bar do Moa”. Reinou como “point” da tardinha passo-fundense por bem mais de uma década, mais ou menos no entrevero dos anos 1970, talvez até 1985. Talvez mais. Ou mais ou menos isso. Cronologia matemática em se tratando de bar nunca vai existir. E nem deve. Fica na penumbra.

Abrigava ocupados, desocupados, turmas das mais variadas e solitários tristes, nas mesas de seu interior, e nas da frente dispostas na calçada. Mesas de bar, ah!, como são valorizadas nesse ambiente etílico!... Escutem Reginaldo Rossi cantando “Garçom, aqui nessa mesa de bar...” e o poeta Julio Perez poetando “Onde antes havia – alguém – agora só restos; tocos de cigarro, copos vazios. Onde antes havia – vida – agora; uma mesa de bar”. Estilos diferentes, contemporaneidade distintas, mas ambos valorizando o tema por meio da poesia.

Falava em mesas. Em turmas. Em tristes. As da calçada e mais próximas à porta eram disputadas pela turma dos moronboys, dos joia e dos punks, entre outras. Imaginem-nas inundadas de garrafas, copos cheios, seus ocupantes trucidando cantoria e conversa alta. As do fundo, no fundão, lugar mais úmido, sombrio, quente, frio, silêncio de igreja, eram destinadas aos tristes. Vazias! Quando muito um copo zanzando com uma purinha, com um triste ali, só, mas feliz por estar triste. E não gostavam de companhia. Alguém já viu um grupo de tristes juntos? O triste é um solitário.

Essas mesmas testemunhas que me conduziram a pintar o quadro inicial com seus depoimentos fizeram uma analogia entre o verdadeiro e o real. Pouca discordância.

Uma delas foi quanto à entrada de refrigerante no ambiente. Naquele imaginado não se permitia. No do Moa consumiam, sim, mas para misturar à cachaça compondo o velho “samba”, ou para adicionar ao uísque, embalando a composição “são dois prá lá dois prá cá”, regada a uísque com guaraná. Claro, com a Maysa. Fora disso, não mesmo.

De resto, unanimidade. A mais significativa era que o Bar do Moa, o real, tal qual o sonhado, fora um bar de verdade. Dos antigos. Com todas as qualificações de um bar que se preze, principalmente a que se refere à aura do lugar, que não se cria

por decreto ou carrega na compra do ponto, mas se cristaliza do nada. E essa marca, subjetiva, não se restringia àquele local ou se limitava ao incerto horário de seu encerramento, mas se estendia para seu exterior, carregada nas relações ali compactuadas pelas turmas ou pelos tristes. Envolviam amor, paixão, dor de cotovelo, traições, conversa fiada... Essas coisas que só um bar de primeira patrocina.

O passo-fundense Ricardo Camargo, certamente associado à turma da calçada, inspirado na sua própria vivência, compôs uma música intitulada “No Bar do Moa”, que nos dá bem uma ideia de sua representatividade no contexto e do espírito do lugar na época:

“Saio às 6 horas no meu tranco
E desço a Rua Moron, Moron, Moron, Moron,
E lá no Bar do Moa encontro a turma
Do bom, do bom, do bom

Do bom papo e da cachaça
E a moçada bebe mais e mais, e mais...”
E por aí segue destilando melodia...

Mas ainda existe alguma coisa por lá. Pegue carona na música, desça a Moron no tranco e pare em frente. Entre. Tapumes não serão impeditivos. À medida que passar a linha tênue entre a calçada e o ambiente interno daquele outrora templo, tente imaginar: os trinados daquela música vão ficando ao longe, ao longe, ao longe, e outro som, aos poucos, suavemente vai tomando conta. Pare um pouco nessa viagem, feita no plano do imaginário, e olhe para os lados. Muita gente, milhares, todos cantando. E a orquestra, completa, com seus artistas vestidos a caráter, de fraque em pleno sol, sob a regência de Nicollo Paganini atacando de “Tango pra Teresa”.

Trágico e triste como tem que ser. E como só um tango sabe.

De repente, o maestro encerra a música, enxuga as lágrimas e, abandonando sua postura sonhadora, assume a de um comandante. Travestido como o mais disciplinador dos militares, talvez um SS de gema, e com o olhar transfigurado, quase belicioso, determina que todos juntos às suas mesas perfillem-se e num unísono, sob seu comando, levantem os punhos cerrados e bradem: “Garçom, a saideira!”.

E num passe de mágica, como o Bar do Moa que exteriorizava emoções, esse som se multiplica, toma corpo, transfere o pranto para o céu e induz a que em todos os botecos, bares, cabarés, puteiros, do mais fino ao mais decadente, de todos os rincões, através de seus filhos, adotem naquele mesmo momento idêntica postura respeitosa e repitam o mesmo gesto, bradando num efeito dominó: “Garçom, a saideira!”. Em Francês. Em inglês. Em russo. Em iídiche. Em esperanto. Em espanhol... E se propaga... E se propaga... Pelo mundo afora. E bradam... E bradam... Pelo mundo afora.

E os pinguins, os dois, não aguentando ao estropício, sucumbem e abraçados caem de seu pedestal, lugar de honra na derradeira cerimônia. Em cima de uma mesa de bar morrem as únicas testemunhas dessa loucura!

E o Bar do Moa também.

P.Q.P. não digo! Coisa de bar.

O pecado mofento
do compadre Arquimedes

Tenho contado cada caso que às vezes nem eu mesmo acredito, imagine quem lê! Mas cada caso é um caso, e esse do compadre Arquimedes tem muito de verdade. Tava eu lá no Bar já na décima saideira quando me dispus a fazer o compadre contar um, visto que sempre eu tomava a dianteira e a palavra, o que me expõe, pelo menos nas probabilidades, a resvalar nos fatos, justificando alguns exageros e até passar por mentiroso.

Conversa daqui, conversa vem, conversa dali, conversa vai e o compadre capitulou: tá bem, vou contá tudo! Tudo!, disse com voz embargada – o que creditei aos efeitos do trago, mas não...

Pronto, cruzei as pernas, me aboletei na cadeira colonial do estabelecimento, puxei a garrafa pra perto, dei uma coçadinha, preparei um palheiro pra pitá e me dispus a escutá-lo.

- Graças a Deus hoje vou botá pra fora esse segredo que me acompanha tanto tempo e que me martiriza. Era gurizito inocente, branquela, esquelado, podia contar os pelos pubianos, e bem na época da muda quando a sexualidade se define. Fui criado por duas tias carolas, solteironas, à revelia da rua, solitário... Imaginem que nunca participei do campeonato de cuspidas organizado pelos guris da turma da esquina... Preferia apreciar minha coleção de borboletas. Essa influência me levou a gostar de literatura, estudar línguas e adorar, adorar tocar cítara...

- Mas, compadre... p.q.p, que que é isso?!

- Cala-te, agora vou até o fim. Meu objetivo era cursar o Instituto de Belas Artes, onde pensava que poderia extravasar minha sensibilidade artística e, então, nesse contexto foi que me apaixonei por um ente de farda...

- Jesus, Maria, José! Onde estamos?

Nesse meio tempo já não era só eu que o escutava, tava o Bar em peso arrodando-o, todos surpresos com aquela confissão. O silêncio sepulcral era tão quieto que um peido de mosquito seria percebido. Quem diria? O Arquimedes...

Chorava, falava, bebia... Falava, bebia, chorava... Sei lá a ordem! E dê-lhe verbo...

- Pois é, nunca pensei que chegaria a esse ponto. Foi de supetão, mas estava disposto a enfrentar a sociedade preconceituosa que nunca admitiu uma relação do naipe, ainda mais eu guri, tchê! Não tinha com quem repartir essa insídia. Com minhas tias? Nunca, morreriam quando soubessem. Colegas? Viraria chacota. Professor de balé? Talvez compreendesse. Com o padre? Correria risco.

- É de não acreditá! Puta merda, não pode ser... Que vergonha.

O cuidado em manter o silêncio era tão grande que até mesmo o garçom ia para a calçada abrir a cerveja, para evitar que o “ploc” desviasse a atenção do público e para que todos se mantivessem focados naquele lamentável depoimento.

- De minha janela, na solidão de meu quarto, ficava de campana espiando por entre as persianas o quintal de sua casa, mirando aquele uniforme maravilhoso, azul, cheio de estrelas, confundindo-se com outros, da briososa Brigada Militar tremulando, tremulando no varal... Meu sonho era aninhar-me em seus braços e ser conduzido através de suas mãos experientes ao meu primeiro coito, fossem quais fossem as consequências. Estava disposto a enfrentar a sociedade... Sua condição de militar me seduzia.

- Para, compadre, para... Para!!! Chega!!!, gritei, interrompendo-o, já arrependido da atitude republicana de tê-lo incentivado a contar um caso e com receio de que o desabafo de característica terapêutica de sua catarse comprometesse sua figura e a do Bar, até então, ilibadas. Fosse procurar o catre do Freud, o Pai de Santo da Casa...

- Silêncio. Agora vocês vão me escutar! Felizmente, não levei adiante aquela loucura. A tragédia poderia ser grande, um rio de sangue poderia correr... O assassinato de um infante, no caso eu.

- Per che? Per che?, animou-se a perguntar Berlusconi, um italiano loquaz, único representante do Oásis, a quem foi permitida a entrada para testemunhar aquele terrível fato, pois se tratava de Bar concorrente. Se quisessem mais espaço, que criassem suas próprias histórias.

- A mulher era casada! De papel passado!, cuspiu Arquimedes.

Bah! Ohhhhhh! COMO ASSIM! Este é o Arquimedes que eu conheço! Ufa! Porrrra! p.q.p., meu São Jorge!... eram algumas das exclamações dos distintos habitantes daquela Casa.

- Como, uma mulher? E a farda?, perguntou Cachoeira, o apontador do jogo do bicho do Bar, incrédulo.

Eu não podia falar, estava engasgado, em estado de choque... Ainda bem, dizer o que daquela quase poca vergonha!?

- Sim. Era minha vizinha, a Irmã Dilma, capitã do Exército de Salvação. Adorava aquela mulher, e o fetiche daquela visão fardada me levava a inspirações lúbricas e que terminavam em prática pouco convencional que diziam enlouquecer, criar cabelos nas mãos e espinhas no rosto. Pecado mofento à época... Pura lenda, pura lenda, sou destro, e se isso fosse verdade teria que fazer a barba na mão direita com a máquina de cortar grama, tal era a frequência com que pecava. Imagine a cabelama... Espinhas? Meu nome seria Cactos, e não Arquimedes. Louco? Contava até três sem pensar... Péra aí, por favor... Consciência...

Nesse interregno de tempo o clima do Bar voltou à sua normalidade, e seus freqüentadores, já com suas feições relaxadas, comemoravam o epílogo épico do caso que enriqueceu ainda mais o currículo do Arquimedes e manteve incólume o conceito do estabelecimento.

Mas... Epílogo bosta nenhuma, sempre tem um pentelho... Do nada surgiu o Anacleto, o Joãozinho do Bar, que no fundo, no fundo queria ver o nome do compadre na rua da amargura, rugindo peçonhamente:

- Mas e a farda da Brigada?

Fez-se silêncio por meio segundo... Sim! Outros retumbavam em cascata... E a farda de brigadiano? E a farda de brigadiano? Queriam o quê? Ver sangue... Tragédia bolivariana... O falecimento moral do Arquimedes... Plantar uma nódoa suspeita em seu passado até aqui glorioso... Abrir uma chaga cancerosa em seu peito... Transpassar seu coração com uma lança farroupilha enferrujada... Coisa de loco, partindo de seus pares do sodalício.

Todo o bar voltou ao suspense quanto ao que viria... Os ruídos sossegaram novamente esperando a manifestação do Arquimedes. Alheio àqueles desejos mórbidos, fazendo pose de pensador francês de boteco, tal qual Voltaire, Didereau, Montesquieu, uma mescla deles, o compadre disparou, compenetrado:

- O marido era brigadiano da ROTA de Passo Fundo e diziam que ruim de gênio, tchê... E continuou: Foi melhor parar... Ia sobrá pra mim. Minhas tias carolas diriam que é um pecado mofento, inafiançável. Vivia com a perspectiva de virar louco da capela e espinhudo. A mão já é um pouco cabeluda, tchê! Mas foi bom desabafar!

E olhando longe que nem cavalo imigrado aperfeiçoando ainda mais a postura francesa, como que pescando o passado, sibilou ainda, erguendo as sobrancelhas e em tom de segredo, a quem quisesse ouvir:

- Pra encurtá a prosa, digo que era uma mulher linda como poucas, tchê! Melhor, só doce de mãe. E aí! Tá mudo? Fala! Gostou do caso, tchê?, explodindo em gargalhadas.

No meio da balbúrdia retomada e ainda apatetado, tentando reunir as ideias, consegui a muito custo sinalizar para o garçom:

- A saideira!

Deus do céu... Tem cada uma, que parece duas...

Ótica da tristeza: um ensaio literário abortado

Será este um ensaio ou um triste clássico? Tenho lá minhas dúvidas. De todo modo, a tristeza é um tema que me seduz. Pensei em escrever alguma coisa a respeito, pendendo buscar mais o lado científico, suas causas, seus tipos, suas dúvidas, sexo, intensidade, procurando inspiração em algum poeta especializado, talvez nos estudos de Freud e Yung, possivelmente lendo Marimbondos de Fogo, de José Sarney. Desses dizem que é “uma tristeza só”. Talvez pudesse me dar pistas.

Desisti dessa linha. Razões? Despreparo para assumir essa intenção acadêmica e sérias dúvidas de que o tema proposto, etéreo, subjetivo, fugaz aceitaria amarras. Entendo também que poderia ficar sugestionado a assumir outras ideias, que não as minhas, maculando, portanto, a originalidade e fechando a possibilidade de, futuramente, ditar jurisprudência no assunto.

Busquei, então, inspiração em observações, na tristeza pessoal, alguma coisa que já li ou ouvi do dia a dia ou da noite, invocando a lembrança dolorida, amarga do fantasma de uma mulher viva ou, ainda, a dor do açoite de uma desilusão. Nessa direção, desde que me alimente da tristeza necessária para divagar sobre o tema.

Não esperem, portanto, uma linha racional no decorrer do texto.

A rigor o triste é um solitário. Observem. Estão sempre sós. Já viram um grupo de tristes?

Alguns, como os egoístas, trancam-se em casa, em uma biblioteca, ambientes silenciosos e curtem, egoisticamente, sua tristeza, indiferentes ao mundo exterior. A tristeza lhes sobe à cabeça. Quando estão definhando em seu estado preferencial, alimentam-no através da música e de lembranças, tanto as reais quanto – e especialmente – aquelas que gostariam de ter, como se sons e reminiscências os reanimassem a assumir, novamente, sua intensidade máxima. Seria como se injetassem tristeza na veia. Preferencialmente um dia de chuva para essa transfusão, além da companhia de Wando, Nelson Gonçalves, Maysa, entre outros, desde que especialistas no assunto. Enfim, gente do ramo.

Bem, lembranças cada um tem as suas. Desde que envolvam mulher! Ah, mulher!

Outros, como os poetas, exteriorizam seu estado de espírito. E gostam disso. Tanto que escrevem e divulgam. Apresentam tristeza efêmera, lampejos, laivos dela. E aí, quando nessa condição transitória, criam, sonham, escrevem seus mais belos poemas.

También en esta línea de la transitoriedad incluem-se os dançadores de tango, que, na lida, assumem uma tristeza fina, distinta, trágica, como um bom tango argentino, y representan em suas feições cara de choro de lágrima. Sin precedentes, tango y bailarín !

O triste social, esse dá tristeza! Coisa mais triste um triste cantando Parabéns pra você. Ou apagando velinha! Ou sendo o orador da turma! Mestre de cerimônia! Ninando criança! É PATÉTICO!

E por aí afora poderemos citar inúmeros tipos.
Agora, o perfeito, o inimitável, o raro é o triste de Bar. Podemos chamá-lo, academicamente, de “o triste clássico”. É o triste em seu estado de pureza.
Quando falo em Bar, falo em Bar! Pode ser o do Moa, da Tia Carula ou do Moulin Rouge! Esse mesmo. O de Paris. Ah! E o maior deles, o do Cassino da Maroca. Nesse nível. Travestido de chinelo de dedo ou fraque.

E esse é o palco desse singular.
Ele, como sempre, solitário.
A mesa, a do fundo.
Luminosidade, penumbra.
Bebida, amarga.
Cor, roxo luxúria.
Roupa, cinza.
Sorriso, esgar.
Atmosfera, umidade.
Olhos, olheiras.
Doença, cigarro.
Lembrança, de mulher.
Ah! Mulher! Mulheres, todas... Dele, nenhuma.
Esse tipo é um grande dissimulador.
Fala, sem dizer, que sofre ou sofreu por amor.
Olha, falando que foi desprezado,
ou que não preza ninguém.
Melhor ainda, traído.
Pior, nunca traiu.
Verdade, mentira, ninguém sabe.
Mas fica o estigma, construído.

Esse conjunto de condições e atores, e o componente principal, indispensável que traz alma ao assunto – mulher –, completam a obra e repercutem na estatura do triste. Fora desse contexto, tristes comuns. Simplesmente tristes. Sem querer desmerecer. Esse tipo, “clássico”, é muito valorizado pelos Bares, que para sua construção contribuem com a estrutura física do lugar e até, eventualmente, liberam o garçom para que escute suas raras confidências ou penduram, ainda, indefinidamente sua conta. Em troca ostentam sua figura, com exclusividade, para completar a aura do lugar e qualificar mercadologicamente o negócio. Contrato esse constituído entre as partes de forma tácita, subscrito pelas linhas tortas, sinuosas da melancolia. Sem esse é um bar, e não um Bar. Bar sem triste, onde se viu! Completam-se. É QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA.

Como sempre, entra e sai silencioso, descolorido, esgueirando-se entre as mesas. Nesse movimento, o piso é a passarela. Não caminha, levita.
Nesse momento, a balbúrdia, a algazarra, a cantoria cessa por segundos, em respeito quase reverencial sempre que desfila, escondendo-se para ser visto, embora sob holofotes, e da massa insana dos comuns pode-se ouvir murmúrios: “é o Tristão, o triste do Bar”, “mora no Bairro Tristeza”, “separou-se da Alegria”, “teve um caso com a Soledade”, “flerta com Dolores”, “desprezado pela Vitória”.
Gosta desse reconhecimento. Explode de tristeza.
Agora, para um triste desta laia,
glória maior seria só se, por sorte,

tivesse dolorosa morte
sufocado por tristeza
estatelado numa mesa
de um bar, a do fundo
com certeza.

Viram? Já não domino mais as palavras que saem em desalinho. Encerro por aqui. Não posso continuar mais. Sinto-me fragilizado de escrever sobre isso. Opto por curta-la. Preciso de silêncio, paz, ler alguma coisa, escutar uma música e talvez puxar lá do âmago algumas lembranças de mulher, por certo. Capítulo!

Dona Dilicia, a Deusa do 401

Pois é... Pois é... Bons tempos aqueles do BRISTOL, período importante na minha vida, um verdadeiro divisor de águas, quando passei do ostracismo aos píncaros da glória. Já conto... Já conto...

Até os quarenta sempre fui sujeito sem expressão, de vidinha gris, meio que não existia, talvez por ter dedicação exclusiva ao ócio, sem tempo para o tal do trabalho e convívio social. Minha vida foi sempre marcada por pequenos e sucessivos insucessos. Imaginem que quando gripados os meus irmão tomavam, por recomendação de mamãe, chazinho de camomila com açúcar, pra mim, era supositório com alho, tamanho GG. Os livros que passavam de mano pra mano quando chegavam em mim, que era o último, continha só a capa. Fui atropelado por uma Kombi numa procissão, arrumei uma amante argentina, e por aí vai. Coisas assim, pequenas, mas que marcavam a minha invisibilidade. Meu apelido no colégio era Nota Cinco nem pra frente nem pra trás. Pra completar, papai nos deixou cedo e de uma forma singular. Fazia parte da nossa gloriosa FEB na famosa participação dos brasileiros, tomada do Monte Castello, na Itália, quando inventou de se jogar aos braços do Senhor, morreu, em plena refrega, tiro de canhão pra tudo que era lado, combates corpo a corpo, metralhadores cuspidando bala – a Batalha do Pulador, mal comparando, seria briga de aluna de colégio de freira na hora do recreio. O veio resolveu comer uma rapadura puxa, se engasgou e deu o fedegoso. Acidente, acidente, mas tinha que ser na latrina da trincheira?! Uma legítima cagada mortal!!! Eu não disse, fui um bostão, medíocre até na tragédia. Até que... Até que... Mamãe morreu. Aí comecei a melhorar de vida. Ganhei de herança um quarto e sala no Edifício BRISTOL e uns pilas mais ou menos da aposentadoria da veia. Não esqueçam que papai foi pracinha de FEB.

Não quero ser injusto, vendi para um antiquário por uns bons trocados o bonezinho de meu progenitor, com aquelas medalhas todas... Espólio também. Caiu em boa hora, devia pro Capone uma dívida de jogo.

Bem, bem... Numa manhã tava lá no seio de meu lar, quando apitaram no apê de forma insistente... Pim pim, brimmm brimm, plomm plomm, o tipo do som não vem ao caso. Eu ali, na boa, de cueca samba-canção, camiseta de física da Hering, chininho de dedo, num bafo desgraçado, à vontade, à vontade... Tinha acabado de anotar uma receitinha da Ana Maria Braga, me preparando pra fritar uns lambaris pra comer acompanhado de uma gelada, meu café matinal, quando a tramela da porta de meu único bem patrimonial foi implodida por uma tropa de ferozes lanceiros maragatos, comandado por Gomercindo Saraiva, saídos diretamente de um livro do Monteiro, essa a impressão que tive. Adentraram ao ambiente. Eu me sentindo um

merda de um chimango, encurralado num quarto e sala do BRISTOL, sem arma branca à mão, com um trabuco desmuniado e entrincheirado em cima de um formigueiro, fui jogado pra cima de meu toca-discos que no momento tocava Aguinaldo Rayol. Meretriz, fezes. Meretriz, fezes, que situação! Se pelo menos fosse no mano a mano, vá lá!

Ainda bem, ainda bem... Não era nada daquilo que pensara. Tratava-se do pessoal do Conselho Consultivo do prédio invadindo aquele recinto, uns dez mais ou menos, e pedindo por favor para assumir o cargo de Síndico, que confiavam na minha capacidade de administração e nos meus dotes diplomáticos, e mais outras qualidades que nem eu mesmo imaginara ter. Aboletado naquele trono, chorei, chorei, emocionado: até que enfim estava sendo reconhecido. Parecia ver mamãe lá do alto, sorrindo, vendo seu filho guindado a um alto posto de forma unânime pelo povo do BRISTOL.

Sentadão, naqueles trajes, ali mesmo assinei uma papelada, uma tal de ATA. A partir dessa cerimônia, de bainha passei a punhal, me agrandei. Aquela tropa maragata, assim como veio, retirou-se, não dando nem tempo para que eu agradecesse tamanha honraria. Bateram em retirada, me deixando um bilhete que o Janjão, o agora antigo síndico, havia escrito no hospital para o seu sucessor. Parece que o Janjão tinha tido um ataque dos nervos, tava quase escorregando para o além, tal a gravidade de seu estado. Hoje dizem estresse agudo. Consegui ler o que parecia ser uma Ordem do Dia da próxima reunião de condomínio. Olhem só:

- Acabar com o jogo de truço na Hall de entrada do prédio
- Retirar ou não doze gatinhos recém-nascidos de dentro da churrasqueira do Salão de Festas?
- Denunciar ou não a maconha que o condômino do 801 havia plantado em vasos na sacada?
- Implantar bafômetro na entrada do elevador
- Encaminhar o Muammar al-Gaddafi para o Conselho Tutelar

Ah! O disco do Aginaldo foi pro espaço. Sem mais perguntas. Será possível? Já vão começar?

Como já era quase meio-dia, tava pensando em comemorar comendo um pato com farofa e tomar uma Gazapina no bico, quando... toc-toc-toc-toc.

– Tem uma senhora lá embaixo com uma mudança, vai ocupar o 401. O senhor desce lá?

– Sim, sim, claro, respondi louco pra mostrar serviço.

Como é que ia descer só de cueca samba-canção e camiseta de física?! É lógico que pus a bombacha. Se fizerem outra pergunta tomo a minha saideira e não conto mais o caso!

Pessoal, irmãos de trago, que mulher! Que mulher! Já tinha passado a melhor idade, talvez uns trinta e alguma coisa, baixotinha, meio gordinha, cambotinha, canos das botas meio palmo acima do joelho, cabelinho de franjinha tipo Cleópatra, oclinhos de gatinho, tetas fartas, bundinha de aranha, completa. Figura capaz de fazer manequim de loja de turco babar. Sem exagero, sem exagero, um verdadeiro miosótis naquela selva de pedra.

Gente, essa aí que eu descrevi é nada mais nada menos que a Dona Dilicia, a Deusa do 401.

Se vocês virem uma parecida aí pela rua, aproveitem, tirem xerox, e colorido. São raras.

Logo, logo, eu e outros voluntários, levamos a tralha no muque até o apê. Naquele momento ela tinha esquecido a carteira e tava sem dinheiro para pagar o frete e

ajudantes. Mas isso é coisa material, de menos importância, quando se trata de um ser de outro mundo. Ali mesmo fizemos uma ação entre amigos e pagamos a conta. Obrigada de coração, seu síndico... Entre, entre, venha tomar um cafezinho -gemeu Dona Dília.

Olhem, às vezes, como no caso, vizinha boazuda é a solução, e não o problema. Me ajudou demais na administração daquele prédio, tornando minha empreitada leve que nem arrote de miss.

Posso dar vários exemplos pra vocês. O Muammar al-Gaddafi, gurizinho terrível, filho de um casal de sírios da ala esquerda do prédio – passaria em primeiro lugar se houvesse concurso pra Diabo – tava me dando um baita dum trabalho... Imaginem, peidava em balões, desses de aniversário, e soltava nos corredores para os gatos brincarem. Isso aí não é nada. Um dia o meliante pichou o Jeep verde abacate do seu Nilo com spray amarelo-butiá. Mas, esperem, esperem, escreveu em letras garrafais “veio broxa”. Pra que, pra que... Queriam mandar o guri pro Conselho Tutelar. Por mais que eu explicasse pro seu Nilo que, embora o escrito fosse a mais pura verdade, que não se justificava a atitude, tal e coisa e coisa e tal, não consegui acalmá-lo. Dona Dília, me vendo em apuros, determinou que mandasse os dois envolvidos, um de cada vez, até o 401, pra um cafezinho.

Santo remédio! Seu Nilo, com olhos brilhantes, à saída da reunião balbuciava “deixa pra lá, isso é coisa de piá, temos que ser condescendentes com nossa juventude”.

Já Muammar al-Gaddafi converteu-se imediatamente à religião, pregando a palavra de Deus no prédio, tendo como sua referência religiosa o Pastor Feliciano.

Claro, volta e meia, meia e volta, tinham, os dois, que tomar um cafezinho com a Dona Dília, como que renovando seus votos.

Assim como ela dava, ela recebia. Uma mão vai, outra vem, essa é a lei das coisas. Quando ela descia pra pegar a correspondência era uma correria só. Dias mais frios, de chambre de seda vermelha, fresquinhos, de peignoir, calorentos, de baby-doll. Mas sempre com alguém do lado levando as cartas de forma que ela não carregasse peso ou segurando a barra do chambre de modo que não roçasse no piso frio.

O seu Jorge, produtor bem-sucedido de galos pra terreiro de macumba sempre deixava algum na porta do 401; o dono da padaria, um saquinhos de pãezinhos quentinhos, tudo com discrição. Eu, por exemplo, levava sua Brasília vermelha pra abastecer, outro consertava o chuveiro, e assim toda a comunidade de calças procedia. Não existia ciumeira boba entre nós. Dona Dília era uma mulher comunitária, compartilhada no mais puro sistema de cooperativa.

Ah! Querem mais exemplos? Bem, bem, a coisa fedeu quando o dono do 707 correu esbaforido, gritando que sua cobra jiboia de estimação tinha fugido. Que coisa, ainda bem que o pitbull pernetta do 303 – tinha perdido uma das patas numa briga com Fariseu, o gato da mulher da limpeza – localizou o réptil dentro da churrasqueira do salão de festas. Acuada, sem opção, a cobra atirou-se lá de cima, suicidando-se. Até aí nada demais, mas o bicho, pesadão (lembrem dos doze gatinhos...?, pois é, já eram...) caiu em cima do para-brisa do Gordini da jararaca do 602, língua de trapo do prédio, Dona Filó. Hummm! O chefe dos bombeiros já ia anotando a ocorrência – ia sobrar para o síndico – para acionar o Ibama quando Dona Dília, lá da sacada do 401, assoviou para aquela autoridade, fez um sinal de positivo e... a coisa nunca deu em nada.

Que poder desta mulher!

E tinha um coração grande, enorme... Uma tarde dessas desce pelas escadas o seu Naum, lá do 1002, corrido pela Sara, sua esposa. Que cena, aquele oitentão, de pijama listrado, gorrinho de lã, de pantufas, com um saco quase tocando nos degraus

da escada, em prantos. Patético, patético. No saco de plástico que portava, desses de super, continha a prova do crime. Um binóculo através do qual espiava as gurias do prédio vizinho que tomavam banho de sol peladas. Não era justo, esse pobre homem, sofrido em sua mocidade nos campos de concentração de Auschwitz, por um desvio de conduta justificado, ser atirado à sarjeta nessa fase de sua vida. E tem mais: passava açúcar em seus olhos com a vizinhança, ora, ora... Outras são outras... Sempre fora respeitoso com as mulheres do BRISTOL. Sara fora injusta, desumana para com o seu companheiro. Pagaria por esse desaforamento. Bueno, vocês já sabem o que ocorreu. Foi isso mesmo, isso mesmo... Não passou do quarto piso. Homiziou-se no 401 por uns dias. Não queria sair mais de lá, mesmo depois que uma comissão conseguiu convencer a Sara a recebê-lo de volta, o que no fim acabou acontecendo. Viciou no cafezinho da Delícia.

E tem outra... Essa é de matar! Dois irmãos gêmeos chineses, o Chixi Nomuro e o Kagana Kara, feirantes, que ocupavam o 711, passavam brigando. Mas os jaguaras não lutavam dentro do apê, diziam, pra não quebrar a louça e os móveis de sua propriedade. Adotaram os corredores e a escada do BRISTOL para as contendidas. Terciavam ferro, utilizando de sabres que ganharam de herança de seu pai que trabalhara durante um bom tempo de samurai para o coronel Curió, na Serra Pelada. Mas faziam questão de lutar dentro das tradições de seus ancestrais, vestiam quimonos amarelos, faziam aquelas medidas todas, aquelas caras de brabos, e xingavam-se em mandarim.

Um dia passaram dos limites. Lembram-se do Muammar al-Gaddafi? Pois é, o guri tentou pregar a paz através da palavra de Deus num desses entreveros e sobrou pra ele. Levou um talho na bunda. Pra quê, pra quê... O espírito do Pastor Feliciano tomou conta daquele servo juvenil que acabou puxando um canivete de escoteiro – que escondia dentro da Bíblia – botando os chinos a correr.

Ah, não! Delícia chamou os dois juntos, eram gêmeos, vem, entrem, vamos tomar um cafezinho! Hehe! Até hoje me lembro dos irmãos saindo sorrindo em chinês, fazendo medidas até pra gatos e cães que encontravam, completamente domados. De vez em quando e quando em vez, pediam que intermediasse uma nova visita.

Suas intervenções foram inúmeras... Bah! Perdi a conta. Mas... Mas... Tragédia, num dia fatídico nossos corações foram literalmente cortados por uma moto serra, sem anestesia. Delícia anoiteceu e não amanheceu, fugindo com um dos nossos, amigo da onça, traidor, f.d.p., usurpador de sonhos, que a seduziu com sua lábia e vigor, deixando um rastro de débitos a pagar com a comunidade que lhe reverenciava e com a entidade jurídica que a abrigava. Doze meses de condomínio pendente, e por aí vai...

Abraham Lincoln sempre dizia “free coffee doesn’t exist!”, murmurou Beto, o letrado. Não respondi a esse metido mesmo porque não entendo nada de francês. Deixa pra lá.

(Tu aí que tá lendo este caso não tá vendo, mas mal consigo continuar minha... O pessoal todo do Bar, atento, embevecido. Um incentivo a continuar. Pena que tu não tá aqui junto comigo pra conferir o entrevero).

Bueno, continuo... Vocês não imaginam... Sem a nossa Deusa, verdadeira filha da noite, o prédio retomou sua condição de selva de pedra, tornando-se verdadeiro sarcófago, aprisionando espectros humanos, defuntos inconsoláveis, esqueletos tomados de osteoporose, desolados, presos por correntes de aço em lápides frias, choramingando não pela perda de meia dúzia de pilas (isso se recupera...), mas vívovos de um conceito de mulher travestida de Delícia, que sorria, falava carinhos,

olhava com promessas, afagos e servia um cafezinho como ninguém. Isso não tem preço!

Sabem a música que o Aguinaldo cantava, naquele finado LP de estimação? Escutem...

Lembro de um olhar

Lembro de um lugar

Teu vulto amado

Lembro um sorriso

E um paraíso

Que eu tive ao teu lado

Lembro a saudade

Que hoje invade os dias meus

Para o meu mal, lembro ao final

Um triste adeusssssssssss.....

Mas peraí, peraí... Não chorem... Não entrem em pânico... Quando uma mulher vai, outras vem, e às vezes com vantagem. Nessas situações é que me lembro que alguém disse com muita sabedoria “mulher, patrão e cachaça em qualquer canto se acha”. É de não acreditar... Não é que a Libertina, esposa do Janjão, inventou de assumir o lugar da Delícia, e num dia eu...

Por favor, por favor, só uma pergunta? Nem sei quem é o desgraçado que se pronunciou aí.

Fala, tchê! Quem sou eu pra não dialogar com meus ouvintes, com essas passeatas todas...

Tinha bolinho de chuva no cafezinho da Delícia? Chimia?

Pessoal, deixa pra lá, por hoje chega. Tem cada uma!!

Garçom, a saideira!

Os dois seios da minha professora de religião

Garçom, a saideira! Gazapina!

Me ajuda nesta, juro que é a última! Não! Nunca vi o Rio Passo Fundo recusar água, que tal o estado aqui do parceiro de mesa.

“Dicen que lós hombres no deben llorar por una mujer”. Isso fica bonito de dizer em letra de música. Agora, nas devas não corresponde à verdade. Homem chora, sim. Não digo aquele choro sem grife, por uma dor de uma unha encravada, um dente do siso atravessado, um furúnculo na bunda. Isso é fiasco. Por uma mulher se justifica, principalmente por uma paixão não correspondida, como no meu caso, no verdor de meus nove anos. Chorava pelos cantos da casa, não esse choro com lágrimas, mas aquele de paixão, no seco, coração cortado, sangrando, sem sutura, com uma placa de sal grosso e gotas de ácido em cima para aumentar o sofrimento e que a cada soluço rebentava com as amígdalas. E essa dor causada por essa chaga aberta só dava trégua quando me envolvia treinando meu time de botão para as Olimpíadas Metodistas.

Como sofria, foi um dos melhores sofrimentos de minha vida. Ah! Como queria que aqueles dias fossem todos os dias...

Por pouco não cortei os pulsos com gilete e, pior, com uma faca de picá fumo, fio cego, ou, ainda, o que seria a glória maior, enforcar-me com um corpinho Du Loren que surrupiara do varal de roupas de uma vizinha. Esse desenlace mortal era o de minha preferência. Já vai saber o porquê! Tá dormindo?!

Bueno, ela realmente foi minha primeira paixão. Conheci-a no quinto ano primário ali no Instituto de Educação, colégio metodista. Era minha professora de religião. Embora recém-egressa da Escola Normal, juvenzinha, ainda cheirando a mimeógrafo, já era uma mulher tupida, confortável, oferecendo aos meus olhos inocentes zona exuberante localizada em seu tórax privilegiado, que podemos comparar a dois mamões papaias no ponto de douçura.

Ela tinha o costume de ministrar as aulas caminhando entre as classes, com o som de sua voz misturando-se ao toc toc dos saltinhos. Toc toc toc ttoc cott co toc oc to. Meu coração saltava quando se dirigia a mim com seu passo de gansa no melhor estilo da SS alemã, com os seios refestelando-se, abençoados pelo capeta. Embora aprisionados por um sortudo Du Loren, conseguia perceber duas cerejas maduras no topo de cada um daqueles impávidos colossos. Ah, meu Deus do Céu! Era coisa pra passá a mão com luvas de pelica! Algodão doce puro!

Nesse caminhar é que tava o problema! O Santo Antonio! Me matava de ciúmes. Ela era devota do Santo Antonio, devoção evidenciada pela medalhinha que usava com a figura do dito dependurada numa correntinha. E a cada passo a medalhinha ia e vinha, vinha e ia, e vice-versa e versa-vice. E quando podia introduzia-se na fenda que a blusa oferecia, fazendo tantas acrobacias para isso que deixaria um trapezista do Circo de Soleil no chinelo. A medalhinha entrava Santo Antonio e voltava Tonho, deixando no meio daquelas carnes a batina, os santinhos e os votos de castidade. Retornava extenuado, entregue e com um sorriso irônico dirigido a mim. Juro que é pura verdade! Pura verdade! Não dá prá acreditar em Santo! Muito menos em santo de medalhinha!

“Menino, leia o trecho de um dos livros do Pentateuco”.

Faria tudo por eles. Levantava-me lentamente, desafiador, ficava tete a tetas, sentia seu hálito de chicletes de gardênia, visualizava seu sorriso tipo Kolynos emoldurado por aqueles carnudos lábios escarlates e percebia suas palavras, sem exagero, dançando por sobre notas musicais. Inolvidável!

“Menino, vamos, leia! Acorde! O Pentateuco! Quero traduzido, traduzidooo!!!”

Transformava-me, sentia-me o Collor discursando no Senado do Império Inca para um montão de filisteus comunistas, e, no entanto, era um pequeno mancebo hipnotizado, subjugado, refém daqueles montículos endemoniados de uma mulher professora tupida, confortável... como já disse. Plenamente justificável. Se tu visse... é de não acreditar.

Exercia um enorme poder de autocontrole, traduzir a leitura do texto do raio do Pentecostes do grego para o esperanto, não responder às implicações do Tonho e, o principal, ainda lambuzar-me com a paisagem próxima que se me oferecia tudo ao mesmo tempo... Meu Deus! Coisa de Juan Peron! Coisa de Juan Peron! Só eu mesmo...

Uma pergunta? Claro, tamo conversando. Se ela era metodista, como poderia ser devota de um santo católico?

Putá merda, arrumei um parceiro de mesa detalhista, não fala nada e quando fala se até a minúcia. Estragam uma boa história por nada.

Vou disfarçar...

Tu sabes que o culpado dessa quase tragédia foi o Reverendo Pinheiro, diretor daquele Colégio. Na seleção de uma professora de religião o perfil recomendado é de que seja o de uma mulher com a beleza interior acima de qualquer suspeita... Que incompetência deliciosa!

Garçon, a penúltima saideira! Gazapina! Quien dice que lós hombres no lloran por una mujer? Passa a garrafa...

A cura da amante

Dra. Fernanda, psicóloga bem-sucedida, bem casada, linda, com um corpo escultural, de família rica, debruçou-se a ler a ficha da próxima paciente a que se despusera atender de forma gratuita.

Humm! Interessante, interessante, pensara. Seria de grande valia à pesquisa e tese de seu doutorado na área de antropologia sob o título instigante de “A função social da amante na preservação do casamento monogâmico sem chispa”. Nunca pensara, enfim, num prisma diferente de abordagem.

Manda passar a Sra. Madalena!, solicitou à secretária.

Madalena entrou, cumprimentaram-se formalmente, nada de beijinhos, arroubos desnecessários... Enfim, relação formal psicóloga x paciente.

Madalena logo se debulhou a falar, aflorando imediatamente sua condição depressiva, no fundo do poço, em plena crise existencial, autoestima debilitada, ou seja, numa cacaca federal, em razão de seu fracasso como amante.

Acabara de sustar um relacionamento estável com o Eike, homem rico, generoso, perfumado, que lhe provinha do bom e do melhor.

Escutem só o palavreado da Madalena:

“Dra., não podia continuar com a relação por uma questão de ética profissional. Falhei como amante e, dessa forma, não honrei também a memória de minhas ancestrais... Bisa, vovó, mamãe foram concubinas de primeira, perfeitas, puras... Errei, errei... Botei ele pra rua, viverei só, remediada, mas com a minha consciência limpa”.

Continuou chorosa.

“Invoco Baudelaire que, sabiamente, já naqueles tempos, disse à Marquesa dos Anjos: cada coisa no seu lugar.

Traficante não pode cheirar!

Meretriz não pode ter orgasmos com cliente!

Cachorro que vê poste e não mija?!

Brigadiano tocando na Filarmônica de Berlim...

E aí entro eu: amante não pode lavar as cuecas do explorado! Nunca, nunca, never, never...

Foi um passo para o declínio de minha formação. Quando me dei conta estávamos vendo, eu e Eike, O Domingão do Faustão e fazendo palavras cruzadas, comendo pipoca... Não é possível, não é possível”.

Olhem só o caráter dessa mulher! Eu que invento estou pasmo... Imagino vocês...

Mas escutem:

“Estou usurpando o papel da outra, sua esposa. Não é justo, não é justo! Uma terceira não pode pagar pelas minhas falhas. Não a conheço e nem quero. Deve ser uma próxima de uma coitada”.

Mas sempre tem uma luz no fim de um consultório. De repente, não mais que de repente, Madalena, de soslaio, percebeu que a Dra. Fernanda deixou de ser psicóloga e passou a ser uma pequena corça, virgem, à mercê das garras de uma loba experiente e faminta, a sós, nas savanas desertas da África.

Fernanda tinha tirado aqueles óculos de mulher direita e deixado o caderninho de anotações da consulta de lado, num flagrante desvio de função, um sinal de fraqueza... Para o bem ou para o mal, sei lá a essas alturas! Uma loba que é loba,

mesmo que esgualpada, ressurgue das cinzas e, fazendo jus a sua genética, age, toma as rédeas da consulta, e...

Ahhhhh! Simmmm!!! Curiosos, sem perguntas! Sem perguntas! Sigo.

Nessas alturas do campeonato, a Dra. Fernanda passara a ser a Nanda, e Madalena, a Madelaine, não me perguntem o porquê... Bem, a loba tomou a iniciativa e... olhem só o que aconteceu.

E as duas abraçaram-se e desandaram a chorar, e as lágrimas comungando em cascata, escorrendo entre rostos e pescoços desnudos, colados, naquele clima úmido, num cristalino convite ao amor, peito com peito, arfando, pernas bambas, mãos descontroladas percorrendo périplos inconfessáveis. E como pano de fundo aquela musiquinha de consultório traçando uma sinfonia de Beethoven regida por Amado Batista. Aquele ambiente com todo esse combustível de vetusto assumiu ares de um lupanar acolhedor.

Sim! Por que não? Pensou a amante ressuscitada.

Por que não? Sim! Pensou diabolicamente a pretensa ingênuia.

Nesse momento, o telefone toca. Mais ou menos assim: Primmmmm! Primmmmm!

“Dra. Fernanda, o seu esposo na linha, Dr. Eike, pergunta se a senhora pode passar na lavanderia e pegar as roupas” – a pentelha, inoportuna, incompetente da secretária veio atrapalhar.

Jaguara! f.d.p!, pensara a Dra. Fernanda em responder ao consorte. Mas calma, muita calma num momento como este.

“Ok! OK! Diga que sim”. E desligou.

Enfim, recompostas, alguém falou:

“Tomemos uma bebida. Chá? Não! Café? Tampouco! FANTA Uva não é hora! Uma bebida forte, o clima exige! Tequila, por que não?”

E assim começa um colóquio que pode ser o início de uma história entre duas filhas de Maria. Não defino o desfecho, coloco ao arbítrio de cada um o enfoque que queiram dar. Bonito, doloroso, ou indiferente, ou se estender ao infinito... Decidam. O imponderável da vida e o aleatório das coisas - como elas acontecem - assim se revelam. É só começar.

E tem outra. Tenho mais o que fazer. Não querem pensar?! Querem bolinha picando?!

Eu invento o caso e ainda tenho que dar o final?! Péra aí, porra! Tudo eu, tudo eu!

Garçom, a saideira!

Os fantasmas do Pulador

“Este conto ficcionista inspirou-se na leitura dos livros Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo e O massacre dos porongos & outras histórias gaúchas, ambos de autoria do historiador Paulo Monteiro. Foi dada relevância especial à Batalha do Pulador”.

É... O fim está chegando. O velho gaúcho, já gasto pelo tempo, curtido pelas intempéries, teve esse pressentimento naquela quarta-feira. Fez suas orações para sua santa Maria Pequena, com uma devoção muito maior do que nos outros dias, e até pensou que, talvez, o momento de falar-lhe pessoalmente estivesse próximo.

De qualquer maneira, fosse qual fosse o sentimento de epílogo, iria manter a mesma rotina de muitos anos, prazer que se lhe impusera, muito embora soubesse que no retorno levaria uma tunda de laço de sua companheira. Fazia parte do ritual. Apanhava sorrindo. As chicotadas desferidas com rabo de tatu, vara de guamirim, ou até de

placava, tinham um significado. Fora e voltara. Abusava dos prazeres da cama, da comida, da bebida e, como todo borracho, voltava aos braços da mulher amada. E ela sabia disso.

Também, entendia como justo, chegava ao amanhecer no rancho tapado de canjebrina, com aquele cheiro inconfundível do chinaredo e sem nenhum pila na guaiaca. E por que não, então, carinho da chibata, tendo como algoz a mulher de sua vida? Não sabia dizer que prazer maior: a ida, o resfolego no puteiro, ou o afago do retorno.

Nos dias posteriores, a vida seguiria igual, ali no fundão da Estância dos Mello, onde nascera, se criara e teria seu fim. Levantava com o nascer do sol. Fazia a recorrida no campo branqueado de geada, desempenhava a lide campeira, voltava a tempo do amargo, doce com a presença dela. Sem conversa. Entendiam-se assim. À tardinha, nova campereada, e o açoite do minuano a fustigar-lhe o corpo. Volta ao calor da casa.

E isso dia após dia. Até que o próximo ano chegasse, e a cada 27 de junho nunca soubera o porquê, seria novamente sua redenção, combustível na medida para alimentar-lhe a alma e o corpo. E deixá-lo pronto para a faina que se seguiria. E isso ano após ano.

Na tardezinha, antes do pôr do sol, partiu, zaino encilhado, bons pilas na guaiaca, barba aparada, melena gominada, exalando água de cheiro pelo corpo, espingarda e arma branca à mão.

E ei-lo ali, na bailanta da Papagaia, pertinho da Raia do Toco. Corria à boca grande na comunidade libertina campeira que aquela casa de tolerância era abençoada com a presença rotineira do padre Ramos, que inclusive teria ali uma afilhada exclusiva, sem pecados, por certo.

Antes, como sempre, passara no povoado, acertara as contas com o Juca Tigre, dono da bodega, negociara uma carga de melancia, atualizara as notícias e tomara um bom trago para aquecer a alma e abrir as ideias.

Aquela noite estava sendo ímpar. Tivera, desta vez, atenção especial da dona do bordel, que lhe concedera os serviços de uma novidade, Mercedes Delatorre, castelhana, linda, sensual, que estava estagiando na casa, provinda da fronteira e que o alimentaria naquela noite.

Outra não poderia ser melhor. Fina, experiente na profissão, vinte e tantos anos na lide e, com certeza, conduziria o embate de forma que o gaúcho, já na “capa da gaita”, pensasse que tivesse tido desempenho a contento. Ah! Y aquel acento dábele algo singular. Valorizaba el entrevero por entre los pelejos.

E o destino a colocara ali, naquele momento, a oferecer-lhe a oportunidade de uma boa ação, conceder prazeres simbólicos àquele ente necessitado de afirmação e curtir, talvez, nesta vida, pecados de uma outra.

E assim foi... Chegara a hora da volta. Aquela noite, especialmente fria e escura, madrugadita, cabaré vazio, só ele, o gaiteiro que não se dera conta do final da noite e seguia dormindo, dedilhando a sanfona encardida, gaguejando a mesma vanera preguiçosa, sem mudar, e as gurias, na varanda, protegendo-se do minuano, acompanhando a triste partida, certificando-se que o taura conseguira montar o zaino. E ele tapado de canjebrina, seco dos pilas, com o inconfundível cheiro do chinaredo, agora especial, de uma estrangeira digna de uma despedida. Campante da vida. Como sempre, pensara, não negara fogo.

À medida que se afastava, agarrado ao pelo do parceiro, conseguira olhar para trás e perceber, ainda, os abanos de suas irmãs, e as chamas trêmulas dos candeeiros definhando. Como ele.

Pocotó... pocotó... pocotó...

Agora passaria o velho atalho até seu rancho. Chegara no limite do campo mal assombrado e como num passe de mágica o efeito da cachaça passara, e ele, inconscientemente, empertigara seu corpo franzino. Empunhava sua espingarda taquari e a faca solinger da Tramontina, tal qual um oficial farroupilha. Invocava Maria Pequena, não para protegê-lo, mas para lhe dar força para o combate, se este se lhe oferecesse, e o fim, fosse qual fosse, desde que com valentia.

E o cavalo, de matungo, assumia o porte de um árabe, digno do nobre que levava. Este não falava, mas entendia o que seu dono queria dizer. E estava pronto para tudo, inclusive oferecer-lhe seu corpo como muralha amiga, para protegê-lo.

O transcorrer daquele percurso era mágico, ambos, cavaleiro e cavalo, sestrosos, sentiam sons da artilharia metralhando seus inimigos, investidas de infantaria, homens terceando ferro, gemidos e gritos de dor e de guerra, cavalaria fustigando. Avançar! Recuar! Verdadeira batalha campal, estupidez de uma luta fratricida. Daí a posição de “em armas” assumida por cavalo e cavaleiro.

Mas o sentimento procedia. Embora não os vissem, eles estavam ali, fantasmas combatentes, republicanos e federalistas, protagonizando aquela luta feroz, e a contenda só cessava num momento, como aquele, para que Blau desfilasse, naquele palco, a 27 de junho de cada ano... E as tropas ensanguentadas, suarentas, fedidas pelo entrevero cessavam a insanidade da refrega e prestavam continência, reconhecendo um dos seus, ao som do clarim guerreiro.

E Blau, num gesto consciente, que pensara sempre como loucura assumida, não sabia para quem, nem por que tapeava o chapéu, levava a palma da mão, trêmula, à frente, respondendo um cumprimento militar, e o cavalo, agora puro sangue, acompanhando o cerimonial, marchava solenemente por entre os espectros guerreiros.

Esses minutos necessários para percorrer aquelas poucas braças cobertas de macega, enfrentando o corte do capim cola-de-burro, serpenteando banhados e valos, circundado por mata, eram intermináveis para os vivos e os mortos.

Gracias, Maria Pequena... pensara Blau. Conseguira chegar ao fim daquela jornada, no limite do alambrado, não que este tivesse marco, mas sim porque percebia, como sempre, os quero-queros como que o aguardando em distância que os protegesse de balas perdidas, e escoltavam, então, o gaúcho velho, agora bêbado novamente, em segurança, até seu rancho.

E tão pronto seu cavalo, agora assumindo sua condição de matungo, transpusesse as patas do limite invisível do campo de batalha, a luta insana, sanguinária, retomava toda a ferocidade, até que um vencedor [quando?] fosse definido.

O agora capitão Blau assistira tudo de cima.

Não se reconhecera. Meu Deus! Aquele corpo desminluinguído era dele.

Viu a chegada de sua companheira de manhãzinha, alertada pelo voo rasante e o palavreado dos quero-queros esganiçando um rekue etern, avisando que algo de anormal acontecera.

E a mulher, miúda, silenciosa como sempre, dobrou-se sobre o corpo inerte e frio de Blau e chorou, resignadamente.

Escoltou seu próprio féretro, caixão pobre sobre uma carroça, até o Cemitério da Cruzinha, acompanhado pela sua mulher, toda de negro, e de seu filho Aparício que viera da Estância dos Cunha, de Ponche Verde, para o infausto, e que ficaria ali com a mãe e assumiria a mesma rotina de Blau. Toda...

Mais não viu. Retirou-se ansioso para apresentar-se a seu comandante e retomar seu lugar na Batalha do Pulador, ali no campo dos Mello... Quem o aguardaria, que forças

reforçaria, a que general prestaria continência? Rodrigues Lima ou Gomercindo Saraiva?

A cerimônia fora breve, poucas palavras do padre Ramos. Naquela vida, Blau nem biografia tinha. Pouca coisa a dizer.

Aparício, agarrando sua herança, espingarda e arma branca, perguntou à sua mãe, já pensando em seguir os passos de seu pai: “onde fica a venda do Juca Tigre?”. Começaria por lá.

Montou no seu cavalo, apertando-lhe levemente suas ilhargas: “vamos Pica-Pau!”, imprimindo mudança na marcha, mais acelerada, quase num trote, agora galopando, varando aquele campo tapado de capim cola-de-burro, com o vento frio a pentear-lhe as melenas, gritando Biiuuuhhhhuuuuuuu! Chinaredo, aguarde-me.

Não pensasse ele que sua condição de galo novo ciscador seria passaporte, para incólume cruzar o atalho. Faria, sim, continência sem saber a quem, cavalo e ele sestrosos assumiriam posição “em armas” e sentiriam que algo acontecia ali, doutro mundo, clamaria, sim, pela proteção de Maria Pequena e que num futuro seria um deles. Junto ao capitão Blau ou não?

Mal sabia ele que de seu pai herdara não tão somente armas, mas também a tempera e o destino...

As seis filhas do veio Natalino

Alguém sabe o que que é melhor do que doce de mãe????

É retoço com prima! Alguém discorda?

Esse que falou aí é Beto, o letrado. Habitante aqui do Bar e meu parceiro de mesa nesta página. Na verdade disse uma grande verdade nessa pergunta e resposta. Reconheço a qualidade do dito, que escancara e intui significados de mais alto quilate cultural, filosófico, mas... Cala-te, Beto! De guela seca não vai. Garçom, a saideira. Serramalte!!

Bueno, já que é assim, vou contar um causo pinçado de priscas eras, não sei ao certo se na primeira ou se na segunda guerra, mas que aconteceu, aconteceu, juro de pé junto! Foi comigo!

Meu véchio comprou uns metros de terra lá pela bandas de Bom Recreio, colônia de Passo Fundo. Chegamos à terra prometida com uma mão na frente e outra atrás, de carroça, com meia dúzia de galinhas angolista, um galo carijó para dar conta das penosas e garantir o pedigree da raça, duas garrafas de canha, um jogo de baralho, uma eguinha, um potrinho e muita vontade, mas muita mesmo... De não fazer nada. Mas não fazer nada naquelas grotas era impossível... Por uma questão de sobrevivência, tivemos que fazer uma hortinha com uns pés de couve, plantar dois pés de bergamota e, para complementar, o mínimo para uma subsistência digna, surrupiar alguns leitões e espigas de milho de nosso vizinho lindeiro de terras. Tô falando do veio Natalino, dono da gleba vizinha, empreendedor nato, italiano trabalhador, exceção da raça, caprichoso que só ele na lide campeira. E pai de seis gurias.

E é por aí que começa o enrosco!

O seu Natalino, logo, logo, se deu conta que o estoque de seu portfólio agropastoril não fechava e desconfiou com quase cem por cento de certeza que seríamos nós os meliantes. A coisa ficou feia pro nosso lado. Tavam falando em vendetta, doutor

advogado no meio, a Federal com a Delegada Helô no nosso pé, e o pior, o pior, iam acabar chegando nas razões pelas quais fomos corridos de nossa terra de origem, fronteira com algum país qualquer – omito por questão de segurança – que considerava contrabando crime grave, imaginem só. A injustiça campeia neste país... Que fazer... Que fazer... Exageros da lei!

Para apaziguar e dar um basta naquela pendenga, o que nos interessava, a comunidade elegeu como mediador entre as partes, numa reunião realizada na cancha de bocha da Igreja, o padre Francisco, argentino, mas gente boa, dizem que mais tarde autoridade eclesiástica em Roma.

Religioso ladino, sagaz, capaz de botar fogo em campo em dia de chuva, não teria dificuldades em mediar o impasse, o que efetivamente fez.

Ficou acertado a título de reparação, depois de quase duas semanas de visita do padre na casa do italiano, que um de nós faria uma visita com o intuito de conhecer uma das jovens e, talvez, talvez, entabular um colóquio social que culminasse com um enlace matrimonial. Até hoje não se sabe se o Natalino se curvou aos argumentos do padre, ou se o que apressou o acerto teria sido o fato de que o estoque de vinho, linguiça e salame que o religioso consumia nas visitas intermináveis de dias diminuía a olhos nus.

Não precisa nem dizer que o degas aqui foi o escolhido para tirar a famiglia desse impasse, pois, modéstia à parte, era um rapagão forte, talvez por ter mamado até os dez anos de idade, único que sabia ler e jeitoso com o mulherio, que o digam as gurias da Boate Chantecler, perdidas que eu procurava nas visitas financiadas pela expropriação de parte ínfima da produção do vizinho.

Paradoxal, paradoxal, eu vagou a não dar mais o salvador da lavoura, hehehe...

Na verdade, na verdade, a primeira impressão que tive das ragazzas logo que as vi numa quermesse da Igreja não foi das melhores, mas, com o passar do tempo, minha opinião foi mudando, talvez porque havia uma carência enorme da espécie nas redondezas, somada ao fato de a zona ficar algumas léguas longe, o que seria um atenuante àquela necessidade básica, me deixava com a sensibilidade a meia boca. Mas, gurizito esperto, penteado que só eu, resolvi não ficar somente com aquela impressão superficial e me dispus a examinar melhor a disponibilidade. Enfim, eram seis. Nada melhor do que espiá-las no banho diário na cachoeira ao final da tarde, quase ao entardecer.

Pulei a cerca, andei algumas jardas, enfrentei uma capoeira das brabas e me aboletei estrategicamente no meio do pastizal. Acomodei-me como pude naquele ambiente inóspito, protegi-me debaixo de uns pés de carrapicho de modo a ter uma visão privilegiada daquelas, agora, verdadeiras ninfas confundindo-se com sereias nadando cachorrinho graciosamente naquelas águas barrentas e cantando La bella polenta. Que coisa mais linda! Só não contava que o lugar escolhido fosse ali, ali, juntinho com um ninho de cobras naja, perigosíssimas. Que situação, que situação... Fiquei petrificado, eu olhava pra elas, elas olhavam pra mim, balançando os guizos, ameaçadoras. Um olho nas moçoilas, não queria perder nada, o outro nas cobras. Não podia fazer barulho que me denunciasse... um peido n'água seria suicídio. Que faço??? Não tive dúvidas, repentinamente, silenciosamente, dei um bote com a mão esquerda no réptil maior e, é de não acreditar, fiz um nó de escoteiro na bicha. Serviu de exemplo. Foi um esparramo de ofídios fugindo que só vendo! Um casal delas foi parar na Índia!! Vejam só...

Enfim, afastado o perigo me dediquei a espreitá-las com os dois olhos. Mas não digo nada pra vocês...

Sim, nessas alturas não era só o Beto quem me acompanhava; mais companheiros de ócio desse estabelecimento se apinhavam ao meu redor escutando o caso - que espetáculo, que espetáculo!!!!

Por favor, por favor, não insistam! Não insistam! Sou um cavalheiro e ademais minha intenção ali não era locupletar-me com a visão de deusas nuas repousando por sobre vitórias-régias da serra, mas sim eleger uma delas como minha favorita com o nobre objetivo de uma união estável, se bem que pensei, que produção de primeira... p.q.p. Mas o caso é longo e preciso hidratar-me. Garçom, levanta! O bicho veio tava sentado ali junto à turba, embevecido com a narrativa, deixando o abastecimento etílico à deriva, com a cumplicidade do dono do Bar, também babando pelo transcorrer da saga.

A Saideira, desta vez, Gazapina! Bradei para o irresponsável de gravatinha. Tava pensando o quê? Que era garçom do Lula?! Que que é isso!!

Glu, glu, glus, no ponto. Que baita trago!

“Segue, segue! Adelante!! E aí??” O povo me incentivava a prosseguir.

Bueno, já que é assim, retomando... Tomando... Continuei deitando o latim.

Elas tavam tão próximas, tão próximas de minha retina, ali, ali, à mão de meus olhos, que rapidamente, não mais do que duas horas, bati literalmente o martelo n'água. É ela! É ela! A filha do meio do veio, jeitosa que só vendo. Messalina tinha sido a escolhida pelos simples fato de ter postado na batata da perna esquerda um bandaid protegendo a ferida causada por uma mutuca. Esse pequeno detalhe, que me cativou, diga-se de passagem, prova que a sensualidade de uma mulher está onde menos ela pensa que está e mais onde nós determinamos que esteja...

Quem leu Proust sabe disso, talvez Beto, o letrado. Agora, o resto....

Vendo aquela plateia ali sequiosa pela narração, concluo que isto não é mais contar um caso, assume dimensão maior. Modéstia à parte, me sinto proferindo uma conferência como se o Bar fosse... Bueno... Uma abóboda celestial, com seres intergaláticos hipnotizados, clamando por um final feliz... Vamos adiante.

Marcada a data da visita, num domingo de Páscoa, almoço ao meio-dia, me apresentaria a família. Preparei-me; melhor, prepararam-me. Os meus, cientes do significado de que eu me apresentasse condignamente, me amarraram com arame farpado (não era muito chegado a banho), me colocaram numa tina e me esfregaram, me esfregaram. A sujeira era tanta que tiveram de mudar a água umas cinco vezes, acho que perdi uns dois quilos só ali... Caçaram piolho por piolho, trataram as frieiras com soda cáustica, e, o pior, dizimaram minha colônia de chato, adquirida nas minhas visitas na Chantecler aplicando methiolato puro. Essa eu senti. Não pelo desconforto. É que a gente acaba se apegando aos bichinhos.

Mas o resultado foi muito bom, ao final estava brilhando. A impressão que dava é que haviam me aplicado parquetina e lustrado com um uma enceradeira Walita...

Bem, chegou a hora de partir. Lembro-me como se fosse ontem. Na falta de arreios, peguei o pequenino colchão de palha de milho do bercinho de Neno, meu maninho mais novo, coloquei na eguinha e parti sob o olhar orgulhoso de meus entes queridos. Pocotó... pocotó... pocotó... Eu, a eguinha e, nos acompanhando, o potrinho, rumo à felicidade!

Escuto ainda hoje, nostalgicamente, a voz da Mama recomendando aquilo que todos nós um dia escutamos quando íamos visitar alguém.

Modos, meu filho, não arrote à mesa!

Não limpe as mãos na toalha de mesa!

Filho, não deixe a camisa pra fora das bombachas!

Fica feio coçar!

Não escolha comida! (Se ela soubesse que já tinha me definido).

Cuidado com o os ovos!

Com esta última, meus parceiros ouvintes assentiram, balançando as cabeças – “que mãe, preocupação até com isso!”.

Pessoal, por favor, por favor, ela se referia a um balde com ovos de avestruz que estava levando como mimo à dona da casa, minha futura provável sogra.

O que era para ser uma jornada épica, no transcorrer, transformou-se numa tragédia turca. Tava sentindo a bombacha úmida e com um incrível cheiro de mijo. Claro, claro, não poderia ser diferente, o colchão do nenê... Mas... tava com as entrepernas assadas em razão da pouca proteção que o arreio improvisado oferecia. E, ainda como se não bastasse, a eguinha aprontou na chegada... A cada passada na frente da família do italiano, perfilada me recebendo, começou a flatar desbragadamente, sem cerimônia. Cada pocotó era um matraquear de foguetes. Eu sabia... Eu sabia... A eguinha desconfiou do objetivo de minha visita e fez aquilo como vingança, ciumenta que só ela. Ainda bem que não falava...

"Bahhh! Que situação! Santo Onofre! Não interrompam! “Conta mais...”, a plateia exigia.

Bueno, vamos lá. Passa a garrafa!

Quando consegui frear a Mimosa, preparei-me fazendo pose para neutralizar aquele meu estado deprimente e, então, apeei repousando o pé naquele chão, num movimento simbólico de posse das terras que um dia seriam minhas, ao mesmo tempo em que lançava um olhar apaixonado para Messalina, que estava linda, linda, sorrindo meio que sem graça, como a mulher daquele quadro famoso, a, a...

“Mona Lisa”, completou Beto, o letrado. Que cara chato! Me interrompe... Pensa que eu não sei?!

E aí, e aí, meus camaradas de trago. Sabem onde eu pisei, com pose, olhar e tudo o mais, com as botas novas de couro de zorrilho que papai tinha me emprestado...? Numa merda de cachorro, daqueles que comiam banha e que a produziam com qualidade, fedidas, das antigas, que emplastam, diferente das modernas e inodoras de hoje.

Eu naquela condição degradante, as pernas arqueadas tipo cowboy – o entrepernas em carne viva – a bombacha numa fedentina desgraçada, as botas em estado lastimável, consegui chegar à mesa amparado pelo padre Francisco, que não parava de mascar torresmo – naquele tempo não existia chiclete – sentei, sério que nem guri cagado atrás da casa, acompanhei as orações, e, graças a Deus, graças a Deus, foram liberados os comes e bebes. Pensei: o pior já passou... Ufa.

Lá pelo meio do almoço, uma balburdia só... Imaginem uma mesa farta, a italianada parlando, parlando, consegui lançar um olhar fulminante pra Messalina e pensei: é o momento de dirigir-lhe a palavra. Mas eis que, desgraça pouca é bobagem, de repente, gritos de alguém aos quatro ventos:

Il puledro sta mangiando pancia della giumenta! Il puledro sta mangiando pancia della giumenta!

De fato, a impressão que se dava de longe era que o potrinho estava comendo a barriga da égua. Claro, pensei, de novo o colchão de palha de milho do Neno. O potrinho, com fome, vendo aquela porção de palha de milho cheirosa e úmida repousando por sobre a barriga da Mimosa, não teve dúvidas...

“É bem possível, bem possível. A urina é rica em ureia, o que enriqueceu a palha de milho e a tornou agradavelmente palatável”. De novo, Beto, o letrado dando pitaco no meu caso. Deixa pra lá.

Foi aquele alvoroço, todo mundo levantando, inclusive eu, que ao fazê-lo, arrastei a toalha de cambraia de linho da mesa, a louça da bisavó da agora minha quase ex-sogra que tinha vindo das Europa de navio, a sopa de agnoline, aquele vinho especial para a ocasião, um prato de sagu dos deuses, enfim... Tudo no chão. O que aconteceu? Já explico! Inconscientemente, lembrando das recomendações da Mama – filho, não deixe a camisa pra fora das bombachas! – peguei, inadvertidamente, já meio tchuco, uma ponta da toalha e botei pra dentro das bombachas. Deu no que deu. Obedecer mãe de vez em quando dá nisso!

“Tenho uma dúvida. Se eram seis, como tua escolha chegou à filha do meio????”. Esse imbecil aí é o Doisidois Sanquatro, o matemático do Bar.

Esse é um mal que eu tenho, perco o controle de meus próprios personagens. Eles adoram estragar um conto desse naipe levantando detalhes inconsequentes. Esse é o resultado de ser um democrata nato. Que que eu faço? Sigo o caso????

“A saideira? Pode ser uma Nortênia????” – que pergunta oportuna do garçom. To salvo!

Sim, sim, a saideira!

E continuando, aquele prato de sagu foi cair exatamente no colo... Aí as moçoilas começaram a rir... O italiano gritou: esse guri só dá prejuízo, nem pra roça serve. O padre se desconcertou e disse: fique com a mula dele e tá tudo bem pago. Eu já não sabia pra quem olhar. A confusão estava formada. E já que tudo estava perdido, perdido e meio, eu disse: a Mama tá me esperando. E sai correndo a pé mesmo. Até hoje não sei no que deu aquela confusão...

Sinto pela Mimosa! Passa a garrafa!

A saga do bisneto do Coronel Lólico
e de sua égua Mimosa

E aí, nobre colega de trago, tomamos uma gelada!??

Não, gracias, não posso beber, estou tomando uns antibióticos...

Mas, parceiro, esse tal de antibiótico não vai alterar o sabor de uma gazapina.

Bem, se é assim, vamos lá! Mas só se contares um caso, contrário caso, te acompanho... Se estiver no ponto...

Bueno, bueno, tá bem, tá bem... Esse caso não é meu, foi contado por um sobrinho de um amigo de um compadre que o repassou, pedindo discrição, razão por que peço que esse assunto não extrapole a mesa deste Bar. Mesmo com essa origem fidedigna, posso afirmar, com mais ou menos convicção, que cinco por cento é mentira.

Feitas essas ressalvas, vamos lá.

O tal de personagem, radicado lá nas grotas, entre Pinheiro Torto e o inferno, cansado de tomar café de cambona, resolveu dar um tiro noutras paragens, carente de outras carnes. Planejou dar uma bordejada na cidade, entre uma coisa e outra, e mais na outra, frequentar o alto meretrício, já que o baixo, a boate Chantecler da zona rural, é por demais conhecida e não oferece grandes novidades.

Em casa, para a patroa, disse: “vou até a cidade comprar fósforos” (quem morou no interior, naqueles idos, sabe o valor de um palito de fósforo). Claro, claro, no retorno traria como agrado para a sua consorte Leite de Rosas e para a gurizada, chupaganso ou caramelo de cachaça. E também bombрил, sabão em barra, anil, creolina, essas coisas de limpeza... Imagine a felicidade da mulher em receber aqueles agrados.

Tiro curto, tiro curto, poucos dias, em touro longe dos pagos até vaca magra bota corno!!! Não dá para facilitar, pensou. Mas não ia sair assim no escuro.

Buscou aconselhamento com o padre Antão – as boas línguas diziam que teria fugido de um seminário com a professora de catecismo, flagrados em alto pecado capital, isso na visão da Igreja, e pecado de primeira para os comuns dos mortais. Mas, mas, o enviado de Deus, entre um martelo de cachaça com casca de bergamota e um de semente de pêssego, indicou como alternativa a casa da Dona Imaculada como de confiança.

Olha só o que religioso disse para nosso herói: “pecador, paga um pouco mais, solta o capim, e evita uma série de constrangimentos. Aqui na Chantecler fui apontar o caminho da salvação para as perdas e fiquei engalicao, me custou trezentas ave-marias e trinta e duas injeções de benzetacil, fiquei com a bunda que era uma peneira e com o risco de cortar uns trinta centímetros do pinto, e de lambuja noventa dias de resguardo. Uma gonorreia que nem São Jorge conheceu!!!!”.

Amigos, colegas de vício, estou contando o que o neto do tio de um compadre do meu amigo contou. Por favor... Não me responsabilizo. Pelo depoimento ilibado do padre, nosso personagem ficou ciente de que o bordel da Dona Imaculada era de primeira, chinaredo da mais alta estirpe, com carteirinha do centro de saúde, menu já com os preços tabelados, instante tantos contos..., pouso um pouco mais..., um bom gaiteiro na bailanta tantos pila..., e por aí vai.

Disse que gerenciava o estabelecimento com pés de ferro – dava patadas em quem tentasse denegrir o ambiente com boas condutas –, coisa de louco! Borracho não entrava, só saía. Enfim, estabelecimento confiável.

Bueno, com uns ditos de apresentação para a Dona Imaculada no verso de um santinho como recomendação, com a bênção e cumplicidade do prior e, o mais importante, com a absolvição divina garantida em seu retorno, seu velho poncho, oitocentos contos na guaiaca, deitou o nosso personagem a melena com destino à cidade.

Foi a trote, a trote, viagem demorada, não podia exigir muito da Mimosa, égua tubiana, já com bons anos no lombo, com quem mantinha uma relação afetiva, de anos. Na verdade, na verdade, fora sua primeira namorada. Num desses descaminhos da vida, ainda gurizote, perdera a sua companheira de vista, recuperando-a por acaso às portas de um frigorífico de Erechim. Ia virar mortadela ou patê francês, mas... Deixa pra lá, outro caso...

Depois de algum tempo, já no povo, passou num posto de gasolina onde deixou seu velho poncho preto herdado do Coronel Lolico, seu bisavô, para uma boa lavada, já que durante todos aquelas anos nunca passara por isso. Tava duro de sebo, poeira, pólvora, marcas de pontação de lança, resquícios dos entreveros entre maragatos e chimangos, e num dos bolsos, uma porção de fumo de corda, nestas alturas petrificado... Também, todo esse tempo... Para uma boa limpeza, só com aquelas mangueiras de lavar auto. Foi um alívio, a Mimosa chegou a trotar sorrindo, livre do peso daquela indumentária e da fedentina armazenada por anos e anos...

Bem, chegou à pensão do Gastão de noitinha, bem localizada, defronte à praça da cidade, aboletou-se num quarto onde pensou descansar. Quando acordasse, tentaria fazer as compras durante o dia e à noite procuraria o cabaret da Dona Imaculada e as suas maravilhosas trabalhadoras do sexo.

E o tal de sono não vinha, não vinha, culpa daquela claridade desgraçada provinda dos três bicos de luz acesos, de mosquitos organizados em esquadrilhas, fazendo rasantes, cursando com aquele barulho infernal, zummmm, zummmmm. Procurou uma máquina de flit, em vão. Tentou matá-los à cuspidada, nada. Assassinou dois ou três com travesseiro. Que falta fazia o poncho preto herdado do Coronel Lolico; pelo menos se cobriria. E como apagar aquela tal de luz elétrica? Era do interior,

acostumado a um bom candeeiro. Essas modernidades! Olha, vou te dizer... Que situação...! Até que, até que, desesperado, olhou para seu par de botas e... Solução. Nem o Lula pensaria nisso. Colocou-as, um pé em cada bico de luz. Pronto, resolvido, ficou escuro que nem boate de estrada. E vocês não vão acreditar; eu que sou contador de causo custei, imagine... O calor da luz aprisionado no interior das botas desprende o chulé que estava impregnado, e este, liberto, tomou conta daquele quarto e, com seu alto poder destrutivo, dizimou a mosquitama e de lambuja anestesiou nosso herói, levando-o a um sono reparador.

Momento, momento, posso perguntar? Se eram três bicos de luz acesos, como um par de botas resolveu a questão?, inquiriu o Doidois Sanquatro, o matemático do Bar. (Vou fazer que não entendi, este aí não é matemático do Bar bosta nenhuma, mas sim estraga-causo. Que vontade de mandar o cara tomar no...)

Sim, pois é, mas, veja só, e retomando o causo... Lá pelo raiar das dez da manhã, acordou, resolveu fazer a higiene bucal – tava na cidade – bochechando um copo de canha, e o líquido precioso foi dum lado, foi pra outro, dum lado, pra outro, e na hora de cuspir o conteúdo etílico, onde?, onde? No carpete, não! Não! Nunca faria uma coisa dessas, com a educação que tivera. Sem alternativa, fê-lo descer garganta adentro – glut, glut, glut –, quando ouviu esganiços de meretriz luxenta em perigo. “Aiiii! Aiiii!!! Socorrooooo!”. E espiando pela janela viu uma bela mulher dirigindo um fordinho, circundando a praça, sem conseguir fazê-lo parar. Reconheceu-a imediatamente, o destino se encarregara de reencontrá-la. Era a Messalina, a filha do meio do veio Natalino com quem quase casara. Sentou-se na cama imediatamente, já de bombacha, calçou um pé da bota, calçou o outro, mas, desgraça pouca é bobagem, os solados tinham se descolado – lembram do calor dos bicos de luz? – ficando só os canos, que permitiam a visualização de seus carpins amarelo-ovo, encardidos e furados no dedão maior. Que fiasqueira!

Mas não era momento para vaidades. Levantou-se assim mesmo, pegou seu laço trançado e disparou para a rua, procurando a Mimosa... Onde... Onde... Quando mais precisava da bicha, não a encontrava. E o fordinho dê-lhe fazer volta, a madama aterrorizada, o povaréu ali estático, a tragédia iminente, e, numa dessas passadas, postou-se valentemente à frente do veículo, preparando-se para lançá-lo, quando este parou repentinamente. Até hoje não se sabe se parou porque a gasolina acabou, se a motorista lembrou-se de colocar o pé na trava – mulher no volante, sabe como é – ou se carro achicou-se perante a postura determinada do taura.

Ainda escutando as palmas e ovações de uma multidão reconhecida pela sua bravura, retirou a mulher em seus braços, desmaiada, e vendo-a ali, inerte, à mercê de seus instintos mais primitivos, considerou o evento uma oportunidade única. Atirou-se sobre seu corpo acolchoado – ela tinha engordado um pouquinho –, beijou seus lábios apaixonadamente sem preocupações em ser boca a boca técnico, lançou suas mãos ousadas por sob a blusa e massageou seu coração, ali, naquele momento, representado por duas glândulas mamárias magníficas, trucidando seu espartilho róseo. Tudo, tudo, visando à recuperação daquele belo espécime feminino. Mas, mas... Nem todo mundo pensara assim.

Um bando de carolas e alguns invejosos chamaram as autoridades. Na sua visão, tratava-se de um tarado em plena atividade, um bêbado descontrolado, sei lá o que aquelas mentes mórbidas pensaram. Só sei que o jeep da polícia montada chegou em alta velocidade, com um brigadiando com a cabeça pra fora da janela fazendo Hummmmmmm Ummmmmmm – a sirena vivia estragada –, levantando um povaréu daqueles, donde saltaram cinco brutamontes e desgrudaram, agora nosso herói, de sobre o poema inanimado, imobilizando-o com algemas de cipó, evitando a

consumação de uma conjunção carnal em plena luz do dia na praça principal da comarca.

E o Sargento Tenório apeou gritando – “aos costumes, aos costumes, flagrante de estupro de vulnerável” – e ainda por cima metido a doutor advogado. Tem cada uma! “Façam o teste do bafômetro”, gritou um anônimo f.d.p. Lembram da higiene bucal? Nunca se preocupara com isso. Olhem só, produzira inocentemente prova contra si. “Gaúcho de meia tigela, vai calçar umas botas decentes!” – esse aí deveria ser de algum CTG.

Pelo que eu sei poncho não tem bolso... Como é que tinha um pedaço de rolo de fumo no poncho do gaúcho aí da história?, interrompe o compadre Arquimedes.

(Prezado leitor, poncho tem bolso? Ou não? E agora, que que eu digo?)

Tenha ou não, não importa, mas coronel naqueles idos de 1894 podiam tudo, portanto, tinha. E esse Lolico era um baita de um malabruxa, degolador de primeira!..., socorreu-me Beto, o letrado.

Naquele tempo tinha carpete?, inquiriu Anacleto, o joãozinho do Bar.

Chega, chega, ordem na suruba! Pessoal, não me interrompam, corro o risco de perder o fio da história, tomo a saideira e me mando se continuarem dando pitacos... Querem escutar A voz do Brasil, eu pego o radinho do Bar e ligo agora! Querem? Querem? No próximo caso não chamo vocês para personagem! Escolham!

Isso, isso, silêncio. Bem, bem, vocês não sabem da maior. Olha, é de arrepiar, é de não acreditar... Coisa de novela da Globo! A mulher do fordo era de fato a Messalina, a filha do meio do veio Natalino, só que na cidade era conhecida como Dona Imaculada. Saiu mocinha do interior para a cidade, onde fez carreira na putaria, tornando-se proprietária do bordel – de excelente prestígio, diga-se de passagem – mercê de seu notório saber e conhecimento técnico na arte da sacanagem.

Mas não pensem que a coisa acabou por aí. Mais uma situação constrangedora se interpôs no caminho do guapo, colocando sua virilidade em xeque. Ocorre que pela fricção de seu membro de maior valia e serventia no corpo incandescente da diva, sob aquela canícula, este até então inanimado, inerte, preguiçoso, tal qual um diplomata de carreira em férias em Cancun, ressuscitou abruptamente, transformou-se em um valente general inca na guerra do Paraguai, tomou forma, enrijeceu, avolumou-se e vibrou em movimentos de vai-e-vem, estertores ritmados, escandalosamente perceptíveis por sob a bombacha, arrancando-lhes gemidos lancinantes, uivos de dor. Nunca antes tivera uma câimbra daquela magnitude, tão logo no seu membro inferior representado por su pierna derecha. P.q.p. que nada. É puta que pariu mesmo, era momento de expor-se daquela forma, não bastasse suas botas sem sola?!!! Tinha que ter uma câimbra ali no meio do povo???!

Aquilo não foi nada perto do que viria. Loliquinho ainda pagaria mais pela intenção de molhar o ganso fora do casamento.

O descendente do Coronel Lolico tava na pior, sem dúvidas numa merda estadual! Atirado na masmorra gelada e úmida do presídio local, pensou no trapo humano a que fora reduzido, que fazer...? Que fazer...? Sem o apoio de seu guia espiritual, o padre Antão, ali arriscando sua honra, considerando as intenções lúbricas manifestadas pela massa carcerária no sentido de deflorá-lo, longe de sua amada esposa e seus diletos filhos, a perda irreparável da Mimosa, e o pior, o pior, seu coração e alma cozinhados em fogo brando – sua Messalina Imaculada, uma mulher de zona – e desgraça maior... É de chorar... O sargento Tenório, seu algoz, gigolô titular da dita cuja. Demais, demais mesmo para um descendente do Coronel Lolico. Pensou no pior. Ia dar um fim em seu sofrimento, um basta, um chega. Alisou seu laço trançado, pensou uma prece à Maria Pequena, sua santa para esses casos, encomendou sua alma e decidiu.

Caminhou firmemente até as grades daquele calabouço, pegou a corda de couro cru e – Maria Pequena, seja o que Deus quiser – gritou para os carcereiros que estavam jogando pontinho: “cambada de vagabundos! Aguento tudo! Menos o frio. Preciso de meu poncho negro para me abrigar, não aguento o ar gélido e úmido desta cadeia de terceira! Laço um forquinho, poderei laçar um de vocês, pústulas!”.

E os carcereiros tremeram nas bases, e um deles conseguiu balbuciar: “onde, onde?”. “Logo ali, logo ali, no Posto Ipiranga”.

Neste momento agigantou-se nosso herói, sentindo que as rédeas agora estavam em suas mãos. E decidiu, chamaria a...

Que fim levou a Mimosa?, inquiriu Berlusconi, o infiltrado do bar Oásis, me interrompendo.

(Viram? É de perder a paciência. Chega num momento que eu perco o domínio de meus personagens, é hora de bater em retirada.)

Pessoal, já tá tarde... Termino o caso noutra rodada.

Garçom, a saideira!

Pelo que eu soube, a Mimosa fugiu com um cavalo de carroceiro que havia conhecido na praça. Pelo menos fosse com um garanhão do haras dos Bertagnoli... Esse escritorzinho aí mente que é uma beleza!

Assinado:

O Dono do Bar

Namoro naquele tempo era assim...

Hoje não vou contar caso nenhum. Quero estar só nesta mesa de Bar pensando alto. Faz bem. Sepor acaso escutarem esta conversa introspectiva me digam: tenho ou não tenho razão?!

Namoro bom era o das antigas. Era assim naquele tempo, lembro...

Com a prima

Do flerte com a vizinha

Do beijo apurado

Do beijo no portão

Do beijo roubado

Do beijo com açúcar, então

Do footing na praça

Pego ou não pego na mão? Que dúvida atroz!

Como as coisas mudaram...

Meninas lindas, na melhor idade

Cabelos curtos, longos, em coque ninho

Rabo de cavalo, moda de gatinho... não importa, sedosos

De sapatinhos de dourada fivela, humm...

Quando pisavam, suspiravam flores

Quanta delicadeza, que coisa mais bela.

Queria um só pra mim

Para emoldurá-lo em minha retina!

De vestido, com tubinho de broderie

De saia plissada, pregueada, de tafetá, organdi
Petit pois, de chita, não importa, não vem ao caso
Todos eles envelopando tesouros franzinos, virginais.
Querem mais! Querem mais!
Do corpinho acolchoado, imaginava, que seios escondiam!
Satanás!!!! Lúcifer!!! Me protejam. O quê? Por santos clamar!?
Não, não, eles não entendem disso. Tetas são coisa pra diabo administrar.
Tocá-los nem falar! Só um pouquinho, por favor, num só... Prometo que com respeito...
Lembro que um leve toque nos peitos arrancavam suspiros de donzela em chamas
Muito mais que incêndio em Roma, sensacional, quemuito bem feito.
Medo de barata, que sensual. Aqueles miados Ai! Ai! Socorrooo! Isso não existe
mais... Hoje tão valentes, que lástima.
Passou, passou, não volta mais.
Como as coisas mudaram...
Meninas lindas, na melhor idade
Muito prazer! Seus lábios, mudos, carnudos, entreabertos, roucamente respondiam:
este prazer é todo teu!
De mel, besuntados de glacê, em carne viva, pintados com batom.
Ah! Batom! Sabor morango. Posso provar?! Não era meu? e então, por que sonegar?
Egoístas...
Te espero na saída do colégio!
Que tal um sorvete? Ah! Só se for de baunilha. Exigentes, podiam.
Te encontro na missa!
Me autografas um santinho? Não, não, foto do Elvis não tenho! Me nego.
Recebeu meu bilhete? Responda, por favor! De preferência em inglês, diga:
Y love you!
Ou talvez em francês, mais chique:
Je t'aime!
Melhor, taque um ósculo no papel e me mande. Mesmo que doa vou grampeá-lo no
peito para levá-lo sempre comigo até meu último suspiro no derradeiro leito. Juro, juro
por Deus nosso Senhor! Prometo! Assim será feito!
Era assim naquele tempo, lembro...
Esqueça, esqueça, esse tempo passou, passou...
Como as coisas mudaram... Ou mudamos nós... Mudamos nós.
Desculpem-me, hoje, só hoje, minha conversa no Bar mudou de tom, estou nostálgico.
Garçom, por favor, a saideira!
Oooo, garçom, por que estás chorando?! Não queria que escutasse isso. Chuta a
tristeza pro meu lado e me atende. Depois vem, vem, puxa uma cadeira... Tens um
ombro amigo... Toma um trago e conta teu caso, todos nós temos um. Qual a razão?
Quem foi a menina das antigas que enfiou uma baioneta sem fio em teu coração?
Homem de Deus, estás te esvaindo em sangue!
Estanque esse sangramento
Tire-a do pensamento,
Infante ainda... Faz tanto tempo, paixão empoeirada... Vencida...
Tenho a receita.
Teu caso é grave. Para esquecê-la, dê um jeito.
Uma é pouco.
Arrume outras. Simples assim.
Aqui entre nós, não sei não, não sei não.

O Bar está de luto.

Pois é... Pois é... O estabelecimento que frequento e que a partir dele conto meus causos está de luto. Luto fechado. Até meus personagens, Anacleto, Dilicia, Messalina, Padre Antão, o veio Natalino, Compadre Arquimedes e tantos outros choram a perda de um dos seus e respeitam a solidão a que me impus numa mesa do Bar, bebendo em silêncio. Escritores, poetas, contadores de causos, por mais mentirosos – ficcionistas seria o termo politicamente correto – que sejam, sempre, sempre, no fundo, em seu âmago, pensam e materializam através das letras seu próprio eu, afetos, desafetos, passagens, que de alguma forma têm a ver consigo mesmo. No meu caso, contador de causos, não poderia ser diferente. Um de meus personagens morreu, e com ele morri um pouco. O mais próximo deles. E o mais metido também.

De fato... De fato... Falando claro, já havia morrido antes em vida. Agora, a morte morrida, a de verdade, vem num dia, numa noite, ou numa tarde cinza de outono. Mas que chega, chega sem hora marcada, de forma silenciosa, sorrateira, violenta, mansa... Em razão de um tiro no peito, um vento frio nas costas num mês de agosto, uma doença ruim, estrebuchando de amor nos braços de uma mariposa, e até de forma ridícula, como a de um amigo que foi desta para a melhor atropelado por uma bicicleta ODOMO num beco sem saída e de mão única... Seja como for, ela inexoravelmente nos abraça, como abraçou aquele meu pedaço.

Esta passagem de meu personagem real foi triste. Muito triste e tihosa, por solitária, anônima e pobre, qualificações neutralizadas pela sua biografia rica e pelas lembranças que o particularizam como um tipo inesquecível.

E pela tristeza de sua partida, não houve lágrimas líquidas, mas secas, que não escorrendo se concentravam junto ao cérebro, potencializando lembranças de uma infância juntos traduzidas numa saudade boa.

Ah! Sim, tá bem! Sua trajetória poderia ter sido mais ou menos, menos mal, assim, assado, agora não importa muito. Feriu, foi ferido. Sim, certamente feriu seus amores como qualquer um de nós. Mas ao mesmo tempo em que falquejava corações com uma talhadeira, era capaz de em segundo negativo juntar os cacos de seu desatino e colá-los, um por um, com sumo de rosas, tudo na maior inocência, ingenuidade, simplesmente pela sua falta de talento de pensar e conviver com aquelas obrigações chatas – talvez necessárias – que norteiam as relações com nossos próximos mais próximos, e por optar, por motivos de força melhor, por uma outra forma de vida.

Ruim, bom, não importa. Sem julgamentos. Gostaria de abraçá-lo! Por que só agora, que não posso tocá-lo? Somos assim: em vida sonegamos carinho, beijos, afagos... Palavras doces também... Custa? Custa? Não, não custa nada. Então, por que não fi-lo antes? Agora, danou-se! Prometo, recupero tudo isso noutra!

Maria Pequena, invoco-a neste momento. Por favor, preciso de uma mão tua. Reconheço que não és Santa daquelas de milagres, mas sei de tua capacidade de escutar e compreender. Estás sabendo do ocorrido, peço que o procure, acompanhe-o, converse com ele, escute-o, em nome de nossa amizade, até que, mais ambientado, possa voar com suas próprias asas. Mas, cuidado, muito cuidado. Ele não admite que numa prosa não seja a primeira... E única palavra. E não fale em política, ele vai te converter em comunista de quatro costados, daqueles vermelhos de 1960. E às tuas amigas mulheres, não o apresente. Ele conversa com palavras de mel. Simplesmente chamarreie junto. Obrigado.

Bem, bem, chega de tristezas... Encerro por hoje. Garçom, a saideira! Sim, tá bem, mas pra que outro copo? Já tenho o meu!

- Seu contador de causo, Beto, o letrado, está aí junto com o senhor, na cadeira ao lado. Quer o abraço prometido. A Faixa Azul está no ponto. Sirvo?

Dia 24 de setembro morreu, de morte morrida, Beto Guggiana.

Maria Pequena: primeira santa popular passo-fundense.

Data : 01/01/2017

Título : Sonhos de um macho mirim

Categoria: Contos

Sonhos de um macho mirim

Se eu conto um causo para vocês? O quê? Não, não precisa de abaixo-assinado coisa nenhuma. Sei do tamanho deste Bar e do prestígio que me confere ao emprestar este palco para que deite conversa. Garçom, pode ir, traga uma gelada e meia dúzia de pastéis fritos na banha. Sim, guardo o teu lugar. Pessoal, abram cancha pro garçom passar! Amigos, apaguem os radinhos! Cigarros, só hollywood e de palha - charuto é pra intelectual. Cerveja, só de garrafa - de latinha, nem falar. Os de chinelo de dedo se retirem - isso aqui não é bar de praia. Guardem os baralhos, fechem a porta do banheiro, que a fedentina tá grande. Enforco com um pano de prato quem se mexer, e prestem atenção. Compadre Arquimedes, controle a lotação, não conto causo pra mais de cinquenta. Vem, vem, psiu, psiu, vem, Chuvisco (1), deite aos meus pés. Tudo nos conformes?

- O pessoal só tem uma exigência.

- Desembucha, Silveirinha!

- Tem que ter mulher no meio.

- Vocês têm cada uma! E eu lá conto causo abrindo mão desse gênero? Sempre tenho muito cuidado quando falo delas, evitando rompantes que possam parecer machistas. Quantos rabos de saia já deitaram nesta mesa de Bar e foram tratadas a pão de ló?! Milhares, porém, dentro do possível, porque ninguém é de ferro. Pois é.

Este vem lá de quando ainda era gurizito ranhento, remelento, nem cabelo no sovaco tinha, tempo dourado em que era feliz e sabia, época da minha vida em que mais tive mulheres, por sonhador - por saber sonhar, de transformar qualquer coisa, num deleite carnal. Este dom, congênito, foi potencializado por ter mamado até os sete anos de idade, que, segundo meu veio, era tiro e queda pra abrir as ideias e aguçar os instintos mais primitivos. Bem diferente da gurizadinha de hoje, criadas guaxas, tomando leite ninho e comendo papinha da nestlé, com as atenções voltadas pra montar lego e ver a galinha pintadinha, quando meus olhos, nessa fase, vagavam a torto e direito, catando bonitezas onde quer que se mostrassem.

Não é que um belo dia, quando caminhava rumo ao grupo escolar, curioso, pensando nelas, de que jeito seriam, ainda indeciso quanto a preferi-las indo ou vindo, a resposta se mostrou desnuda. Consegui vê-la só da cintura pra cima, aquele olhar indefinido,

fisionomia triste, quase sofredora, sendo tocada em plena luz do dia de forma indiferente, mecânica, pela figura ignóbil do turco Nacib, que, com suas mãos estúpidas, virava-a, desvirava-a, desvestia-a, vestia-a. Conheceram o Nacib, aquele que tinha uma loja de armarinhos na Sete? Bem, lembrarem dele ou não, não vem ao caso. Não acrescenta e nem desacetua.

- Bah! A mulher era amancebada com o turco?

- Silêncio. Silêncio, por favor. Senhores, mesmo que de relance, pela fresta que a cortina oferecia, vi tudo aquilo que meus olhos queriam ver. Se tivesse contado este caso em uma lancharia, bar de shopping, happyour de burguês, reunião de comunistas, os rotularia de seios, colo, busto, glândulas mamárias, regaços, mamas, mas aqui, num estabelecimento deste porte, só uma expressão e qualificação representa a alma deste Bar: belo par de tetas. Assim, na tampa! No diretão! Repitooooo! Belo par de tetas. E pra mim, definidor quanto a preferências futuras. Tenho dito e mantenho o verbo!

Puro cerne, duras, robustas, grandonas, aquele tom amadeirado, com riscos indicando delicadas veias, encarnando com louvor o padrão de beleza vigente naqueles anos, bem diferentes das mamicas anêmicas que batem perna por aí nos atualmente. Compará-las, à época daquela descoberta, às das coleguinhas do quarto ano, mesmo não as conhecendo pessoalmente, só de mirá-las, então, seria covardia pura... Senhores, borrachos, bêbados que me prestigiam com atenção; em resumo, diria que elas eram a cara dos anos cinquenta e alguma coisa. Querem mais, lá vai: vitaminadas, voluptuosas, avantajadas, arrogantes! Tamo chegando! Presente! Eis-nos aqui! Quase que dizendo: pegue-nos se tuas mãos forem capazes! Arautos do demônio, porta-vozes do prazer. Alguém duvida? Pois bem, em não haver controvérsia, sigo o caso.

(Leitor, desculpa os exageros aí de cima. É que, quando penso nelas, me emociono por demais, às vezes chego a chorar copiosamente).

Deslumbrado - pré-escolar no quesito -, tomei aquelas como preferenciais - pura devoção, vício, mania, sei lá o quê - para todo o sempre, sem, contudo, desmerecer e abdicar o que pra mim seriam anexos, indispensáveis, é claro, pois fazem parte do conjunto do corpo da mulher... pernas, bundas, pés... Bem, não sou radical. Vamos adiante na prosa.

Minhas idas e vindas se transformaram num passeio ao paraíso, pois podia fresteá-la, sempre esnobando beleza, embora com a mesma estampa triste naquele rosto sem vida. Lembro-me dela às vezes com um tailleur verde-couve - que elegância! -; outras com saia justa, vermelhona - como lhe caía bem! -; de tubinho de broderie - que gracinha!; em roupas íntimas - que frisson!; peladona, desvestida pra festa - coisa de louco! Até que, amigos, numa dessas surgiu aquele climão quando nossos olhares se cruzaram. Batendo olho no olho, senti - até hoje quando penso nisso, estremeço todo - que, em sussurros plangentes, me pedia socorro, que a libertasse do concreto, que lhe desse vida. Para mim, já naqueles idos, sonhador emérito, com coração ainda virgem, desejo à flor dos olhos, foi fácil e prazeroso. A partir daquele momento tomei-a para mim, inteira, tetas e coração - e pasmem, locupletei-me de sua flor, até então moça, o que por muito tempo embalou meus sonhos e satisfez meus desejos de macho mirim. Mesmo nas noites mais quentes que passamos, podia fazê-la gemer de prazer, arrancar-lhe suspiros os mais profundos, gozos os mais selvagens, sem, contudo, nunca, nunquinha da vida, conseguir tirar-lhe um sorriso, mesmo daqueles meio que sem graça - tipo da Mona Lisa -, o que para mim seria sinal de que entendia que não a considerava tão somente como mulher objeto. Algo mais brotava daquela relação etérea.

A última vez que a vi, dias antes da tragédia, foi a imagem da figura do insensível Nacib arrastando-a, como se fosse uma coisa qualquer. Quando percebeu que eu observava a cena - imaginem o flagra! -, disparou, entre grunhidos e vigoroso bafo de onça, cuspidando enxofre, através de boca povoada de dentes cariados, que nunca viram um colgate em suas vidas, uma fala em turco, mas que consegui traduzir, mercê da criatividade que brotava de minha cabeça: guri mijado, que tá olhando, pensa que não sei de você? PUNHETEIRO! Fechou a cortina de ferro nas minhas fuças. Jesus amado, que cagaço! Nunca imaginei que - além de Deus, que tem o dom de ver o que não acontece - o desgranido também tinha a capacidade de ler meus pensamentos profanos. Soube mais tarde que ela foi queimada, restando daquele delírio tão somente cinzas.

- Femicídio? Que tragédia!

- Viúvo tão cedo, que lástima!

- Ué! Cortina de ferro? Te explica.

- Dorvalino, Sócrates, Zeca. Já conto o resto. Garçom, traz mais uma! Lambari frito, no ponto! Sigo. Acontece que o turco Nacib, devendo até a alma pros fornecedores, jurado de morte pelo Cachoeira, o bicheiro da cidade, com toda essa gente no seu cangote, anoiteceu e não amanheceu na cidade. Bateu pé rumo a Soledade, com uma mão na frente e outra atrás, carreando da loja a bagulhada que pôde, incluindo a manequim. Floreou um tempo por lá, até a poeira baixar, quando então abriu uma padaria e, na primeira fornada de pão cabrito, lascou a mulher dos meus sonhos no fogo. O quê? Eu nunca falei que ela era de carne e osso. Ainda disse, lembro bem: de puro cerne. Espiava-a pela cortina da vitrine da loja. Simples. O resto viajava. E digo mais pra vocês: quem sonha nunca casará com a solidão, deitará sempre em cama quente, nunca só, e tão somente pra dormir, e tudo isso sem tirar um pila do bolso. Vocês têm cada uma! Porra!

- Bah! Te apaixonaste por uma mulher de tábua?

- Sargento Tenório, era o que tinha pro almoço.

- Quem tem fome nem vê bichinho na goiaba.

- Padre Antão, não corte minha prosa, desse jeito perco o fio da meada. Essa escassez na amostragem à época nos levava a ver maravilhas, exagerando um pouco até em unha de mulher. Ou, no caso que conto neste caso, numa manequim. Bem diferente dos dias de hoje, quando se mostram toda por aí. Que vergonha.

Por oportuno, já que estamos falando delas, tá circulando nas redes um movimento forte no sentido de liberarem geral o tal de topless. Já digo de antemão que sou frontalmente contra.

- Há controvérsia. A beleza é direito de todos!

- Amigo Marx, não estou dando pra trás, não. Vocês sabem que não recuso doce. Nem me posiciono desta forma em nome da moral e dos bons costumes, mas por interesse próprio. Imaginem elas - as tetas - soltas por aí, em plena luz do dia, se mostrando como são, nas mais variadas formas, estados, etecetera, etecetera... Talvez, num primeiro momento, arrancando nossos suspiros; depois, bem, depois, haverá uma tendência de comparação e escolhas, achando defeito aqui e ali; mais tarde, pela abundância, cruel indiferença. Invoco até a lei da oferta e procura, já sancionada pelos nossos congressistas e em plena vigência, graças ao bom pai do céu, para explicar o que aconteceria. Muita oferta... a mercadoria sobra no mercado. Já viram!? Portanto, que, dentro dos rigores dessa lei, transitem com total liberdade. E algumas de suas donas, despeitadas, que diriam? Não, colegas de sodalício, me recuso a desmascará-las. Nunca terão meu apoio. Prefiro-as cobertas, cheias de segredinhos, ousadas no ponto certo, delicadamente envelopadas em corpinhos de

fino tecido transando com pele fresca, seja da forma como for: sensualizadas num tomara-que-caia, naquele comportado com tirante rosa, ou, amigos, num meia-taça, para, então, com todo esse mistério, num cerimonial especial com sua dona, em noite de patrão, com amor, desvendá-las.

- Posso dar um talho na conversa? Eu me apaixonei por uma mulher inflável.

- Amantino, causo encerrado. Vamos pro truço? Quem se habilita? Garçom, a saideira!

1- Chuvisco: cusco chinelão adotado pelo Bar

Data : 12/01/2012

Título : Tesoura Cega

Categoria: Crônicas

Descrição: É uma tesoura exemplar, centenária, resgatada por Emanuela Gaviolli, junto a sua avó Iracy Ribeiro Scheleder, agora bem recente...

Tesoura Cega

É uma tesoura exemplar, centenária, resgatada por Emanuela Gaviolli, junto a sua avó Iracy Ribeiro Scheleder, agora bem recente, na cidade de Sarandi/RS, com quem teve a delicadeza e o respeito de extrair as informações da cronologia de sua posse.

Tudo começou com a senhora (acento de propósito pela época) Docelina Cruz, lá no Pontão/RS, no tempo em que Freud ainda era jovem. Passou-a para sua filha, Edite Cruz Ribeiro, que, a princípio, morava na mesma localidade, tendo se transferido para Encruzilhada Natalino/RS, até, finalmente, chegar a Sarandi/RS, onde faleceu, aos bem vividos 82 (oitenta e dois) anos.

Dona Edite a passou para as mãos de Iracy Ribeiro Scheleder, sua filha, que, nesta data, conta com 72 anos., lúcida e falante.

Interessante o depoimento de Dona Iracy quando diz que a tesoura “era pau para toda obra”, tanto cortava os cabelos dos filhos quanto servia para as atividades de costurar. Aí nossa imaginação mais moderna nos leva a acrescentar o corte do esparadrapo, recorte de papel, cordão umbilical... e o que mais? Sabe Deus!

Utensílios como este que se nos parecem comuns hoje, eram valiosos nos antigamente, ensejando cuidados especiais, o que se comprova com a sua existência conservada e funcionalidade preservada, não obstante ter passado por gerações, até os dias de hoje.

Quem pensa que a tesoura, aparentemente fria, sem vida, não inspira sentimentos fora o reconhecimento de sua utilidade, engana-se.

É o exemplo da composição de César Costa Filho e Walter Queiroz, o samba “Tesoura Cega”, valorizado pela voz de Beth Carvalho, que lá pelas tantas diz:

“Quem se perdeu do amor humano
é como tesoura cega
não tem mais direito ao pano”

Vale a pena ouvir e saborear

(http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=U2gdF_Lxi2k#!).

Do Blog
O Antiquário

Data : 01/01/2020
Título : Tragédia no pampa
Categoria: Contos

Tragédia no pampa

E aí, pessoal? A coisa continua encardida com esse tal de coronavírus. Mas não vamos apichar! Deus é grande, e com a ajuda de São Jorge nos emprestando o dragão, com Jesus gerenciando a crise e Lúcifer dando bênção, vamos longe! Tenho dito!

Mesmo nós privilegiados, em quarentena nesta Bar, onde ninguém entra, ninguém sai, não deixamos de estar cara a cara com a morte, o que nos encagaça um pouco. Até a aura natural de um ambiente deste porte – em que leveza, conversas jogadas fora, frequentadores complicadamente humanos, em que quase tudo se pode dizer ou fazer – fica alterada, travestindo-se de alma assustada. Esse caso que agora conto pra vocês tem muito dessa escuridão. Na prosa, script com mulher e seus conseqüências – traições, dor de cotovelo, mistérios do sexo, violência, onde pontifica a figura da Ritinha, que, soberana, puxa o cordão desta fala. Posso creditar a ela responsabilidade inocente pela tragédia que se sucede, à medida que vou pensando e botando pra fora essa história burlesca e amoral, revestida de hedionda ou teratológica, já que encerra um tabu vivo no inconsciente coletivo ainda hoje. Complicado pra vocês? Pois é! Na próxima, quem sabe chamamos Freud pra matar a charada.

E, como sempre, toda vez que conto algum caso, terminar não sei quando e como... Agora, começar é fácil. Simples assim: Era uma vez...

- Momento. A turma tá perguntando se vai ser comprido.

- Ué, não sei. E se for, algum problema, garçom?

- Não. É que se for daqueles que não terminam nunca, o estoque de corona não vai dar.

- Preocupação pertinente. Por precaução, manda vir mais. Onde é mesmo que eu tava?

- No era uma vez.

- Ah! Tá bom! Garçom, organiza a plateia e dá um toque no Mandeta e no Demócrito para que parem de bater boca. Caso contrário, rua pra eles. Todo mundo no seu quadrado? Pois bem, vamos lá. Era uma vez dois irmãos, quase crianças ainda, Ritinha e Bentinho, que viviam num fim de mundo, mas tão fim de mundo que nem de Deus tinha dó. Solitos, naquela imensidão de campo sem fim, que fazia fronteira com os hermanos, compartilhando a mesma solidão infinita. De orelhada, de uma fala daqui, outra dali, do conta de um pro outro, até onde minha imaginação alcança, consegui encravá-los no tempo como sendo lá por 1923, bem no meio da escaramuça do

Honório de Lemos sitiando as forças de Flores da Cunha, que defendiam com unhas e dentes a lendária Uruguaiana.

Bueno, seguindo, o casal de irmãos, cria de família bichada. O pai, Otacilio, morava dentro de um barril de vinho, extraviado por aí, perambulando pelas estâncias da região, fazendo changa, dormindo em alguma tapera, curtinho dor de corno. A mãe, Izaltina, segundo o Otacilio mesmo, mulher já mal falada quando desapareceu da vida da família. Dizem que se juntou a um major que passara por aquelas bandas caçando castelhanos, indo parar em São Borja, onde negociava sua honra a peso de ouro, a ponto de se estabelecer como dona do melhor bordel da fronteira. Esse era o diz-que-diz que corria solto na boca do povo, versão carimbada pelo próprio escanteado. Ou, talvez, estivesse fazendo a vida em puteiro de beira de estrada, como relatavam outros numa edição mais fraca. Então, em resumo, criados sem pai, nem mãe: guachos.

- Dá pra encurtar e falar da Ritinha? Boazuda?

- Calma, pessoal, tudo a seu tempo. Mas posso adiantar de fonte segura que se tratava de guria quase no ponto, peras querendo amadurecer, cadeiras despontando a mil, olhar serelepe, boca de beija-flor que, quando sorria, abria-se em leque mostrando dentes de marfim. Aqueles cabelos negros e cacheados, aquela cor de pecado, mescla de índia com negro – cafuza. Isso tudo e mais um pouco, no conjunto, traduzia-se em beleza pura. Ah! Já ia me esquecendo, olhando bem de pertinho, era possível perceber pitadas de sangue azul a correr em suas veias, assinalando traços nobres em sua fisionomia. Em síntese, posso afirmar de cátedra: tinha tudo do bom e melhor! Porém, nessa altura do caso, esses acepipes todos escondidos sob chita barata fedendo a fumaça de rancho, contidos ainda, como se faltasse alguma coisa para desabrochar na sua plenitude.

Já o guri, feio desde o primeiro berro, posso dizer que meia-foda, deve ter nascido fora de época, raquítico, cara tomada de pereba e, contrastando com a sua origem de pelo-duro, cabelo ruivo encaracolado. Em nada lembrava a belezura da irmã. Ela vivia em roda do rancho; ele, mais soldado do que vaqueano, protegia os campos do patrão rebatendo as investidas dos castelhanos. Diz a lenda que era valente e que dispensava trabuco para combater os invasores, precisando tão somente de uma pitoca cortadeira. Montado na Mimosa – com quem, aliás, mantinha relacionamento sério, comum à época –, facilitado pela sua carcaça de jóquei, nas refregas enfrentadas, escondia-se no dorso da sua égua favorita, à moda índia, e, rápido como num pensamento, agrandava-se de inopino e mirava só nas orelhas dos uruguaios, decependo uma delas, evitando fazer defunto. Daí que surgiu, dizem, a mania dos orientais de ostentar a boina ladeada, à meia cabeça, o que, na verdade, é pura desculpa para esconder a vergonha. Essa era marca registrada do valente, temido que só ele, talvez querendo compensar com violência requintada sua figura escroncha.

A quebrar aquela solidão, de quando em vez, via-se a figura de peão do Coronel Mundico Terra, estancieiro endinheirado, dono de terras a perder de vista, putanheiro de raiz, que abastecia os irmãos com rapadura, massa, charque do melhor, erva missioneira, essas coisas para garantir o boião e o vício, agindo para que não passassem necessidade. E, amigos, o que mais chamava a atenção da peonada eram os perfumes, sabonetes cheirosos vindo de Pelotas, mimos para a Ritinha, ensejando o “aí tem coisa”. E a recomendação do próprio, quando se dirigissem àquela bênção, era que não dispensassem, de jeito maneira, tratamento cerimonioso: “bom dia, dona Ritinha, o patrão mandou. Tá em falta de alguma coisa?”.

Até então, tudo nos conformes naquela rotina imutável. Mas eis que... Garçom! Traz mais uma, te aligeira. Sim, te espero para continuar a charla. Onde mesmo que eu estava?

- No mas eis que...

- Mas eis que a coisa fedeu de vez. Numa noite, especialmente negra e fria, o minuano brabo como nunca se viu, relâmpago cortando o céu, o mundo abaixo, o arvoredo vergando até o chão, a chuva caindo de balde, fustigando aquele rancho de pau a pique coberto de santa fé, induziram os dois entes a buscarem calores um no outro. Corpos próximos, a natureza chama, cria faísca e dá no que dá: relação fora dos trilhos, num mano a mana que os torna homem e mulher. Ela, até então, de primeira mão. Ele, a primeira vez com gente. A porteira fora aberta, estopim para que ocorresse tragédia no pampa.

Como sempre digo e repito, não tem como uma noite depois da outra. Não é que o guri gostou da coisa a ponto de não mais sentir ciumeira da Mimosa toda vez que se metia com os cuiudos da estância? Passou a achar até muito natural que a partir daí mantivessem uma relação aberta. E o vício de Onã, então?! Quase que abandonou totalmente. Eu disse que o mirrado se amarrou na coisa. Corrijo: se amarrou, não! Se enrabichou, isso sim. Qualquer movimento que ensejasse tempo de cara feia, ambiente daquele deslize – como formigas cortadeiras, tontas, trabalhando a fuzéu, rabo de galo estampado no céu, vento norte atravessado, sarandi botando flor e, pasmem, até vaga-lume no acende apaga confundido com relâmpago –, tudo isso atiçava seus instintos mais primitivos, se tornando motivo para abandonar a ronda campeira e voltar, célere, para se deitar com a Ritinha. A partir do doce descaminho – na sua cabeça –, determinou para si novos tempos, recheados de paz e amor, relaxando em sua função de soldado campeiro.

À noite, se pudesse traduzir em música o ato entre os dois, diria que para Bentinho se desenhava o vai e vem como uma rapsódia turca, vibrante, quente, apoteótica, regida por banda de brigadiano. Para Ritinha, aquele movimento destrambelhado, sobe e desce, se postava parada, inerte, quase que gentil, carinhosa, gemendo baixinho, acariciando a cabeça do irmão, até que parasse de vez, soava como um nana-nenê. Que nunca escutara. Então, não sei como, com seu olhar furando a quinha, sob o desejo sem jeito do irmão, conseguia, toda vez, se distrair contando estrelas. Interrompendo, de quando em quando, essa abstração, ela se permitia sonhar com um homem de verdade que lhe aparecesse, de corpo presente, e a fizesse ver estrelinhas ao som de canção de amor.

Já na visão que tenho de Bento, faceiro da vida, ganhara uma mulher. Sintetizando, sem melífluas, no idioleto de um Bar desta grandeza, na lata e sem cuspe, posso dizer que se enrabichara completamente pela irmã. No olhar pra Ritinha, vejo que se tornara mais mãe, aquela que tudo dá, do que irmã.

- Viviam em pecado!

- Padre Antão! Por favor...Faço minhas as palavras de teu chefe: Quem dentre vós não tiver pecado, atire a primeira pedra (1). Inocentes! Lembre que lá no início disse que viviam num fim de mundo, que nem de Deus tinha dó. Que me diz!? Aceite o contraponto. Ah, nada a declarar então?! Ô, garçom, traz mais uma para afinar a fala. Mas como sempre digo e repito, onde tem pomba nova, tem gavião rodado rondando. Pois então! Não é que o Aparicio aparece do nada na vida dos dois? Assim, num de repente, causando. Sim, dos dois. Mas já estou cansado, pedindo água... Falei demais. Nicanor, agora pode ligar o radinho, vamos escutar o noticioso. Na próxima rodada, sigo o caso sobre a chegada do homem e o rebu que se instalou. Que desgraceira! Garçom, te mexe! A saideira!

(1) Bíblia Sagrada, Jo 8, 1-11.

Data : 01/01/2014

Título : Vamos dançar? É uma lenta

Categoria: Contos

Descrição: E eu ali, conforme tínhamos combinado, na frente dela, me apresentei e disse isso mesmo... Mas... Pera aí. Sempre eu que conto as coisas!

Vamos dançar? É uma lenta!

– Vamos dançar? É uma lenta!

E eu ali, conforme tínhamos combinado, na frente dela, me apresentei e disse isso mesmo... Mas... Pera aí. Sempre eu que conto as coisas!

Garçom, tu não tens uma história? Não acredito! Destranca a tramela. Senta e vamos prosear, o Bar já fechou, estamos a sós. Lembranças de antigamente são um tema que me seduz. Gosto de buscar aquelas perdidas, por mais dolorosas que sejam. Que te lembra daqueles tempos, de quando ainda gurizote, sabe?

– Contador de Causo, me lembro de quando a gente ia ao Correio e fechava as cartas com goma arábica, passando a língua nas bordas do envelope. De quando mamãe varria a calçada... Essas coisas...

Sim, é, pois é, mas, como vou te dizer... Me refiro a assunto com mulher.

– Ah, tá! Agora entendi... Mulher... Elas usavam vestidos naquele tempo.

(Uns sabem escutar. Outros, falar. Os mais completos escutam e falam, falam e escutam).

Garçom, senta aí e escuta.

O que vou te contar, que fique aqui entre nós. Beto, o letrado, irmão aqui do Bar, sempre dizia que vivíamos de lembranças, de mulheres, e que cada uma que passasse por nossas vidas seria uma pequena e delicada pedra. Com cada uma delas, como se artistas fôssemos, iríamos, segundo a sua tese, formando um quadro. Se chama bricolagem, em francês, bricolage. Na verdade, no nosso imaginário, um quadro com pedaços de mulher, já que nunca se dão por inteiro. Uma cede uma perna, outra um suspiro, um olhar, um aiiiiii!, um sorriso, um cheiro, um não, um sim, um olho castanho, um cor de mate, a umidade dos lábios, os cabelos crespos, longos, ruivos, negros, enfim, um infinito de coisas boas. Mas o quadro nunca se completaria, pois o coração, não entregam nunca, never. Na verdade estamos sempre à procura do último pedaço, e é isso que nos mantém vivos, na expectativa de um dia alcançarmos a graça. E é justamente aí que está a graça.

Bem, para te situar, esse pedaço que me veio à lembrança agora aconteceu naquele período entre o declínio da belle époque de Passo Fundo, entremeado ali, com o apogeu do Cassino da Maroca, mais ou menos por aí. Mil novecentos e lá vai bico. Cidade com clubes lindos, aristocráticos, do tempo em que um baile era um baile, com orquestra e tudo mais. Te localizaste no tempo e espaço?

– Ahhhh!

Não vem ao caso o nome dela; o que importa é ela. Guria daquelas magricelas, meio desengonçada, uma tábua, pernas finas e longas, espevitada que só vendo, daquelas

amigonas do peito. Colega de aula, nossas carteiras eram lindas, proximidade que nos permitia passar bilhetinhos, cochichar sempre que dava, ser solidários na cola nas sabatinas e até ouvintes pacientes dos respectivos namoricos. Uma relação inocente, tal qual Peter Pan e Sininho.

Ah! Me lembro bem, sempre que ia estudar na casa dela – o que menos fazíamos. Brincávamos de empurra-empurra, puxa e pega, bilboquê, de paralisa aí, cabra-cega, escutávamos música, falávamos das conquistas de um e de outro e, ainda, de lambuja, saboreávamos o lanche da tarde: batida de banana com nescau e bolo inglês que a sua mãe, dona Ruth, um poço de bondade, obsequiava, agora vejo, como que abençoando a união entre Peter Pan e Sininho! Impossível! Não tinha liga. Meu Deus, hoje penso, na visão das matronas, eu era aquele varão, bom moço que toda mãe sonhava para sua filha! Ah! A dona Ruth nunca iria imaginar que eu seria um contador de causo! Bem, tá bem, deixa pra lá, sigo adiante...

A ruptura dessa relação inocente deu-se exatamente naquele baile. Este, que seria o acontecimento do ano, era aguardado ansiosamente. Naquela época, os pais acompanhavam as gurias nesses eventos – só para teres uma ideia de como eram as coisas. O sucesso era garantido por Norberto Baldauf e seu conjunto melódico.

– Vamos dançar? É uma lenta...

E eu ali, conforme tínhamos combinado, na frente dela, me apresentei e disse isso mesmo.

Sentada junto à mesa, ao lado da mãe, dona Ruth, que estava faceirona da vida, lembro-me de sua figura sorridente, o cabelo todo armado com laquê, vestido longo, de tubinho de broderie verde deixando seus ombros magricelos desnudos, lábios levemente ruborizados, discreto rouge nas maçãs do rosto e aquele sorriso vegetariano, tal qual uma fadinha. Levantou-se, deu-me a mão, sob o olhar embevecido e esperançoso da mãe, e fomos dançar...

A música lenta, num baile, naqueles tempos, era a oportunidade para que os covardes e os valentes se encorajassem a dançar, e o salão, majestoso, se rendia. E enchia. As gurias, na sua fantasia, acreditavam que, se dançassem logo, a noite seria um sucesso e não pagariam vale. Imagina a humilhação de passar a noite sentada... Tanto trabalho para ficar bonita para nada... ou... para ninguém. Por isso, os amigos ficavam a postos para a primeira dança, como uma espécie de garantia, e, feito isso, eram liberados para atirarem as linhas onde bem lhes aprouvesse.

Antes da “pescaria”, eu e os comparsas fazíamos um estágio na copa, tomávamos um samba reforçado, chupávamos balinha de menta para tirar o bafo. Depois de uma retocada na melena e um ajuste da gravata, passávamos a fazer uma espécie de acordo, impondo os limites de território: tu atacas aqui, tu lá, aquela deixa pra mim... Mas primeiro as amigas.

Naquela noite especial, escutamos o cronner do conjunto atacando Massachusetts. Uma lenta, era a hora. Fomos nos chegando, encostados nas paredes, um oizinho aqui, outro ali, um abanico discreto, os mais afoitos já se desdobrando no salão, e este já com uma população que permitia uma entrada sem ser muito notado.

Feel I'm goin' back to Massachusetts.

Something's telling me I must go home.

Cumprindo o protocolo, começamos a dançar, fluindo aquela conversinha sem sal, sem açúcar – “é, vai chover!”, “viste o fulano aí?”, “tu me apresentas a tua amiga depois?”, “o baile tá bom!”. Nessas alturas, o salão cheio, quando de repente, sem mais nem menos, assim de graça, acho que foi um encontrão com outro par, ou talvez uma lufada, nos vimos tão próximos, mas tão próximos que, sem querer, colamos o rosto um no outro. É amiga. Impossível. Pensei: vou desgrudar, ou ela desgruda?

Garçom, nem um, nem outro. Ficamos assim, silenciosos, sem ter o que dizer, rostos colados, dançando, com minhas mãos em sua cintura fina perdendo a linha, atrevidas que estavam, corpos quase juntos, chamando pecado, dois pra lá, dois pra cá, dois pra lá, dois pra cá, deslizando no parquet lustrado, sem pressa, ao som de uma música lenta. De arrepiar a alma! Tudo nela naquele momento passara a me seduzir, de uma hora pra outra, como num passe de mágica. Ela se apresentava uma guloseima: seus lábios de beijar flor, seu perfume de menina, seu respirar descompassado, as duas azeitonas plantadas em seu colo que conseguia sentir no peito contra peito e a graça buscada morando sob essa delicadeza; um coração de passarinho, a bater imperceptivelmente, numa fragilidade sensual. O que faltava para completar meu quadro estava ali a um passo de minhas mãos. Aquilo tudo quase meu naquele momento, num dois pra cá, dois pra lá, dois pra cá, dois pra lá, dolente.

And the lights all went out in Massachusetts

The day I left her standing on her own.

– Mas uma magricela!? Fazer todo esse estrago!?

Garçom, quando se ama nada importa. Seu corpo esquelético, ainda criança, carente de atributos, eu teria paciência, regaria seu crescer no decorrer do tempo através de meu olhar e tato, e quando pronto, maduro, em forma de mulher, a levaria para a Terra do Nunca, a guardaria numa casinha pequenina ao pé da montanha, com gerânios em flor nas janelas, e aí, então, faria a colheita. Viveria dela. Já tinha tudo de caso pensado.

Tried to hitch a ride to San Francisco.

Gotta do the things I wanna do.

Mas veja como são as coisas. Que encruzilhada. Como chamá-la de amor quando sempre a chamei de amiga? Assim, num de repente, abandonar os modos de Peter Pan e assumir os desmodos do Capitão Gancho, ali presentes, através de minhas mãos desobedientes e de meus pensamentos profanos? Melhor ficar calado, sonhar e dançar Massachusetts a noite toda, num grude total. Foi o que fizemos. Depois... Bem, depois é depois.

And the lights all went out in Massachusetts.

The brought me back to see my way with you.

– É, desdizer o verso é difícil. Mas eu...?

Aquela noite de sonhos, como todos os sonhos, esvaneceu-se. Nos despedimos, mal sabia eu que para todo o sempre. A sincronia dos passos dados, dois pra lá, dois pra cá, se limitou à dança. Na vida real, eu dei dois passos pra lá, e ela dois passos pra cá. Não mais nos falamos, nem mais nos olhamos, constrangidos pelo deslize no salão naquela noite. Acabei perdendo um dos grandes amores de minha vida, ou certamente uma amiga, e, por tabela, a batida de banana com nescáu acompanhada de bolo inglês. Perdas irreparáveis.

Talk about the life in Massachusetts.

Speak about the people I have seen.

– Que lástima! Mas eu...?

Esse quase lá me entristece, me torna um farrapo humano, embora continue na faina de procurar pedras. Eu quero mais é esquecer aquele sublime momento em que dançamos abraçados ao som de uma lenta – eu, o amor e ela. Porém, a cena me persegue, me domina, me fustiga, como se cacos de vidro repousassem sobre meu peito aberto, e, a cada arfar, judia, mas não mata, e que, a cada santo dia, ao cair da noite, se despe de lembrança, se veste de mulher e se deita comigo. Sem trégua.

And the lights all went out in Massachusetts,

And Massachusetts is one place I have seen.

– Mas eu...?

Ôh, Garçom, que música alta! Tá me atormentando. Desliga já essa vitrola. Até aqui no Bar!? Por favor!

– Contador de Causo, que música? O Bar está fechado. Estamos sós. Estás escutando coisas. Não tem som algum, a não ser tua voz sofrida. Quem sabe não tá na hora da saideira? Vai uma gazapina?

Não, gelada hoje não. Para arrematar a noite quero algo que judie da goela e me aqueça a alma.

– Pitú, São Francisco, Velho Barreiro, Marumbi, ou Ypioca, aquela de rico?

I Will remember Massachusetts.

Não tem uma mais forte?

I will remeber Massachusetts.

– Só daquela que matou o guarda! Vai nessa?

I will remeber Massachusetts.

É dessa aí que eu quero! Aquela que matou o guarda. Me acompanha? Traz a garrafa.

I will remeber Massachusetts.

Amigo, ainda não terminei o caso. Não vais acreditar no que vou te dizer: a mocinha do filme morreu! Um dia desses, no Face, vi um retrato, em um colorido desmaiado, de uma jovem, numa pose rebuscada, ao pé de uma escada suntuosa, de um clube qualquer, com o cabelo todo armado com laquê, vestido longo, de tubinho de broderie verde, deixando seus ombros magricelas desnudos, lábios levemente ruborizados, discreto rouge nas maçãs de seu rosto e aquele sorriso vegetariano. Tal qual uma fadinha! Era ela paralisada no tempo. Abaixo, lamentos de seus amigos pela sua morte prematura, doença ruim, pelo que deduzi. Pra quê? Não precisava saber disso. E, desde então, aquela lembrança que nas profundezas do meu ser se enraizou, e que já doía demasiado, agora, vestida de preto, ostentando luto fechado, toda vez que aflora se agiganta e, na saudade, dói ainda muito mais. Como não lembrar de Massachusetts? Pois é, coisas da vida.

Garçom, por favor não chore! Toma mais um?

Nota: Massachusstes: música da banda americana Bee Gees, lançada em 1967.

Data : 01/01/2014

Título : Vida cachorra

Categoria: Contos

Vida cachorra (1)

Esses dias escutei pelo rádio um chamamento da Sociedade Protetora dos Animais pedindo que as pessoas levem seus cães para serem castrados. Aí que fiquei indignado, ainda mais quem deveria defendê-los são os primeiros a encaminhá-los ao cadafalso. Não deixo por menos; isso é crime dos brabos, verdadeira cachorrada. E ainda se dizem amorosos dos bichinhos. Queria ver se fosse com eles. Sempre cito Nietzsche (2), que tem dito para tudo: “tue nicht Anderen an, wenn du nicht willst dass Andere dir dasselbe antun”. Pois é!

E essa relação de humanos com a cuscama cada vez mais vai se estreitando, gerando muitas vezes animosidades familiares. Aconteceu com o Otacilio, vizinho lá no Bristol, do tempo em que fui síndico daquele prédio. Me contou tudo quando fui visitá-lo.

Chorou as pitangas, dizendo-se depressivo, com ideação suicida e sentimento de desvalia. Me disse que já não sentia mais prazer nenhum em ler a Playboy, se afastou da mesa de pano verde, nunca mais procurou as gurias da Vestina, parou de vir aqui no Bar e me confessou ao pé do ouvido, sussurrando, o mal que lhe acometia e a consequência de todas essas mazelas: dor de cotovelo. Sua mulher tinha outro, e, imaginem só, no seio de seu próprio lar.

Pessoal, amigos, caí do cavalo, nunca tinha pensado nisso, até porque conhecia a Esmeralda, e, a bem da verdade, nunca vi nada de especial na figura - longe de ser um pitéu. Se bem que tem gosto pra tudo... Não duvido de nada.

À medida que me contava sua saga, fui entendendo. Seu desafeto era o Bidu, cachorrinho daqueles pequeninhos, perfumados, bem cuidados, com registro de nascimento, carteirinha de vacina, dependente da UNIMED, afinal era um ser humano como outro qualquer, como diria o ex-ministro Magri, lembram? Usava até um topinho. Azul, está certo, mas um topinho!

Mas triste, muito triste. Foi castrado. Então, aquilo que é bom, jamais. Talvez daí sua melancolia profunda. Mas eu aqui fico a pensar: que vida ingrata a do cão luxento. Imagino um que não sabe o que é virar uma lata de lixo, nem fazer xixi no pé de um poste, que nunca acolheu uma pobre coitada duma pulga carente em seu pelo perfumado, ou matou a sede no correr de esgoto que corre na calçada, sem ter vivido a emoção de acompanhar uma procissão e ser escorraçado pelo padre, sem nunca ter acudado num comício, e, o ápice da bizarrice canina, sem jamais ter cheirado a bunda de um gato. Copular na praça, então, nem falar. Que lástima! Não viveu, vegetou. De que vale ter nascido em berço de ouro? Bom... Deixo as divagações de lado e sigo o caso.

Mas o danado do destruidor de lar, o que tinha de triste, tinha de chato e implicante. Vocês não vão acreditar... Segundo o Otacilio, o bicho era vegano. Comia tomate, rúcula e alface com óleo de oliva puro – acidez de um por cento. Custava o olho da cara. Ah, e não resistia a uma berinjela.

Água? Só mineral e com gás. Ração só da Royal Canin. Xampu só do Boticário, croissant, recheado com presunto magro da Sadia. Pro Otacilio água de cacimba, massa miojo, sabão em barra e pão dormido com mortadela da feira. E o amor da Esmeralda, nada, dor de cabeça direto. E ele, que desdita cruel, ainda tinha que ir até a farmácia comprar quilos de Cibalena. As atenções eram exclusivas pro Bidu.

O Otacilio só queria direitos iguais. Nada mais. Não queria vantagens. Direitos iguais. Queria ser tratado como cachorro. Só isso!

Sentava para escutar o radinho, e a mulher dizia “leva o Bidu pra passear”.

Sentava pra ver Grêmio e Lageadense na TV, e a mulher dizia “dá suquinho de laranja pra o Bidu”.

Sentava pra tomar uma gelada, e a mulher dizia “escova o Bidu”.

Mas um dia o caldo entornou. Não é que a Esmeralda inventa de fazer uma tatuagem, uns dois centímetros abaixo do umbigo, praticamente na zona do agrião, muito próximo do paraíso, em malaio, registrando, o quê? É! Isso mesmo! O nome do bicho: Bidu. Ardendo de ciúmes, o homem montou num porco, assumiu sua face de Virgulino Ferreira cruzado com “Jack, o estripador” e recolheu das profundezas de seu ser o que tinha de mais cruel e vingativo, contrastando com seu perfil de gentil homem. Vocês hão de concordar... Também não era pra menos.

Segundo o Otacilio - não esqueçam que estou contando o que o Otacilio me contou - , aquilo foi demais mesmo para um bom homem como ele, até então, manso e temente a Deus e adepto a uma relação familiar eterna, e agora ostentando uma galhada frondosa por sobre sua frente. Que situação mais encardida!

Já com sua nova personalidade assumida, aguardava ansioso o dia em que Belzebu, o Príncipe dos Demônios, divindade a quem passou a entregar suas orações diárias, lhe indicasse o caminho para o desenlace dessa relação doentia, lhe desse o sinal para agir.

Um dia, como sempre digo, um dia é um dia. Estava sintonizando na Gaúcha pra escutar o Sala de Redação, tomando um martelinho com um tira gosto de torresmo de galinha caipira, dando aquela coçadinha básica – momento de introspecção, direito de qualquer cidadão de bem –, quando a Esmeralda chamou, não Otacilio, mas “OTACiiiiiiiOOOOOoo, vai dar banho no Bidu”.

Disse que escutou claramente em seu ouvido esquerdo Belzebu dando o recado “chegou o dia. É agora! Banho no Bidu!”. Era o que ele estava esperando. Pensou rapidamente, preparou o plano meticulosamente. A fuga deveria ser rápida, sabia que iria dar bolor. Deixou o Chevettão ligado na garagem, pegou o radinho de pilha, a coleção de disco do Agnaldo Timóteo, o pijama listrado, meia dúzia de carpins, a camiseta do Grêmio, enfim, o básico.

Ritualizou a operação. Tirou as pantufas do bicho, fez uma cosquinha, aqueceu a água mais do que o recomendado, adicionou creolina misturada com uma porção generosa de querosene Ipiranga e... Deu banho no Bidu. Seria o último, então que fosse no capricho. Já que iria dar merda, que a razão fosse bem justificada.

Não demorou cinco minutos, o perro e a Esmeralda vieram a mil pra cima dele, ela com um pedaço de pau com prego enferrujado na ponta, gritando “CACHORROOOO, EU TE MATO”. O Bidu sabia que os gritos não eram pra ele, cachorro, naquele tom, naquelas alturas era o Otacilio.

Este me contou, antes de desmaiar naquele leito de hospital: “corri rápido pra garagem, me acomodei no Chevettão, motor aquecido, olhei pra trás e gritei biuuuhuhuhuuuu! Nunca mais, nunca mais, fica com ele. Não é que o controle automático do portão da garagem pifou?”.

Pois é, amigos. Isso acontece com qualquer um, não é verdade?

- Tenho uma curiosidade. Se o Otacílio morava lá no Edifício Bristol, como é que ele tomava água de cacimba?

- Péra aí, o Bidu não era vegano? Como comia croissant recheado com presunto magro da Sadia?

Seu Nilo, até o senhor? Natalino, até tu? Vocês fazem cada pergunta, que olha, vou dizer... Isso são detalhes que, no calor de uma contação de causo, podem não bater com a realidade. Causo é causo.

Eu até tenho uma outra história de cachorro, que foi meu, o grande Chuvisco. Mas com estas acho que vou pedir a saideira e bater em retirada.

- Conta! Fecha a matraca, Nilo! Mas o Chuvisco não era o cachorro do Arquimedes? Mantenham a calma! Te falta diálogo.

Ah, curiosos! Garçom, traz outras e bota na conta do seu Nilo e do Natalino. Como eu ia dizendo... Cachorro igual aquele nunca vi, não porque era meu. Mas o Chuvisco ficou na história.

- Desculpe a insistência. Mas o Chuvisco não era do Arquimedes?

Berlusconi, verdade... Mas já conto pra vocês como o cusco chegou a mim. Numa tarde dessas lá no Centro Recreativo e Cultural São Jorge, da Paróquia do Padre Antão, dei uma surra no Arquimedes; ganhei na tava, na bocha, no carteadado, na

cancha reta – eu com a Mimosa, e ele com o General –, e, no fim, por pura gozação, até no par ou ímpar. Isso que ele recusou meu desafio pra ver quem mijava mais longe! Deixei o compadre pelado! Na hora de acertar as contas, sabem o que ele me ofereceu em paga? Um cachorro de nome Chuvisco.

Aceitei, meio que desconfiado. Já sabia da história do Bidu. Fiquei com o pé atrás. Mas compadre é compadre, e outra: ele me jurou de pé junto que o bicho era dos bons, sem igual numa caçada de perdiz.

Na verdade, o Chuvisco era cachorro ovelheiro. Fora corrido ali dos campos dos Mello pelos fazendeiros da região, que levavam a sério o dito “cachorro ovelheiro só matando”. O Arquimedes o recolhera e o treinara para caçar perdiz, e o bicho, inteligente que só ele, aprendeu rápido, o que mais tarde pude comprovar. Mas, como todo gênio, tinha alguma balda. Tipo Romário, Justin Bieber, dessa laia.

Nosso encontro foi amor à primeira vista, empatia imediata. O que o Bidu tinha de triste – também privado de sua macheza, hoje compreendo – o Chuvisco tinha de feliz. Resumindo, um era mauricinho, o outro, chinelão. Chuvisco, faceiro que nem cachorro de praceiro; pouca boia, mas libertino, suando lascívia por tudo que é lado, adepto do amor livre a céu aberto, assim desse jeito. Aqui entre nós, melhor que isso só goiabada com queijo, como diria Beto, o letrado, na acepção mais açucarada das palavras. Pois é, mas ele não era só faceiro e um tremendo de um galinha. Também se consagrava um grande profissional, toda vez que acionado na sua especialidade, caçada de perdiz.

O que vou contar pra vocês não aconteceu uma vez, mas várias.

Toda a caçada era um sucesso, trazia um limite de trinta e duas perdizes cada vez, e sempre seguia a mesma rotina. Pegava a Mimosa, minha espingardinha Winchester calibre 22, herdada de meu bisavô, o Mundico Terra; meu radinho de pilha; fumo de corda; um bornal; dois metros de linguixa e tocava rumo àqueles campos brabos, cobertos de macegas e carrapicho, enfrentando o corte do capim cola-de-burro, serpenteando banhados e valos, e, o pior, aquele chão reduto de peçonhentas das mais venenosas. Nem falo nas onças, nos porcos-espinhos, e por aí vai... Tanto que eu não apeava da Mimosa.

Chegava num determinado lugar, dava o sinal para o Chuvisco; ao trabalho, acenava. A Mimosa se empertigava, ficando imóvel, de forma a não prejudicar minha mira. Chuvisco, em silêncio, toda vez que visualizava a caça, mexia uma das orelhas, como que indicando a direção de posição: direita ou esquerda, direita ou esquerda. Percebendo isso, eu dizia: vamo lá, Chuvisco! Saía em disparada, levantando a caça, e eu, pum! Apertava o gatilho, contava até dez e então vinha ele trazendo na boca a ave inerte. Também, não era para menos, um tiro no meio “dozoio”!

Abria o bornal, que eu deixava no chão, preso a uma corda na cela, colocava o bicho dentro e se posicionava novamente.

De vez em quando, pra quebrar a rotina, e confesso, também para economizar munição, abatia duas perdizes com um tiro só. Quem caça sabe do que eu estou falando. Tem ser rápido no gatilho, calcular o ângulo certo e... pum! E não é que o Chuvisco trazia as duas na boca, nos mesmos dez segundos?

No entremeio dessa operação, as perdizes, sabendo de nossa presença, às vezes escasseavam, me permitindo alguns momentos de relaxamento, que eu aproveitava para escutar uma musiquinha no radinho sintonizado na Rádio Fantasia, mascar um fumo e namorar a natureza ali presente de uma posição privilegiada montado na Mimosa. Como eu disse, eu não apeava da eguinha. Também, com aquela bicharada toda à solta... Não esqueço duma coruja que ficava entronada no topo de um moirão com feições de embevecimento à sincronia dos movimentos de um bípede e de um

quadrúpede, no caso, eu e Chuvisco. Não dava um pio que fosse... Não perdia nada do espetáculo.

E o calorão, então, eu nem sentia, uma vez que era neutralizado pela brisa agradável gerada pelo bater de asas de centenas de graciosas mutucas que habitavam aquele bucólico lugar.

Quando chegava nas trinta e duas perdizes - contadas pelo Chuvisco -, eu puxava a cordinha que prendia o bernal, acomodava a caça por sobre os arreios e pegava a estrada rumo à urbe num trote marcado – pocotó, pocotó, pocotó, pocotó –, e atrás o Chuvisco, de barriga cheia, numa felicidade só, ciente do dever cumprido. Coisa de louco!

Mas, numa dessas empreitadas, achei que tinha perdido meu amigo e minha fonte de riqueza. Sim, esclarecer se faz mister. Já era eu naquelas alturas um próspero comerciante de carne nobre de caça, atendendo o mercado interno e já pensando em exportações, graças às habilidades do profissional Chuvisco. Mas isso é outro caso... Outra hora conto pra vocês.

Mas, nesse dia, lá pelo meio da tarde, seguindo o mesmo ritual, acionei o gatilho da Winchester e... pum. Chuvisco saiu que foi uma lista. Contei até dez.. E nada... E nada... Segui contando, onze, doze, treze... Noventa e dois, noventa e três, epa... Aí me dei conta de que algo acontecera. Errar a mira, impossível, com anos de treinamento, eu que fui atirador de elite do Tiro de Guerra (3), na década de cinquenta. Jamais. Algo de grave acontecera.

Nunca deixaria meu parceiro e irmão na mão. Tava me preparando pra ir buscá-lo, já pensando no pior, e com aquele pastilhal todo – não enxergava um palmo na frente do nariz – resolvi apear da Mimosa, enfrentar qualquer perigo e buscá-lo morto ou vivo. Quando de repente, vocês não vão acreditar no que vou dizer, a coruja, aquela entronada num moirão, abandonando sua posição contemplativa, solidária na minha aflição, saiu em revoada e, com rasantes e piu-pius lancinantes, indicava o caminho para quem, adivinhem? Pro próprio... Ele, o grande Chuvisco, para que chegasse até mim, perdido que estava e ferido mortalmente.

Quando vi aquela cena, me escorreram lágrimas sentidas, grandonas, daquelas salgadas, dignas de serem secadas por um lenço de cambraia de linho branco. Chuvisco, cheio de espinhos pelo corpo, e até por dentro dos olhos, guiado pela coruja, cego que estava, e sem poder abocanhar a caça moribunda – a boca em carne viva –, a empurrava, rolando-a com as patas. Quando enfim chegou até a mim, aos pés da Mimosa, ciente do dever cumprido, desmaiou, cedendo às dores infernais. Que profissionalismo. Coisa de cinema!

(Leitor, a minha ideia é que o Chuvisco morresse gloriosamente aos pés da Mimosa. Mas optei por desmaiá-lo, uma vez que me afeiçoei ao bichinho. Espero que compreenda).

Já digo. Calmem. Explico... Silenciooooooooooooo!

Ocorre, amigos, pelo que eu deduzi, que, no meio do caminho, quando saiu na tradicional disparada após meu pum, colidira num porco espinho que, afeito a pouco diálogo, puxou briga... Logo com quem: Chuvisco, boa gente, mas que não era de levar desaforo pra casa. Logo, reagiu, cagou ele a pau. Mas também levou. Imaginem. Alguém aí já peleou com algum porco-espinho? É coisa muito feia, que o diga o Chuvisco.

Bem, este caso foi cumprido, me deixou de goela seca. Garçom, a saideira!

- Garçom, segura a saideira. O caso ainda não terminou. E os dois metros de linguiça?

Ah! Sargento Tenório. Já ia me passando. Eu não disse que o cachorro era baldoso? Pois é, sempre que trazia uma perdiz, eu alcançava um pedaço de linguiça que tinha que ser frita na banha e em panela de ferro. O cusco era cheio de exigência. Terminava a caçada de barriga cheia. Satisfeitos?

- Pera aí. E quando o Chuvisco trazia duas perdizes de uma vez só, ganhava dois pedaços? A linguiça era campeira?

(Ah, não! Isso é implicância comigo. Meus personagens adoram fazer isso. Vou fazer que não escutei).

Mas, colegas de trago, a maior vocês não sabem. Conheci o Guri, filho do Bidu, aquele do caso do Otacilio. É, não tou enganado, filho do Bidu. Acontece que o corte no pinto do cachorro foi parcial, sei lá a causa, e o mesmo, reconhecido como inofensivo, foi deixado à vontade lá pelo Bristol, com trânsito livre no meio das patricinhas. Sei bem da história, pois fui o síndico daquele prédio na época. E aí senhores, na confiança, o mauricinho, com o toquinho que sobrou, fez um baita dum estrago. Um dia...

[1]Causo relatado por Sani Vidal, que o tinha ouvido de um tio de um primo seu.

2 Frederico Nietzsche: alemão batata, amigo lá de Ronda Alta, autor da frase "Não faça a outrem aquilo que não gostaria que lhe fizessem".

3 Tiro de Guerra: instituição do Exército Brasileiro encarregada de formar soldados e/ou cabos de segunda categoria (reservistas).